

Victor Hugo Barbosa Ramalho

**POSPOSIÇÃO DE DEMONSTRATIVOS
EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL:
ESTUDO HISTÓRICO E COMPARADO
DAS ESTRUTURAS ARTICULADAS
E NÃO-ARTICULADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte
Faculdade de Letras/UFMG
2012



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Dissertação intitulada *Posposição de Demonstrativos em Português e em Espanhol: estudo histórico e comparado das estruturas articuladas e não-articuladas*, defendida por VICTOR HUGO BARBOSA RAMALHO em 23/02/2012 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

A handwritten signature in black ink, appearing to read "César Nardelli Cambraia".

Dr. César Nardelli Cambraia - UFMG
Orientador

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Manoel Mourivaldo Santiago Almeida".

Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida - USP

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Maria do Carmo Viegas".

Dra. Maria do Carmo Viegas - UFMG

REGRA III. §. 4. Nunca o Orador deverá procurar dizer sobre qualquer assumpto tudo, quanto sobre elle pode dizer-se; defeito este dos maiores, em que poderia cahir: escôlha os objectos mais uteis, mais tocantes, mais proprios, entre todos os que o seu texto lhe offerecer, para operarem a persuasão, e sobre elles faça versar todo o seu discurso; porque como o fim dos discursos pronunciados no pulpito seja muito menos o instruir, do que o persuadir, e nada seja menos proprio para gerar a persuasão, do que a abundancia inútil.

Francisco Freire de Carvalho
Lições Elementares de Eloquencia Nacional
(1834)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, por ter me ensinado a lutar para conquistar meus objetivos e sonhos, dando-me liberdade de escolha e apoio necessário a todas as minhas decisões.

Ao Prof. César Nardelli, pelo seu trabalho exemplar como docente, que fez despertar em mim o interesse em desvendar os mistérios da linguística histórica. Agradeço também pelo seu papel como orientador, sabendo mostrar os caminhos a seguir, mas sempre de modo que eu pudesse produzir o conhecimento de maneira autônoma.

À Profa. Maria do Carmo Viegas, pelos seus ensinamentos sobre variação e mudança linguística, os quais foram de fundamental importância na minha formação acadêmica. À Profa. Mariangela Rios, pelas contribuições para enriquecimento da bibliografia. Ao Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida por aceitar participar da banca de minha defesa.

Às amigas de curso Mariana Ruas e Sara Stradioto, por compartilharem comigo os momentos de alegria e de insegurança que o mestrado oferece.

À CAPES, pela bolsa de estudos no período de abril de 2010 a fevereiro de 2012.

A todos aqueles que fazem parte da minha vida e que acompanharam esse momento tão importante não só para a minha formação acadêmica, mas também para a profissional e pessoal.

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE ABREVIATURAS	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – Delimitação do problema e revisão bibliográfica	16
1.1 Tipologia da posposição de demonstrativos em português e espanhol	16
1.2 Abordagem tradicional	17
1.2.1 Gramáticas da língua portuguesa	18
1.2.2 Gramáticas da língua espanhola	19
1.2.3 Contraste entre língua portuguesa e língua espanhola	20
1.3 Estudos recentes.....	21
1.3.1 Lavric (1995)	22
1.3.2 Brugè (2002)	23
1.3.3 Alexander (2007)	26
CAPÍTULO 2 – Fundamentação teórica	28
2.1 O modelo teórico tipológico-funcional	28
2.2 A gramaticalização e as construções	31
2.3 O tópico e a acessibilidade referencial	34
2.4 Síntese	36

CAPÍTULO 3 – Objetivos, hipóteses de trabalho e metodologia	38
3.1 Objetivos	38
3.2 Hipóteses de trabalho.....	39
3.3 Metodologia	40
CAPÍTULO 4 – Descrição e discussão dos dados	43
4.1 Tipos de ordenação linear nome–demonstrativo	43
4.1.1 Posposição articulada	43
4.1.2 Posposição não-articulada	45
4.1.3 Orações exclamativas	47
4.1.4 Orações com demonstrativo anafórico-correferencial	48
4.1.5 Visão geral	49
4.2 Análise morfológica	51
4.2.1 Forma	51
4.2.1.1 Posposição articulada	52
4.2.1.2 Posposição não-articulada	54
4.2.2 Gênero e número	57
4.2.2.1 Posposição articulada	57
4.2.2.2 Posposição não-articulada	58
4.3 Análise sintática	60
4.3.1 Estrutura do sintagma nominal	60
4.3.1.1 Posposição articulada	60
4.3.1.2 Posposição não-articulada	62
4.3.2 Função sintática	65
4.3.2.1 Posposição articulada	65
4.3.2.2 Posposição não-articulada	68
4.4 Análise semântica.....	68
4.4.1. Delimitação das categorias de análise semântica	68
4.4.2 Posposição articulada	75
4.4.2.1 Plano primário.....	75
4.4.2.1.1 Endófora com rastreamento anafórico	76
4.4.2.1.2 Endófora com rastreamento catafórico	77
4.4.2.1.3 Endófora com rastreamento ana-catafórico.....	79
4.4.2.1.4 Endófora dêitico-discursiva	80

4.4.2.1.5 Endófora anamnésica	82
4.4.2.1.6 Exófora situacionalmente acessível	83
4.4.2.1.7 Exófora com dêixis <i>ad oculos</i>	83
4.4.2.1.8 Visão geral.....	84
4.4.2.2 Plano secundário.....	87
4.4.2.2.1 Afetiva depreciativa e exclamativa	87
4.4.2.2.2 Evocação de eventos passados	88
4.4.2.2.3 Recuperação e reparo	88
4.4.2.2.4 Tópico-discursiva	89
4.4.3 Posposição não-articulada	89
4.4.3.1 Endófora com rastreamento anafórico	89
4.4.3.2 Endófora dêitico-discursiva	90
4.4.3.3 Visão geral	91
4.5 Análise discursivo-pragmática	92
4.5.1 Expressões referenciais e iconicidade	92
4.5.2 Distância referencial	93
4.5.2.1 Posposição articulada	95
4.5.2.2. Posposição não-articulada	97
CAPÍTULO 5 – Conclusões.....	99
5.1 Hipótese 1: a gramaticalização da PAD e da PND.....	99
5.2 Hipótese 2 e 3: as funções comunicativas da PAD e da PND	100
5.3 Considerações finais	103
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS	114
I. <i>Corpus</i> do português	114
II. <i>Corpus</i> do espanhol.....	143

RESUMO

A fim de compreender melhor as assimetrias existentes entre as línguas românicas, este trabalho apresenta um estudo comparativo dos demonstrativos em português (*este, esse, aquele* e suas flexões) e em espanhol (*este, ese, aquel* e suas flexões), quando aparecem em posição pós-nominal. Foram identificados dois tipos de estrutura, o primeiro, exclusivo do espanhol, sempre apresenta um artigo definido antecedendo ao substantivo, por isso é chamado de *posposição articulada de demonstrativo* (PAD), enquanto isso, o segundo tipo, presente em ambas as línguas, é chamado de *posposição não-articulada de demonstrativo* (PND).

Tendo em vista o quadro teórico tipológico-funcional proposto por Givón (2001) e o conceito de gramaticalização de Hopper & Traugott (1993), essas estruturas foram tratadas como construções gramaticalizadas que são usadas para desempenhar funções discursivas diferentes no discurso. A fim de se entender suas origens e quais as seriam essas funções comunicativas específicas expressas por elas ao longo dos séculos, fez-se um estudo sincrônico e diacrônico baseado em *corpora*, a partir da classificação morfossintática, semântica e discursivo-pragmática das ocorrências das posposições encontradas no *Corpus do Português* e no *Corpus del Español*, criados por Mark Davies.

Além de terem sido encontradas várias diferenças entre a PAD e a PND com relação a fatores formais (morfológicos, sintáticos e semânticos), a análise discursivo-pragmática, realizada através da medição da *distância referencial* (DR) proposta por Givón (1992), apontou para a diferença mais relevante entre as duas: a PAD possui essencialmente um grande valor de DR, conseqüentemente um *baixo grau de acessibilidade*, enquanto a PND uma DR de valor pequeno, ou seja, com um *alto grau de acessibilidade*.

ABSTRACT

In order to better understand the existing asymmetries between romance languages such as Spanish and Portuguese, this work displays a comparative study of Portuguese demonstrative pronouns (*este, esse, aquele* and their inflections) and the Spanish ones (*este, ese, aquel* and also their inflections) in postnominal position. I was able to identify two kinds of structure. The first, exclusive of Spanish, appears with a definite article before a noun, and it is for that reason called *posposition of the demonstrative with article*; whereas the second kind is called *posposition of the demonstrative without article*, and it is present in both languages.

Taking into consideration Givón's functional-typological analysis (2001) and Hopper & Traugott's concept of grammaticalization (1993), these structures were analyzed as grammaticalized constructions used in different discursive functions. Aiming at understanding these structures' origins and their specific communicative functions throughout centuries, I carried out a corpora based synchronic and diachronic study, which classified occurrences in terms of morphosyntax, semantics and discursive pragmatics from the *Corpus do Português* and *Corpus del Español*, both created by Mark Davies. The use of Givón's discursive-pragmatic analysis measured by Referential Distance (RD) (1992) pointed out a considerable difference between these two structures. The posposition with article has greater RD value, consequently a lower degree of accessibility, the posposition without article has a lower RD value and a greater degree of accessibility.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabelas:

TABELA 1 - Ocorrências da posposição articulada em espanhol através dos séculos	45
TABELA 2 - Frequência da posposição articulada no séc. XX em espanhol.....	45
TABELA 3 - Ocorrências da posposição não-articulada em português e em espanhol	46
TABELA 4 - Frequência da posposição não-articulada no séc. XX em português e espanhol.....	46
TABELA 5 - Frequência dos tipos de ordenação linear nome-demonstrativo em espanhol.....	49
TABELA 6 - Frequência dos tipos de ordenação linear nome-demonstrativo em português.....	50
TABELA 7 - Frequência por formas da posposição articulada em espanhol europeu	52
TABELA 8 - Frequência por formas da posposição articulada em espanhol latino-americano	52
TABELA 9 - Frequência da posposição articulada em espanhol no séc. XX	53
TABELA 10 - Frequência de formas da posposição não-articulada em português	54
TABELA 11 - Ocorrências de formas na posposição não-articulada em espanhol	55
TABELA 12 - Frequência do gênero na posposição articulada em espanhol	57
TABELA 13 - Frequência do número na posposição articulada em espanhol	58
TABELA 14 - Frequência do gênero e número na posposição não-articulada em português	59
TABELA 15 - Frequência do gênero e número na posposição não-articulada em espanhol	59
TABELA 16 - Frequência de posposição articulada por tipo de SN em espanhol europeu	61
TABELA 17 - Frequência de posposição articulada por tipo de SN em espanhol latino-americano	61
TABELA 18 - Frequência de posposição não-articulada por tipo de SN em português	63
TABELA 19 - Frequência de posposição não-articulada por tipo de SN em espanhol	65
TABELA 20 - Frequência da posposição articulada por função sintática em espanhol europeu	66
TABELA 21 - Frequência da posposição articulada por função sintática em espanhol americano	67
TABELA 22 - Frequência dos tipos de rastreamento anafórico na posposição articulada	77
TABELA 23 - Frequência dos tipos de rastreamento catafórico na posposição articulada	78
TABELA 24 - Frequência dos tipos de referência dêitico-discursiva na posposição articulada	81
TABELA 25 - Frequência das categorias semânticas por século na PAD em espanhol europeu	84

TABELA 26 - Frequência das categorias semânticas por século na PAD espanhol latino-americano	85
TABELA 27 - Frequência das categorias semânticas na posposição articulada no séc. XX	86
TABELA 28 - Frequência das categorias semânticas na posposição não-articulada em português	91
TABELA 29 - Frequência das categorias semânticas na posposição não-articulada em espanhol	92
TABELA 30 - Distância referencial na posposição articulada em espanhol europeu	96
TABELA 31 - Distância referencial na posposição articulada em espanhol latino-americano	96
TABELA 32 - Distância referencial na posposição não-articulada em espanhol	97
TABELA 33 - Distância referencial na posposição articulada em português	98

Quadros:

QUADRO 1 - Categorias de classificação semântica dos demonstrativos	74
QUADRO 2 - Relação entre carga léxica, distância referencial e acessibilidade	94

LISTA DE ABREVIATURAS

Art. def. – artigo definido

Cf. – conferir

DR – distância referencial

EE – espanhol europeu

EL – espanhol latino-americano

F1 – forma de 1ª pessoa do demonstrativo (*este* e flexões)

F2 – forma de 2ª pessoa do demonstrativo (*esse/ese* e flexões)

F3 – forma de 3ª pessoa do demonstrativo (*aquela/aquel* e flexões)

Or. rel. – oração relativa

Or. subord. – oração subordinada

P. – página

PB – português brasileiro

PE – português europeu

PAD – posposição articulada de demonstrativo

P. ex. – por exemplo

PND – posposição não-articulada de demonstrativo

SAdj. – sintagma adjetival

Séc. – século

SN – sintagma nominal

SPrep. – sintagma preposicional

Subst. – substantivo

INTRODUÇÃO

O sistema de demonstrativos latinos deu origem a um conjunto complexo de sistemas de demonstrativos nas línguas românicas. É possível perceber a existência de assimetrias entre os sistemas românicos no nível morfológico, sintático e semântico-pragmático. Dentre essas assimetrias, pode-se citar a questão da possibilidade de posposição de demonstrativos, existente, por exemplo, em português e em espanhol, mas não em francês e em italiano.

A fim de contribuir para a compreensão dessa assimetria, possibilitando, assim, um conhecimento mais amplo sobre fatos linguísticos presentes nas línguas românicas como um todo, o presente trabalho busca realizar um estudo histórico e comparado dos demonstrativos em português (*este, esse, aquele* e suas flexões) e em espanhol (*este, ese, aquel* e suas flexões), quando aparecem em posição posposta ao nome no mesmo sintagma nominal.

O primeiro capítulo deste trabalho contém uma apresentação dos tipos de posposição de demonstrativos existentes em cada uma das duas línguas (articulada e não-articulada) e, em seguida, uma revisão bibliográfica sobre o assunto, partindo primeiramente de gramáticas tradicionais e passando depois em estudos recentes sobre o tema, com o objetivo de identificar as lacunas ainda existentes na compreensão desta estrutura.

O segundo capítulo trata da fundamentação teórica que serve como base para a interpretação das estruturas com demonstrativos pós-nominais, para a metodologia de pesquisa adotada e para a discussão sobre os resultados encontrados. Serão apresentados os principais fundamentos do quadro teórico tipológico-funcional proposto por Givón (2001), além dos conceitos de *gramaticalização, construção, tópico* e *acessibilidade referencial*, os quais são articulados em seguida com o tema em estudo.

No terceiro capítulo expõem-se os objetivos gerais e específicos, os quais a presente pesquisa se propõe a atingir e, além disso, são apontadas as hipóteses de trabalho, estabelecidas a partir de análise crítica dos estudos previamente realizados. Em seguida, apresenta-se a metodologia adotada na realização deste estudo: são expostas informações sobre os *corpora* utilizados para a coleta de dados das estruturas em questão e as categorias de análise a serem aplicadas a esses dados.

O quarto capítulo dedica-se à descrição dos tipos de posposição existentes e à quantificação das ocorrências encontradas para cada tipo nos *corpora* de ambas as línguas. Faz-se uma classificação morfossintática destes elementos com a intenção de saber se tais fatores (como forma, gênero, número, contexto anterior ou posterior e tipo de oração) exercem alguma influência no aparecimento da posposição dos demonstrativos. Faz-se também uma análise semântica referencial, partindo-se uma revisão bibliográfica de propostas de análise dos demonstrativos já realizadas por outros autores, especialmente as de Himmelmann (1996), González Álvarez (2006) e Alexander (2007), e em seguida uma análise discursivo-pragmática a partir do conceito de acessibilidade referencial estabelecido por Givón (1983; 1992).

Já o quinto capítulo é destinado à discussão dos dados descritos no capítulo anterior, de forma resumida, verificando a validade das hipóteses apresentadas. Por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais se expõem os problemas e desafios encontrados e que ainda continuam em aberto para a investigação linguística com relação ao tema deste trabalho.

CAPÍTULO 1

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Tipologia da posposição de demonstrativos em português e espanhol

A posição sintática mais recorrente dos demonstrativos é, tanto em português quanto em espanhol, antes do substantivo. As ocorrências de demonstrativos pospostos, como as que são apresentadas nos exemplos (1) e (2) abaixo, são muito pouco frequentes em ambas as línguas:

- (1) “Se o Publico illustrado fizer o devido apreço deste meu primeiro trabalho original, que vai ser posto debaixo das suas vistas, tenciono fazel-o seguir de outro não menos interessante, qual é o que terá por título Lições Elementares de Poetica Nacional, e de Critica Litteraria, *obras estas* que se achão já promptas para sahir igualmente a lume.” (Francisco Freire de Carvalho, *Lições Elementares de Eloquencia Nacional*, 1834; itálico meu)
- (2) “Era la concurrencia numerosa y compuesta de lo más granado que a la sazón encerraba Londres de pares célebres, así del partido ministerial como del de la oposición, de miembros de la Cámara de los Comunes de ambas opuestas parcialidades; de otros ingleses de distinción, de extranjeros de no menos nota, y de casi todos los diplomáticos entonces residentes o de paso en la Gran Bretaña, *razón esta* última porque estaba yo entre personajes de tanto brillo.” (D. Antonio Alcalá Galiano, *Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano*, 1847-49 [1886]; itálico meu)

No espanhol, além desse primeiro tipo de posposição, há ainda outro em que o sintagma nominal apresenta artigo, como no exemplo (3) a seguir:

- (3) “Bebían los alhameños del río, desprovistas como estaban sus casas de cisternas, cosa rara en los pueblos orientales. Así llamaban a *la ciudad aquella* de barrios calientes y regaladísimos Alhama la seca, por tener todas las aguas necesarias a la vida, fuera de su recinto.” (Emilio Castelar, *El Suspiro del Moro*, 1885; itálico meu)

É interessante notar que este segundo tipo de posposição, com a presença do artigo definido, também pode ser encontrado em outras línguas românicas, tais como o catalão e o romeno (ALEXANDER, 2007, p. 22-23), mas não é possível em português.

Ao primeiro tipo, chama-se aqui de *posposição não-articulada de demonstrativo* (PND); e ao segundo, *posposição articulada de demonstrativo* (PAD).

Procura-se no presente estudo investigar as diferenças na utilização e no percurso histórico dessas duas estruturas sintáticas no português e no espanhol, a fim de entender melhor as motivações funcionais que desencadearam a formação das referidas estruturas.

1.2 Abordagem tradicional

Para se conhecer quais seriam as ideias já existentes sobre a utilização da forma posposta dos demonstrativos, fez-se uma pesquisa sobre este tema em várias gramáticas modernas da língua portuguesa e espanhola, o que possibilitou estabelecer um panorama geral dos conceitos explicitados pelos gramáticos com relação à estrutura sintática e aos matizes semânticos expressados por este tipo de colocação dos demonstrativos. Essa revisão bibliográfica sobre o assunto foi realizada em 14 gramáticas da língua portuguesa e em 14 da língua espanhola: em apenas 8 gramáticas no caso do português e 6 gramáticas no caso do espanhol, o tema da posposição dos demonstrativos foi efetivamente citado ou abordado de forma mais consistente.

Com relação ao português, dentre as gramáticas pesquisadas, as que possuem informações sobre a posposição dos demonstrativos são Bechara (2005, p. 192), Bueno (1968, p. 378), Carneiro (1957, p. 209), Cunha & Cintra (2001, p. 324), Mateus (2006, p. 348), Neves (2000, p. 504-505), Rocha Lima (2003, p. 328) e Sacconi (2001, p. 186). Por outro lado, não possuem qualquer referência a esse assunto Ali (1969), Cegalla (2005), Faraco & Moura (1997), Luft (1996), Nicola & Infante (1997) e Silveira (1983).

Quanto ao espanhol, as gramáticas consultadas que tratam desse tema são Alarcos Llorach (1995, p. 90), Alcalá-Zamora y Torres (1948, p. 80), Bosque & Demonte (1999, p. 950-955), Gili y Gaya (1973, p. 220), Sarmiento & Sanchez (1993, p. 74) e Seco (1974, p. 151). Já Alonso Pedraz (1968), Alonso & Henriquez Urena (1969), Bello (1984), Benot y Rodriguez (1941), Gonzales Hermoso & Cuenot (1995), Miranda Podadera (1952), Moreno García (2007) e Palisa Mujica de Lacau (1967) não abordam esse tipo de estrutura.

O fato de poucos autores tratarem do tema parece demonstrar que ainda se sabe muito pouco sobre os demonstrativos pospostos em português e em espanhol. É possível também que o silêncio sobre o tópico seja por se tratar de uma estrutura bastante rara em ambas as línguas. A seguir, discutem-se as principais características apresentadas pelas gramáticas consultadas sobre o assunto e, posteriormente, contrastam-se os aspectos encontrados para o português com os que se observaram em relação ao espanhol.

1.2.1 Gramáticas da língua portuguesa

A PND é, segundo as gramáticas analisadas neste estudo, pouco frequente na língua portuguesa, que expressa, na maioria dos casos em que ocorre, um *valor enfático*¹ ao discurso realizado, realçando certas especificidades em sua significação que não seriam notadas com o uso da estrutura anteposta, como as que serão citadas a seguir.

Segundo Bueno (1968, p. 378), percebe-se que seu uso envolve uma *questão de estilo*, uma vez que essa estrutura seria muito mais utilizada em textos escritos, principalmente literários, do que na linguagem oral.

Além disso, a maioria dos gramáticos também aponta a PND como representante de um *valor anafórico*², isto é, de recapitulação, uma vez que seria sempre utilizada para se referir a um elemento ou a um pensamento já anteriormente expresso, com o intuito de melhor especificar, reforçar ou apresentar maior clareza ao que tenha sido dito, geralmente, conforme acrescenta Sacconi (2001, p. 186), retomando-se o mesmo substantivo citado anteriormente.

Segundo os gramáticos consultados, o tipo de oração também parece ser um fator decisivo para a ocorrência da estrutura em questão, pois em *orações exclamativas*³ é bastante frequente encontrar demonstrativo seguindo-se a substantivo.⁴

¹ Cf. Bechara (2005, p. 192), Bueno (1968, p. 378) e Rocha Lima (2003, p. 328).

² Cf. Bechara (2005, p. 192), Carneiro (1957, p. 209), Cunha & Cintra (2001, p. 324), Rocha Lima (2003, p. 328), e Sacconi (2001, p. 186).

³ Cf. Bechara (2005, p. 192), Bueno (1968, p. 308) Carneiro (1957, p. 209) e Mateus (2006, p. 348).

⁴ Como se discutirá mais adiante neste estudo, o demonstrativo que segue o substantivo nas orações exclamativas não faria parte do mesmo sintagma nominal e, portanto, sob esta perspectiva, não forma estrutura com posposição de demonstrativo.

1.2.2 Gramáticas da língua espanhola

Primeiramente, há de se expor que nenhuma das gramáticas analisadas da língua espanhola estabelece claramente uma separação entre os dois tipos possíveis de estruturas com demonstrativos pós-nominais nessa língua (com ou sem o artigo antecedendo o substantivo no sintagma nominal). É perceptível, porém, que, a partir dos exemplos dados pelos autores dos manuais gramaticais, excetuando-se Seco (1974, p. 151), que somente cita o fato que os demonstrativos podem aparecer antes ou depois do substantivo sem apresentar quaisquer exemplos, apenas Alcalá Zamora y Torres (1968, p. 80) se refere à PND (estrutura idêntica à que ocorre em português, sem artigo), enquanto os demais autores se referem exclusivamente à PAD (em que há a presença do artigo definido).

Assim, a única informação encontrada para a PND em espanhol no grupo de gramáticas analisadas é a que consta em Alcalá-Zamora y Torres (1968, p. 80), que afirma que esse tipo de construção expressa somente um *valor anafórico*, para se realizarem comentários sobre elementos em que os antecedentes já sejam conhecidos.

Já no que tange à definição da PAD, Alarcos Llorach (1995, p. 90) indica que esta se trata de uma estrutura marcada na língua, que demonstra um *valor enfático* ao que está sendo referido. Também se pode citar como um dos principais matizes semânticos expostos pelos autores o *valor afetivo*⁵ que esta estrutura indica, principalmente de conteúdos depreciativos ou irônicos, sobretudo com relação a pessoas, mas nem sempre, podendo também apenas proporcionar um realce emotivo que o falante pretende aplicar ao discurso proferido.

Outro ponto importante abordado pelas gramáticas do espanhol é a questão da presença do artigo definido⁶ na PAD. Isso se daria pelo fato de que, quando o demonstrativo sai da posição anteposta e se fixa depois do substantivo, ele perderia a sua função identificadora e manteria apenas a função referencial dêitica, sendo necessário, assim, que se coloque o artigo ocupando a posição anteposta, para que os dois valores citados estejam efetivamente presentes no sintagma nominal.

⁵ Cf. Alarcos Llorach (1995, p. 90), Bosque & Demonte (1999, p. 951) e Gili y Gaya (1973, p. 220).

⁶ Cf. Alarcos Llorach (1995, p. 90), Bosque & Demonte (1999, p. 950), Gili y Gaya (1973, p. 220) e Sarmiento & Sanchez (1993, p. 74).

Além destas questões explicitadas anteriormente, a gramática de Bosque & Demonte (1999, p. 950-955) apresenta várias outras considerações sobre a PAD. Segundo esses autores, trata-se de uma estrutura própria da língua falada coloquial e que proporciona a ênfase no *aspecto de localização*, assemelhando-se, assim, ao uso de orações com demonstrativos seguidos pela adjunção dos advérbios de lugar, uma vez que também seriam capazes de explicitar os três graus de distância relativa ao centro dêitico (mais próximo do falante, do ouvinte ou longe dos dois).

Sendo assim, a utilização da PAD não consistiria em atribuir uma qualidade ou em identificar um mesmo referente por uma segunda vez, mas sim em *precisar a identificação* de uma entidade de um modo enfático, funcionando do mesmo modo que os demonstrativos antepostos realizados foneticamente com uma acentuação enfática. Os autores propõem que os demonstrativos antepostos sem o acento enfático funcionam melhor em contextos anafóricos do que os pospostos articulados ou do que os que possuem tal acento.

Outro tópico abordado por Bosque & Demonte (1999, p. 954-955) é a negação da ideia de que as orações exclamativas teriam PND, uma vez que, neste caso, segundo os autores, há uma “cópula implícita e o demonstrativo funciona como determinante de um substantivo elidido”⁷, como no exemplo (4) reproduzido abaixo, e que mostra que o verbo de ligação e a repetição do substantivo são facilmente recuperáveis nesse tipo de oração:

(4) ¡Hermosa casa (era) *aquella* (casa), en la que todos se esforzaban por hacerse simpáticos!⁸

1.2.3 Contraste entre língua portuguesa e língua espanhola

Se se comparar o que as gramáticas trazem a respeito da PND em português e em espanhol, percebe-se que há uma compatibilidade bastante forte, uma vez que em ambos os casos a estrutura é identificada como utilizada para se remeter a algo já anteriormente dito, ou seja, sempre representando um processo anafórico. Além disso, o fato de essa estrutura ser usada em português normalmente como uma questão de estilo, defendido por Bueno (1968, p. 378), confirma a semelhança com o espanhol a partir das afirmações feitas por estudos mais modernos, como Alexander (2007, p. 108), que diz

⁷ No original: “cópula implícita y el demostrativo funciona como determinante de un sustantivo elidido”.

⁸ Dado extraído de Bosque & Demonte (1999, p. 955); itálico e parênteses dos autores.

tratar-se de uma estrutura representativa de registros mais altos, isto é, do padrão culto. É possível aventar a hipótese que a PND consista em um mesmo tipo de estrutura nas duas línguas. O espanhol se diferenciaria do português por apresentar também a PAD, cuja relação histórica com a PND deve ainda ser investigada.

Os dois tipos de posposição têm em comum, de forma geral, o fato de serem estruturas raras e enfáticas em ambas as línguas e a grande diferença entre o uso da PND e da PAD está no fato de que, no primeiro caso, seria sempre necessário que o referente já tenha sido expresso anteriormente, desempenhando, assim, o demonstrativo, um papel de retomada anafórica, enquanto, no segundo caso, pode-se também apontar para elementos que não se encontram presentes no contexto linguístico anterior, possibilitando a realização de referências dêiticas exofóricas locativas ou temporais. Provavelmente é por esse motivo que a PAD também encontra grande espaço de utilização na língua oral, enquanto a PND se daria quase que exclusivamente na modalidade escrita.

Há um desacordo entre os manuais de gramática das duas línguas com relação às orações exclamativas. Enquanto vários autores do português incluem esse tipo de oração como um dos casos em que há a ocorrência de PND, Bosque & Demonte (1999, p. 954-955) refutam essa ideia e analisam as sequências como meros casos em que o verbo de ligação se encontra elíptico, o que parece ser uma interpretação mais plausível. Entretanto, as orações exclamativas devem ser consideradas em um estudo sobre a posposição dos demonstrativos, pois podem ter dado origem à PND no português, como propõe Cambraia (2009, p. 24), e no espanhol. Esta questão será retomada mais adiante no presente estudo.

1.3 Estudos recentes

A seguir, serão apresentados três trabalhos de diferentes autores sobre a posposição dos demonstrativos, a saber, Lavric (1995), Brugè (2002) e Alexander (2007), todos referentes unicamente à língua espanhola, uma vez que ainda não há qualquer trabalho na literatura acadêmica que tenha analisado mais profundamente a posposição dos demonstrativos no português. Os três referidos estudos, porém, podem servir como ponto de partida para um melhor entendimento também da estrutura do português.

1.3.1 Lavric (1995)

O artigo de Lavric (1995, p. 106) já apresenta em seu título *Aquellos misteriosos demostrativos pospuestos* uma crítica à falta de precisão dos autores consultados por ela na delimitação dos usos da estrutura posposta articulada em espanhol. A autora encontrou apenas menções a valores gerais estilísticos e enfáticos, além do valor pejorativo opcional, o que não daria conta de descrever exatamente os matizes semânticos que esse tipo de posposição parece poder proporcionar.

Além disso, autora critica a falta de menção, na literatura acadêmica, ao fato de que se trata de uma construção mais tipicamente usada na linguagem oral do que na escrita e que, também por se tratar de uma estrutura rara, a questão do ensino aos estudantes da língua espanhola também ficaria bastante prejudicada pela falta de um conhecimento mais apurado sobre o assunto.

A partir de um mal-entendido ocorrido em um registro autêntico de uma conversa⁹ entre dois falantes nativos do espanhol, Lavric (1995) relaciona o uso da PAD nessa língua com a teoria de *indexicalidade* proposta por Auer (1981), segundo a qual haveria uma cooperação entre locutor e interlocutor com relação ao estabelecimento das referências durante a interação comunicativa, a partir da retomada de elementos contextuais e de conhecimentos prévios para a adequada identificação dos referentes.

Assim, a autora chega à conclusão de que a PAD em espanhol seria usada, do mesmo modo que as estruturas com o demonstrativo *dies*-¹⁰ em alemão, como indicador de indexicalidade, ou seja, os demonstrativos pospostos do espanhol

⁹ Diálogo apresentado por Lavric (1995, p. 108):

Javier: - Me voy dentro de media hora. He quedado con unos amigos.

Abuela: - ¿Dónde has quedado?

Javier: - Aquí. En la terraza esta.

En este momento interviene la lingüista:

E.L.: - Javier, ¿te has dado cuenta de que acaba de usar un demostrativo pospuesto? Ya sabes cuánto me interesan. ¿Hubiera sido lo mismo para tí: *en esta terraza*?

Javier: - Es que mi abuelita conoce muy bien la terraza en cuestión, ella sabe exactamente de qué terraza se trata.

E.L.: - De hecho no. A mí me parece que no sabemos a qué terraza aludiste.

Abuela: - Sí sí, yo sí que he entendido. Javier, estabas hablando de la terraza de esta casa, aquí abajo, ¿verdad?

Javier: - Ah, no, abuelita. He quedado en la terraza del supermercado Jumbo.

¹⁰ *Dies*- é o demonstrativo de proximidade em alemão (equivalente a *este/esse* no português), que contrasta com *jen*- que é o de distância (equivalente a *aquela* no português), mas este último já se encontra em desuso na língua alemã falada (LAVRIC, 1995, p. 108)

funcionam no discurso como sinais de um contexto consabido a reconstruir, de uma informação prévia que o locutor não está totalmente seguro de poder pressupor em seu ouvinte. (Lavric, 1995, p.112)¹¹

Lavric (1995) comprova essas afirmações através da análise de algumas ocorrências da construção na linguagem oral, mas não se deve esquecer que a PAD também é comum na língua escrita. Será que também, nesses casos, pode-se afirmar que haja tal diálogo locutor-interlocutor com o objetivo de se remeter a um conhecimento partilhado?

Faz-se, portanto, necessária também a realização de uma análise de dados de língua escrita, para se saber até que ponto esta explicação dada pela autora se sustenta. Convém também realizar a análise de um maior número de ocorrências e de dados de diferentes épocas, a fim de averiguar se esse valor de indexicalidade sempre esteve presente no uso dessa construção.

1.3.2 Brugè (2002)

Brugè (2002) estuda os demonstrativos que aparecem em estruturas pré e pós-nominais na língua espanhola em uma perspectiva gerativista e sugere que se faça uma análise unificada desses dois tipos de ordenação dos componentes do sintagma nominal, uma vez que, de acordo com a sua proposta, ambas as estruturas seriam geradas na mesma posição dentro da projeção da árvore sintática das orações, mas ocorreriam deslocamentos de certos elementos para outros níveis na realização da estrutura final anteposta ou posposta. Essa análise foi feita, inicialmente, com dados do espanhol, mas foi também defendida pela autora como aplicável a ocorrências em outras línguas, como o romeno, por exemplo.

A autora assume os demonstrativos como sendo especificadores e, para realizar a análise das estruturas sintáticas em seu trabalho, apresenta duas teorias básicas que tentam explicar o movimento da posição dos demonstrativos no sintagma nominal (BRUGÈ, 2002, p. 17):

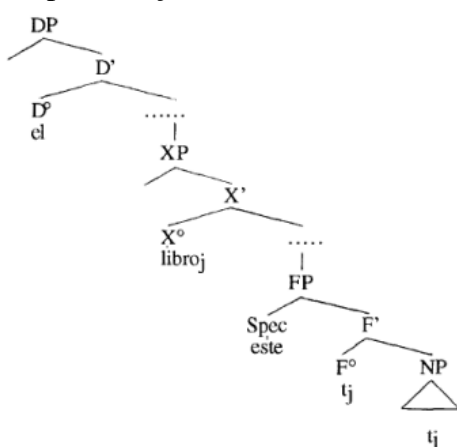
¹¹ No original: “los demostrativos pospuestos del español funcionan en la conversación como señales de un contexto consabido a reconstruir, de una información previa que el locutor no está totalmente seguro de poder presuponer en su oyente”.

- a) a abordagem anti-simétrica proposta por Kayne (1994), que mostra que haveria uma ordem rígida de *especificador* > *núcleo* > *complemento* nas línguas;
- b) a idéia de Cinque (1994), que diz que somente o substantivo núcleo se move para núcleos funcionais mais altos, enquanto modificadores permanecem em sua posição base, exceto quando eles têm que apontar algum traço em um especificador mais alto.

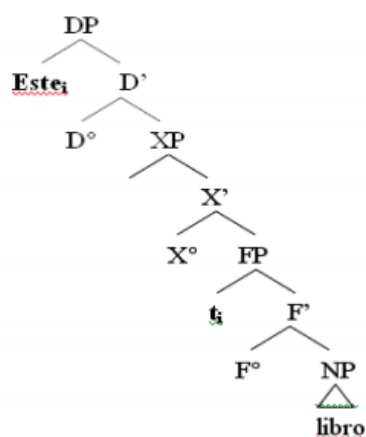
Brugè segue essas duas hipóteses básicas e defende que os demonstrativos seriam gerados na posição de especificador (Spec) de uma projeção funcional mais baixa que todas as outras projeções funcionais que contêm diferentes classes de adjetivos. Além disso, a projeção que contém o demonstrativo dominaria imediatamente o NP (= sintagma nominal). Desta forma, o demonstrativo seria gerado em uma categoria FP (= categoria funcional qualquer) que se situa entre o DP (= sintagma determinante) e o NP.

Ela também propõe que os demonstrativos podem expressar os traços de [+ Dêitico] e de [+ Referencial], respectivamente, através da adjunção de um advérbio locativo e do movimento do demonstrativo para o especificador de DP, segundo prega Longobardi (1994). A partir dessas considerações, a autora realiza a análise das estruturas com demonstrativos pospostos articulados e antepostos em espanhol, como se pode ver nas representações das estruturas sintáticas propostas em (a) e (b):

- a) Representação de *el libro este* (BRUGÈ, 2002, p. 17)



b) Representação de *este libro* (BRUGÈ, 2002, p. 18)¹²:



No caso da estrutura posposta articulada, em (a), teria ocorrido o movimento do núcleo nominal *libro*, gerado em NP para uma posição acima de FP (de acordo com a teoria de Cinque (1994) explicitada acima), enquanto o demonstrativo permaneceu em sua posição base (Spec de FP), ou seja, no mesmo lugar em que foi gerado. Já com relação ao demonstrativo anteposto, em (b), o demonstrativo teria saído de sua posição de base (Spec de FP), para ocupar a posição de Spec de DP, enquanto o núcleo do sintagma nominal *libro* permaneceu em sua posição de origem. Isso teria ocorrido, segundo Brugè (2002), a fim de reforçar o traço [+ Referencial] do determinante.

A validade da proposta de Brugè (2002) é discutida por Alexander (2007, p. 38), que chama a atenção para a análise diferente presente no trabalho de Panagiotidis (2000) para o espanhol, o qual propõe que o demonstrativo é gerado em uma posição pós-nominal e depois se desloca para posições anteriores ao substantivo. Entretanto, é também estranha essa dita origem pós-nominal dos demonstrativos, uma vez que, conforme expõe Alexander (2007, p.38), “levando-se em conta que a posição pós-nominal é marcada, não seria um local natural para se começar a derivação”¹³.

Essa divergência sobre qual é o elemento que se move (demonstrativo ou substantivo) na formação das estruturas com demonstrativos certamente chama a atenção para as limitações da própria abordagem gerativa, com sua complexidade formal nem sempre elucidativa, aspecto para o qual já se chamou a atenção:

¹² Esta formalização é de autoria de Pereira (2009, p. 58) a partir da seguinte representação formal de Brugè (2002, p. 18): [_{SpecDP} este_i [_{D°} [... [_{XP} [_{X°} libro_j] [_{FP} t_i [_{F°} t_j] [_{NP} [_{N°} t_j]]]]]]. Note-se que a adaptação de Pereira não inclui a indicação de possibilidade de categorias intermediárias expressa pelo recurso gráfico de “.....”.

¹³ No original: “assuming that the post-nominal position is marked it would not be a natural place for the derivation to begin”.

Alguns problemas de ordem técnica concernem à extensão e à eficácia das regras transformacionais, hoje reduzidas a deslocamento, à instrumentalização da noção de estrutura profunda – hoje deslocada para outros tipos de níveis de representação –, à complexidade formal da análise de algumas estruturas sintáticas muito simples, à omissão quanto a fenômenos típicos do processamento linguístico, como entonação, pressuposição e fenômenos pragmáticos diversos (...) (CAMACHO, 1994, p. 28)

1.3.3 Alexander (2007)

Alexander (2007) realiza análise sincrônica e diacrônica da posposição de demonstrativos em espanhol e propõe uma série de categorias informacionais para explicitar semanticamente os diferentes usos dessa estrutura tanto no presente quanto através dos séculos. As categorias identificadas por esse autor com a especificação do tipo de referência realizada na análise de orações com posposição articulada foram as seguintes:

- a) Anafórica (*anaphoric*) – em que a referência se trata de entidades já textualmente citadas no discurso;
- b) Conhecimento compartilhado (*mutual knowledge*) – por estarem inseridos em uma mesma comunidade cultural e linguística, durante a comunicação os falantes fazem referências a estes conhecimentos comuns;
- c) Catafórica (*cataphoric*) – em oposição à referência anafórica, remete a entidades que serão apresentadas posteriormente no discurso;
- d) Tópico discursiva (*discourse topic*) – ocorre quando um referente sobre o qual se fala se torna mais central em um determinado momento no discurso;
- e) Situacionalmente acessível (*situationally accessible*) – são referências discursivas a entidades perceptíveis pelos cinco sentidos do falante e do interlocutor;
- f) Recuperação e reparação (*retrieval and repair*) – Durante as pausas que há no discurso, o falante pode ter problemas em acessar certos referentes no discurso (por falha de memória) e os traz novamente à tona;
- g) Afetiva (*affective*) – o referente fica com um valor emocional, demonstrando a opinião do falante sobre aquela entidade, acrescentando, por exemplo, um valor pejorativo a ele;

- h) Exclamativa (*exclamation*) – atribui um matiz exclamativo ao sintagma nominal;
- i) Evocativa de eventos passados (*evoking past events*) – refere-se a um elemento fora do espaço conversacional, evocando eventos que estão no passado.
- j) Meta-discursiva (*meta-discourse*) – é um recurso que os escritores utilizam para organizar explicitamente seus textos, atrair a atenção de seus leitores e indicar sua atitude com relação ao seu material e a seu público;
- k) Anafórico co-referencial (*anaphoric-co-referential*) – o demonstrativo é um pronome que se refere anaforicamente ao referente que o precede imediatamente, diferindo-se da categoria “anafórica” porque a distância, neste caso, é mínima pelo demonstrativo estar adjacente ao referente;
- l) Dêixis *ad oculos* (*deixis ad oculos*) – quando se é remetido no discurso a referentes visíveis e apontáveis pelo falante e pelo interlocutor.

Contudo, percebe-se que há algumas falhas nessas categorias criadas pelo autor. Primeiramente, não se leva em conta a possibilidade de sobreposição entre as categorias: um uso anafórico pode ocorrer simultaneamente com valor afetivo. Em segundo lugar, há a inclusão de dois tipos que não seriam representativos da classe dos demonstrativos pospostos, a saber, *as orações com demonstrativo anafórico-correferencial* e as orações *exclamativas*, como nos exemplos (5) e (6), respectivamente, uma vez que, nesses casos, o demonstrativo não se encontraria no mesmo sintagma nominal do substantivo, mas sim em outro, exercendo uma função predicativa, como se pode ver em (5') e (6'):

(5) Et son los **privilegios estos** que diremos agora. (ALEXANDER, 2007, p. 148; negritos meus)

(5') Et son [los privilegios]_{SN1} [estos (*privilegios*)]_{SN2} que diremos agora.

(6) ¡O qué **lanza esta** tan fuerte! (ALEXANDER, 2007, p. 161; negritos meus)

(6') ¡O qué [lanza]_{SN1} (*es*) [esta (*lanza*)]_{SN2} tan fuerte!

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O modelo teórico tipológico-funcional

Ao longo dos tempos, a linguística tem se desenvolvido sob diversas perspectivas, o que acarreta em diferentes interpretações para os vários fenômenos existentes nas línguas. Sendo assim, o linguista tem o dever de se perguntar antes de sua investigação sobre um devido fato linguístico, sob qual ponto de vista pretende realizar sua pesquisa, embora esta não seja uma decisão muito fácil.

Se pretender seguir um modelo formal, fará um trabalho de descrição da língua baseado nas suas estruturas linguísticas de um modo autônomo, ou seja, independente do contexto de uso, podendo utilizar dados introspectivos e considerar as estruturas linguísticas como entidades arbitrárias. Em contraposição a essas ideias, se seguir um modelo funcional, buscará estudar os fenômenos linguísticos considerando prioritariamente a interação social e as pressões do uso na gramática, devendo ser estudados com base em dados empíricos. Camacho (1994) comenta sobre a problemática a respeito da adoção dos enfoques formalistas e funcionalistas pelos linguistas em suas análises:

A situação generalizada que se pode deduzir desse debate é que há uma competição entre os dois paradigmas, e essa polêmica é apenas o reflexo, no Brasil, do que acontece nos Estados Unidos, em que há revistas especializadas no enfoque funcionalista e no formalista. Votre & Naro, baseados em uma distinção incomensurável entre gerativismo e funcionalismo, consideraram-nos enfoques não apenas diferentes, mas mesmo excludentes e, além disso, conferiram a primazia de um sobre o outro. Nascimento rejeita a distinção, recusando a necessidade de escolha entre os dois enfoques por basear-se no fato de que estudam objetos diferentes.¹⁴ (CAMACHO, 1994, p. 22)

¹⁴ Os trabalhos aludidos nesta citação são Votre & Naro (1989) e Nascimento (1990).

Não há um consenso, até os dias de hoje, a respeito de qual visão seria a que melhor dá conta das línguas do mundo. Para atingir os objetivos do presente trabalho, optou-se por um enfoque funcionalista da construção em questão, por se acreditar que é mais produtivo na sua interpretação.

A gramática funcional, segundo esclarece Neves (1997, p. 15), busca compreender a linguagem como um meio de interação social que se molda a partir das pressões de uso em cada contexto em que uma língua natural é usada. A comunicação eficiente é tida como o objetivo principal da linguagem e esta se dá no meio social, através das interações entre os falantes, devendo, por isso, ser sempre um estudo linguístico realizado em um contexto natural de uso, e não a partir de dados gerados pelo próprio linguista.

A competência comunicativa é colocada em foco nesse modelo, já que o falante possui a capacidade não somente de codificar e decodificar expressões, mas também de usá-las e interpretá-las de uma maneira interacionalmente satisfatória. Haveria uma não-autonomia da língua, uma vez que, segundo Neves (1997, p. 3), “a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução”.

A língua é, portanto, funcional, uma vez que haveria uma relação entre o sistema e a função comunicativa exercida: na interação entre sistema e função há forças dinâmicas responsáveis pelo constante desenvolvimento da língua.

Dentre as abordagens funcionalistas, encaixa-se o modelo teórico de Givón (2001), chamado de tipológico-funcional, segundo o qual as duas funções primárias da linguagem humana são a *representação* e a *comunicação do conhecimento*. Nesse modelo, uma comunicação bem-codificada pode ser dividida em dois subsistemas, chamados de *sistema de representação cognitiva* e *sistema de codificação comunicativa*.

O *sistema de representação cognitiva*, por sua vez, pode ser dividido em três níveis. O primeiro deles é o *léxico conceitual*, que é constituído por conceitos estáveis, ou seja, que são difíceis de alterarem-se ao longo do tempo, relativamente compartilhados por todos os membros da comunidade linguística e bem-codificados, constituindo um mapa cognitivo do universo de experiências – físicas externas, socioculturais e mentais internas. Todo este conceito lexical é organizado em uma rede de nós e conexões. O segundo nível é o da *informação proposicional*, que se trata da

combinação de conceitos para a formação de orações sobre estados ou eventos em que entidades participam. O terceiro é o nível do *discurso multi-proposicional*, em que as orações se combinam para formar um discurso coerente, sendo este, predominantemente constituído de várias informações proposicionais.

Já o sistema de codificação comunicativa divide-se em dois níveis. Os *códigos sensório-motores periféricos*, que representam o domínio da fonética, da fonologia e da neurologia, envolvendo tanto as operações de codificação (produção linguística) quanto de decodificação (percepção linguística).

Existe também o *código gramatical*, dentro do qual, com relação ao que há de mais concreto, pode-se citar os chamados *recursos primários*, nos quais estão incluídas a morfologia e a entonação (melodia das orações ou tonicidade das palavras), que utilizam os mesmos sinais físicos do código lexical, como sons, gestos e letras. Mas há também o ritmo (duração, pausa) e a ordem sequencial das palavras e morfemas, ou seja, a sintaxe, que são um pouco mais abstratos e servem para integrar os anteriores em uma unidade mais complexa.

Além disso, também se podem distinguir os *níveis de organização gramatical mais abstratos*, que englobam: a *organização de constituência hierárquica*, tomando como pressuposto que a língua organiza-se em unidades subordinadas a unidades maiores, como por exemplo os morfemas subordinam-se às palavras, as quais subordinam-se às frases, as quais subordinam-se a orações, etc; as *etiquetas-categoriais gramaticais*, que compreendem a nomenclatura gramatical como substantivo, verbo, adjetivo, frase nominal, etc; as *relações de relevância e escopo*, por exemplo entre o sujeito e o objeto, e as *relações de controle e governo*, concordância, correferência, modalidade e finitude. A questão central do estudo do processamento linguístico é exatamente a busca de como a linguagem faz para chegar a estes componentes mais abstratos a partir daqueles mais concretos.

Também segundo o modelo tipológico-funcional de Givón (2001), os demonstrativos estão dentro do grupo dos morfemas gramaticais e indicam uma orientação espacial ou mesmo temporal de um substantivo em relação algum ponto de referência, tomando como base a localização do falante e do ouvinte. Além disso, são classificados de acordo com seu emprego, uma vez que eles podem aparecer na margem ou no núcleo do sintagma. Quando acompanham um substantivo, os demonstrativos são considerados átonos e clíticos e são classificados como *determinantes demonstrativos*. Por outro lado, quando são usados como pronomes, tratam-se de palavras tônicas e

independentes, e recebem o nome de *pronomes demonstrativos*. Desta forma, é possível perceber a distinção clara que esta teoria faz entre os demonstrativos, que podem tanto ser determinantes ou pronomes.

Para Givón (2001, p. 18), os vários tipos de oração (variantes estruturais) são formas diferenciadas de codificação gramatical de conteúdos semântico-proposicionais em diferentes domínios funcionais discursivo-pragmáticos. Como a gramática das orações codifica simultaneamente informação semântico-proposicional e discursivo-pragmática e as exigências para essa codificação estão frequentemente em conflito, o resultado é *um compromisso adaptativo entre as pressões funcionais em competição*.

Levando em conta o princípio de isomorfismo no âmbito da sintaxe dos demonstrativos em espanhol e português, é necessário considerar que cada uma das posições em que se encontra o demonstrativo (anteposta não-articulada, posposta não-articulada e posposta articulada) teria que desempenhar a uma função comunicativa diferente, como advoga o funcionalismo. Seguindo essa orientação, deve-se considerar que a gênese das estruturas com a posposição dos demonstrativos nessas línguas deve ter ocorrido por uma pressão funcional, ou seja, *pela necessidade de os falantes codificarem alguma função comunicativa específica*.

2.2 A gramaticalização e as construções

Para se compreender mais profundamente os princípios que regem as variações tipológicas na gramática, Givón (2001, p. 23) salienta que é insuficiente o desenvolvimento de uma análise meramente sincrônica dos fenômenos linguísticos, uma vez que é também de fundamental importância o acompanhamento do processo diacrônico de gramaticalização envolvido no surgimento dessas variações. Sendo assim, apenas a observação histórica pode trazer à tona as verdadeiras causas do surgimento de formas inovadoras nas línguas, já que os processos de mudança ocorreriam de forma gradativa até chegarem ao momento em que se fixam, como explicitado por Castilho (1997, p. 31) em sua definição de gramaticalização:

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

Givón (1971, p. 413) lança o lema “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”¹⁵, e cria uma escala de etapas de gramaticalização seguida pelas línguas, conhecida como “ciclo funcional de Givón” (GIVÓN, 1979, p. 209), que, numa perspectiva diacrônica, estabelece que o início deste fenômeno se daria a partir do âmbito pragmático e seguiria acontecendo até o desaparecimento da forma, conforme o esquema a seguir:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

Sendo assim, é no discurso que se iniciam as mudanças, confirmando o princípio funcionalista de que o uso da língua é o fator principal para moldar a gramática.

O termo *gramaticalização* é também definido por Hopper & Traugott (1993, p. 18) como “a mudança pela qual itens lexicais e construções aparecem em certos contextos linguísticos para desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”¹⁶, ou seja, é o processo pelo qual um elemento ou construção sai do âmbito lexical para fazer parte da gramática.

O processo da gramaticalização seria, portanto, “uma evolução em que unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, significância pragmática, liberdade sintática e substância fonética”¹⁷ conforme defendem Heine & Reh (1984) *apud* Hopper & Traugott (1993, p. 94).

Outro fato importante ligado à gramaticalização é o conceito de reanálise, em que a percepção da relação e ordem dos constituintes no eixo sintagmático é alterada, conduzindo ao surgimento de novas funções para certas estruturas, por meio da chamada abdução ou inferência.

Brinton & Traugott (2005, p. 99) também apresentam uma definição para a gramaticalização, considerando-a como

¹⁵ No original: “Today’s morphology is yesterday’s syntax.”

¹⁶ No original: “the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions”.

¹⁷ No original: “an evolution whereby linguistic units lose in semantic complexity, pragmatic significance, syntactic freedom, and phonetic substance”.

uma mudança na qual em certos contextos linguísticos os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Com o passar do tempo, o item gramatical resultante pode tornar-se mais gramatical adquirindo funções mais gramaticais e expandindo suas classes-hospedeiras.¹⁸

Uma estrutura considerada inovadora se transforma, ao longo do tempo, em uma estratégia linguística específica e se fixa como uma *construção*. As construções são definidas por Goldberg (1995, p. 4) como

as unidades básicas da linguagem. Padrões frasais são considerados construções se a sua forma ou significado não é estritamente previsível a partir das propriedades de seus elementos presentes ou de outras construções existentes na língua.¹⁹

Para Givón (2001, p.19), as construções são “instrumentos de codificação gramatical que sinalizam funções pragmático-discursivas”.²⁰ Assim, formas que não possuem nenhuma sistematização de sua utilização, mas que exercem certa função na comunicação, por serem inúmeras vezes repetidas, acabam resultando em expressões sintáticas fortemente ligadas, não podendo mais ter uma variação sintagmática, como a alteração da ordem dos seus componentes, tornando-se menos livre sintaticamente e mais simples.

Goldberg (1995, p. 67) entende que os “aspectos pragmáticos das construções envolvem detalhes de sua estrutura informacional, incluindo tópico e foco, além de aspectos estilísticos da construção tais como registro”²¹ e, além disso, propõe que as construções de uma língua mantêm relações entre si, reinterpretando a hipótese do isomorfismo de Givón, em que cada forma linguística serviria ao desempenho de uma função diferente, a partir de quatro princípios:

- I. *Princípio da motivação maximizada*: Se uma construção A é sintaticamente relacionada a uma construção B, então o sistema da construção A é motivado de tal modo que se relaciona semanticamente com a construção B. Essa motivação é maximizada.

¹⁸ No original: “Grammaticalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical item may become more grammatical by acquiring more grammatical functions and expanding its host-classes.”

¹⁹ No original: “(...) the basic units of language. Phrasal patterns are considered constructions if something about their form or meaning is not strictly predictable from the properties of their component parts or from other constructions.”

²⁰ No original: “the grammatical coding instruments that signal discourse-pragmatic function”.

²¹ No original: “Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register”.

- II. *Princípio da não-sinonímia*: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Este princípio se subdivide em: (a) Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não devem ser pragmaticamente sinônimas; e (b) Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não devem ser semanticamente sinônimas.
- III. *Princípio da força expressiva maximizada*: O inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos.
- IV. *Princípio da economia maximizada*: O número de construções distintas é minimizado o máximo possível, dado o Princípio III.

2.3 O tópico e a acessibilidade referencial²²

Givón (1983) apresenta a noção de *tópico* como um dos elementos pragmáticos de maior importância para a comunicação, uma vez que os significados seriam construídos a partir da relação entre locutor e interlocutor e não somente nas expressões linguísticas em si. Para esse autor, o tópico é um elemento que ocorre repetidas vezes no discurso, formando cadeias ao aparecer em sentenças sucessivas. Assim, o que faz as entidades serem tópicas não é o fato de gramaticalmente serem codificadas como tópico na oração que os contém, mas porque são tópicas ao longo de certa porção do texto, que costuma abranger o mesmo tema e, portanto, também a conservar o mesmo tópico.

Ao se iniciar um parágrafo, por exemplo, representa-se a quebra da continuidade da cadeia tópica do parágrafo precedente e o tópico acaba sendo considerado descontínuo nesse ponto. Um elemento tópico pode, além disso, retornar depois de uma longa ou curta ausência, e esse fato condicionaria o aparecimento de diferentes codificações sintáticas no discurso.

O tópico é analisado sob um ponto de vista discursivo-pragmático, em que a topicalidade é motivada pela cognição, isto é, como um conjunto de códigos do processo mental em que sinais gramaticais usados pelo locutor para codificar a topicalidade no discurso causam operações específicas na mente do interlocutor. Givón (1992) institui como atributos discursivo-pragmáticos da topicalidade, tanto a

²² Para a presente discussão, foram consultadas os seguintes estudos: Freitas (2008), Vazquez Rozas (2004) e Benítez Rosete (2011, p. 100-133).

importância temática quanto a *previsibilidade referencial*, as quais apresentam correspondentes cognitivos que compreendem duas dimensões: a ativação da atenção e a busca pelo referente na representação mental do texto. Desta forma, os elementos gramaticais que aparecem no discurso para codificar o tópico representam a tentativa do locutor em adequar a informação na perspectiva do seu interlocutor.

Na busca pelo estabelecimento da distinção entre entidades discursivas “novas” e “previamente citadas”, Givón (1983, p.17) desenvolve a *hipótese da continuidade temática*, que propõe que os vários mecanismos gramaticais para a codificação das entidades a que se faz referência no discurso estão distribuídas em uma escala, em que as expressões referenciais se encontram organizadas a partir do *grau de acessibilidade* de tais referentes. Considera-se que um referente é mais acessível se, em determinado momento no discurso, o locutor supõe que ele se encontra disponível na mente do interlocutor.

O estado de ativação cognitiva das entidades na mente dos participantes pode partir de um nível máximo, em que os elementos estão muito acessíveis, até um nível mínimo ou de não-ativação em que as entidades são novas no contexto. Com relação à expressão sintática dos diferentes graus de ativação, Givón (1983, p. 18) afirma que a acessibilidade se manifesta na codificação linguística dos referentes, seguindo um princípio de iconicidade, uma vez que

quanto mais um elemento tópico for fragmentado, surpreendente, descontínuo ou difícil de processar, mais material de codificação linguística tem que ser atribuído a ele.²³

Assim, a partir desses princípios, é possível falar que, quanto mais acessível é um referente, menos conteúdo descritivo será necessário para sua identificação (utilizando como, por exemplo, apenas a concordância ou clíticos), enquanto isso uma maior quantidade de elementos descritivos será necessária para se acessar uma entidade que se encontra pouco acessível (como o uso de sintagmas nominais plenos, por exemplo). Desta forma, percebe-se a estrita ligação entre este tipo de análise e a visão funcionalista, uma vez que os elementos gramaticais seriam empregados como uma estratégia estritamente relacionada à intenção comunicativa dos participantes da interação discursiva.

²³ No original: "The more disruptive, surprising, discontinuous or hard to process a topic is, the more coding material must be assigned to it."

A acessibilidade referencial é marcada por três componentes contextuais, segundo Givón (1992, p.12):

- a) O *contexto discursivo prévio* (contexto linguístico), que também é chamado de co-texto;
- b) O *contexto situacional*, ou seja, a situação concreta de comunicação em que acontece a interação comunicativa, especialmente para a identificação referencial dêitica exofórica;
- c) O *contexto cultural compartilhado* ou *conhecimento de mundo dos interlocutores*, que ajuda na identificação referencial de SNs mesmo em primeira menção.

De acordo com esse modelo teórico, um dos fatores que mais interferem no *grau de acessibilidade* de uma entidade discursiva é a continuidade referencial que pode ser mensurada através da *distância referencial*. Tal evidência consiste no fato de que contextos cujo tópico apresenta baixa distância do antecedente são apresentados por recursos gramaticais menos marcados e, por conseguinte, em contextos em que a distância referencial é alta, é comum a presença de estruturas mais marcadas.

Givón (1992) confirma essas proposições com os resultados de sua pesquisa sobre a codificação do tópico, segundo a distância da última menção, em textos narrativos e orais de língua inglesa, chegando à conclusão de que são usados recursos gramaticais menos marcados para codificar o tópico numa distância referencial pequena, e recursos gramaticais mais marcados para codificar o tópico numa distância referencial maior, relacionando esses resultados às condições de acessibilidade referencial.

2.4. Síntese

Nas seções precedentes do presente capítulo foram apresentados vários conceitos de orientação funcionalista necessários a uma interpretação produtiva da posposição de demonstrativo na história do português e do espanhol. Esses conceitos permitem estabelecer as seguintes hipóteses:

- (a) A PAD e a PND são construções derivadas de um processo de gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 1993), ou seja, são construções que

apareceram em certos contextos linguísticos para desempenhar funções gramaticais específicas.

(b) A gênese dessas duas construções deve ter decorrido da necessidade de exprimir funções comunicativas para as quais não haveria reservada na língua uma estrutura específica, processo regido, assim, pelo princípio da força expressiva maximizada (GOLDBERG, 1995), ou seja, pela maximização do inventário de construções para propósitos comunicativos.

(c) A PND no espanhol deve expressar função comunicativa diferente da PAD nessa mesma língua, atendendo assim ao princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), ou seja, construções sintaticamente distintas são semântica ou pragmaticamente distintas.

(d) A PAD em espanhol é utilizada quando há grande distância referencial (GIVÓN, 1992), uma vez que se trata de um estrutura mais marcada e com mais conteúdo descritivo.

(e) O uso da PND em espanhol e em português se daria em contexto de pequena distância referencial (GIVÓN, 1992), no qual se quer expressar ênfase.

CAPÍTULO 3

OBJETIVOS, HIPÓTESES E METODOLOGIA

3.1 Objetivos

Este estudo tem como objetivo geral uma melhor compreensão dos sistemas de demonstrativos em línguas românicas, mais especificamente, da posposição de demonstrativos em português e em espanhol, uma vez que não estão ainda bem explicados, na literatura acadêmica atual, todos os fatores que favorecem a utilização desse tipo de construção, nem quais são os possíveis matizes semânticos expressados por ela. Além de serem relativamente raras as suas ocorrências, a posposição dos demonstrativos manifesta-se de maneira diversa, tanto sintática quanto semanticamente nas duas línguas.

São objetivos específicos do presente estudo:

- a) coletar ocorrências de posposição de demonstrativos em português e em espanhol em textos dos sécs. XIII/XIV ao XX, através da utilização de *corpora* eletrônicos;
- b) classificar esses dados recolhidos segundo critérios morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos previamente estabelecidos, baseados, sempre que necessário, em metodologias e conceitos de pesquisas anteriores;
- c) realizar uma comparação entre os dados obtidos sincrônica e diacronicamente em cada uma das línguas, incluindo o âmbito de suas variantes internas como português brasileiro x português europeu e espanhol latino-americano x espanhol europeu, estabelecendo os padrões de uso específico das construções com demonstrativos pospostos;

- d) apresentar um estudo comparativo entre essas duas línguas românicas em questão, de modo a testar se os fenômenos se desenvolvem de maneira semelhante ou díspar;
- e) testar as hipóteses aventadas sobre os usos das construções em análise.

3.2. Hipóteses de trabalho

As hipóteses apresentadas na seção 2.4 (p. 36-37) são aqui rearticuladas e remodeladas na forma de hipóteses de trabalho: são elas que guiarão o tipo de análise a ser feito na presente pesquisa. São elas:

(a) **Hipótese 1: A PAD e a PND são construções derivadas de um processo de gramaticalização.** O exame do contexto de surgimento dessas construções e de seu comportamento linguístico ao longo dos séculos permitirá avaliar o processo de modificação desse comportamento, processo em que uma estrutura tenderá a apresentar, p. ex., perda de liberdade sintática. Especificamente para a PND existe a hipótese de que sua gênese no português tenha acontecido em função de reanálise de orações exclamativas, como aventa Cambraia (2009, p. 24), sugerindo que

a estrutura com demonstrativo posposto derive de reanálise de estruturas em que predicativo (substantivo) e sujeito (demonstrativo) aparecem em contato e nessa ordem (como em exclamações), as quais acabam por ser interpretadas como um só sintagma nominal – partindo de exemplo com a frase *Que homem este!* extraída de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871) de Júlio Dinis (1839-1871), pode-se propor o seguinte trajeto de reanálise: *[[Que homem][este]]* > *[Que [homem este]]* > *[Homem este]*.

(b) **Hipótese 2: A gênese da PAD e da PND decorre da necessidade de exprimir funções comunicativas específicas para as quais não haveria reservada na língua uma estrutura específica.** Para confirmar tal hipótese, é necessário examinar e identificar quais são essas funções comunicativas e verificar se haveria algum outro recurso desempenhando-a. Como no presente estudo se trabalha apenas com as construções com posposição, não será possível testar plenamente esta hipótese, mas o exame das funções comunicativas das construções com posposição poderá oferecer dados para, em pesquisas futuras, a hipótese ser efetivamente testada.

(c) **Hipótese 3: A PAD no espanhol deve expressar função comunicativa diferente da PND nessa mesma língua,** mais especificamente, a PAD é empregada quando há grande distância referencial e a PND quando há há pequena distância referencial.

3.3 Metodologia

Fillmore (1992, p. 35) apresenta, com bom-humor, os dois “tipos” de linguista existentes, classificados de acordo com a maneira com que eles selecionam os seus dados para a realização das análises dos fenômenos linguísticos: o “linguista de poltrona” e o “linguista de *corpus*”:

A linguística de poltrona não tem uma boa reputação em alguns círculos linguísticos. Uma caricatura do linguista de poltrona é algo assim: ele senta-se em uma cadeira macia e profunda, com os olhos fechados e as mãos cruzadas atrás da cabeça. De vez em quando ele abre os olhos, e de repente começa a gritar: “Uau, que fato interessante!”. Pega o lápis, e escreve alguma coisa. Então ele passa em torno de algumas horas excitado por ter chegado ainda mais perto de saber como é a língua. (Não há ninguém exatamente assim, mas existem algumas aproximações). A linguística de *corpus* não tem uma boa reputação em alguns círculos linguísticos. Uma caricatura do linguista *corpus* é algo assim: ele tem todos os fatos principais que ele precisa, na forma de um *corpus* de aproximadamente um zilhão de palavras correntes, e ele vê seu trabalho como o de derivar fatos secundários a partir de seus fatos principais. No momento ele está ocupado determinando as frequências relativas das onze partes do discurso como a primeira palavra contra a segunda de uma sentença. (Não há ninguém exatamente assim, mas existem algumas aproximações). Estes dois não falam muito um com o outro, mas quando o fazem, o linguista de *corpus* diz ao linguista de poltrona: “Por que eu deveria pensar que o que você me diz é verdade?” E o linguista de poltrona diz ao linguista de *corpus*: “Por que eu deveria pensar que o que você me diz é interessante?”²⁴

A proposta fundamental do funcionalismo, apresentada por Givón (2001, p. 18), considera que é de extrema importância para um estudo linguístico a análise do contexto (sintático e semântico-pragmático) e das pressões de uso em que cada uma das referidas variantes aparece, uma vez que “os vários tipos de oração – variantes estruturais – encontrados na gramática de uma língua, (...) seriam formas diferenciadas de codificação gramatical dos conteúdos semântico-proposicionais em diferentes domínios

²⁴ No original: “ Armchair linguistics does not have a good name in some linguistics circles. A caricature of the armchair linguist is something like this. He sits in a deep soft comfortable chair, with his eyes closed and his hands clasped behind his head. Once in a while he opens his eyes, sits up abruptly shouting, ‘Wow, what a neat fact!’, grabs his pencil, and writes something down. Then he paces around for a few hours in the excitement of having come still closer to knowing what language is really like. (There isn’t anybody exactly like this, but there are some approximations). Corpus linguistics does not have a good name in some linguistics circles. A caricature of the corpus linguist is something like this. He has all of the primary facts that he needs, in the form of a corpus of approximately one zillion running words, and he sees his job as that of deriving secondary facts from his primary facts. At the moment he is busy determining the relative frequencies of the eleven parts of speech as the first word of a sentence versus as the second word of a sentence. (There isn’t anybody exactly like this, but there are some approximations). These two don’t speak to each other very often, but when they do, the corpus linguist says to the armchair linguist: ‘Why should I think that what you tell me is true?’ And the armchair linguist says to the corpus linguist: ‘Why should I think that what you tell me is interesting?’”

funcionais discursivo-pragmáticos”²⁵. Assim, para se realizar uma análise funcional, deve-se pensar como o linguista de *corpus*,

que tenta entender a linguagem, e por trás da língua a mente, observando cuidadosamente extensas amostras naturais da mesma e, em seguida, com *insight* e imaginação, construindo entendimentos plausíveis que abrangem e explicam essas observações. Qualquer pessoa que não seja um linguista de *corpus* neste sentido está, na minha opinião, perdendo muito do que é relevante para o empreendimento linguístico. (CHAFE 1992, p. 96)²⁶

Dessa forma, é imprescindível a utilização de dados extraídos de situações reais de uso da língua, e não introspectivos, a fim de se obter todas as informações necessárias sobre os possíveis fatores que impulsionam a ocorrência de uma dada estrutura e também de que se possa apreender muitos aspectos que poderiam passar despercebidos à intuição do linguista, mesmo sendo ele falante nativo da língua em estudo. O método mais adequado para o estudo da posição dos demonstrativos é, por conseguinte, através de um *corpus* que contenha ocorrências dos demonstrativos pospostos e antepostos em produções reais, permitindo assim a busca de padrões (regularidades) nessas ocorrências, não se baseando apenas em fatores formais (como aspectos morfológicos e sintáticos), mas também em funcionais (como aspectos discursivo-pragmáticos).

Portanto, decidiu-se realizar, neste trabalho, um estudo tanto sincrônico como diacrônico, baseado em *corpora* de língua portuguesa e espanhola, utilizando o *Corpus do Português*²⁷ e o *Corpus del Español*²⁸, ambos organizados por Mark Davies, da Universidade de Brigham Young, nos Estados Unidos. A escolha desses *corpora* se deu pela sua amplitude com relação ao número de palavras e com relação à faixa de tempo que cobrem, uma vez que abrangem, respectivamente em português e espanhol, em torno de 45 milhões e 100 milhões de palavras em textos dos sécs. XIV ao XX, no caso do português e do XIII ao XX, no caso do espanhol, além de possuírem também, para o último século que possuem, registros de textos orais.

²⁵ No original: “The various clause-types – structural variants – found in the grammar of a language, (...) are nothing but differential grammatical packaging of propositional-semantic contents in different discourse-pragmatic functional domains.”

²⁶ No original: “linguist who tries to understand language, and behind language the mind, by carefully observing extensive natural samples of it and then, with insight and imagination, constructing plausible understandings that encompass and explain those observations. Anyone who is not a corpus linguist in this sense is, in my opinion, missing much that is relevant to the linguistic enterprise.”

²⁷ Disponível no endereço eletrônico: <http://www.corpusdoportugues.org>.

²⁸ Disponível no endereço eletrônico: <http://www.corpusdelespanol.org>.

Primeiramente, foram coletadas as ocorrências do ordenamento sintático substantivo-demonstrativo nos *corpora* através de suas ferramentas de busca específicas, e depois foram selecionados os dados que de fato representavam as estruturas com demonstrativos pospostos. Com o objetivo de se observar o percurso histórico das construções em questão, com relação à sua frequência e a fatores que influenciam sua ocorrência, todos os dados de PND e PAD presentes nos *corpora* foram classificados, segundo critérios: *morfológicos* [forma (*este* = F1; *esse/ese* = F2; ou *aquela/aquel* = F3), gênero (masculino, feminino ou neutro) e número (singular ou plural)], *sintáticos* [tipos de oração em que a construção com demonstrativos pospostos se encontra; elementos que ocorrem antes e depois dessa estrutura; e função sintática], *semânticos* e *discursivo-pragmáticos*.

Como ainda não existe um modelo de análise consensual na literatura técnica para a classificação semântica, foi necessário ainda elaborar, neste trabalho, um modelo específico para realizar tal análise, compatível com a orientação teórica funcionalista e com a natureza dos dados em questão. Na seção correspondente, será feita uma breve discussão dos modelos de análise semântica disponíveis e apresentar-se-á o modelo a ser empregado neste estudo. Quanto à análise discursivo-pragmática, far-se-á a medição da distância referencial para se descobrir o grau de acessibilidade das construções e a influência da indexicalidade no emprego da posposição de demonstrativo.

Através da classificação morfológica, sintática, semântica e discursivo-pragmática das ocorrências dos demonstrativos pós-nominais através dos séculos, será possível tanto se perceber mais claramente em que situações ocorreu a gênese da posposição de demonstrativos, quanto comparar seu percurso histórico no português e no espanhol. Desta forma, será possível descrever um panorama geral em que se poderá entender melhor o comportamento dos demonstrativos em ambas as línguas, contribuindo com a reconstrução da trajetória histórica de variação e mudança linguística transcorrida pelas línguas românicas, através de uma perspectiva funcionalista.

CAPÍTULO 4

DESCRICÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Tipos de ordenação linear nome–demonstrativo

A seguir serão apresentadas e quantificadas as ocorrências, encontradas nos *corpora* examinados, dos tipos de ordenação linear nome–demonstrativo, começando pelas duas construções com posposição dos demonstrativos em português e espanhol, a articulada (PAD) e a não-articulada (PND).

Em seguida, inclui-se nesta seção uma exposição semelhante sobre as ocorrências de orações exclamativas e de orações com demonstrativo anafórico-correferencial, ambas as quais, por sua semelhança no ordenamento sintático dos elementos componentes da oração, podem dar pistas sobre a origem e desenvolvimento da PAD e da PND.

4.1.1 Posposição articulada

Apesar de também ter trabalhado com *Corpus del Español* de Mark Davies em sua pesquisa, Alexander (2007 p. 161) registra a primeira ocorrência de PAD em língua espanhola somente no séc. XIV, mas na coleta feita no presente trabalho encontrou-se já em meados do **séc. XIII** o emprego de demonstrativos pospostos com a presença do artigo definido²⁹, como se pode ver em (7), que parece ser a ocorrência mais antiga da PAD atestada até o presente:

²⁹ Em sentido contrário ao uso obrigatório do artigo definido neste tipo de estrutura, encontrou-se também o uso do artigo indefinido em uma única ocorrência no *corpus*, em um dado de língua oral na Espanha: “*Un hombre este* que prodiga” (Espanña Oral, séc. XX). Como este dado é único e proveniente da modalidade oral, sujeita a possíveis lapsos do falante em função de aspectos relativos a processamento, não se levou em conta essa ocorrência na contabilização dos dados das análises realizadas neste trabalho.

- (7) “El que se quiere escusar que no sea guardador de huerfanos deue mostrar delante del iuez la escusaçion que ouiese fasta çinquenta dias. & deuen se començar a contar desde el dia que el sopo primera mente que era dado por guardador. E esto se entiende si es enel lugar *aquel* que es dado por guardador. o si es en otro lugar que non sea mas lueñe de çient millas.” (*Las Siete Partidas*, Alfonso X, 1252-54; itálico meu)

A obrigatoriedade da utilização de um artigo definido anteposto ao substantivo nessa construção (ALARCOS LLORACH, 1995, p. 90; GILI Y GAYA, 1973, p. 220; SARMIENTO & SANCHEZ, 1993, p. 74) se deveria ao fato de que, ao se colocar o demonstrativo em posição pós-nominal, ele acabaria perdendo a sua *função de identificação*, sendo necessário, por isso, o uso do artigo definido para desempenhar esse papel, como afirmam Bosque & Demonte (1999, p. 950):

Do ponto de vista semântico, a diferença entre uma frase nominal com um “determinante” demonstrativo (anteposto) e uma frase nominal com um pronome demonstrativo posposto está no fato de que, no primeiro caso, os dois matizes semânticos básicos dos demonstrativos (identificação e localização dêitica) (...) expressam-se ao mesmo tempo por meio de uma só palavra (o demonstrativo anteposto), enquanto isso, no caso do demonstrativo posposto, os dois matizes se materializam foneticamente em itens lexicais distintos: o artigo definido se encarrega da identificação de uma entidade, e o demonstrativo posposto reforça deiticamente tal referência, ou seja, precisa sua identificação acrescentando um valor dêitico locativo.³⁰

A Tabela 1, a seguir, mostra o número de ocorrências da PAD em espanhol ao longo dos séculos e quantificação do total de demonstrativos por século. Encontraram-se apenas 280 ocorrências dessa construção em espanhol, do séc. XIII ao XX. Tais números, em comparação com os valores totais de demonstrativos no *corpus*, confirmam que a PAD em espanhol consiste em uma **construção bastante rara**.

³⁰ No original: “Desde el punto de vista semántico, la diferencia entre una frase nominal con un “determinante” demostrativo (antepuesto) y una frase nominal con un pronombre demostrativo pospuesto reside en que, en el primer caso, los dos rasgos semánticos básicos de los demostrativos (identificación y localización deíctica) (...) se expresan a la vez por medio de una sola palabra (el demostrativo antepuesto), mientras que, en el caso del demostrativo pospuesto, ambos rasgos se materializan fonéticamente en piezas léxicas distintas: el artículo definido se encarga de la identificación de una entidad, y el demostrativo pospuesto refuerza deícticamente dicha referencia, es decir, precisa su identificación aportando un valor deíctico locativo.”

TABELA 1 - Ocorrências de posposição articulada em espanhol através dos séculos

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
Posposição articulada	3	1	3	7	2	3	92	169	280
Demonstrativos totais no <i>corpus</i> ³¹	92.623	29.966	73.463	158.913	112.599	109.496	166.309	141.967	885.336

É interessante notar que no séc. XX, em que se tem no *corpus* a separação entre textos orais e escritos, a frequência de ocorrências dessa construção na **língua falada é bem superior à língua escrita**, com mais de 80% dos casos, como se vê na Tabela 2 abaixo, o que já era previsto pelo estudo de Lavric (1995, p. 106), a qual afirma que “a PAD pertence à esfera do espanhol falado”³².

TABELA 2 - Frequência da posposição articulada no séc. XX em espanhol

	Língua escrita	Língua oral	Total
Espanhol	19,5% (33)	80,5% (136)	100% (169)

4.1.2 Posposição não-articulada

Bem mais recente que a construção apresentada anteriormente, a posposição sem artigo definido antecedendo o substantivo no sintagma nominal tem suas ocorrências mais antigas, tanto em português quanto em espanhol, apenas a partir da primeira metade do **séc. XIX**, como se vê abaixo em (8) e (9), retirados das obras mais antigas dos *corpora* possuidoras da construção em cada uma dessas línguas:

- (8) “Se o Publico illustrado fizer o devido apreço deste meu primeiro trabalho original, que vai ser posto debaixo das suas vistas, tenciono fazel-o seguir de outro não menos interessante, qual é o que terá por titulo Lições Elementares de Poetica Nacional, e de Critica Litteraria, *obras estas* que se achão já promptas para sahir igualmente a lume” (Francisco Freire de Carvalho, *Lições Elementares de Eloquencia Nacional*, 1834; itálico meu)

³¹ Utilizou-se para a obtenção desses números a macro [dd*], ou seja, qualquer determinante demonstrativo (cf. etiquetas de categoria gramatical no site www.corpusdelespanol.org). Para fases mais antigas, existe a possibilidade de distorção dos valores em função de homonímias entre, por exemplo, demonstrativo feminino (*esta*) e verbo (*está*), pela falta do uso do acento diferencial; mas certamente essas distorções não seriam em número suficiente para negar a raridade da PAD.

³² No original: “Estos pospuestos (...) pertenecen a la esfera del español hablado.”

- (9) “Era la concurrencia numerosa y compuesta de lo más granado que a la sazón encerraba Londres de pares célebres, así del partido ministerial como del de la oposición, de miembros de la Cámara de los Comunes de ambas opuestas parcialidades; de otros ingleses de distinción, de extranjeros de no menos nota, y de casi todos los diplomáticos entonces residentes o de paso en la Gran Bretaña, *razón esta* última porque estaba yo entre personajes de tanto brillo.” (D. Antonio Alcalá Galiano, *Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano*, 1847-49 [1886]³³; itálico meu)

Em comparação com a PAD, a PND é **ainda mais rara** no espanhol, uma vez que, no *corpus* analisado, foram encontradas somente 11 ocorrências no total. Em português, o número de ocorrências também é muito baixo, com apenas 150 casos. As ocorrências somente foram encontradas no *corpus* nos sécs. XIX e XX, e estão assim distribuídas segundo a Tabela 3, abaixo:

TABELA 3 - Ocorrências da posição não-articulada em português e em espanhol

	Português			Espanhol		
	Séc. XIX	Séc. XX	Total	Séc. XIX	Séc. XX	Total
Posposição não-articulada	29	121	150	3	8	11
Demonstrativos totais nos corpora ³⁴	24.733	47.016	71.749	166.309	141.967	308.276

Com relação à modalidade (oral ou escrita) no séc. XX, percebe-se que este tipo de posposição é, ao contrário do que foi visto com relação à PAD, de uso quase que exclusivamente na **modalidade escrita** em ambas as línguas (cf. BUENO (1968, p. 378) para o português), aparecendo na fala, com baixíssima frequência, somente em português, como mostra a Tabela 4:

TABELA 4 - Frequência da posição não-articulada por modalidade no séc. XX em português e em espanhol

	Língua escrita	Língua oral	Total
Português	95,9% (116)	4,1% (5)	100% (121)
Espanhol	100% (8)	-	100% (8)

³³ A primeira data é a de redação da obra e a segunda, entre colchetes, é a de primeira publicação.

³⁴ Para a contabilização dos demonstrativos totais em português, utilizou-se para a obtenção desses números a macro [pnd*], ou seja, qualquer determinante demonstrativo (cf. etiquetas de categoria gramatical no site www.corpusdoportugues.org).

4.1.3 Orações exclamativas

Apesar de as orações exclamativas serem consideradas por alguns autores como contendo demonstrativos em posição pós-nominal (cf. BECHARA, 2005, p. 192; BUENO, 1968, p. 308; CARNEIRO, 1957, p. 209; e MATEUS, 2006, p. 348), parece mais apropriada a proposta apresentada por Bosque & Demonte (1999, p. 954-955), os quais analisam os substantivos e os demonstrativos neste caso como fazendo parte de **sintagmas nominais diferentes**, uma vez que consideram que o demonstrativo funcionaria como determinante de um substantivo elidido, havendo uma ligação através do verbo copulativo *ser*, que se encontra implícito, além da omissão do substantivo redundante no sintagma que possui o demonstrativo.

Além disso, esse contato entre o substantivo e o demonstrativo nas exclamativas ocorre em um período temporal anterior ao surgimento da PND, o que é um ponto favorável à hipótese de que a elas seriam **possíveis propiciadoras do surgimento da PND** (conforme a Hipótese 1 deste estudo). As primeiras ocorrências de orações exclamativas com demonstrativos pós-nominais em português e espanhol nos *corpora* se deram, respectivamente, nos sécs. XIV e XVI, como se pode ver nos exemplos (10) e (11), abaixo:

(10) “E, ante desto, andando Mafomede hûu dya per sua orta em hûu virgeu muy fremoso que avya acerca do paaço, que disse hûu cavalleiro daquelles que andavam cõ elle: - Quanto bõõ virgeu e como he fremoso! E que muyto saboroso *mundo este*, se nunca homen ouvesse de morrer!” (Pedro Afonso, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, 1344; itálico meu)

(11) “¡Cómo dura poco el alegría en la tierra, y cómo se siente mucho el dolor después de mucha prosperidad! ¡Oh Betleén y Jerusalén, cuán diferentes días he llevado en vosotros! ¡Qué noche fue aquella tan clara, y qué *día este* tan oscuro! ¡Qué rica entonces, y qué pobre ahora!” (Fray Luis de Granada, *Libro de la Oración y Meditación*, 1546; itálico meu)

Neste último exemplo, da língua espanhola, percebe-se claramente que o verbo de ligação *ser*, que se encontra presente na oração *Qué noche fue aquella tan clara*, se encontra elíptico na oração coordenada que aparece em seguida (*y qué día este tan oscuro*) e, além disso, não há a repetição do substantivo no sintagma nominal seguinte com o demonstrativo. Sugere-se, portanto, que, se não tivessem ocorrido as elipses, a estrutura da segunda oração seria *y qué día (es) este (día) tan oscuro*. Sob essa perspectiva, pode-se então validar a hipótese de Bosque & Demonte (1999) de que as exclamativas não devem ser consideradas como uma construção com demonstrativos

pospostos, mas sim, como orações que possuem o contato entre um sujeito e seu predicativo, propiciado pela omissão do verbo de ligação que estaria entre os dois.

4.1.4 Orações com demonstrativo anafórico-correferencial

Os casos em que o verbo de ligação se encontra presente, mas deslocado de sua posição canônica (entre o sujeito e o predicativo), proporcionando também o contato entre substantivo e demonstrativo, nessa ordem, são denominados por Alexander (2007, p. 148) como *anafórico-correferenciais*, em que

o demonstrativo é um pronome que se refere anaforicamente ao referente imediatamente precedente. Essa função difere dos outros usos anafóricos na medida em que a distância envolvida na anáfora é mínima, o referente e o pronome aparecem adjacentes um ao outro em uma referência puramente textual.³⁵

Nos exemplos (12) e (13), podem ser vistas as ocorrências mais antigas encontradas nos *corpora* do português e do espanhol, que aparecem, respectivamente, nos sécs. XV e XVI, também **anteriores à da PND**:

(12) “Nos quaes este tal dirreito se mande dee pagar da dicta çeuada e dinheiro na dicta maneira nom pagaram as taaes pessoas mais la outro direito pollos beens que la teuerem omde assi nam sam *moradores estes* que Ja o tal direito pagaram ou pagarem onde pessoalmente viuerem (...)” (Portugal, *Foraes*, séc. XV; itálico meu)

(13) “Pues mira que, si por Cristo lo quieres pasar, será con más alivio, porque el Señor está con los atribulados, y después de pasado te lo pagará en cosa que ni el ojo vio ni la oreja oyó, ni la lengua puede decir lo que el Señor tiene aparejado para los suyos. Pues no es *cosa esta* para dejarse así perder, antes nos debemos de doler del tiempo perdido sin aprovecharnos dello (...)” (San Francisco de Borja, *Seis Tratados Muy Devotos y Útiles para Cualquier Fiel Cristiano*, 1540; itálico meu)

Entretanto, Alexander (2007) classifica os demonstrativos deste tipo de composição no mesmo grupo dos demonstrativos pospostos. Todavia, pode-se propor aqui uma transposição da análise realizada anteriormente sobre as orações exclamativas, já que, de igual maneira, nota-se que neste caso se trata de contato entre dois **SNs diferentes**, formando a sequência *substantivo* (na função de predicativo do sujeito) + *demonstrativo* (na função de sujeito posposto). Isso pode ser comprovado através dos diálogos reproduzidos a seguir, retirados de uma mesma obra presente no *Corpus del*

³⁵ No original: “The demonstrative is a pronoun that refers anaphorically to the referent immediately preceding it. This function is different from other Anaphoric uses in that the distance involved in the anaphora is minimal, the referent and the pronoun appearing adjacent to one another in a pure textual reference.”

Español, uma vez que em (14) tem-se a repetição do mesmo referente, o substantivo *ojos*, enquanto em (15) ele se encontra claramente elíptico:

- (14) “- ¿Convienes conmigo?
 - Sí - contestó con tembloroso acento Gil Pérez sin apartar los ojos de su objetivo.
 - ¡Son muchos *ojos aquellos ojos!*”
 (Álvaro Carrillo, *Los Caballeros del Amor (Memorias del Reinado de Carlos III)*, Capítulo XII, 1878-79; itálico meu)
- (15) “- Creo - repuso Aguilera - que los dos estáis bastante embabiecados.
 - ¿Pues y tú?
 - Debo confesar que aunque sólo desde ayer conozco a Concha, estoy un tanto impresionado; son muchos *ojos aquellos.*”
 (Álvaro Carrillo, *Los Caballeros del Amor (Memorias del Reinado de Carlos III)*, Capítulo CVII, 1878-79; itálico meu)

Contrastando as orações com demonstrativo anafórico-correferencial e as orações exclamativas, observa-se que as principais diferenças são que (i) geralmente o verbo de ligação *ser* parece sempre estar presente no primeiro caso, enquanto, no segundo, ele é omitido, havendo uso constante do pronome *que*; e (ii) há, na expressão escrita e oral de exclamação, respectivamente, a presença do sinal gráfico e a entonação correspondente.

4.1.5 Visão geral

A análise diacrônica dos tipos de ordenação linear nome–demonstrativo apresentados em conjunto é importante por fornecer uma visão geral da época de origem e da frequência que cada um apresenta através dos séculos. Na Tabela 5, é notável a **gradualidade temporal** em que cada um dos quatro tipos aparece no *Corpus del Español*:

TABELA 5 - Frequência dos tipos de ordenação linear nome-demonstrativo em espanhol

ESPAÑHOL	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Posposição articulada	100% (3)	100% (1)	100% (3)	43,7% (7)	25% (2)	27,3% (3)	70,2% (92)	90,3% (169)
Oração com demonstrativo anafórico-correferencial	-	-	-	43,7% (7)	50% (4)	45,4% (5)	9,2% (12)	1,1% (2)
Oração exclamativa	-	-	-	12,5% (2)	25% (2)	27,3% (3)	18,3% (24)	4,3% (8)
Posposição não-articulada	-	-	-	-	-	-	2,3% (3)	4,3% (8)
Total	100% (3)	100% (1)	100% (3)	100% (16)	100% (8)	100% (11)	100% (131)	100% (187)

Em resumo, a PAD já possui ocorrências desde o séc. XIII no espanhol e persiste como único caso em que o demonstrativo aparece após o substantivo até o séc. XV. Ela aparece também como mais frequente, com uma porcentagem muito superior aos outros tipos, nos dois séculos mais recentes, chegando a superar os 90% no séc. XX. No séc. XVI, surge a oração com demonstrativo anafórico-correferencial com uma frequência alta e estável mantida até o séc. XIX, quando é superada pela frequência das orações exclamativas, as quais têm a sua origem no mesmo século, mas que mantinham uma baixa frequência até então. Já a PND tem sua origem no séc. XIX, mas mantém uma frequência extremamente baixa em comparação à articulada nesse mesmo período.

Já a Tabela 6, abaixo, mostra as frequências referentes ao português:

TABELA 6 - Frequência dos tipos de ordenação linear nome-demonstrativo em português

PORTUGUÊS	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Posposição articulada	-	-	-	-	-	-	-
Oração com demonstrativo anafórico-correferencial	-	100% (1)	14,3% (1)	100% (2)	-	10,3% (10)	0,6% (1)
Oração exclamativa	100% (1)	-	85,7% (6)	-	100% (2)	59,8% (58)	21,8% (34)
Posposição não-articulada	-	-	-	-	-	29,9% (29)	77,6% (121)
Total	100% (1)	100% (1)	100% (7)	100% (2)	100% (2)	100% (97)	100% (156)

Vê-se que as ocorrências de orações exclamativas e orações com demonstrativo anafórico-correferencial em português aparecem, respectivamente nos sécs. XIV e XV, sendo que, como visto anteriormente, em espanhol ambas as estruturas são mais tardias, ocorrendo somente a partir do séc. XVI. As orações exclamativas foram, sempre que apareceram, mais frequentes em português, exceto no séc. XX, em que são superadas pela frequência da PND, a qual surge somente no século anterior, séc. XIX, coincidindo com o aparecimento da mesma construção em língua espanhola.

Sendo assim, esse panorama histórico dá sustentação à hipótese de Cambraia (2009 p. 24), que propõe que a PND em português e em espanhol teria surgido do contato entre substantivo e demonstrativo de diferentes SNs, situação que pode ter sido proporcionada não apenas pelas orações exclamativas, mas também pelas orações com demonstrativo anafórico-correferencial, sendo posteriormente vistos com fazendo parte de um mesmo SN, através de um processo de reanálise.

4.2 Análise morfológica

Analisar-se-á, a seguir, se fatores como forma (*este* = F1; *esse/ese* = F2; ou *aquele/aquel* = F3), gênero (masculino, feminino ou neutro) e número (singular ou plural) influenciam no comportamento das construções com demonstrativos pospostos articulados e não-articulados em português europeu (PE) e brasileiro (PB) e em espanhol europeu (EE) e latino-americano (EL).

4.2.1 Forma

Em latim, os demonstrativos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas eram, respectivamente, as formas *hic*, *iste* e *ille* (REZENDE, 2000 p. 89) e, na passagem dessas formas para o português e espanhol, houve algumas modificações que demonstram a grande instabilidade que existiu no processo de formação dos novos sistemas nas línguas românicas, são elas:

- a) o desaparecimento de *hic* e a mudança de escopo de *iste* (que era demonstrativo de 2ª pessoa) que ocupou seu lugar, resultando em *este* como F1 (forma de 1ª pessoa);
- b) o pronome de reforço *ipse* que ocupou o lugar de F2 deixado por *iste*, resultando em *esse/ese* para a 2ª pessoa;
- c) *ille* foi tomado para a utilização como pronome pessoal *ele/él*, deixando com o valor de demonstrativo a sua forma adjunta a uma partícula de reforço **accu*³⁶ que resultou no demonstrativo *aquele/aquel* (*accu+ille*) como F3 nos dias de hoje. Essa partícula também deu origem às formas reforçadas de 1ª e 2ª pessoas, *aqueste* e *aquesse/aquese* (MAMUS, 2009, p. 1988), caídas em desuso nos tempos modernos.

³⁶ Segundo Cambraia & Bianchet (2008, p. 26), “não há na literatura especializada consenso sobre qual terá sido a partícula que entrou na composição das formas reforçadas de demonstrativos românicos”, havendo também, em obras de outros autores, propostas de outras formas para essa partícula, como *atque*, *hic*, *hicce*, *ecce*, *eccum*, entre outras.

4.2.1.1 Posposição articulada

Através das Tabelas 7 e 8, abaixo, pode-se observar as frequências de uso de cada uma das formas dos demonstrativos na PAD, tanto no EE quanto no EL:

TABELA 7 - Frequência de posposição articulada por formas em espanhol europeu

	Espanhol europeu							
	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
F1	-	-	100% (3)	50% (2)	100% (1)	100% (1)	9% (7)	38,6% (22)
F2	-	-	-	-	-	-	5,1% (4)	58,9% (29)
F3	100% (3)	100% (1)	-	50% (2)	-	-	85,9% (67)	10,5% (6)
Total	100% (3)	100% (1)	100% (3)	100% (4)	100% (1)	100% (1)	100% (78)	100% (57)

TABELA 8 - Frequência de posposição articulada por formas em espanhol latino-americano

	Espanhol latino-americano				
	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
F1	-	100% (1)	100% (2)	14,2% (2)	25% (28)
F2	-	-	-	42,9% (6)	62,5% (70)
F3	100% (3)	-	-	42,9% (6)	12,5% (14)
Total	100% (3)	100% (1)	100% (2)	100% (14)	100% (112)

Em suas primeiras ocorrências, nos sécs. XIII e XIV (dados somente do EE), a PAD era exclusivamente utilizada com **F3**. O uso dessa forma de 3ª pessoa parece sugerir a expressão de um sentido de **distância** ou, metaforicamente, a implicação de **imprecisão** sobre as entidades referidas.

Após o que se pode chamar de um período de transição, sécs. XV e XVI, em que tanto F1 quanto F3 podem ser usadas, a totalidade de ocorrências nos dois séculos seguintes (com dados já para ambas as variedades), sécs. XVII e XVIII, dá-se somente com a F1. Já no séc. XIX, F1 sofre uma grande queda e F3 volta a ser muito utilizada, o que pode estar acontecendo por causa do surgimento da PND exatamente nesta época

(cf. Tabela 5), que tomou para si o uso majoritário de F1 (como se verá pela Tabela 11, mais abaixo), possivelmente por esta última construção estabelecer uma referência mais específica a uma entidade que esteja em um contexto próximo, função comum de F1.

Pode-se ver que ambas as variedades do espanhol apresentam certa similaridade nas frequências das formas através dos séculos, diferenciando-se significativamente apenas no séc. XVI, em que há F1 e F3 no europeu e apenas F3 no latino-americano, e no séc. XIX, em que há predomínio de F3 no europeu (85,9%), mas frequência equivalente entre F2 e F3 no latino-americano (42,9% para cada forma).

No séc. XX, a PAD utiliza mais frequentemente **F2**, delineando como a sua função principal a de desempenhar um papel **intrinsecamente anafórico**, função comumente associada a F2, o que representa uma tendência bem inovadora, levando em conta os séculos anteriores, em que F3 e F1 se alternavam no posto de frequência superior. Esse fato da predominância de F2, principalmente no séc. XX, como se vê na Tabela 9, abaixo, talvez também possa ser explicado pela inclusão de dados orais entre as ocorrências do séc. XX, uma vez que F2 é a forma mais frequente na modalidade oral, pelo menos no EL, como já atestou a pesquisa de Kany (1994) para o espanhol mexicano.

TABELA 9 - Frequência de posposição articulada por forma no séc. XX em espanhol

	Espanhol europeu		Espanhol latino-americano	
	Língua escrita	Língua oral	Língua escrita	Língua oral
F1	28,6% (2)	40% (20)	7,7% (2)	34,2% (26)
F2	28,6% (2)	54% (27)	57,7% (15)	72,3% (55)
F3	42,8% (3)	6% (3)	34,6% (9)	6,5% (5)
Total	100% (7)	100% (50)	100% (26)	100% (76)

4.2.1.2 Posposição não-articulada

Veja-se a Tabela 10, a seguir, que mostra a frequência de cada uma das formas de PND nos sécs. XIX e XX tanto no PE quanto no PB:

TABELA 10 - Frequência de formas da posposição não-articulada em português

	Português europeu		Português brasileiro	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
F1	100% (7)	17% (8)	90,9% (20)	66,6% (50)
F2	-	83% (39)	9,1% (2)	30,6% (23)
F3	-	-	-	1,3% (1)
Total	100% (7)	100% (47)	100% (22)	100% (75)

No séc. XIX há a predominância do uso de **F1** na PND no PB e há exclusivamente esta forma no PE. Sendo assim, esses dados parecem demonstrar que a PND tenha surgido para expressar a ideia da **proximidade** do antecedente no contexto linguístico, ou seja, para se transmitir a informação de que se trata de um antecedente que foi mencionado por último no discurso anterior, uso já comum em casos de *alusão discriminada*, na qual “servimo-nos do demonstrativo *aquela* para o referido em primeiro lugar, e do demonstrativo *este* para o que foi nomeado por último.” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 348).

Já no séc. XX, no PE, houve uma inversão da forma mais frequente de F1 para F2, que pode transparecer uma mudança do caráter semântico da estrutura posposta. Pode-se criar a hipótese de que a PND começaria a deixar de lado a representação de proximidade no fluxo do discurso, função comum de F1, para explicitar uma ênfase no caráter anafórico, isto é, para se enfatizar que se está referindo àquilo que já foi dito, já que F2 é a forma historicamente associada sobretudo à função de anáfora, por causa de sua origem latina em *ipse*. Enquanto isso, no português brasileiro, na passagem do séc. XIX ao XX, F1 continua sendo a forma mais frequente, aparentando uma manutenção no sentido de proximidade do referente no contexto discursivo. Apenas a análise da distância referencial poderá confirmar ou refutar essas ideias, o que será feito na seção 4.5, de análise discursivo-pragmática.

Com relação a F3, o seu uso quase inexistente na PND em português, com apenas uma ocorrência em todo *corpus*, acontece porque esta forma expressaria distância, opondo-se ao uso de *este*, como citado anteriormente. Analisando a única ocorrência em que F3 aparece, percebe-se que, nesse caso, a autora do texto parece buscar estabelecer um distanciamento metafórico à figura bastante extravagante do referente em questão ou mesmo, tratando-se de uma narrativa, explicitar um distanciamento temporal através do uso da forma *aquelas*, como se pode ver em (16):

(16) “Pois o visitante, sem paletó nem gravata, calça de veludo e camisa esporte de côr viva, sobraçava uma pasta, *extravagâncias aquelas* que paradoxalmente lhe davam certa distinção.” (Maria de Lourdes Teixeira, *Rua Augusta*, 1962; itálico meu)

Quanto à modalidade oral há, no séc. XX, apenas cinco ocorrências (cf. Tabela 4): 2 de F2 no PE, e 1 de F1 e 2 de F2 no PB.

Com relação aos dados do espanhol, vê-se que há mais alguns indícios que ajudam a corroborar a hipótese de que a PND teria surgido para desempenhar a função de proximidade do antecedente, e que podem ser observados nos dados coletados no *Corpus del Español*.

O primeiro deles é o uso exclusivo da forma **F1** em todas as ocorrências dessa estrutura no *corpus*, tanto no seu surgimento no séc. XIX, quanto posteriormente no séc. XX, nas duas variedades do espanhol, peninsular e latino-americana, como se vê na Tabela 11:

TABELA 11- Ocorrências de formas na posposição não-articulada em espanhol

	Espanhol europeu		Espanhol latino-americano	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
F1	100% (2)	100% (6)	100% (1)	100% (2)
F2	-	-	-	-
F3	-	-	-	-
Total	100% (2)	100% (6)	100% (1)	100% (2)

O uso exclusivo de F1 difere da tendência vista para o português de haver alteração da função da PND no séc. XX para a expressão de uma relação anafórica mais geral e pode ser explicado pelo fato de que essa segunda função parece ter sido atribuída pelos falantes do espanhol à utilização da outra estrutura pós-nominal dessa língua, a articulada. Ou seja, enquanto a PAD seria mais ampla, com a possibilidade de realizar referências endofóricas (anafóricas ou catafóricas) e até mesmo exofóricas, a PND teria a sua especificidade em apontar apenas para um antecedente em um contexto anterior imediatamente adjacente.

O outro indício é que, como se pode ver no exemplo (17), a sequência *substantivo+demonstrativo* pode aparecer seguida pelo adjetivo *último*, enfatizando a ideia de **proximidade**, ou seja, o antecedente é, dentre toda a sequência de elementos que foram ditos antes, necessariamente o último.

(17) “La mayor producción automotriz se da por orden de importancia en E.E.U.U., Alemania, Francia y Japón, *país este último* que está volcado al mercado de unidades de tecnología de punta e innegable gusto estético.” (Diário *El Cronista*, Buenos Aires, 1992)

Desta forma, fica claro que o antecedente de *país este último* aponta unicamente para o último dos quatro países ditos anteriormente, ou seja, *Japão*. Além disso, salienta-se aqui o fato de que **todos** os dados encontrados de PND do espanhol no séc. XIX, época do surgimento da estrutura na língua, aparecem seguidos pelo adjetivo *último*, ou seja, as ocorrências sem o acréscimo dessa palavra só aparecem em dados do século seguinte.

Encontraram-se também, no séc. XIX, ocorrências de orações exclamativas que igualmente possuem o uso desse adjetivo *último* após o demonstrativo, como se pode ver em (18), reforçando ainda mais ideia de que esse tipo de estrutura teria dado origem à PND.

(18) “Así la cosas, no hay más que dos caminos para salir del atolladero: o el de la guerra, que merece todo mis aplausos, aunque nos aplasten, que sí nos aplastarán, o el del chiquero... ¡Triste *camino este último* después de cuatro años de llamar gorrineros a los yanquis!” (Luis Bonafoux, *Bilis*, 1886; itálico meu)

Em suma, partir dos dados apresentados, viu-se que a forma do demonstrativo parece ser um fator de fundamental importância na compreensão dos usos específicos de cada uma das estruturas pospostas nas duas línguas analisadas, mas apenas uma análise mais específica dos contextos em que aparecem essas ocorrências pode confirmar as hipóteses que foram expostas anteriormente.

4.2.2 Gênero e número

O português e o espanhol mantiveram, no seu quadro de demonstrativos, além das formas masculinas e femininas, também as de gênero neutro latino (*isto/esto, isso/eso e aquilo/aquello*). Entretanto, essas formas não ocorrem nas estruturas com posposição de demonstrativos pelo simples fato de que elas apenas aparecem na posição de núcleo do sintagma nominal, enquanto os demonstrativos pospostos estão sempre em posição margem.

Procura-se saber, nesta seção, tanto se o fator gênero (masculino e feminino) e o fator número (singular ou plural) desempenham alguma influência no aparecimento e/ou uso das estruturas pospostas articuladas e não-articuladas em português (europeu e brasileiro) e espanhol (europeu e latino-americano) através dos séculos.

4.2.2.1 Posposição articulada

Na Tabela 12, a seguir, que apresenta as frequências de PAD através dos séculos com relação ao gênero, vê-se que o gênero masculino é o único utilizado nas primeiras ocorrências dessa estrutura, no séc. XIII, e depois se reveza com o feminino como o mais frequente até o séc. XX no EE. No EL, o **masculino** é sempre mais frequente, exceto no séc. XVIII.

TABELA 12- Frequência por gênero na posposição articulada em espanhol

	Espanhol europeu			Espanhol latino-americano		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Séc. XIII	100% (3)	-	100% (3)			
Séc. XIV	-	100% (1)	100% (1)			
Séc. XV	66,7% (2)	33,3% (1)	100% (3)			
Séc. XVI	50% (2)	50% (2)	100% (4)	66,7% (2)	33,3% (1)	100% (3)
Séc. XVII	-	100% (1)	100% (1)	100% (1)	-	100% (1)
Séc. XVIII	-	100% (1)	100% (1)	-	100% (2)	100% (2)
Séc. XIX	55,1% (43)	44,9% (35)	100% (78)	57,1% (8)	42,9% (6)	100% (14)
Séc. XX	43,9% (25)	56,1% (32)	100% (57)	61,6% (69)	38,4% (43)	100% (112)

A Tabela 13, abaixo, que apresenta as frequências do fator número através dos séculos, mostra que, com exceção dos séculos XIV e XV no EE, em que há exclusivamente a ocorrência de demonstrativos plurais, em todos os outros casos o **singular** é sempre o único ou o mais utilizado com a PAD, com uma frequência sempre bastante superior à de plurais.

TABELA 13 - Frequência por número na posposição articulada em espanhol

	Espanhol europeu			Espanhol latino-americano		
	Singular	Plural	Total	Singular	Plural	Total
Séc. XIII	100% (3)	-	100% (3)			
Séc. XIV	-	100% (1)	100% (1)			
Séc. XV	-	100% (3)	100% (3)			
Séc. XVI	100% (4)	-	100% (4)	66,7% (2)	33,3% (1)	100% (3)
Séc. XVII	100% (2)	-	100% (2)	100% (1)	-	100% (1)
Séc. XVIII	100% (1)	-	100% (1)	100% (2)	-	100% (2)
Séc. XIX	93,6% (73)	6,4% (5)	100% (78)	85,7% (12)	14,3% (2)	100% (14)
Séc. XX	89,5% (51)	10,5% (6)	100% (57)	94,6% (106)	5,4% (6)	100% (112)

A partir dos dados de ambas as tabelas anteriores, talvez não se possa dizer que o fenômeno seja sensível aos fatores gênero e número, embora o predomínio no masculino e no singular possa ser sinal de que a construção surgiu em contextos não-marcados.

4.2.2.2 Posposição não-articulada

Veja-se a Tabela 14, a seguir, a qual apresenta as frequências de gênero e número em português. Há uma leve predominância do gênero feminino no séc. XIX, e a do masculino no séc. XX, tanto no português europeu quanto no brasileiro. Já com relação ao número, o **singular** possui sempre uma frequência bastante superior à do plural, exceto em português europeu do séc. XX, em que o plural assume o papel de mais frequente, porém com uma diferença não tão grande para o singular.

TABELA 14 - Frequência por gênero e por número na posição não-articulada em português

		Gênero			Número		
		Masculino	Feminino	Total	Singular	Plural	Total
Português europeu	Séc. XIX	42,9% (3)	57,1% (4)	100% (7)	71,4% (5)	28,6% (2)	100% (7)
	Séc. XX	57,4% (27)	42,6% (20)	100% (47)	46,8% (22)	53,2% (25)	100% (47)
Português brasileiro	Séc. XIX	36,4% (8)	63,6% (14)	100% (22)	95,5% (21)	4,5% (1)	100% (22)
	Séc. XX	60,8% (45)	39,2% (29)	100% (74)	75,7% (56)	24,3% (18)	100% (74)

Já a partir dos dados vistos através da Tabela 15, abaixo, vê-se que a PND no espanhol aparece em todas as ocorrências do séc. XIX com o gênero feminino, havendo afinidade com uso majoritário desse gênero em português nessa época. Contudo, ao contrário do português, em que o masculino se sobrepõe, o feminino continua sendo, no séc. XX, o gênero mais frequente no EE e de igual frequência no EL. Quanto ao fator número, o espanhol é categórico, todas as ocorrências de PND do *corpus* são demonstrativos no **singular**.

TABELA 15 - Frequência por gênero e por número na posição não-articulada em espanhol

		Gênero			Número		
		Masculino	Feminino	Total	Singular	Plural	Total
Espanhol europeu	Séc. XIX	-	100% (2)	100% (2)	100% (2)	-	100% (2)
	Séc. XX	33,3% (2)	66,7% (4)	100% (6)	100% (6)	-	100% (6)
Espanhol latino-americano	Séc. XIX	-	100% (1)	100% (1)	100% (1)	-	100% (1)
	Séc. XX	50% (1)	50% (1)	100% (2)	100% (2)	-	100% (2)

Os dados das Tabelas 14 e 15 também sugerem que a posição não-articulada não seria tão nitidamente regulada pelo fator gênero (apesar de um leve predomínio de feminino na fase mais antiga), mas o número parece atuar, havendo predomínio da construção em questão com demonstrativo no singular (número único no espanhol).

4.3 Análise sintática

Expõem-se, a seguir, os tipos de estrutura do SN e as funções sintáticas desempenhadas pelas construções com demonstrativos pospostos, que podem contribuir para a identificação e a especificação dos usos de cada uma delas em português e espanhol.

4.3.1 Estrutura do sintagma nominal

4.3.1.1 Posposição articulada

A respeito dos componentes do sintagma nominal, a PAD do espanhol tanto pode aparecer sozinha, como em (19), quanto antecedida por uma preposição e/ou sucedida por outros elementos, como nos tipos arrolados e exemplificados mais abaixo:

a) PAD:

(19) “*El señor este* no se murió, sino que se puso bien y bueno, a partir de aquel momento, fue un auténtica catástrofe.” (Habla Culta: *Madrid*, séc. XX; itálico meu)

b) PAD + oração relativa:

(20) “Fuertemente preocupaba a todas estas gentes correctas, en la ya próxima boda, *la mujer aquella que había surgido por un melodramático azar inverosímil.*” (Felipe Trigo, *El cínico*, 1890; itálico e sublinhado meus)

c) PAD + sintagma adjetival:

(21) Porque no bastará ya nunca que *la gente esta tonta* pueda comer, ni pueda ser vestida, ni pueda ser piadosamente educada en luminosas naves de nueva planta construidas (...) (Luis Martín-Santos, *Tiempo de silencio*, 1961; itálico e sublinhado meus)

d) PAD + sintagma preposicional:

(22) Enc. - Bueno, ya que hemos tocado *el punto este de las comidas* ¿ puede indicarme más o menos como son las comidas cubanas, en qué difieren a la comida americana que...? (Habla Culta: *Havana*, séc. XX; itálico e sublinhado meus)

e) PAD + oração subordinada adverbial (final/causal) ou substantiva (apositiva):

(23) Enc. - ¿ A Caranavi?

Inf.b. - No. Son otras propiedades. Han abierto *el camino ese para ir a las otras propiedades*, entonces nos han beneficiado a nosotros pasando por la propiedad, la verdad, porque nosotros en sí no hemos hecho nada, ¿no? (Habla Culta: *La Paz*, séc. XX; itálico e sublinhado meus)

Além dos casos anteriores, em que se observa que há uma estrutura fixa composta por *artigo definido+substantivo+demonstrativo*, há também, como se vê em (24), a possibilidade de se inserir um sintagma adjetival entre o artigo e o substantivo:

f) Artigo definido + sintagma adjetival + substantivo + demonstrativo

(24)“(...) no debería ser una funda entera, sino que con articulación en la rodilla, o sea que todo el tratamiento de este caballero era hasta la mitad, no más, lo... lo bueno, porque debería doblar un poco la rodilla para evitar el anquilosamiento. Pero debe haber tenido razón, pero no se mandó a hacer *el nuevo aparato ese.*” (Habla Culta: *Santiago*, séc. XX; itálico e sublinhado meus)

As frequências de cada uma dessas composições do SN através dos séculos no EE e no EL podem ser vistas na Tabela 16 e 17, abaixo:

TABELA 16 - Frequência de posposição articulada por tipo de SN em espanhol europeu

	Espanhol europeu							
	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
PAD	-	100% (1)	100% (3)	50% (2)	-	100% (1)	53,8% (42)	50% (28)
PAD + or. relat.	100% (3)	-	-	50% (2)	100% (1)	-	16,7% (13)	12,5% (7)
PAD + SAdj.	-	-	-	-	-	-	5,1% (4)	5,4% (3)
PAD + SPrep.	-	-	-	-	-	-	20,5% (16)	30,4% (17)
PAD + or. subord.	-	-	-	-	-	-	1,3% (1)	1,8% (1)
Art. def. + SAdj + subst. + dem.	-	-	-	-	-	-	2,6% (2)	-
Total	100% (3)	100% (1)	100% (3)	100% (4)	100% (1)	100% (1)	100% (78)	100% (56)

TABELA 17 - Frequência de posposição articulada por tipo de SN em espanhol latino-americano

	Espanhol latino-americano				
	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
PAD	100% (3)	-	100% (2)	57,1% (8)	46,4% (52)
PAD + or. relat.	-	100% (1)	-	35,7% (5)	14,3% (16)
PAD + SAdj.	-	-	-	-	1,8% (2)
PAD + SPrep.	-	-	-	7,1% (1)	35,7% (40)
PAD + or. subord.	-	-	-	-	0,9% (1)
Art. def. + SAdj + subst. + dem.	-	-	-	-	0,9% (1)
Total	100% (3)	100% (1)	100% (2)	100% (14)	100% (112)

A PAD era usada exclusivamente no séc. XIII, antecedendo **orações relativas**. Tal característica tem ligação com o conceito de **indexicalidade** (LAVRIC, 1995), pois o aumento de informação apresentada no discurso através do uso da relativa, deve-se à necessidade de aumentar a segurança sobre a compreensão do referente aludido por parte do interlocutor.

Apenas no séc. XIV começa a sua utilização sem quaisquer elementos subsequentes. Percebe-se uma grande consonância entre os dados do EE e do EL no aparecimento das novas estruturas de SN com a PAD, sendo que estas duas estruturas do SN anteriormente citadas mantêm-se como as únicas formas possíveis e alternam-se na posição de mais frequente até o séc. XIX, quando surgem os outros tipos com a ordenação linear em questão. Nesse momento, a PAD sem acompanhamento posterior no SN se torna a mais frequente, e a PAD seguida por sintagmas preposicionais ocupa o segundo lugar, deixando a PAD com orações relativas em terceiro e tal configuração se mantém no séc. XX.

Os outros três tipos de ordenamento do SN (PAD seguida por sintagma adjetival ou oração subordinada e PAD com o sintagma adjetival intercalado entre o artigo e o substantivo) também surgem no séc. XIX, exclusivamente no EE, mas no séc. XX também ocorrem no EL.

4.3.1.2 Posposição não-articulada

Em português, foram observados quatro tipos diferentes de estrutura sintática associados à PND, como se vê nos exemplos a seguir:

a) PND + oração relativa:

(25) “Não me desgostava ouvir-lhe as queixas; sinal era de que amava fisicamente o marido, *virtude esta que se vai fazendo rara em nossos dias.*” (Alúcio de Azevedo, *O Livro de uma Sogra*, 1895; itálico e sublinhado meus)

b) PND + sintagma adjetival:

(26) “Do Recife a televisão apresentou pequena entrevista com o coronel Aginaldo Vilar Barros, afirmando que Vinte e Cinco não era seu empregado, fazia tempos, *coisa essa comprovada por outros elementos do Grupo da Várzea, presentes ao escritório do coronel, no momento em que ele falava aos jornalistas.*” (José Louzeiro, *Devotos do Ódio: Uma Profecia Camponesa*, 1987; itálico e sublinhado meus)

c) PND + sintagma preposicional:

(27)“(...) nessas baixas farruscas dos Grous e pelas Marzalonas fundeiras e barranquenhãs, até às alturas do Queiral, duas compridas léguas sob abóbadas soturnas de montado com gente escondida nas moitas e vultos de árvores que o pareciam, tudo isso metia respeito noutros tempos e ninguém passava de noite fora de horas, sem o padre--nosso na bôca e alma encomendada a Deus. *Tempos esses de reboiço e desassossego*, (Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, 1919; itálico e sublinhado meus)

d) PND + oração subordinada (adverbial causal/final):

(28)“Até que ponto isto é exato não sei; apenas me lembro que já os nossos antigos diziam que não podia haver graça sem sal; *razão esta porque naturalmente se inventaram os emolumentos, que algumas vezes são bem salgados*.” (José de Alencar, *Ao Correr da Pena*, 1874; itálico e sublinhado meus)

A Tabela 18, a seguir, mostra a frequência em que essas estruturas aparecem distribuídas nas ocorrências da PND no *Corpus do Português*:

TABELA 18 - Frequência de posição não-articulada por tipo de SN em português

	Português europeu		Português brasileiro	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
PND + or. relat.	100% (7)	63,8% (30)	81,8% (18)	75,7% (56)
PND + SAdj.	-	29,8% (14)	-	18,9% (14)
PND + SPrep.	-	4,3% (2)	9,1% (2)	4% (3)
PND + or. subord.	-	2,1% (1)	9,1% (2)	1,4% (1)
Total	100% (7)	100% (47)	100% (22)	100% (74)

A PND, ao contrário da PAD, nunca pode aparecer sozinha, pois está sempre acompanhada de um modificador. No PE do séc. XIX, somente orações relativas aparecem com PND, entretanto no PB já era possível com sintagmas preposicionais e orações subordinadas adverbiais, contudo, também nesse caso, a frequência de orações relativas é bastante superior em ambos os séculos. Diferentemente da função de indexicalidade proposta para a PAD, aventa-se a hipótese de que o uso majoritário de orações relativas em conjunto com a PND, a partir do séc. XIX, seria para apresentar uma informação complementar, mas com mais importância do que as que se apresentam simplesmente através de relativa comum, em outras palavras, trata-se de uma **informação secundária**, mas em que se procura estabelecer também um **matiz mais enfático**.

Já no caso do espanhol, a PND pode ser seguida por orações relativas, com ou sem a intercalação de um sintagma adjetival, o qual, além de não ocorrer sozinho, como acontece em português, ele é, em todos os casos, a palavra *último/a*, servindo apenas para enfatizar o fato de que o antecedente a que se alude é o último elemento dentre os outros citados anteriormente, como se vê no contraste entre (29) e (30). No EE, a PND também pode ser seguida por orações subordinadas adverbiais causais, também com a presença do sintagma adjetival intercalado, como em (31):

a) PND + oração relativa:

(29) “Nacido en Salzburgo en 1756, su primera salida fue a Munich y Viena, ciudad esta en la cual la gran emperatriz Teresa lo tuvo en brazos en el palacio de Schönbrunn, y en donde jugó con Maria Antonieta, la que luego sería desgraciada reina de Francia.” (Espanha: ABC, séc. XX; itálico e sublinhado meus)

b) PND + sintagma adjetival + oração relativa:

(30) “La exposición de Chillida en San Sebastián es una iniciativa que sigue a la retrospectiva que visitó el año pasado Berlín, Londres y Venecia, ciudad esta última donde recibió el homenaje de la Bienal como uno de los artistas de mayor dimensión internacional y uno de los escultores más importantes del siglo.” (Espanha: ABC, séc. XX; itálico e sublinhado meus)

c) PND + oração subordinada (adverbial causal):

(31) “Era la concurrencia numerosa y compuesta de lo más granado que a la sazón encerraba Londres de pares célebres, así del partido ministerial como del de la oposición, de miembros de la Cámara de los Comunes de ambas opuestas parcialidades; de otros ingleses de distinción, de extranjeros de no menos nota, y de casi todos los diplomáticos entonces residentes o de paso en la Gran Bretaña, razón esta última porque estaba yo entre personajes de tanto brillo.” (D. Antonio Alcalá Galiano, *Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano*, 1847-49 [1886]; itálico e sublinhado meus)

Como mostra a Tabela 19, a seguir, a PND do espanhol parece também explicitar uma **informação secundária enfática**, pelo uso de orações relativas; contudo, ao contrário do que se viu para o português, na língua espanhola houve um aumento do número de diferentes tipos de SN em que a PND ocorre, de 2 tipos no séc. XIX no EE (seguida de sintagma adjetivo e orações relativas ou subordinadas) para apenas 2 tipos no séc. XX (seguida de sintagma adjetivo e orações relativas pu com com esta última), e manutenção do único tipo possível no EL (seguida de orações relativas).

TABELA 19 - Frequência de posposição não-articulada por tipo de SN em espanhol

	Espanhol europeu		Espanhol latino-americano	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
PND. + SAdj. + or. relat.	50% (1)	66,7% (4)	100% (1)	100% (2)
PND + or. relat.	-	33,3% (2)	-	-
PND + SAdj. + or. subord.	50% (1)	-	-	-
Total	100% (2)	100% (6)	100% (1)	100% (2)

4.3.2 Função sintática

4.3.2.1 Posposição articulada

Ainda no âmbito da sintaxe, observa-se que os sintagmas nominais em que a PAD aparece podem desempenhar um **conjunto bem amplo de funções sintáticas** na oração no final do percurso temporal. Os oito tipos possíveis são listados e exemplificados a seguir com dados de diferentes épocas:

a) Sujeito:

(32) “*El sitio aquel* no era estrecho, pero apenas tenía el espacio suficiente para que estuviese en él con desahogo el número considerable de los convidados.” (D. Antonio Alcalá Galiano, *Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano*, 1847-49 [1886]; itálico meu)

b) Objeto direto:

(33) “- *Apagá la luz esa*, por favor, no quiero verte - pero tengo miedo a que me mal interprete y se enoje conmigo.” (Augusto Casola, *La Catedral Sumergida*, 1984; itálico meu)

c) Objeto indireto:

(34) “El oficial, sentado en su Comisaría y con su deber de saberlo todo, no cesaba de pensar en *el hombre aquel*.” (Mario Halley Mora, *Los Habitantes del Abismo*, 1989; itálico meu)

d) Adjunto adverbial (tempo, local, modo, finalidade):

(35) “En *la tarde aquella*, más que nunca, comprendió la razón sidérea e inmortal por la cual Esteban odiaba los vestidos.” (Felipe Trigo, *En la Carrera*, 1909; itálico meu)

e) Adjunto adnominal:

(36) “Dejó ver que la parte del cuerpo cubierta bajo el agua terminaba en pez, habiéndosele visto la cola, con cuya sacudida enturbió el agua *del sitio aquel* estando el mar tranquilo.” (Pietro Martire D’Anghiera, *Relato de las Riquezas del Nuevo Mundo*, 1500; itálico meu)

f) Complemento nominal:

(37) “Destacó que le parecía muy bien la actitud del diario, pero también excelente la que tomó el presidente de la Nación de iniciar las investigaciones *del caso este* no es un acto de soberbia ni mucho menos agregó.” (*Diario de la Prensa*, Buenos Aires, 1992; itálico meu)

g) Predicativo do sujeito:

(38) “Crisóstomo era *el hombre aquel* que en Calcumuleu hubo de pasar a caballo por entre los franciscanos.” (Lucio Victorio Mansilla, *Una Excursión a los Indios Ranqueles*, 1872; itálico meu)

h) Aposto:

(39) “- ¿Ud. vio Algo Para Recordar, *la película esa?*” (Havana: Habla Culta, séc.XX)

As Tabelas 20 e 21 mostram a frequência de cada uma dessas funções sintáticas nos dados coletado no *corpus* através dos séculos, respectivamente, no EE e no EL:

TABELA 20 - Frequência da posição articulada por função sintática em espanhol europeu

	Espanhol europeu							
	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Sujeito	-	100% (1)	33,3% (1)	50% (2)	100% (1)	-	35,9% (28)	38,6% (22)
Objeto direto	33,3% (1)	-	66,7% (2)	25% (1)	-	-	15,4% (12)	22,8% (13)
Objeto indireto	-	-	-	25% (1)	-	-	5,1% (4)	5,3% (3)
Complemento nominal	-	-	-	-	-	-	3,8% (3)	5,3% (3)
Adjunto adnominal	-	-	-	-	-	-	1,3% (1)	3,5% (2)
Predicativo do sujeito	-	-	-	-	-	-	1,3% (1)	5,3% (3)
Aposto	-	-	-	-	-	-	1,3% (1)	5,3% (3)
Adjunto adverbial	66,7% (2)	-	-	-	-	100% (1)	35,9% (28)	14% (8)
Total	100% (3)	100% (1)	100% (3)	100% (4)	100% (1)	100% (1)	100% (78)	100% (57)

TABELA 21 - Frequência da posição articulada por função sintática em espanhol americano

	Espanhol latino-americano				
	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Sujeito	-	-	-	50% (7)	36,6% (41)
Objeto direto	33,3% (1)	-	-	7,1% (1)	21,4% (24)
Objeto indireto	-	-	-	7,1% (1)	8,9% (10)
Complemento nominal	-	-	50% (1)	7,1% (1)	4,5% (5)
Adjunto adnominal	33,3% (1)	-	50% (1)	-	1,8% (2)
Predicativo do sujeito	-	100% (1)	-	7,1% (1)	5,4% (6)
Aposto	-	-	-	-	8,9% (10)
Adjunto adverbial	33,3% (1)	-	-	21,4% (3)	12,5% (14)
Total	100% (3)	100% (1)	100% (2)	100% (14)	100% (112)

Através de uma perspectiva diacrônica, percebe-se que, nos séculos iniciais do *corpus*, em que só se têm dados do EE, do séc. XIII ao XV, há apenas a ocorrência de PAD como sujeito, objeto direto e adjunto adverbial. A partir do séc. XVI, o EE inclui ainda a função de objeto indireto a essas três anteriores, mantendo apenas essas quatro funções para a PAD até o séc. XIX. Já no EL, vê-se que os usos com as funções de adjunto adnominal, predicativo do sujeito e complemento nominal surgem, nos séc. XVI a XVIII, enquanto a função de aposto surge apenas no séc. XIX.

Com relação às frequências gerais das funções sintáticas da PAD, há uma certa uniformidade entre as variedades do espanhol, pois se vê que em ambas o uso mais frequente da PAD se dá como sujeito, seguido pelas funções de objeto direto e adjunto adverbial, as quais são as três principais utilizações dessa construção, por possuírem frequências bem superiores à dos outros casos. Como diferenças, pode-se citar o uso um pouco maior no EE dessa construção como adjunto adverbial e um emprego mais amplo dela como aposto no EL.

Dessa forma, é perceptível uma **expansão diacrônica** dos usos para maior número de funções sintáticas. Esse aumento dos contextos possíveis parece indicar que essa construção estaria se tornando cada vez **mais gramaticalizada**.

4.3.2.2 Posposição não-articulada

Conforme afirma Mateus (2006, p. 348), os demonstrativos em posição pós-nominal não-articulados sempre fazem parte de orações relativas apositivas, isto é, “exprimem um comentário do locutor acerca de uma entidade denotada pela expressão nominal antecedente da relativa (...) e não contribuem para a construção do valor referencial do SN que as antecedem” (MATEUS, 2006, p. 367).

Isso se confirma em todos os dados coletados nos *corpora* do português e do espanhol que, ao contrário do diversificado panorama de funções sintáticas exercidas pela PAD, a PND estaria sempre determinando um substantivo que aparece com a função de **aposto** (cf. BUENO (1968, p. 378) e NEVES (2000, p. 504)). Deste modo, as orações em que se encontram essa construção possuem “um carácter parentético, que é dado na oralidade por pausas e na escrita por vírgulas ou traços” (MATEUS, 2006, p. 671), o que também se pôde confirmar nos dados do *corpus*, já que em todos os casos se encontra uma vírgula, traço ou ponto antecedendo as ocorrências desse fenômeno.

Em síntese, a função sintática desempenhada pela PND é sempre a mesma, a de aposto, isto é, a informação tem sempre um **carácter complementar**, embora já se tenha acrescentado anteriormente, que esta também expressaria **nuance enfática**, pela utilização da estrutura marcada.

4.4 Análise semântica

4.4.1. Delimitação das categorias de análise semântica

Os parâmetros para se realizar uma análise semântica dos demonstrativos de um modo geral ainda não estão muito bem definidos na literatura especializada, sendo que em vários dos estudos consultados para a realização deste trabalho utilizam-se categorias e nomenclaturas que são bastante díspares entre si (cf., p. ex., CARBONERO CANO, 1979; CID, COSTA & OLIVEIRA, 1986; PAVANI, 1987; MACÍAS VILLALOBOS, 1997; HIMMELMANN, 1996, 1997; DISSEL, 1999; PEREIRA, 2005; GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006; ALEXANDER, 2007; MARINE, 2009; BENÍTEZ ROSETE, 2011).

Por essa falta de padronização na metodologia de categorização semântica, não é possível estar seguro de que alguma das análises citadas seja a ideal para se realizar a análise dos demonstrativos pospostos de forma satisfatória. Em função disso, decidiu-se criar uma classificação própria para o presente trabalho, baseada nas propostas dos estudos citados.

Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que, como chama a atenção Himmelmann (1997, p. 242), muitas vezes pode haver uma sobreposição e também pontos de transição entre os valores semânticos dos demonstrativos; sendo assim, uma sistematização desses parâmetros de classificação deve abranger também essas possibilidades, para que se possam ter resultados mais fiéis à realidade de uso linguístico desses elementos. Portanto, é necessário que se abra o leque de categorização semântica de modo que todos os valores concomitantes que uma dada ocorrência possa apresentar sejam definidos. Pretende-se realizar, nesta pesquisa, uma seleção de categorias as quais se considera como primárias e outras como mais secundárias, para integrar as possibilidades de sobreposição dos valores semânticos na análise das ocorrências de demonstrativos pospostos em português e espanhol.

A análise aqui apresentada tomou como base principalmente a exposição e integração das ideias de Himmelmann (1996, 1997), que sugerem as categorias de uso semântico para os demonstrativos em geral, e das de Alexander (2007), o qual propõe uma classificação semântica mais específica aos demonstrativos pospostos. Além disso, incluiu-se uma análise das ocorrências que possuem um caráter referencial endofórico a partir das categorias de González Álvarez (2006) e também da avaliação sobre o fator da *indexicalidade* proposta por Lavric (1995) para os demonstrativos pospostos articulados.

Por se tratar aqui exclusivamente de uma análise sobre os demonstrativos pospostos, decidiu-se tomar como ponto de partida a classificação utilizada por Alexander (2007), o qual propõe doze *categorias informacionais* para analisar estas construções, são elas:

- a) Anafórica (*anaphoric*) – em que a referência se trata de entidades já textualmente citadas no discurso;
- b) Catafórica (*cataphoric*) – em oposição à referência anafórica, remete a entidades do discurso que serão apresentadas posteriormente;

- c) Conhecimento compartilhado (*mutual knowledge*) – por estarem inseridos em uma mesma comunidade cultural e linguística, durante a comunicação os falantes fazem referências a estes conhecimentos comuns;
- d) Tópico-discursiva (*discourse topic*) – ocorre quando um referente sobre o qual se fala se torna mais central em um determinado momento no discurso;
- e) Situacionalmente acessível (*situationally accessible*) – são referências discursivas a entidades perceptíveis no contexto situacional de produção;
- f) Exclamativa (*exclamation*) – atribui um matiz exclamativo ao sintagma nominal em questão;
- g) Recuperação e reparo (*retrieval and repair*) – durante as pausas que há no discurso, o falante pode ter problemas em acessar certos referentes (por falha de memória) e os traz novamente à tona;
- h) Afetiva (*affective*) – o referente fica com um valor emocional, demonstrando a opinião do falante sobre aquela entidade, acrescentando, por exemplo, um valor pejorativo a ele;
- i) Evocação de eventos passados (*evoking past events*) – refere-se a um elemento fora do espaço conversacional, retomando eventos que estão no passado;
- j) Meta-discurso (*meta-discourse*) – é um recurso que os escritores utilizam para organizar explicitamente seus textos, atrair a atenção de seus leitores e indicar sua atitude com relação ao seu material e a seu público;
- k) Anafórico correferencial (*anaphoric-co-referential*) – o demonstrativo é um pronome que se refere anaforicamente ao referente que o precede imediatamente, diferindo-se da categoria “anafórica” porque a distância, neste caso, é mínima, pelo demonstrativo estar adjacente ao referente;
- l) Dêixis *ad oculos* (*deixis ad oculos*) – quando se é remetido no discurso a referentes visíveis e apontáveis pelo falante e pelo interlocutor;

Faz-se necessária, primeiramente, a resolução de algumas falhas nessa classificação, uma vez que ela, além de possuir categorias que não representam bem os demonstrativos pospostos (como se verá a seguir), ela não possibilita a sobreposição entre essas categorias, um fator de extrema importância para este tipo de análise, já que, como já dito anteriormente, as estruturas com demonstrativos podem demonstrar mais de um valor ao mesmo tempo.

Desta forma, buscou-se saber quais seriam as categorias mais primárias, ou seja, que não podem se sobrepor entre si e separou-se estas das mais secundárias, isto é, as que seriam de certo modo complementares às primeiras e que podem aparecer concomitantemente a elas.

Uma classificação que parece dar conta das categorias que podem ser consideradas como primárias é a realizada por Himmelmann (1996), o qual analisa semanticamente os usos dêiticos dos demonstrativos em geral, diferenciando-os em quatro tipos principais:

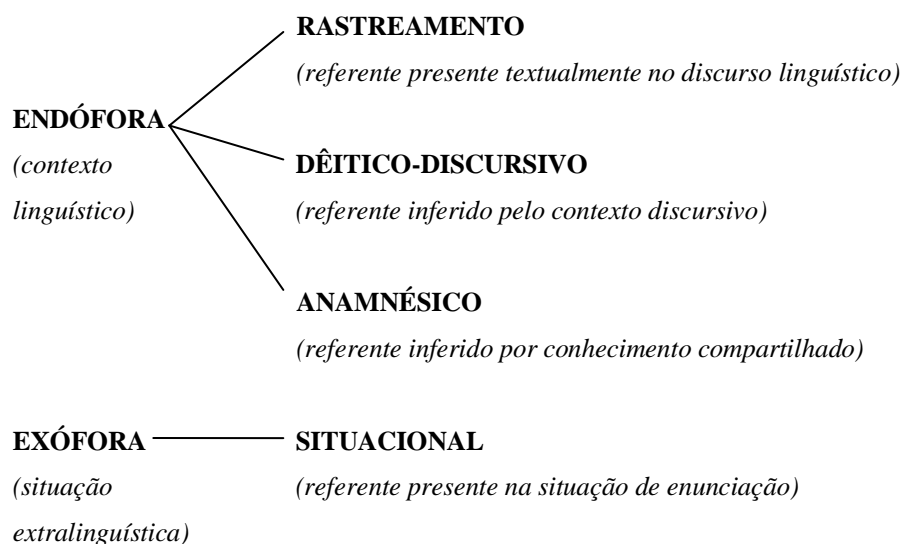
- a) *Rastreamento (tracking)*³⁷ – Aponta para um referente no que se encontra no próprio discurso, anafórica ou cataforicamente, isto é, anterior ou posteriormente, com o objetivo de se realizar contraste, de apontar para um referente similar, de mudar o foco de atenção, de resolver ambiguidades ou de realizar anáfora imediata após a primeira menção;
- b) *Dêitico-discursivo (discourse deictic)* – Essa função se remete a um evento, uma sequência de eventos ou uma proposição de um segmento discursivo adjacente, de forma resumida. Serve à realização de referência a um ponto no tempo em eventos, argumentos ou atos expostos no discurso;
- c) *Situacional*³⁸ (*situational*) – Envolve certo ponto de vista sobre um centro dêitico no contexto de produção do discurso, estabelecendo um referente no universo discursivo. É utilizado para se referir a um ente presente no local da narrativa, para indicar distância ou altura, na dêixis textual e para fazer auto-referência, no discurso direto (temporário e claramente indicado como uma narrativa), na dêixis em fantasma (*am Phantasma*) – fingir que algo está (acontecendo) na frente do narrador e dos interlocutores –, para realizar a primeira menção (*new-this*) de um referente;

³⁷ Também chamada de *anáfora* (BÜHLER, 1934), *dêixis reflexiva ou fórica* (MACÍAS VILLALOBOS, 1997), *mostração de ausência* (LAMIQUIZ, 1967; MACÍAS VILLALOBOS, 1997), *dêixis contextual ou fórica* (CARBONERO CANO, 1979) e *função dêitico-anafórica* (CID, COSTA & OLIVEIRA, 1986).

³⁸ Também chamada de *demonstratio ad oculos e am phantasma* (BÜHLER, 1934), *mostração de presença e em fantasia* (LAMIQUIZ, 1967; MACÍAS VILLALOBOS, 1997), *dêixis mostrativa e evocadora* (CARBONERO CANO, 1979) e *função dêitica* (CID, COSTA & OLIVEIRA, 1986).

- d) *Reconhecimento (recognitional) ou anamnésico*³⁹ – Estabelece referência a entidades ou eventos de conhecimento partilhado e que não estão presentes nem no contexto de produção e nem no universo discursivo. Envolve entidades ou eventos periféricos (pouco tópicos). Usado na retomada de conhecimentos partilhados e como última menção, ou seja, fazer com que o interlocutor se lembre de um evento anterior, mas não tomá-lo propriamente como um referente.

Levando-se também em consideração a divisão realizada por Halliday & Hassan (1976) para os fenômenos dêiticos em *endófora* e *exófora*, relativos respectivamente às referências internas ao contexto linguístico textual e às referências ao contexto situacional do discurso, tem-se, portanto, o seguinte esquema de distribuição dos usos pragmáticos com relação à classificação anterior de Himmelmann (1996).



Outros dois autores, Dissel (1999) e Benítez Rosete (2011) recuperam em seus trabalhos de análise dos demonstrativos essa mesma divisão estabelecida por Himmelmann (1996), dando assim, ainda mais credibilidade a este modelo de categorização. Diessel (1999, p. 6), inclusive, propõe que a categoria exofórica (situacional) seria o uso mais básico na questão da referência, uma vez que ele seria o primeiro aprendido pelo falante, por ser mais concreto, com referentes visíveis, e que, a partir dele, dar-se-ia origem aos outros três tipos endofóricos, claramente mais abstratos.

³⁹ Também chamada de *referência pressuposicional* (PAVANI, 1987) e *dêixis de memória* (MARINE, 2009).

Retomando-se, então, as categorias informacionais específicas relativas aos demonstrativos pospostos de Alexander (2007), já apresentadas anteriormente, e reorganizando-as a partir da classificação de usos de Himmelmann (1996), as seguintes relações podem ser estabelecidas:

- a) as categorias *anafórica* e *catafórica* são instâncias do uso de *rastreamento* (González Álvarez (2006) apresenta alguns casos limites em que as referências são de ambos os casos ao mesmo tempo, podendo ser classificados, portanto, como *ana-catafóricos*);
- b) a *dêixis ad oculos*, o *meta-discurso* e a categoria *situacionalmente acessível* são instâncias do uso *situacional*;
- c) o uso *anamnésico* está ligado à categoria de *conhecimento compartilhado*;
- d) como já exposto anteriormente neste trabalho, as categorias *exclamativa* (ou seja, oração exclamativa) e *anafórico-correferencial* (ou seja, oração com demonstrativo anafórico-correferencial) não seriam úteis à classificação de demonstrativos pospostos, uma vez que, apesar de nessas estruturas haver também o contato entre o substantivo e o demonstrativo nessa ordem, ambos não estariam em um mesmo sintagma nominal, não podendo o demonstrativo, portanto, ser considerado como parte de uma construção com posposição;
- e) as quatro categorias informacionais de Alexander (2007) restantes, *tópico-discursiva*, *recuperação e reparo*, *afetiva* e *evocação de eventos passados*, constituem matizes secundários que podem ocorrer concomitantemente com os quatro usos primários anteriormente apresentados.

Assim, propõe-se para a análise no presente trabalho, o esquema apresentado no Quadro 1, a seguir, o qual apresenta uma reorganização das categorias para a classificação semântica dos demonstrativos, os quais se encontram divididos em dois planos distintos: *primário* e *secundário*.

O primário se distribui em níveis: (a) 1º nível conforme a divisão estabelecida por Halliday & Hasan (1976); (b) 2º nível conforme os usos semânticos propostos por Himmelmann (1996); (c) 3º nível conforme algumas das categorias informacionais de Alexander (2007) e a noção de casos limites de González Álvares (2006); d) um plano de categorias complementares, o qual é composto pelas categorias restantes de Alexander (2007).

QUADRO 1 - Categorias de classificação semântica dos demonstrativos

Plano primário			Plano secundário
1º nível	2º nível	3º nível	
Endófora	Rastreamento	Anafórico	Afetivo Recuperação e reparo Tópico-discursivo Evocação de eventos passados
		Catafórico	
		Ana-catafórico	
	Dêitico-Discursiva		
Anamnésica			
Exófora	Situacional	Situacionalmente acessível	
		Dêixis <i>ad oculos</i>	
		Meta-Discurso	

González Álvarez (2006) realiza um estudo mais aprofundado sobre os tipos de referências endofóricas, identificando os padrões possíveis existentes do referente utilizado e das estruturas da própria referência, tanto nas referências anafóricas como nas catafóricas. Essa classificação será útil a este trabalho para complementar a análise dos matizes semânticos mais específicos dos demonstrativos pós-nominais articulados e não-articulados, quando são utilizados para se realizar referências endofóricas.

Com relação ao fenômeno da anáfora, este pode ser dividido em dois tipos, a *anáfora clara*, com a qual os referentes são bem delimitados e identificáveis por um termo específico no contexto linguístico anterior e a *anáfora escura*, que constitui uma relação anafórica entre elementos de forma resumida, global ou retomando um discurso inteiro, não podendo ser bem delimitada. Dentre esses dois tipos de anáfora, pode-se fazer também as seguintes subdivisões⁴⁰:

a) *Anáforas claras com adjetivos demonstrativos*:

- a.1) *Reiteração do nominal da base* (através de menção concisa do mesmo nominal, reiteração sem identificadores, reiteração com os modificadores, reiteração com modificadores diferentes, reiteração com número diferente, reiteração com seleção dos modificadores ou um mesmo referente é nomeado com vários demonstrativos); e

⁴⁰ Expôs-se aqui apenas a classificação dos que González Álvarez (2006, p. 50) chama de *adjetivos demonstrativos*, isto é, os demonstrativos que estão em posição de margem no SN, já que só eles são passíveis de posposição.

- a.2) *Uso de outros nominais* (os quais podem ser nominais hiperonímicos, sinonímicos ou vários referentes são retomados por um nominal correferente).
- b) *Anáforas escuras com adjetivos demonstrativos*:
 - b.1) *Participantes implícitos*; e
 - b.2) *Nominais sintetizadores*.

As ocorrências de construções catafóricas com adjetivos demonstrativos também tiveram uma classificação realizada neste estudo, segundo três tipos principais:

- a) *Catáforas claras com adjetivos demonstrativos*⁴¹:
 - a.1) *Catáforas com aposição*;
 - a.2) *Catáforas com oração relativa explicativa*;
 - a.3) *Catáforas estruturais* (com um complemento adnominal subsequente).

4.4.2 Posposição articulada

Excetuando-se a função meta-discursiva, a qual acontece quando o autor de um texto realiza referências instrutivas ao seu leitor sobre o próprio texto, nos dados de posposição articulada do *Corpus del Español*, todas as classes de análise semântica descritas na seção anterior foram encontradas, as quais estão elencadas e exemplificadas a seguir, divididas entre as categorias de plano primário e secundário:

4.4.2.1 Plano primário

Nesta seção, serão apresentados os dados relativos ao plano primário. Inicialmente serão apresentados os dados por categoria e ao final será apresentada uma visão geral que inclui as especificações de todas as categorias de uma forma mais ampla.

⁴¹ González Álvarez (2006, p. 161) não usa a expressão *catáforas claras com adjetivos demonstrativos*, porque os casos de catáfora encontrados por ele são sempre “claros”, ou seja, com referente facilmente identificável. Adota-se aqui, porém, essa expressão para facilitar o estabelecimento de relação com as categorias de anáfora.

4.4.2.1.1 Endófora com rastreamento anafórico

O rastreamento anafórico se dá com as anáforas claras, ou seja, naquelas referências anafóricas em que o referente é facilmente identificável e delimitável no contexto linguístico anterior, podendo ser tanto uma reiteração do mesmo nominal da base, quanto uma utilização de um nominal diferente (sinônimo ou hiperônimo), como se vê nos exemplos (40) e (41), abaixo:

a) Anáforas claras com reiteração do nominal da base:

- (40) “como por ejemplo, una verruga en la nariz, lo cual es suficiente para poder apellidar a su dueño el hombre de la verruga; sin que esto sea decir que aquel hombre sea todo verruga, sino es ya que la verruga existe en *el hombre aquel*.” (Ramón de Mesonero Romanos, *Tipos y Caracteres: Bocetos de Cuadros de Costumbres*, 1842; sublinhado e itálico meus)

b) Anáforas claras com uso de outros nominais:

- (41) “Jacinta, perfumada con ilán, traía un traje y un sombrero demasiado elegantes, y Esteban venía vestido también con excesivos atildamientos de cuello y puños y corbata de alfiler presuntuoso. En cambio, todo olía aquí a sana honradez de encinas, de tomillos y de oveja, desde el limpio percal de *la mujer aquella* y de sus niños, hasta los varales del carro y las pellicas del yugo y del carrero.” (Felipe Trigo, *El Médico Rural*, 1890; sublinhado e itálico meus)

Como se vê na Tabela 22, a seguir, o rastreamento anafórico aparece pela primeira vez no EE no séc. XIV e até o séc. XV ocorre exclusivamente com a **reiteração do nominal da base**, e continua sendo o mais frequente até o séc. XX.

Apenas no séc. XVIII é que surge tipo de rastreamento anafórico com o uso de outros nominais, mas já como forma exclusiva no EE e de maior frequência no EL. Nos séculos seguintes, as frequências de ambos os tipos permanecem bastante similares no EE, com frequências de cada um em torno dos 50%, enquanto no EL eles se revezam na posição de mais frequente, mas com uma diferença que não ultrapassa os 20%.

É perceptível também que, na passagem do séc. XIX ao XX, houve uma diminuição do número de ocorrências de rastreamento anafórico no EE, enquanto no EL ele aumentou consideravelmente.

Pode-se propor que, ao se utilizar uma estrutura marcada, com mais conteúdo léxico, como a PAD, **a acessibilidade do referente deve ser baixa**, nesses casos. Faz-se necessária, portanto, a medição da distância referencial das ocorrências para se saber o quão acessível está o referente nesses casos (o que será feito na seção 4.5, de análise discursivo-pragmática).

TABELA 22 - Frequência dos tipos de rastreamento anafórico na posposição articulada no espanhol

	Espanhol europeu			Espanhol latino-americano		
	Reiteração do nominal da base	Uso de outros nominais	Total	Reiteração do nominal da base	Uso de outros nominais	Total
Séc. XIII	-	-	-			
Séc. XIV	100% (1)	-	100% (1)			
Séc. XV	100% (1)	-	100% (1)			
Séc. XVI	-	100% (1)	100% (1)	33,3% (1)	-	100% (3)
Séc. XVII	50% (1)		100% (1)	-	-	-
Séc. XVIII	-	-	-	-	100% (1)	100% (1)
Séc. XIX	50% (14)	50% (14)	100% (28)	60% (3)	40% (2)	100% (5)
Séc. XX	53,8% (7)	46,2% (6)	100% (13)	40% (14)	60% (21)	100% (35)

4.4.2.1.2 Endófora com rastreamento catafórico

O rastreamento catafórico acontece quando o referente se encontra em uma estrutura que está no contexto linguístico subsequente, sendo que essa estrutura posterior pode começar com um pronome relativo (catáforas com oração relativa explicativa), com um complemento adnominal iniciado pela preposição *de* (catáforas estruturais) ou com um aposto (catáforas com aposição), como nos exemplos a seguir:

a) Catáforas com oração relativa explicativa:

(42) “ (...) es que me dormía sobre la carpeta del salón y no podía recordar *las cosas esas que enseñaba la maestra Saturnina.*” (Marco Minguiño, *El Chupetero*, séc.XX; itálico e sublinhado meus)

b) Catáforas estruturais:

(43) “Yo una vez fui a ver *la película esa de Zorba, el griego* con uno de mis hermanos; entonces, tiene unas escenas terribles.” (Habla Culta: México, séc.XX; itálico e sublinhado meus)

c) Catáforas com aposição:

(44) “Y... y así, pues, la cosa iba para grave, porque *el señor este, el papá del muchacho* cuando se enteró de la cosa: pues, de ramera, de prostituta, de no sé qué a la niña.” (Habla Culta: Bogotá, séc.XX; itálico e sublinhado meus)

Conforme a Tabela 23, abaixo, todas as três ocorrências do séc. XIII coletadas no *corpus*, ou seja, as mais antigas da PAD, são de rastreamento catafórico com oração relativa explicativa e esse continua sendo o único tipo de catáfora nos séc. XV e XVI. Mantém-se, portanto, a hipótese da noção de **indexicalidade** na PAD, em que o locutor expressa cataforicamente, principalmente através de orações explicativas, maiores informações sobre uma entidade a qual ele não está seguro de que seu interlocutor possa interpretar corretamente.

A catáfora estrutural surge no séc. XIX no EE e já no séc. XX torna-se a mais frequente. Já com relação ao EL, as catáforas são bem mais tardias, sendo que as seguidas de oração relativa ocorrem apenas a partir do séc. XIX e os outros dois tipos no séc. XX, todos os três com uma frequência bem semelhante. O que também se pode destacar é o uso exclusivo das catáforas com aposição no EL.

TABELA 23 - Frequência dos tipos de rastreamento catafórico na posposição articulada no espanhol

	Espanhol europeu				Espanhol latino-americano			
	Oração relativa explicativa	Estrutural	Aposição	Total	Oração relativa explicativa	Estrutural	Aposição	Total
Séc. XIII	100% (3)	-	-	100% (3)				
Séc. XIV	-	-	-	-				
Séc. XV	100% (1)	-	-	100% (1)				
Séc. XVI	100% (1)	-	-	100% (1)	-	-	-	-
Séc. XVII	-	-	-	-	-	-	-	-
Séc. XVIII	-	-	-	-	-	-	-	-
Séc. XIX	57,1% (8)	42,9% (6)	-	100% (14)	100% (2)	-	-	100% (2)
Séc. XX	25% (3)	75% (9)	-	100% (12)	24,2% (8)	21,5% (17)	24,2% (8)	100% (33)

4.4.2.1.3 Endófora com rastreamento ana-catafórico

Em vários casos, a referência realizada no discurso mantém uma ligação com o contexto linguístico anterior e, ao mesmo tempo, com o posterior, isto é, há tanto uma relação regressiva quanto progressiva na realização dessa referência, como se pode ver em (45), abaixo:

- (45) “Claro las obras que más cuestan y más valen actualmente no son precisamente las últimas, son las de la época Azul y Rosa, que son las primeras, y se han vendido, últimamente, que... todavía [no... a] es un record establecido, medio millón, casi medio millón de pesos, por una de las obras de él del... *del tipo ese, de la época Azul y Rosa.*” (Habla Culta: San Juan, séc. XX; sublinhados e itálico meus)

É interessante notar que há uma grande frequência de uso desse tipo de referência nas construções articuladas com demonstrativos pospostos em espanhol, contrariando a tendência vista por González Álvarez (2006) em seus dados, nos quais esse uso seria esporádico em pouco mais de 1,5% das ocorrências totais de demonstrativos. No *corpus* aqui analisado, há para o EE, 16,7% no séc. XIX e 17,5% no séc. XX e para o EL 14,3% no séc. XIX e 25,9% no séc. XX (esses valores aparecem nas Tabelas 26 e 27).

Tal diferença pode ser explicada pelo fato de que a referência posterior aparece frequentemente para confirmar que haja uma correta interpretação do elemento referido anaforicamente, ou seja, a catáfora, no caso, aparece quando o falante não tem certeza que o seu interlocutor conseguiu identificar apropriadamente o referente no contexto linguístico anterior, proporcionando, dessa forma, uma reiteração do referente.

Essa reiteração visando uma cooperação entre locutor e interlocutor solidifica ainda mais a ligação entre o uso da PAD e da noção de **indexicalidade** proposta por Lavric (1995), a qual parte das ideias apresentadas para os demonstrativos alemães em Auer (1981). As várias ocorrências ana-catafóricas no *corpus* são um forte indício de que o uso da posposição articulada está atrelado à retomada um conhecimento que se supõe já compartilhado ou explicitado anteriormente, servindo para checar se o ouvinte consegue acessar essa referência de forma apropriada e, caso o falante entenda que não, ele usa a estratégia de apresentar novamente o referente cataforicamente para que não haja interrupções no seu discurso para ter que dar maiores explicações sobre o referente.

Esta estratégia se realiza recorrendo a um determinante que costuma indicar um referente mencionado, próximo, conhecido, consabido: no caso da indexicalidade o falante precisamente não está seguro, e utiliza o demonstrativo para provar se, no referente, se dão estas características. Tal uso muito especial do demonstrativo permite ao locutor tematizar os conhecimentos prévios sobre o referente sem ter que interromper seus propósitos para fazer uma pergunta explícita. E estes conhecimentos prévios, tendo sido evocados de tal maneira, mesmo que implicitamente, adquirem assim o valor de contexto de uma parte do universo compartilhado do discurso. (LAVRIC, 1995, p. 110)⁴²

Pode-se, portanto, dar mais ênfase ainda à hipótese de que **a PAD seria um recurso de indexicalidade** (estratégia linguística usada quando o locutor não está seguro de poder pressupor que o interlocutor partilha um dado conhecimento), e propor que **também o rastreamento ana-catafórico exerceria essa função comunicativa**. A língua teria, assim, um segundo recurso de indexicalidade, usado talvez quando a dúvida sobre o acesso ao conhecimento partilhado é grande ou quando há uma grande distância referencial, casos em que dois recursos são usados: a posposição e a ana-catáfora.

4.4.2.1.4 Endófora dêitico-discursiva

As referências dêitico-discursivas ocorrem quando as estruturas com demonstrativos remetem não a um elemento adjacente específico, mas sim a uma série de entidades ou a uma parte do discurso anterior de forma mais ampla, que pode se dar através de um nominal sintetizador (o qual carrega resumidamente em seu sentido as noções expressas anteriormente) ou mesmo se referindo a participantes implícitos (os quais, apesar de não terem sido citados, sua identificação se encontra de certa forma clara pelo contexto adjacente).

Pela dificuldade em delimitar os contornos da referência, esses casos foram chamados por Charaudeau (1971) como “sem identificação” e por González Álvares (2006 p. 65) como “anáforas escuras”:

⁴² No original: “Esta estrategia se realiza recurriendo a un determinante que suele indicar un referente mencionado, cercano, conocido, consabido: en el caso de la indexicalidad el hablante precisamente no está seguro, y se sirve del demostrativo para probar si, en el referente, se dan estas características. Tal uso muy especial del demostrativo permite al locutor tematizar los conocimientos previos sobre el referente sin tener que interrumpir sus propósitos por una pregunta explícita. Y estos conocimientos previos, habiendo sido invocados de tal manera, aun implícitamente, adquieren así el valor de contexto, de una parte del compartido universo del discurso.”.

a) Anáforas escuras com nominal sintetizador:

- (46) “A ver si vendíamos paraguas ¿ no? No estaría mal ¿ no? tener una paraguiería.
 - No estaría mal.
 - Yo se lo estoy diciendo a mi padre, a ver si podemos hacer *la idea esa.*”
 (Espanña Oral; sublinhado e itálico meus)

b) Anáforas escuras com participantes implícitos:

- (47) “Ríndese al sueño la cansada gente de la nave, ya inmóvil y segura, y la gente de tierra se retira ansiando solo que la aurora luzca. Rayó por fin en el remoto Oriente, aun de celajes y vapor desnuda, y el sueño desterrado de Sevilla a la Giralda con su luz saluda, cuando enjambres de lanchas y bateles, de barcazas, de botes y falúas, cercan la gruesa nave, y las riquezas ansían de que preñada la reputan. Y entre el común estruendo y algazara, y voces diferentes y confusas, a la radiante luz del nuevo día el desembarque ansiado se apresura. Y ya van a los muelles y riberas pesados fardos de riqueza suma, aves que nunca *el cielo aquel* cruzaron, de verdes, rojas y amarillas plumas.” (Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), *La Azucena Milagrosa*, 1828; sublinhado e itálico meu)

Veja-se que, em (47), o SN *el cielo aquel* não tem referente explícito, embora a existência do referente parece ser sugerida pelo sintagma *la radiante luz del nuevo día*.

Com base nas frequências expostas para cada um dos tipos de referências dêitico-discursivas através dos séculos na Tabela 24, abaixo, vê-se que elas aparecem apenas a partir do séc. XV, na forma de participantes implícitos no EE, e no séc. seguinte, no EE e no EL, tem-se também o uso com nominais sintetizadores. Nos sécs. XIX e XX pode-se perceber a superioridade de frequência do uso de anáforas escuras com nominais sintetizadores sobre aquelas que utilizam participantes implícitos.

TABELA 24 - Frequência dos tipos de referência dêitico-discursiva na posposição articulada em espanhol

	Espanhol europeu			Espanhol latino-americano		
	Nominal sintetizador	Participantes implícitos	Total	Nominal sintetizador	Participantes implícitos	Total
Séc. XIII	-	-	-			
Séc. XIV	-	-	-			
Séc. XV	-	100% (1)	100% (1)			
Séc. XVI	50% (1)	50% (1)	100% (2)	100% (2)	-	-
Séc. XVII	-	-	-	100% (1)	-	100% (1)
Séc. XVIII	-	-	-	100% (1)	-	100% (1)
Séc. XIX	89,5% (17)	10,5% (2)	100% (19)	50% (1)	50% (1)	100% (2)
Séc. XX	65% (13)	35% (7)	100% (20)	72,7% (8)	27,3% (3)	100% (11)

Givón (1992, p. 13) atribui, a esses referentes não explicitamente identificáveis no contexto linguístico precedente e também aos que se encontram em situações exóforicas ou de conhecimento compartilhado, o valor máximo de DR considerado nas análises e tratado sempre como indicador de **baixo grau de acessibilidade do referente** (aspecto que será devidamente analisado na seção 4.5, de análise discursivo-pragmática). Assim, estaria mais uma vez explicado o uso de PAD, estrutura marcada com maior carga lexical, ocorrendo em casos de baixo grau de acessibilidade.

4.4.2.1.5 Endófora anamnésica

Uma vez que se encontram inseridos em uma comunidade linguística integrada a elementos de um saber geral sobre questões socioculturais, os falantes também realizam referências a esses elementos de conhecimento partilhado durante a comunicação. Esse conhecimento também pode ser algo presente na relação específica que há entre os participantes do discurso, quando eles dividem um cotidiano em comum em que certos referentes são elementos de seu dia-a-dia.

Há no *corpus* apenas uma ocorrência desse tipo, no EL no séc. XX, perfazendo 0,9% dos dados dessa época (esse valor aparece na Tabela 27). Observe-se o exemplo (48), em que o falante tenta acessar um referente de conhecimento compartilhado, certo tipo de programa de televisão.

- (48) “Inf.a. - Yo no puedo, yo prefiero el teatro, porque por último co... como está ahí filmado más claro...
 Inf.b. - Claro, es más...
 Inf.b. - No; y está filmado para televisión.
 Inf.a. - Para televisión, claro.
 Inf.b. - Y no hay el problema de lo que se filmó para cámara grande, pos oye, es decir, para escenario grande que no... no resulta así.
 Inf.a. - ¿Ustedes ven *los programas esos* de...? Aquí... no sé si está el.
 Inf.b. - Yo no veo nada, oye.
 Inf.a. - Eso me gusta.”
 (Habla Culta: Santiago, séc.XX; itálico meu)

Estando o referente no conhecimento compartilhado, também é atribuído, nesse caso, um alto valor de distância referencial e, por conseguinte, também um **baixo grau de acessibilidade** do referente, o que justificaria o uso da PAD.

4.4.2.1.6 Exófora situacionalmente acessível

O uso exofórico, ou seja, que trata de elementos que estão fora do contexto linguístico, é chamado aqui de *situacionalmente acessível* quando se refere a entidades que se encontram acessíveis a partir da situação contextual em que os enunciados se produzem, como questões de tempo, lugar e outros elementos perceptíveis através dos sentidos humanos, como em (43):

- (49) “Pío Cid se levantó y se puso detrás de ella, y doña Adela no tardó en escabullirse suavemente, dejándolos solos.
 - ¿ Qué tal se encuentra usted aquí? – le preguntó Pío Cid en seguida.
 - Muy mal – contestó Mercedes -. Hace un día que vine, y ya tengo *la tía esa* atragantada.”
 (Ángel Ganivet, *Los Trabajos del Infatigable Creador Pío Cid*, 1882; sublinhado e itálico meus)

A referência é concretizada mesmo sem a presença do referente na cena, pois ela se dá pelo contexto situacional, uma vez que, nesse caso, apesar de “doña Adela” já ter saído de cena, como descreve o autor do texto em questão, ela continua funcionando como um elemento referencial acessível no diálogo posterior.

No *corpus* aqui analisado, há para o EE, 100% (ocorrência única) no séc. XVIII e 5,1% no séc. XIX e para o EL 21,4% no séc. XIX e 0,9% no séc. XX (esses valores aparecem nas Tabelas 26 e 27).

Como já se disse anteriormente, à exófora também é atribuído o valor máximo de distância referencial e, por isso, usa-se a PAD, para compensar o **valor baixo do grau de acessibilidade** do referente.

4.4.2.1.7 Exófora com dêixis *ad oculos*

Já a referência exofórica que se realiza através da dêixis *ad oculos*, em contraste com a referência situacionalmente acessível, acontece quando o contexto de produção discursiva proporciona ligação dêitica bem mais forte com o referente, isto é, quando o referente encontra-se explicitamente no campo de visão do locutor e do interlocutor, e o falante abertamente aponta para aquela entidade no discurso, como se vê em (44):

- (50) “Le entregó el vaso y volvió a hacer girar el globo de los cielos, a leer los nombres lupus, crater, sagittarius, piscis, horologium, argo navis, libra, serpens. Lo hizo girar, dejando que su dedo rozara la esfera, tocara las frías, lejanas estrellas.
 - ¿ Qué haces?
 - Miro *el mundo este*.” (Carlos Fuentes, *La Muerte de Artemio Cruz*, 1962; sublinhado e itálico meus)

No *corpus* aqui analisado, há para o EE, 3,5% no séc. XX e para o EL 0,9% no séc. XX (esses valores aparecem nas Tabelas 26 e 27).

Do mesmo modo que na exófora situacionalmente acessível, essa referência a uma entidade do mundo exterior é considerada por Givón (1992) como possuidora de uma **distância referencial máxima**, propiciando o uso de estruturas mais marcadas como a PAD.

4.4.2.1.8 Visão geral

As Tabelas 25 e 26, a seguir, apresentam as frequências de cada uma das categorias semânticas da PAD através dos séculos:

TABELA 25 - Frequência das categorias semânticas por século na PAD em espanhol europeu

			Espanhol europeu							
			Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
En-dó-fo-ra	Ras-trea-mento	Anafórico	-	100% (1)	33,3% (1)	25% (1)	100% (1)	-	35,9% (28)	22,8% (13)
		Catafórico	100% (3)	-	33,3% (1)	25% (1)	-	-	17,9% (14)	17,5% (12)
		Ana-catafórico	-	-	-	-	-	-	16,7% (13)	17,5% (10)
	Dêitico-discursiva		-	-	33,3% (1)	50% (2)	-	-	24,4% (19)	35,1% (20)
	Anamnésica		-	-	-	-	-	-	-	-
E-xó-fo-ra	Situa-cional	Situa-cionalmente acessível	-	-	-	-	-	100% (1)	5,1% (4)	-
		Dêixis <i>ad oculos</i>	-	-	-	-	-	-	-	3,5% (2)
Total			100% (3)	100% (1)	100% (3)	100% (4)	100% (1)	100% (1)	100% (78)	100% (57)

TABELA 26 - Frequência das categorias semânticas por século na PAD espanhol latino-americano

			Espanhol latino-americano				
			Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
En-dó-fo-ra	Ras-trea-mento	Anafórico	100% (1)	-	50% (1)	35,7% (5)	31,2% (35)
		Catafórico	-	-	-	14,3% (2)	29,5% (33)
		Ana-catafórico	-	-	-	14,3% (2)	25,9% (29)
	Dêitico-discursiva		100% (2)	100% (1)	50% (1)	14,3% (2)	9,8% (11)
	Anamnésica		-	-	-	-	0,9% (1)
E-xó-fo-ra	Situa-cional	Situacio-nalmente acessível	-	-	-	21,4% (3)	1,8% (2)
		Dêixis <i>ad oculos</i>	-	-	-	-	0,9% (1)
Total			100% (1)	100% (1)	100% (2)	100% (14)	100% (112)

Pode-se ver que, em geral, a endófora possui uma frequência bastante superior à exófora, sendo o rastreamento anafórico a categoria que é, desde a primeira aparição desse uso, sempre a mais frequente na PAD em espanhol, exceto no EE no séc. XVI. Esse fato corrobora a afirmação em seção anterior, em que se destacou que este seria o principal motivo para essa estrutura utilizar majoritariamente a forma F2 (cf. Tabelas 7 e 8).

Ao se olhar o aparecimento de cada um dos usos semânticos diacronicamente nessas tabelas, nota-se que a PAD do espanhol tem suas primeiras ocorrências no séc. XIII exclusivamente para expressar um rastreamento catafórico, o que demonstra ligação com a noção de indexicalidade. Apenas no século seguinte abre-se espaço para a utilização com rastreamento anafórico, o qual se mantém como a mais frequente em todos os séculos seguintes. No séc. XVI começam a surgir as referências dêitico-discursivas e a esfera referencial exofórica só se dá a partir do séc. XVIII, com a ocorrência de uma referência situacionalmente acessível. As referências ana-catafóricas aparecem a partir do séc. XIX e padrões das categorias anamnésica e de dêixis *ad oculos* apenas em dados do séc. XX.

Com relação às divergências existentes entre o EE e o EL, percebe-se que no EE, há uma frequência menor de rastreamento ana-catafórico e maior de dêitico-discursivo. Além disso, o uso anamnésico se deu apenas no EL.

Quando se separaram os dados da modalidade escrita dos de língua oral no séc. XX, as seguintes frequências são encontradas:

TABELA 27 - Frequência das categorias semânticas na posição articulada no séc. XX no espanhol

			Espanhol europeu			Espanhol latino-americano		
			Língua escrita	Língua oral	Total	Língua escrita	Língua oral	Total
En-dó-fo-ra	Ras-trea-mento	Anafórico	7,7% (1)	92,3% (12)	100% (13)	25,7% (9)	74,3% (26)	100% (35)
		Catafórico	-	100% (12)	100% (12)	24,2% (8)	75,8% (25)	100% (33)
		Ana-catafórico	-	100% (10)	100% (10)	17,2% (5)	82,8% (24)	100% (29)
	Dêitico-discursiva		25% (5)	75% (15)	100% (20)	18,2% (2)	81,8% (9)	11
	Anamnésico		-	-	-	-	100% (2)	100% (2)
E-xó-fo-ra	Situa-cional	Situacio-nalmente acessível	-	-	-	100% (1)	-	100% (1)
		Dêixis <i>ad oculos</i>	50% (1)	50% (1)	100% (2)	100% (1)	-	100% (1)
Total			12,3% (7)	87,7% (50)	100% (57)	23,2% (26)	76,8% (86)	100% (112)

É de se estranhar que o uso exofórico seja tão baixo, principalmente nos casos de língua oral; entretanto, esse fato pode ser explicado pelo **não favorecimento do contexto de produção dos textos orais** presentes no *corpus*, em que o próprio discurso, geralmente em forma de entrevistas, na maioria dos casos não tem relação com o contexto situacional de produção discursiva, o que não propicia o aparecimento de referências ao mundo exterior.

4.4.2.2 Plano secundário

Fazem parte do plano secundário, os usos que podem coocorrer com as outras categorias expressas no plano primário, pois agregam funções discursivo-pragmáticas específicas, que complementam as informações contidas nas categorias do plano primário. Atente-se, porém, ao fato de que os usos designados como secundários, diferentemente dos primários, não são excludentes entre si: pode haver sobreposição de mais de um desse tipo em um mesmo dado.

4.4.2.2.1 Afetiva depreciativa e exclamativa

Apesar de ser um dos matizes discursivo-pragmáticos mais citados como a função dos demonstrativos pospostos articulados, a expressão de uma carga depreciativa (ALARCOS LLORACH, 1995, p. 90; BOSQUE & DEMONTE, 1999, p. 951; GILI Y GAYA, 1973, p. 220), como no exemplo (51), abaixo, foi encontrada em apenas 13 das 280 ocorrências de demonstrativos pospostos articulados (4,6% do total). Portanto, é inegável a sua existência, mas, apesar do destaque que se costuma dar a ele, esse não é um dos usos principais da PAD.

a) Afetiva depreciativa:

- (51) “Esto llama la atención de la gente, que señala hacia el balcón y mira al enorme bicho con los ojos desorbitados, atravesando la calle sin fijarse. Y yo allí parada como idiota, y casi no me doy cuenta que cojo mi cámara y comienzo a tomarle fotos. Foto #7: El extraño insecto mostrándonos su tórax, ya que está agarrado de la parte interior del balcón. Foto #8: La mujer se precipita hacia la casa en el momento en que el bicho salta hacia ella. Foto #9: La señora consiguió cerrar la puerta justo a tiempo y *la cosa esa* quedó pegada en la ventana, moviendo las antenas como una cucaracha.” (Maritza Campos Rebolledo, *Bicho*, 1997; sublinhado e itálico meus)

Ainda no âmbito afetivo, encontrou-se também o uso da construção para realizar exclamações (função própria de orações exclamativas), em 8 ocorrências (2,8% do total), como em (52):

b) Afetiva exclamativa:

- (52) “¡Muy bonito que es este libro viejo! Y Nené está ya casi acostada sobre el libro, y como si quisiera hablarle con los ojos. ¡Por poco se rompe la hoja! Pero no, no se rompió. Hasta la mitad no más se rompió. El papá de Nené no ve bien. Eso no lo va a ver nadie. ¡Ahora sí que está bueno *el libro este!*” (José Martí, *La Edad de Oro: Publicación Mensual de Recreo Dedicada a los Niños*, 1874; sublinhado e itálico meus)

Em (51), vê-se que a função afetiva depreciativa apenas complementa a referência semântica de rastreamento anafórico com uso de nominal hiperonímico e, em (52), a função exclamativa é concomitante ao rastreamento anafórico com reiteração do nominal da base.

4.4.2.2 Evocação de eventos passados

A categoria de evocação de eventos passados proposta por Alexander (2007, p. 118) foi encontrada em 15 ocorrências (5,3% do total) da PAD, as quais são sempre de substantivos que possuem um significado temporal que aparecem com o demonstrativo de terceira pessoa (F3), como em (53):

- (53) “MANFREDO. Imposible. (Asomándose a la ventana.) Nada se oye. Fué un engaño de tu loco pensamiento, o de ave salvaje el canto, o quizá de hambriento lobo el aullido prolongado.
 BEATRIZ. ¿No será Jaime?
 MAFREDO. Beatriz, ¿aún dudas? Murió mi hermano *la noche aquella*, después de rechazar tres asaltos. Los fugitivos lo dicen, la fama lo ha pregonado, y lo demuestra su ausencia...”
 (José Echegaray, *En el Seno de la Muerte*, 1874; itálico meu)

4.4.2.3 Recuperação e reparo

No fluxo discursivo, os falantes efetuam várias hesitações e repetições da mesma palavra causadas às vezes por falhas de memória, e, nesses casos, também é comum o aparecimento da PAD, para se referir a uma entidade que o falante está tentando acessar, da mesma forma que se usa o demonstrativo de hesitação *este* (ALEXANDER, 2007, p. 106). Foram encontradas 23 ocorrências desse uso no *corpus* (8,2% do total), como no exemplo (54):

- (54) “Enc. - - ¿Ha leído la... la... *el... libro ese* de Summerhill, de Neill?
 Inf. - - Sí, el libro de Summerhill...”
 (Habla Culta: Caracas, séc. XX; itálico meu)

4.4.2.2.4 Tópico-discursiva

A marcação do tópico está gramaticalmente pautada com a continuidade referencial, isto é, se as menções a um referente acontece de forma contínua ou não. Referentes topicais contínuos exibem pequena distância do antecedente e são codificados através de recursos gramaticais menos marcados, por serem facilmente recuperados. Com relação aos tópicos descontínuos, por exigirem maior esforço mental, recebem quantidade maior de código linguístico (GIVÓN, 1992).

Como os *corpora* utilizados disponibilizam apenas pequenos trechos dos textos que possuem os demonstrativos pospostos, não é possível se analisar a questão de continuidade referencial para todas as ocorrências. Contudo, far-se-á na seção de análise discursivo-pragmática (seção 4.5) uma contabilização dos graus de acessibilidade dos referentes apontados pela PAD, através da definição da distância referencial com relação à última menção ao elemento tópico.

4.4.3 Posposição não-articulada

Uma vez que a posposição não-articulada, por se tratar de uma retomada em forma de aposto, em todos os casos faz referência a um elemento ou a parte de um discurso anterior, as ocorrências desse uso, tanto em português quanto em espanhol, podem ser classificadas em apenas duas das categorias semânticas endofóricas: *rastreamento anafórico* e *dêitico-discursiva*. Primeiramente essas categorias serão apresentadas e exemplificadas, e depois, em conjunto, quantificadas e discutidas.

4.4.3.1 Endófora com rastreamento anafórico

No rastreamento anafórico, em português, houve ocorrências de referências utilizando o mesmo nominal da base e também com o uso de outros nominais, como se vê nos exemplos (55) e (56) a seguir:

a) Anáforas claras com reiteração do nominal da base:

- (55) “- Bem! Pois lembro lhe somente que um homem de cor, um mulato nascido escravo desvirtuou a mulher que vai ser sua esposa, e isto, fique sabendo representa para você, muito maior afronta que um adultério! Assiste lhe, por conseguinte, todo o direito de vingar a sua honra ultrajada; *direito este* que se converte em obrigação perante a consciência e perante a sociedade!” (Aluísio Azevedo, *O Mulato*, 1881; sublinhado e itálico meus)

b) Anáforas claras com o uso de outros nominais:

- (56) “havia sargentos excedentários povoando secretarias desertas, cuja palidez assustada lembrava negócios secretos, expedientes baratos, homossexualidades reprimidas, *homens esses* que se ofereciam para comissões sucessivas e que depois construíam chalés ou gozavam a reforma, sentados até morrer, debaixo de alpendres de um mármore provinciano.” (João de Melo, *Autópsia de um Mar de Ruínas*, 1984; sublinhado e itálico meus)

Já em espanhol, só se encontraram ocorrências com o uso de outros nominais, mais especificamente, de nominais hiperonímicos, como em (57):

a) Anáforas claras com o uso de outros nominais:

- (57) “La exposición de Chillida en San Sebastián es una iniciativa que sigue a la retrospectiva que visitó el año pasado Berlín, Londres y Venecia, *ciudad esta* última donde recibió el homenaje de la Bienal como uno de los artistas de mayor dimensión internacional y uno de los escultores más importantes del siglo.” (España ABC, séc. XX; sublinhado e itálico meus)

4.4.3.2 Endófora dêitico-discursiva

Com relação à referência dêitico-discursiva, apenas houve tanto em português, quanto em espanhol, ocorrências que utilizaram nominais sintetizadores, ou seja, nessa categoria da posposição não-articulada não há casos com referência a participantes implícitos.

Anáforas escuras com nominais sintetizadores:

- (58) “Decidi contar-lhe confidencialmente a minha vida desta semana, para que não lhe reste a menor dúvida sobre a boa-fé com que procedi em todo este negócio, e para assim habilitá-lo a redigir uma daquelas desculpas da rotina, com que ordinariamente os jornais (compreendido o nosso por política) embaçam os leitores, logo pela manhã, e em jejum, *ocasião esta* em que naturalmente os carapetões são de mais fácil digestão.” (José de Alencar, *Ao Correr da Pena*, 1874; sublinhado e itálico meus)
- (59) “Voy a referir los sucesos de mi vida, con los cuales están eslabonados muchos de los más importantes de mi patria. *Razón esta última* que me disculpará en alguna manera de la nota de presuntuoso que justamente se me podría poner por el hecho de ocupar la atención pública en negocios de mi pobre persona, pues con la grandeza de un objeto quedará compensada la pequeñez suma del otro, con él tan audazmente apareado.” (D. Antonio Alcalá Galiano, *Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano*, 1847-49 [1886]; sublinhado e itálico meus)

4.4.3.3 Visão geral

A Tabela 28, abaixo, apresenta as frequências das ocorrências de categorias semânticas da PND em português:

TABELA 28 - Frequência das categorias semânticas na posição não-articulada em português

			Português europeu		Português brasileiro	
			Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Endófora	Rastreamento anafórico	Reiteração do nominal da base	28,6% (2)	57,4% (27)	18,2% (4)	31,1% (23)
		Uso de outros nominais	14,3% (1)	12,8% (6)	27,3% (6)	21,6% (16)
	Dêitico-discursiva	Nominais sintetizadores	57,1% (4)	29,8% (14)	54,5% (12)	47,3% (35)
Total			100% (7)	100% (47)	100% (22)	100% (74)

No séc. XIX, época do surgimento dos demonstrativos pospostos não-articulados na língua portuguesa, havia a predominância do uso da posposição com a categoria dêitico-discursiva com nominais sintetizadores, com mais da metade das ocorrências tanto no PB quanto no PE, isto é, a PND surge como estrutura marcada para a referência principalmente a entidades com **baixo grau de acessibilidade**, por não possuírem um antecedente facilmente delimitado no contexto linguístico anterior.

Entretanto, a partir do séc. XX, nota-se um crescimento considerável do uso de rastreamento anafórico com reiteração nominal da base no PB e a utilização deste tipo de referência como o mais frequente no PE. Pode-se fazer uma correlação desses fatos com as frequências vistas do uso das formas, na Tabela 10, apresentada anteriormente.

O uso majoritário de F1 no séc. XIX, associa-se à referência com nominais sintetizadores, enquanto o crescimento de F2 no PE e no PB é equivalente, em ambos os casos, ao crescimento do rastreamento anafórico, o que ajuda a confirmar a hipótese de **mudança de escopo da PND** no português, em que se tem em um primeiro momento, no séc. XIX, uma relação de proximidade contextual (uso de F1 para se referir a um discurso adjacente com nominais sintetizadores) para uma relação mais anafórica no séc. XX (para se referir ao que foi dito, sem ênfase à noção de distância).

Enquanto isso, as frequências de uso dessa construção com a categoria de rastreamento anafórico com o uso de outros nominais sofreu uma leve queda em ambas as variantes linguísticas e séculos, com uma frequência sempre um pouco maior no PB.

A partir dos dados da Tabela 29, abaixo, vê-se que todas as ocorrências dessa construção em espanhol em seu surgimento no séc. XIX são, assim como no português, com a utilização majoritária com nominais sintetizadores. O uso de rastreamento anafórico aparece, portanto, apenas no séc. XX e se torna o mais frequente no EE com seu uso exclusivo, enquanto divide as ocorrências pela metade com o outro tipo de referência em espanhol latino-americano.

TABELA 29 - Frequência das categorias semânticas na posição não-articulada em espanhol

			Espanhol europeu		Espanhol latino-americano	
			Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Endófora	Rastreamento anafórico	Uso de outros nominais	-	100% (6)	100% (1)	50% (1)
	Dêitico-discursiva	Nominais sintetizadores	100% (2)	-	-	50% (1)
Total			100% (2)	100% (6)	100% (1)	100% (2)

4.5 Análise discursivo-pragmática

Propõe-se também uma análise discursivo-pragmática baseada na noção de distância referencial proposta por Givón (1983), que pode oferecer grande contribuição para um melhor entendimento dos usos das posições dos demonstrativos, juntamente com a expressão de indexicalidade. Busca-se, portanto, através da medição da distância referencial, confirmar ou refutar as hipóteses estabelecidas ao longo das discussões já realizadas sobre as ocorrências de PND e de PAD através dos tempos.

4.5.1 Expressões referenciais e iconicidade

As expressões referenciais utilizadas pelo locutor servem como uma instrução que guia o interlocutor na recuperação de uma informação dada, e são usados tipos específicos de expressão referencial no discurso de acordo com a acessibilidade do referente em questão. Desta forma, trata-se de um processo cognitivo em que o locutor

utiliza-se de recursos ligados aos processos de retomada da referência presentes na mente de seu interlocutor.

Tais ideias estão intrinsecamente ligadas à noção de indexicalidade, a qual também se relaciona com esse processo de otimização do estabelecimento de referência durante a interação comunicativa, o que pode fazer com que se acrescente ou se omita informações de acordo com o estado de ativação de um referente em um dado momento no discurso.

O princípio de *iconicidade* se faz presente, nesse momento, uma vez que quanto maior a acessibilidade de um referente, mais concisa será a entidade a estabelecer a referência, e quanto menor a acessibilidade, maior será a carga léxica utilizada. Assim, o uso de estruturas com SNs nas referências, como é sempre o caso das construções com demonstrativos pospostos, seriam, a princípio, utilizadas em contexto de baixo grau de acessibilidade referencial, por conter grande conteúdo léxico.

Contudo, este estado de ativação referencial, por se tratar de um elemento cognitivo, presente na mente dos interlocutores, não é passível de observação direta; sendo assim, sua análise tem que ser feita indiretamente, através dos padrões apresentados pelas entidades presentes no contexto discursivo, que, segundo Givón (1983, p. 113), podem ser quantificados e interpretáveis como índices do grau de ativação de certa entidade.

4.5.2 Distância referencial

A medição da distância referencial (DR) é um dos métodos utilizados para a especificação do grau de ativação ou acessibilidade de um dado referente. Ela é feita através da contabilização da distância textual, ou seja, da quantidade de orações que se encontram interpostas no texto, entre a expressão em questão e a menção anterior do mesmo referente.

Assim, o valor dessa distância é inversamente proporcional à acessibilidade do referente das entidades discursivas – quanto maior a distância, menor a acessibilidade e vice-versa, como se vê no Quadro 2⁴³, a seguir:

⁴³ Adaptado do quadro de Benítez Rosete (2011, p. 101).

QUADRO 2 - Relação entre carga léxica, distância referencial e acessibilidade

Carga descritiva ou léxica	Distância referencial	Acessibilidade
- carga léxica	- distância referencial	+ acessibilidade
+ carga léxica	+ distância referencial	- acessibilidade

Com relação ao método de medição, Givón (1983) estabelece que a DR tem como valor mínimo 1 e como valor máximo 20 (valores acima desse são contabilizados como 20, para não causar grandes distorções na média final).

Benítez Rosete (2011, p. 109-111) apresenta uma lista com especificações sobre os elementos que são considerados como oração e também os que não são, para se realizar o cálculo de DR:

- a) *Unidades contabilizadas na DR*: orações simples; infinitivos; cada uma das orações coordenadas (por conjunção ou justaposição); perífrases verbais; orações começadas por *quando, porque, para, mesmo que, já que, por, dado que, mas, pois, senão, nas quais, nas que, os que, se, não obstante, contudo, etc.*
- b) *Unidades não-contabilizadas na DR*: orações relativas começadas com *que*; estruturas sem elementos predicativos; gerúndios e participípios; marcadores discursivos; construções que recuperem a atenção do falante-ouvinte como *olhe, digamos*, etc; repetição de predicado por dúvida ou ideias incompletas.

Observe-se o seguinte exemplo:

- (60) Antes de doblar el cabo de Buena Esperanza, permanecimos nueve semanas frente a él, arriadas las velas, por el viento occidental y mistral en la proa, y tempestades pavorosas; cabo que ocupa los 34 ½ grados, y a 1.600 leguas el de Malaca. ☒ Es el mayor y más peligroso del mundo. Algunos de entre los nuestros - así enfermos, como sanos - querían refugiarse en una factoría portuguesa por nombre Monzambich: por la nave, que hacía mucha agua; por el intenso frío; y, especialmente, por no tener qué llevarnos a la boca, salvo agua y arroz, ya que la carne que traíamos, por no haber dispuesto de sal, estaba enteramente putrefacta. Pero algunos de los otros, con más avaricia de su honor que de la propia vida, determinaron, vivos o muertos, encaminarse a España. Por fin , con la ayuda de Dios, el 6 de mayo doblamos el cabo aquel manteniéndonos a unas sus cinco leguas.” (Antonio Pigaffeta, *Primer viaje alrededor del mundo*, 1507; sublinhados meus)

Analisando a cadeia tópica referencial existente nesse trecho, o valor da DR entre a expressão referencial *él* e seu antecedente (*el cabo de Buena Esperanza*) é de 1, uma vez que ele se encontra na oração anteriormente adjacente. Já entre a PAD *el cabo aquel* e o antecedente referencial (a anáfora zero, representada pelo símbolo \emptyset), tem-se uma DR de valor 8, ou seja, neste caso há 8 orações entre os dois elementos (cf. verbos *querían, hacía, hacía* (elíptico), *tener, llevarnos, haber dispuesto, estaba e determinaron*).

Este modelo funciona bem quando se tem relações anafóricas claras, em que os antecedentes podem ser bem delimitados no contexto linguístico anterior. Entretanto, nos casos em que a referência não é de simples identificação no contexto linguístico, como em referências dêiticas exofóricas, de conhecimento compartilhado ou anáforas escuras, Givón (1992, p.13) atribui sempre um valor máximo, de 20, à DR nesses casos. Portanto, se se computar esses dados em conjunto com os outros, haverá, seguramente, uma distorção no valor final, com sua elevação. Por causa desse problema, Vázquez Rozas (2004, p.41) propõe que a DR deve ser calculada de forma a agrupar somente os SNs de rastreamento anafórico, separando-os das chamadas “anáforas indiretas” (anáforas escuras, ou seja, referências dêitico-discursivas) e das “não anafóricas” (omo exófora e casos anamnésicos).

Sendo assim, far-se-á a contabilização da DR das ocorrências de rastreamento anafórico do *corpus* na PAD e na PND, buscando-se estabelecer as possíveis diferenças, tanto entre os tipos de posposição, quanto com relação às categorias semânticas entre si. Com relação à PND, analisar-se-á também a influência da DR na aparição de referências ana-catáfóricas.

4.5.2.1 Posposição articulada

A seguir, nas tabelas 30 e 31, são mostrados os valores da DR⁴⁴ no EE e no EL através dos séculos:

⁴⁴ O valor foi obtido pela soma das DRs em cada categoria semântica (rastreamento anafórico e rastreamento ana-catáfórico) por século dividida pelo número de ocorrências da categoria semântica do século. Assim, no caso de rastreamento anafórico em espanhol europeu no séc. XX, houve 13 ocorrências dessa categoria semântica, sendo que a soma das DRs de cada uma dessas 13 ocorrências resulta em 72. O valor médio é, portanto, 5,5 (= 72/13).

TABELA 30 - Distância referencial na posição articulada em espanhol europeu

	Espanhol europeu							
	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Rastreamento Anafórico	-	1 (1/1)	4 (4/1)	1 (1/1)	4 (4/1)	-	7,1 (198/28)	5,5 (72/13)
Rastreamento Ana-catafórico	-	-	-	-	-	-	19,3 (251/13)	13,6 (136/10)

TABELA 31 - Distância referencial na posição articulada em espanhol latino-americano

	Espanhol latino-americano				
	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Rastreamento Anafórico	8 (8/1)	-	1 (1/1)	8,4 (42/5)	6,2 (218/35)
Rastreamento Ana-catafórico	-	-	-	20 (40/2)	13,2 (371/28)

O rastreamento anafórico aparece no *corpus* do espanhol só a partir do **séc. XIV** e expressando o **valor mínimo de DR**, igual a 1. Contudo, nos próximos séculos, vê-se que é utilizado também, principalmente a partir do **séc. XIX**, para a expressão de um **valor médio de DR**, em 7,1 no EE e 8,4 no EL, e um pouco mais baixo no séc. XX, em 5,5 no EE e 6,2 no EL. Apesar da discrepância de a DR ser 8 no séc. XVI no EL e de ser apenas 1 no EE, pode-se falar em uma grande correspondência nos valores de ambas as variantes do espanhol.

Assim, modernamente, vê-se que a PAD é utilizada em espanhol quando há um rastreamento anafórico de uma entidade a uma **distância referencial média**⁴⁵, o que faz com que se utilize essa estratégia linguística com mais carga lexical. Tal afirmação também é importante para explicar o **maior uso de F2** no séc. XIX no EL e no séc. XX no EE e no EL, uma vez que a forma de 2ª pessoa teria justamente essa característica de representar uma distância medial.

Quanto às ocorrências de rastreamento ana-catafórico, do mesmo modo é possível se observar a consonância entre os dados do EE e do EL, os quais surgem com um **valor altíssimo de DR no EE** (19,3) e **com o valor máximo no EL** (20) no séc. XIX e mantêm um valor considerado alto de DR no séc. XX, em 13,2 e 13,6 no EL e no

⁴⁵ Levando em conta o quadro de valores proposto por Givón (1992, p. 21), considera-se aqui uma DR média de 1 a 2,5 como *pequena* distância referencial, de 7 como *média*, e de 10 a 17 como *grande*.

EE, respectivamente. Sendo assim, propõe-se que, pelo fato de possuírem um alto valor de DR, sempre acima de 13, os referentes têm um **baixo grau de acessibilidade**, o que gera uma incerteza no falante sobre o desempenho de seu interlocutor em identificar corretamente o referente, como prega o princípio de **indexicalidade**. Por isso, além da própria PAD, é utilizada também de uma segunda estratégia de identificação referencial, que, no caso, é o uso de um dos modificadores (oração relativa, complemento adnominal ou aposto), gerando, dessa forma, as ocorrências ana-catafóricas.

Já as outras categorias semânticas (catafórica, dêitico-discursiva, anamnésica, situacionalmente acessível e dêixis *ad oculos*), que perfazem um terço dos dados, se enquadrariam sempre no grau máximo de DR, conforme dito anteriormente, demonstrando também um grau de acessibilidade muito reduzido.

Percebe-se que, do ponto de vista histórico, a PAD começou com a expressão de pequena distância referencial, passando em seguida por um intenso processo de ampliação da distância (cf. valor da distância no rastreamento anafórico no séc. XVII para séc. XIX do EE e no séc.XVIII para XIX no EL). Nesse novo momento, começa a aparecer o rastreamento ana-catafórico, em que a distância é a maior. Resulta dessas mudanças que modernamente **a PAD expressa valores maiores de distância referencial: médio com rastreamento anafórico e grande com rastreamento ana-catafórico e com as demais categorias semânticas (dêitico-discursivas, anamnésicas e exofóricas)**.

4.5.2.1 Posposição não-articulada

A PND em espanhol é categórica, uma vez que em todos os casos, conforme a Tabela 32, abaixo, a **DR é a menor possível**, com valor 1, tanto no séc. XIX quanto no séc. XX, o que significa que o referente sempre está contido na oração imediatamente anterior.

TABELA 32 - Distância referencial na posposição não-articulada em espanhol

	Espanhol europeu		Espanhol latino-americano	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Rastreamento Anafórico	-	1 (6/6)	1 (1/1)	1 (1/1)

Já em português, nota-se uma sutil elevação, no séc. XX, dos valores mínimos da DR também encontrados no PE e no PB no séc. XIX, como mostra a Tabela 33, a seguir.

TABELA 33 - Distância referencial na posposição não-articulada em português

	Português europeu		Português brasileiro	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Rastreamento Anafórico	1 (3/3)	1,2 (41/33)	1 (3/3)	1,1 (47/42)

Percebe-se que a PND expressa essencialmente o **valor mínimo de DR** ao longo dos séculos no rastreamento anafórico. Isso é sinal de um **alto grau de acessibilidade**.

Já a única outra categoria semântica (dêitico-discursiva), que perfazem aproximadamente metade dos dados, se enquadrariam sempre no **grau máximo de DR**, conforme dito anteriormente, demonstrando um baixo grau de acessibilidade.

CAPÍTULO 5 CONCLUSÕES

A partir do desenvolvimento das análises formais e contextuais apresentadas anteriormente, busca-se, neste capítulo, além de apresentar as discussões realizadas anteriormente de modo mais sucinto, prestar um esclarecimento sobre a validade das três hipóteses aventadas neste trabalho, com relação aos empregos dos tipos de posposição dos demonstrativos.

5.1 Hipótese 1: a gramaticalização da PAD e da PND

A Hipótese 1 formulada neste estudo propunha que a PAD e a PND são construções derivadas de um processo de gramaticalização.

No que diz respeito à PAD no espanhol, os dados não possibilitam identificar claramente sua origem, pois, das ordenações lineares nome-demonstrativo, foi a primeira a aparecer no *corpus* já no séc. XIII (cf. Tabela 5). Constatou-se, porém, que em sua primeira ocorrência aparece com F3 (cf. Tabela 7), no masculino (cf. Tabela 12), no singular (cf. Tabela 13), em SN com oração relativa (cf. Tabela 16), nas funções sintáticas de objeto direto e adjunto adverbial embora seu uso mais constante nos séculos seguintes tenha sido na função de sujeito (cf. Tabela 20) e com uso endofórico de rastreamento catafórico (cf. Tabela 25).

No que diz respeito à PND no português e no espanhol, a análise diacrônica proporcionada pelo uso dos *corpora* eletrônicos permitiu a identificação das épocas de surgimento das várias ordenações lineares nome-demonstrativo, possibilitando a percepção da gradualidade temporal existente no que diz respeito ao aparecimento de cada uma delas. Partindo do pressuposto de que a PND, que aparece só a partir do séc. XIX no português e no espanhol, é uma construção independente da PAD (levando em conta especialmente o espanhol), confirma-se a hipótese inicial sugerida por Cambraia

(2009 p. 24), o qual propôs que esse tipo de posposição teria surgido a partir da reanálise de outras estruturas em que havia o contato entre substantivo e demonstrativo de SNs diferentes, como em orações exclamativas e demonstrativos anafórico-correferenciais, dando origem à PND, que é uma estrutura em que ambos fazem parte do mesmo SN. Além disso, outro indício positivo é o de que o adjetivo *último* também aparece em ocorrências de orações exclamativas, padrão fortemente presente também na PND do espanhol.

Os dados coletados permitem ver como se deu o processo de gramaticalização da construção PND, mais especificamente, como a construção foi paulatinamente ampliando seus contextos de ocorrência, tornando-se, assim, produtiva. Percebe-se a ampliação de contextos pelos seguintes aspectos:

(a) progressivo aumento de formas de demonstrativos com que passou a ser empregada, de apenas F1 a também F2 e F3 no português (cf. Tabela 10), exceto no espanhol em que ficou presa a F1 (cf. Tabela 11); e

(b) progressivo aumento de estruturas sintáticas em que passou a ocorrer, de apenas PND + oração relativa no português (como aparece no PE) para também estruturas como PND + sintagma preposicionado (cf. Tabela 18), embora no espanhol essa ampliação não seja nítida (cf. Tabela 19).

O fato de no português a construção PND ser mais frequente e ocorrer em um contexto mais diversificados do que no espanhol sugere que o processo de gramaticalização da construção esteja em estágios diferentes, mais adiantado no português do que no espanhol. Salta aos olhos, porém, como essa estrutura é muito rara em ambas as línguas.

Em síntese, os dados coletados não permitem ver claramente como foi o processo de gramaticalização da PAD no espanhol, mas foram suficientes para mapear a existência de um processo de gramaticalização para PND no português e no espanhol.

5.2 Hipóteses 2 e 3: as funções comunicativas da PAD e da PND

A Hipótese 2 formulada neste estudo propunha que a gênese da PAD e da PND decorre da necessidade de exprimir funções comunicativas específicas para as quais não haveria reservada na língua uma estrutura exclusiva. Como já explicado antes, não foi possível testar plenamente esta hipótese aqui, porque exigiria um estudo contrastivo entre estruturas com demonstrativo anteposto e com posposto, o que ultrapassa o escopo

deste estudo, restrito às com demonstrativo posposto. Entretanto, é possível articulá-la com a Hipótese 3, segundo a qual a PAD no espanhol deve expressar função comunicativa diferente da PND nessa mesma língua. Resumidamente, compete saber quais são as funções comunicativas da PAD e da PND no espanhol e, no caso da última, no português.

Primeiramente, do ponto de vista semântico, foi possível perceber a seguinte diferença entre a PAD e a PND no espanhol: a PAD ampliou, ao longo dos séculos, o número de categorias semânticas que expressa – começou com catáfora e depois apareceu também com valor anafórico, dêitico-discursivo, dentre outros (cf. Tabelas 25 e 26), enquanto a PND restringe-se essencialmente a valor anafórico e dêitico-discursivo (cf. Tabela 28).

Em segundo lugar, do ponto de vista discursivo-pragmático, foi possível perceber a seguinte diferença entre a PAD e a PND no espanhol: a PAD, em rastreamento anafórico, começou com distância referencial baixa, nos sécs. XIV a XVIII, e depois passou a ser usada com uma distância referencial média (cf. Tabelas 30 e 31), enquanto a PND distribui-se equitativamente entre distância referencial baixa (cf. Tabela 32) e alta (nos casos de dêitico-discursivos).

Além dessas diferenças funcionais, verificou-se também que, no séc. XX, a PAD é predominante na modalidade oral (cf. Tabela 2) enquanto a PND é predominante na modalidade escrita (cf. Tabela 4), o que parece confirmar que são construções com origens independentes. Apresentam em comum, porém, o fato de serem construções nitidamente raras nas respectivas línguas: a PAD menos do que a PND, provavelmente em função do tempo de existência na língua, desde o séc. XIII no caso da PAD (cf. Tabela 1) e desde séc. XIX no caso da PND (cf. Tabela 3).

Todas essas diferenças arroladas e explicações dadas anteriormente já são suficientes para se confirmar a hipótese de que PAD e PND são construções diferentes entre si e que a PND do português e do espanhol se assemelham, tratando-se, portanto, do mesmo processo.

Embora os dados não mostrem padrões com diferenças tão categóricas, é possível ensaiar uma interpretação de base funcional que articule as diferentes formas de ordenação dos demonstrativos no português e no espanhol. Partindo-se do pressuposto de que há uma tendência à isomorfia na estruturação linguística, seria de se esperar que construções sintaticamente diferentes se oponham também no plano semântico ou pragmático (cf. princípio da não-sinonímia). Primeiramente, pode-se

considerar que **construções com posposição de demonstrativos são marcadas em relação às com anteposição**, pois aquelas são menos frequentes (pelo menos no *corpus* aqui examinado) e apresentam uma ordenação incomum para os determinantes (artigos são sempre antepostos nessas línguas). Embora os dois tipos de posposição sejam marcados em relação à anteposição, apresentam diferenças que indicam que não são sinônimas. Os dados sugerem que haveria uma tendência nas variedades contemporâneas de empregar a **PAD para expressar retomada de referente em distância média ou grande e, conseqüentemente, com baixo grau de acessibilidade**, enquanto a **PND seria usada para expressar retomada de referente com distância pequena e, conseqüentemente, com alto grau de acessibilidade**. Diz-se aqui *tendência* porque em nenhuma das duas formas há um uso exclusivo com apenas um tipo de distância.

Associada a essa tendência de diferenciação quanto ao grau de acessibilidade do referente, há funções discursivo-pragmáticas que também diferenciariam a PAD e a PND. No caso da PAD os dados coletados sugerem que, como defendeu Lavric (1995), sua função comunicativa parece estar intimamente ligada ao conceito de indexicalidade, ou seja, sua função seria a de atuar como um recurso para **checar se um referente pressuposto pelo falante como conhecimento partilhado pelo ouvinte efetivamente o é**. Nas ocorrências mais antigas (séc. XIII e XIV), a PAD aparece apenas com F3 (cf. Tabela 7), forma tipicamente usada com valor espacial distal e que, usada metaforicamente, estaria expressando imprecisão, aspecto justamente em causa na questão da indexicalidade: o pressuposto é tido como algo impreciso que necessita ser especificado, por isso ocorre em SN com oração relativa (cf. Tabela 16) e com uso endofórico de rastreamento catafórico (cf. Tabela 25). Com o passar do tempo, a PAD passaria a funcionar também como recurso para **checar se um referente introduzido no discurso está sendo efetivamente recuperado pelo ouvinte**, razão pela qual haveria uma ampliação do uso para rastreamento anafórico com F2, forma tipicamente usada com valor espacial medial (a distância é menor do que no primeiro caso, porque o referente está no texto). Em ambas as situações o que está em jogo é a **checagem da recuperabilidade de um referente** (em função de um baixo grau de acessibilidade), apenas pressuposto como conhecimento partilhado nas fases mais antigas do espanhol mas também pressuposto por ter sido introduzido no discurso em fases mais recentes do espanhol. No que se refere à PND, pode-se imaginar que sua função seria sobretudo a de **apresentar uma informação complementar** (já que aparece apenas na função de

aposto) **mas com matiz enfático** (aspecto difícil de ser captado em dados extraídos de língua escrita) sobre um referente próximo com alto grau de acessibilidade, razão pela qual aparece inicialmente com F1, expressando a proximidade do referente (cf. Tabelas 10 e 11), e também com nominais sintetizadores, indicando que o referente não está facilmente delimitado no contexto linguístico anterior (cf. Tabelas 28 e 29). Com o passar do tempo, a PND no português tenderia a deixar de marcar a ideia de proximidade do referente citado para indicar somente que o referente já foi citado, razão pela qual aumentaria a frequência de F2, mais nitidamente no PE do que no PB (cf. Tabela 10), tendência que não se manifestou no espanhol, que se manteve fiel à ideia da proximidade expressa por F1 (cf. Tabela 11).

5.3 Considerações finais

Trabalhar com a classe dos demonstrativos não é tarefa das mais fáceis, principalmente com relação à sua posição, uma vez que não há um conhecimento tão amplo e específico em trabalhos científicos anteriores sobre o tema.

Além disso, a falta de consenso sobre os parâmetros de análise dos demonstrativos de uma forma geral também se trata de algo desafiador, uma vez que cabe ao pesquisador desse tema definir os seus próprios métodos e categorias.

O fato de as construções que são objeto desta pesquisa serem raras, por várias vezes com ocorrências únicas em um mesmo século, também se mostrou um desafio, já que a simples contabilização da frequência nem sempre foi suficiente para entender o funcionamento do fenômeno.

Outro problema enfrentado é a composição dos *corpora* utilizados. Uma vez que eles constituem compilação de milhares de textos provenientes de origens diversas, isso significa que seus padrões de edição não são nada homogêneos, o que pode gerar resultados não tão confiáveis. Entretanto, sua amplitude, tanto no sentido de quantidade de textos, quanto em relação ao extensão temporal, com ocorrências desde os sécs. XIII/XIV, foi fator fundamental para a sua escolha como fonte de investigação.

Algo que também se demonstrou uma barreira para uma análise ainda mais otimizada dos demonstrativos pospostos, principalmente na questão das referências exofóricas, foi o fato de trabalhar apenas com textos escritos, já que, mesmo os que possuíam como fonte produção oral, eram transcrições que não informam o contexto

situacional de produção desses enunciados. Tal dificuldade também é expressa por Pavani (1987), ao trabalhar os demonstrativos apenas com textos gravados:

Queremos mostrar, assim, a dificuldade, para não dizer a impossibilidade de se dar um tratamento satisfatório a casos de exófora sem o conhecimento pragmático de enunciação, tomando como base apenas o que se ouve nas fitas. Daí nos limitarmos a considerações gerais sobre o assunto, não nos atendo a maiores exemplificações práticas, uma vez que nossos dados, além de escassos, não se mostram, pelos motivos expostos, adequados para a discussão de questões envolvendo proximidade/distância física em relação a falantes/ouvintes. (PAVANI, 1987, p. 52)

Apesar disso, o presente trabalho procurou explicitar de forma rigorosa as diferenças existentes entre dois tipos de posposição dos demonstrativos em português e espanhol. Entretanto, ficam ainda várias questões em aberto para posteriores investigações. Uma delas é por que a posposição não-articulada surgiu em português e espanhol na mesma época. Terá havido transmissão do português para o espanhol através do contato linguístico ou vice-versa? Teria essa construção surgido espontaneamente em cada uma delas? Outra questão que deve ser aprofundada é o funcionamento dos demonstrativos pospostos em outras línguas, como o catalão e o romeno, e com isso, ampliar ainda mais os conhecimentos sobre o funcionamento geral das línguas românicas.

REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Real Academia Española: gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

ALEXANDER, David B. *The spanish postnominal demonstrative in synchrony and diachrony*. Tese (Doutorado) Ohio State University, Ohio, 2007.

ALCALÁ-ZAMORA Y TORRES, Niceto. *Dudas y temas gramaticales*. Buenos Aires: ESA, 1948.

ALI, Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

ALONSO PEDRAZ, Martin. *Gramática del español contemporáneo: el lenguaje del hombre de hoy actualizado con autoridades de los escritores de nuestra época, españoles e hispanoamericanos*. Madrid: Guadarrama, 1968.

ALONSO, Amado; HENRIQUEZ URENA, Pedro. *Gramática castellana: primer curso*. 25. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1969.

ANDRADE, António. Demonstrativos e [ana]fóricos em latim. *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, n. 1, p. 155-171, 1999.

AUER, J. C. P. *Zur Indexicalitätsmarkierenden Funktion der demonstrativen Artikelform in deutschen Konversationen*. In: HINDELANG, Götz & ZILLIG, W. (eds.)

Sprache: Verstehen und Handeln. Akten des 15. Linguistischen Kolloquiums, Münster, 1980. Vol. 2. Tübingen: Niemeyer, 1981 *apud* Lavric (1995).

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BELLO, Andres. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: EDAF, 1984.

BENÍTEZ ROSETE, Valeria Amanda. *No es lo mismo 'el este rollo' que 'el rollo este': interfaz sintácticopragmática de los demostrativos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2011. [Dissertação de Mestrado]

BENOT Y RODRIGUEZ, Eduardo. *Arte de hablar, gramática filosófica de la lengua castellana*. Nueva ed. Buenos Aires: Ediciones Anaconda, 1941.

BOSQUE, Ignacio.; DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, c1999. 3 v. (Colección Nebrija y Bello).

BRUGÈ, Laura *The Positions of demonstratives in the extended nominal projection*. In: CINQUE, J. (ed.). *Functional structure in DP and IP: the cartography of syntactic structures*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2002.

BRUGMANN, Karl. *Die Demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen: eine bedeutungsgeschichtliche Untersuchung*. *Abhandlungen der Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften*, Leipzig, n. 22. p. 1-50, 1904.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso superior: com suplemento literário e a nomenclatura gramatical brasileira*. 7. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1968.

BYBEE, Joan et al. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: University of Chicago, 1994.

CAMACHO, Roberto Gomes. *O papel do contexto social na teoria lingüística*. Alfa, São Paulo, n. 38. p. 19-36, 1994.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMBRAIA, César Nardelli. Demonstrativos na România Nova: português brasileiro x espanhol mexicano (dados de diálogos entre informante e documentador). *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 14, p. 7-34, 2009.

_____ & BIANCHET, Sandra Maria Gualberto Braga. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 35, p. 15-35, 2008.

CARBONERO CANO, Pedro. *Deixis espacial y temporal en el sistema lingüístico*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1979. p. 11-26.

CARNEIRO, Noemia. *Lições de português*. Rio de Janeiro: São José, 1957.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, V. 19, p. 25-64, 1997.

_____. Análise preliminar dos demonstrativos na norma culta de São Paulo. *Estudos Linguísticos (Anais dos Seminários do GEL)*, Mogi das Cruzes, v.1, p. 30-35, 1978.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. Les démonstratifs. In: _____. *Cours de Linguistique*. Paris: Centre de Documentation Universitaire de Sorbonne, 1971.

CID, Odirce, COSTA, M. Cristina & OLIVEIRA, Célia T. *Este e esse na fala culta do Rio de Janeiro*. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 5, p. 195-200 1986.

CINQUE, Guglielmo. *On the evidence for partial N-movement in the romance DP*. In: CINQUE, G, KOSTER, J., POLLOCK, J.-Y., RIZZI, L. & ZANUTTINI, R. (eds.) *Paths toward universal grammar*. Georgetown: Georgetown University Press, 1994. (apud BRUGÈ, 2002)

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIESSEL, Holger. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1999.

FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FREITAS, Ernani Cesar de. A topicalidade e a distância referencial: um estudo do sintagma nominal definido no gênero editorial. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 41-47, jan./mar. 2008

GILI Y GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. 11. ed. Barcelona: Bibliograf, 1973.

GIVÓN, T. *Historical syntax and synchronic morphology: an archeologist's field trip*. Chicago: Linguistic Society, 1971.

_____. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-language Study*, Amsterdam: Joan Benjamins, 1983.

_____. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1989.

_____. *The grammar of referential coherence as mental processing instructions*. *Linguistics*, Berlin, 1992.

_____. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a constructional grammar approach to argument structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

GONZÁLEZ ÁLVAREZ, Enrique Alejandro del Sagrado Corazón de Jesús. *Usos de los demostrativos en las hablas culta y popular de la Ciudad de México*. Dissertação (Mestrado) Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México, 2006.

GONZALES HERMOSO, A; CUENOT, J. R. *Gramática de español lengua extranjera: normas, recursos para la comunicación*. 2. ed. Madrid: Edelsa, 1995.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood & HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HEINE, Bernd & REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalyses in african languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Demonstrative in narrative discourse: a taxonomy of universal uses. In: FOX, Barbara. (ed.) *Studies in Anaphora*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.

_____, *Deiktikon, Artikel, Nominalphrase*. Tübingen: Niemeyer, 1997.

HOPPER, Paul & THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elisabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KAYNE, Richard Stanley. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

KANY, C. E. *Sintaxis hispanoamericana*. 2. reimpr. Madrid: Gredos, 1994. (apud BRUGÈ, 2002)

LAVRIC, Eva. Aquellos misteriosos demostrativos pospuestos. In: CICHON, Peter; HASSAUER, Friederike; KREMNITZ, Georg & MARTÍNEZ, Pablo (eds.). *Actas de las Primeras Jornadas de Hispanistas en Austria* (Wien, 19-20 de mayo 1995). Wien: Edition Praesens, 1996. p. 106-113.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 13. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MACÍAS VILLALOBOS, Cristóbal. *Estructura y funciones del demostrativo en el español moderno*. Málaga : Universidad de Málaga, 1997. p. 32-40

MAMUS, Priscilla Teixeira. *Análise da ocorrência dos pronomes demonstrativos variáveis no “Orto do Esposo”*. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá: Anais, 2009

MARINE, Talita de Cássia. *O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele*. Dissertação (Mestrado) FCL/UNESP, Araraquara, 2004.

_____. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. Tese (Doutorado) FCL/UNESP, Araraquara, 2009.

MATEUS, Maria Helena Mira. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2006.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MIRANDA PODADERA, Luis. *Análisis gramatical de la lengua española: curso superior con mil ejemplos en su mayor parte de Cervantes*. 26. ed. Madrid: Hermandado, 1952.

MORENO GARCÍA, Concha. *Temas de gramática con ejercicios prácticos: nivel superior*. 6. ed. Alcobendas (Madrid): Sociedad General Española de Librería, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Êste, êsse*. In: AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Miscelânea filológica em honra à memória do professor Clóvis Monteiro*. Rio de Janeiro: Editora do Professor, 1965.

NASCIMENTO, Milton do. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. *Delta*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 83-98, 1990.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NICOLA, Jose de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 11. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PALISA MUJICA DE LACAU, María Hortensia. *Castellano: segundo curso*. 3. ed. Buenos Aires: Kapelusz, 1967.

PANAGIOTIDIS, Phoevos. Demonstrative determiners and operators: the case of greek. *Lingua*, v. 110, p. 717-742, 2000. (apud ALEXANDER, 2007)

PAVANI, Silvia. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em são paulo*. Dissertação (Mestrado) UNICAMP, Campinas, 1987.

PEREIRA, Helcius Batista. *'Esse' versus 'este' no português brasileiro e no europeu*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2005.

PEREIRA, Bruna Karla. A posição de *lá* na projeção nominal. contribuições para o mapeamento da estrutura funcional. In: *Anais do XIII CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

RAMALHO, Victor Hugo Barbosa. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (posposição dos demonstrativos em português e em espanhol)*. Relatório Final (Iniciação Científica) Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte, 2009.

REZENDE, Antônio Martinez de. *Latina essentia: preparação ao latim*. Ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ROCA URGELL, Francesc. *La determinación y la modificación nominal en español*. Tese (Doutorado) Facultat de Filosofia i Lletres/Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RONCARATI, Cláudia. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C & DUARTE, M. E. L. (org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria*. 27. ed. reform. São Paulo: Atual, 2001.

SARMIENTO, Ramón; SANCHEZ, Aquilino. *Gramática básica del español: norma e uso*. 5. ed. ampl. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1993.

SECO, Manuel. *Gramática esencial del español: introducción al estudio de la lengua*. Madrid: Aguilar, 1974.

SILVEIRA, Álvaro Ferdinando Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

VAZQUEZ ROZAS, Victoria. Algunas reflexiones sobre el cálculo de la distancia referencial. *Delta*, São Paulo, v. 20, n. 1, 2004.

VOTRE, S. & NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *Delta*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

WACKERNAGEL, Jakob. *Vorlesungen über Syntax mit besonderer Berücksichtigung von Griechisch, Lateinisch und Deutsch*. Basel: Birkhäuser, 1926-1928.

ANEXOS

OCORRÊNCIAS DE POSPOSIÇÃO DE DEMONSTRATIVOS NOS *CORPORA*⁴⁶I. *Corpus* do português

I.1 Séc. XIX (PND)

Francisco Freire de Carvalho, <i>Lições elementares de eloquencia nacional</i> , 1834	O fim deste Genero de Eloquencia deve ser sempre a persuasão; sendo por isso indispensavel, o que se offereça á deliberação algum assumpto, ou que tenha sido enunciada alguma proposta, pelo ordinario relativa a objectos connexos com o bem publico, a qual o Orador se esforce por persuadir aos, que o escutão: mas como, todas as vezes que se trata de persuadir, é forçoso o começar por convencêr, falando directamente ao entwendimento; por isso, qualquer que seja a gradação social dos individuos, que compõem algum destes auditorios, nunca deveremos julgar, que uma linguagem pomposa, mas destituída de sãas ideas, e de raciocinio, possa fazer-lhes a devida impressão, ou grangear sensata reputação ao Orador: verdade esta , que sóbe de ponto, quando uma tal assemblea é composta de homens de cultivada educação, e de aperfeiçoada intelligencia. Segue-se daqui, que ao Orador das Assembleas populares em geral cumpre o ser sempre muito circumspecto, não tratando nunca com leveza os seus ouvintes.
Francisco Freire de Carvalho, <i>Lições elementares de eloquencia nacional</i> , 1834	É certo, que o elogio de uma virtude, e de uma qualidade amavel, ou a censura de algum vicio subministrão um assumpto, que não é destituído de precisão, e de unidade; mas, se o orador se limitar a contemplar este vicio, ou aquella virtude debaixo de certo ponto de vista particular, se elle os considerar taes, como se patenteão em certos individuos, e em determinadas situações da vida, o assumpto adquirirá infallivelmente novo interesse: convimos em que a sua execução será mais difficil, porém o seu merecimento, e effeito serão tambem muito superiores. REGRA III. §. 4. Nunca o Orador deverá procurar dizer sobre qualquer assumpto tudo, quanto sobre qualquer assumpto tudo, quanto sobre elle pode dizer-se; defeito este dos maiores, em que poderia cahir: escólha os objectos mais uteis, mais tocantes, mais proprios, entre todos os que o seu texto lhe offerecer, para operarem a persuasão, e sobre elles faça versar todo o seu discurso; porque como o fim dos discursos pronunciados no pulpito seja muito menos o instruir, do que o persuadir, e nada seja menos proprio para gerar a persuasão, do que a abundancia inutil;
Francisco Freire de Carvalho, <i>Lições elementares de eloquencia nacional</i> , 1834	No caso porem que a fortuna me torne a abrir as portas da minha cara Patria, e de poder lá dirigir alguma edição deste meu escripto, prometto ser nella mais copioso, mais vasto, e porventura mais feliz na escolha de exemplos dos nossos bons Autores, sendo ao mesmo tempo mais escrupuloso na selecção das edições, donde os extrahir. Se o Publico illustrado fizer o devido apreço deste meu primeiro trabalho original, que vai ser posto debaixo das suas vistas, tenciono fazel-o seguir de outro não menos interessante, qual é o que terá por titulo <i>Lições Elementares de Poetica Nacional</i> , e de <i>Critica Litteraria</i> , obras estas que se achão já promptas para sahir igualmente alume; e todas juntas formarão um Curso completo de Principios de <i>Literattura Nacional</i> . Rematarei afinal com os seguintes versos de ouro do meu fiel companheiro na peregrinação, ou no desterro

⁴⁶ Dados do português: www.corpusdoportugues.org; dados do espanhol: www.corpusdelespanol.org.

Francisco Freire de Carvalho, <i>Lições elementares de eloquência nacional</i> , 1834	O ingenho captiou, e o agreste lacio Vio entradas emsi as gregas artes. Os romanos não tiveram a viveza, nem a sensibilidade dos gregos, e comparativamente a estes forão uma nação fleumatica. A sua lingua foi análoga ao seu character, compassada, firme, e grave; mas sem a sensível naturalidade, e sem a flexibilidade necessarias para accomodar-se a toda a sorte de composições, partes estas que distinguem a lingua grêga de todas as mais, como lemos no mesmo Horacio, Epist. Aos Pisões, Vers. 323: Graiis ingenium Graiis dedit ore rotundo Musa loqui.. A musa dêo aos Gregos nobre ingenho, E sublime linguagem.
Francisco Freire de Carvalho, <i>Lições elementares de eloquência nacional</i> , 1834	São especies das duas Figuras antecedentes: 1. ^a Aquella com que o Orador pergunta a si mesmo, e passa logo tambem a dar resposta: Tal é a de Cicero (pro Ligario §.7.) Apud quem igitur hoc dico? Nempe apud eum, qui cum hoc scirt, tamem me, antequam vidit, Reipublicæ reddidit. " Mas perante quem estou eu dizendo isto? Sim perante aquelle mesmo, que sabendo-o perfeitamente; com tudo antes que eu chegasse á sua presença, me restituiu á Republica. " _____ 2. ^a Aquella, com que o Orador faz a pergunta a outra pessoa, e sem esperar pela resposta, a ajunta immediatamente, Figura esta que tem o nome de Subjectio: Assim Vieira (Serm. Tom. VIII. Pag 194). " Quem são os ricos neste mundo? Os que tem muito? Não; porque quem tem muito, [n. 150] (1) Vide no fim do Vol, Exemplo IV. deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre."
Francisco Adolfo de Varnhagen, <i>Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil</i> , 1847	Nos anos de 1583 e seguintes não temos mais que ler a narrativa da visitação às diferentes províncias do pe. Cristóvão de Gouvêa, escrita por Fernão Cardim, para nos convenceremos dos muitos progressos que haviam feito os discípulos dos jesuítas que, na Bahia, tinham já um curso d' artes e duas classes de humanidades. Na obra de Cardim se lê, também (pág. 30) como ouviram os índios representar um diálogo pastoril em língua brasílica, portuguesa e castelhana, língua esta que falavam com muita graça. Cardim nos dá notícia de uns versos compostos então ao martírio do pe. Inácio de Azevedo, além de muitos epigramas que se faziam sobre vários assuntos;
Júlio Dinis, <i>Os Fidalgos da casa mourisca</i> , 1871	Sim, é natural - concordou Jorge, fingindo bocejar, mas com suspeitas contracções nervosas. E, estendendo subitamente a mão ao irmão, acrescentou: - Boa noite, Maurício. É tarde e eu tenho sono. Adeus. E de facto Jorge deitou-se, deixando em paz os livros, mais cedo do que costumava. Se dormiu é que não sabemos. #111 Maurício dormiu com certeza melhor do que ele. Embalava-o a vaidosa persuasão de que havia impressionado Berta. Tinha Maurício este defeito de supor que eram prontas e profundas as impressões que produzia no animo das mulheres. Defeito este vulgar e que ainda não é dos que dão de si mais sérias consequências. #112 Pela manhã do dia seguinte recebeu Jorge um recado do pai, para ir falar-lhe. Apressou-se em obedecer. Foi encontrar D. Luís a passear no quarto, e manifestamente irritado.
José de Alencar, <i>Ao correr da pena</i> , 1874	É uma simples hipótese que por ora não tem applicação, e que o espírito e bom-senso imperial repelem para não haver occasião de se parodiar o dito de D. Pedro I a respeito do cavaleiro. Um sujeito, contando-me ontem os festejos do dia quatorze, disse-me: " Houve graças, des-graças, e sem-graças. As graças os jornais publicaram; as des-graças sabem os que ficaram logrados; e as sem-graças foram as daqueles que esperavam uma coisa e tiveram outra ". Até que ponto isto é exato não sei; apenas me lembro que já os nossos antigos diziam que não podia haver graça sem sal; razão esta porque naturalmente se inventaram os emolumentos, que algumas vezes são bem salgados. Já é tempo de passar adiante e acabar por hoje com as graças, tanto mais quando já me saí mal por ter tido o arrojo de dizer que o país devia dar justiça de graça. Como me escapou semelhante blasfêmia?
José de Alencar, <i>Ao correr da pena</i> , 1874	Previno-o, porém, desde já que não é preciso mandar-me à casa as tais carradas de razões; isto pode importar-lhe uma grande despesa de carretos sem necessidade. Decidi contar-lhe confidencialmente a minha vida desta semana, para que não lhe reste a menor dúvida sobre a boa-fé com que procedi em todo este negócio, e para assim habilitá-lo a redigir uma daquelas desculpas da rotina, com que ordinariamente os jornais (compreendido o nosso por política) embaçam os leitores, logo pela manhã, e em jejum, ocasião esta em que naturalmente os carapetões são de mais fácil digestão. Os nossos velhos da era antiga diziam que não havia domingo sem missa, sem segunda-feira sem preguiça. A primeira parte deste provérbio tem sofrido nos últimos tempos alguma modificação, principalmente a respeito dos redatores dos grandes jornais, que substituíram à missa o folhetim.

<p>Machado de Assis, <i>Miloca</i>, 1874</p>	<p>Longe de me desagradar esta indiferença, dou-me por feliz em achar tamanha discrição numa idade em que geralmente as moças gostam de ser admiradas e requestadas. Sei que não sou amado, mas não acho impossível vir a sê-lo. Seria porém impossível se continuasse a situação em que ambos nos achamos. Como saberia ela que eu a adoro, se nem suspeita que eu existo? Depois de refletir muito neste assunto, tive a idéia de vir pedir-lhe a mão de sua filha, e no caso de que o senhor não me achasse indigno dela, pediria para ser apresentado à sua família, caso este em que eu poderia saber se realmente.. - Paremos aqui, interrompeu Rodrigo. O senhor pede-me uma cousa singular; pelo menos não conheço semelhantes usos. Estimaria muito que o senhor fosse feliz, mas não me presto a isso.. por semelhante modo. Adolfo insistiu no pedido; mas o pai de Miloca cortou a conversa levantando-se e estendendo a mão ao pretendente. - Não lhe quero mal, disse ele; faça-se amado e volte.</p>
<p>Bernardo Guimarães, <i>A escrava Isaura</i>, 1875</p>	<p>Tinha o trato e a linguagem de um homem polido, e de acurada educação. De feito Miguel era filho de uma nobre e honrada família de miguelistas, que havia emigrado para o Brasil. Seus pais, vítimas de perseguições políticas, morreram sem ter nada que legar ao filho, que deixaram na idade de dezoito a vinte anos. Sozinho, sem meios e sem proteção, viu-se forçado a viver do trabalho de seus braços, metendo-se a jardineiro e horticultor, mister este, que como filho de lavrador, robusto, ativo e inteligente, desempenhava com suma perícia e perfeição. O pai de Leôncio, tendo tido ocasião de conhecê-lo, e apreciando o seu merecimento, o engajou para feitor de sua fazenda com vantajosas condições.</p>
<p>Artur de Azevedo, <i>O Rio de Janeiro de 1877</i>, 1878</p>	<p>Quadro IX Cena XIII (Vista de rua. os personagens de costUme enchem a rua) Garden, só Garden (Velho americano encostado ao portão fUmando) - Oh! Este é o verdadeiro felicidade deste vida. Estar sempre tranqüila, ganha dinheiro, dá boa didendo, serve perfeitamente o público fUminense e mora nUma chácara por onde ninguém pode passar para que eu arremata privilégio.. Casa esta muito minha. Cena XIV O mesmo e Zé Povino Zé - Oh! Monsiú.. Vossa Senhoria dá licença que eu passe por cá? Garden - O que você quer faz? Se quer, vai em novas trilhos.. faz favor, volta seu caminho. Zé - Nada, não senhor, vou no trilho de minha mulher, que depois de velha deu em gaiteira.</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>Uma lágrima de mulher</i>, 1880</p>	<p>Aí deixava-se passar ignorando as noites. E quando porventura via iluminada a janela de Rosalina, quedava-se horas esquecidas a contemplá-lo, extático e embevecido. Assim sucedeu até o sábado, dia de recepção em casa de Maffei. Nessa noite o palácio escancarava as suas largas bocas a novos convidados, como insaciável monstro, que não se farta de tragar reputações alheias; devia ser duplamente rica essa festa, porque, sobre ser sábado, era também aniversário do nascimento de Rosalina; circunstância esta de que não se esquecera o deslembado amante e o fazia aguardar, com impaciência e desassossêgo, esse faustoso dia. Efetivamente, preparava-se a festa ameaçadora e esplêndida; dobrou-se a orquestra e multiplicou-se o número de garrafas; eminente s artífices incumbiram-se de magnífica iluminação e fogos de artifício, que ocupassem a varanda e a parte principal do jardim;</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>Uma lágrima de mulher</i>, 1880</p>	<p>CAPÍTULO V Mal chegados, atracou o barco e saltaram os viajantes, seguidos do cão. Sombra da Noite, por maior segurança, escolhera para desembarque uma praia de pescaria, das muitas que possui Nápoles, e disfarçadamente vestido de pescador, carregava cantando à moda destes, o peixe que apanhara durante a viagem. Seriam, quando muito, dez horas da noite, hora essa de se prepararem os pescadores para a pesca noturna em alto mar. Tudo estava pronto; viam-se as redes esticadas, amontoados os archotes e cheias as borrachas. Dirigiram-se os dois e Castor para uma tasca fronteira à praia; aí, segundo o costume, esperavam os pescadores, com as competentes mulheres e filhos, a vez da maré, entretidos a cear ou a beber.</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>Uma lágrima de mulher</i>, 1880</p>	<p>No momento fatal em que Maffei precipitou dos rochedos de Lipari o inflexível amante da filha, perdeu este os sentidos, dando de encontro à pedra apumada e foi rolando, rolando, até atufar-se de todo nas espumas rendilhadas do mar. Com tanta fortuna se houve porém neste cair, que dele apenas lhe sobreveio um ferimento na cabeça. O mar estava crescendo. Foi a salvação do moço, porque ao dar na água voltou a si com o choque, e, conhecendo quão perigosos são os rochedos de Lipari e quão selváticas as ondas contra eles, tratou de nadar ao largo em vez de demandá-los; tempo este em que a tempestade queimava nos altos seus últimos cartuchos. Afinal, serenou de todo o tempo. Miguel, apesar de ajudado pela correnteza, costeava, dificulosamente, a ilha na direção da praia, semelhando uma visão que fugia das trevas úmidas da morte, seguida de um rastilho de sangue. Cinco horas depois era rejeitado na praia pelo mar.</p>

<p>Aluísio Azevedo, <i>O mulato</i>, 1881</p>	<p>" Mas, quando mesmo ele não o mate, será isto razão para que você não o extermine.. Ora, diga me cá, mas fale com franqueza! você está ou não resolvido a casar com minha afilhada.. - Estou sim senhor. - Bem! Pois lembro lhe somente que um homem de cor, u n mulato nascido escravo desvirtuou a mulher que vai ser sua esposa, e isto, fique sabendo representa para você, muito maior afronta que um adultério! Assiste lhe , por conseguinte, todo o direito de vingara sua honra ultrajada; direito este que se converte em obrigação perante a consciência e perante a sociedade! - Mas.. - Imagine se casado com Ana Rosa e o outro no gozo perfeito da vida; a criança, já se sabe, parecida com o pai.. Pois bem! lá chega um belo dia em que o meu amigo, acompanhando sua família, topa na rua, ou dentro de qualquer casa, com o cabra!. Que papel fará você,</p>
<p>Machado de Assis, <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>, 1881</p>	<p>Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos. Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim. Logo depois, senti-me transformado na Suma Teológica de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto. Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança;</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>Casa de pensão</i>, 1884</p>	<p>Bem. em todo o caso, não te dê por achada! Nem uma palavra a este respeito! Precisamos dar tempo ao tempo.. podes, todavia, ficar desde já tranqüila, que o que tem de ser - traz força! A justiça não se fez para os cães.. - É por isso mesmo que eu não confio muito na tal justiça! observou a rapariga. XVIII Mas, no fundo, João Coqueiro principiava a " cismar com o negócio ". Segundo os seus cálculos, a irmã, por aquela época, já deveria estar pejada: circunstância esta que daria oportunidade a um escândalo, de antemão preparado, forçando Amâncio a " reparar sua falta ". E, no entanto, Amelinha " nada de aviar "! O bom irmão sentia até como um peso na consciência por haver contribuído diretamente para aquela situação. - Era sempre assim.. pensava ele enraivecido. - Se não precisássemos de um filho, é que os pestinhas haviam de aparecer aí de enfiada!</p>
<p>Machado de Assi, <i>Bons dias</i>, 1888</p>	<p>Esse homem padecia de uma afecção cardíaca, mas ia vivendo; tinha mulher e quatro filhos,-o mais velho dos quais não passava de sete anos. Note S. Ex.a que o tabelião nem era filho da província; nasceu em Cimbres, e de uma família respeitável; um dos irmãos foi capitão do 1.o regimento de cavalaria, e esteve em tororó a sua fé de ofício e das mais honrosas que conheço, lê-las-á daqui a pouco; mas, como dizia, o tabelião de Ubatuba ia vivendo, com a sua afecção cardíaca e dois dedos de menos, circunstância esta que lhe tornava ainda mais penoso escrever, mas à qual se acomodava pela necessidade. A perda de dois dedos originou-se de um fato doméstico, com o qual nada tem esta Câmara, posto que, ainda aí se possa ver um exemplo, não direi raro, mas precioso, das virtudes daquele homem. Chovia, uma das cunhadas do tabelião.. Mas eu pretiro chegar ao caso principal, a entrada do alferes fobias.</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>O cortiço</i>, 1890</p>	<p>Se me arrepender, paciência! Só lhe digo é que muito mal se sairá quem quiser meter-se cá com a minha vida! - Passe bem! - Adeus! Travou-se então uma lata renhida e surda entre o português negociante de fazendas por atacado e o português negociante de secos e molhados. Aquele não se resolvia a fazer o muro do quintal, sem ter alcançado o pedaço de terreno que o separava do morro; e o outro, por seu lado, não perdia a esperança de apanhar-lhe ainda, pelo menos, duas ou três braças aos fundos da casa; parte esta que, conforme os seus cálculos, valeria ouro, uma vez realizado o grande projeto que ultimamente o trazia preocupado - a criação de uma estalagem em ponto enorme, uma estalagem monstro, sem exemplo, destinada a matar toda aquela miuçalha de cortiços que alastravam por Botafogo. Era este o seu ideal. Havia muito que João Romão vivia exclusivamente para essa idéia; sonhava com ela todas as noites;</p>

<p>Aluísio Azevedo, <i>O coruja</i>, 1890</p>	<p>Além dessas, havia uma outra razão, talvez não menos poderosa, e com certeza menos legítima. Era a paternidade que lhe davam (e contra a qual ele protestava muito frouxamente) de uma famosa série de artigos, então publicados em várias revistas científicas e várias folhas diárias. A história desses artigos é a seguinte: Coruja, havia muito, entregara-se por gosto e por necessidade de sua índole ao estudo sério e acurado de umas tantas matérias a que em geral chamam áridas, e com as quais Teobaldo não seria capaz de entestar. Sem imaginação, nem talento inventivo e nem arte, André só assim encontrou meio de usar da sua grande atividade intelectual e foi aos poucos se familiarizando com os estudos econômicos e sociológicos. Pode ser que esse apetite fosse ainda uma consequência da sua idéia fixa e dominante - a história do Brasil, obra esta a que ele se escravizara desde os seus vinte anos e da qual nunca se distraíra investigando sempre, inalteravelmente, com a calma e a paciência de um sábio velho que se dedica ao trabalho só pelo prazer de trabalhar, sem a menor preocupação de elogio ou glória. Essa obra ainda estava longe de seu termo, mas representava já uma soma enorme de serviço: compilações de todo o gênero e apontamentos de toda a espécie.</p>
<p>Fialho de Almeida, <i>Os gatos</i>, 1889-1894</p>	<p>Para fulminar a cedência dos 15 contos para a estátua, além da inferioríssima estofa política do estatuido, concorreriam mais o atraso em que está o País no saldar de dívidas similares a heróis portugueses e grandes cidadãos - o esgotamento completo do tesouro, que paga 20.000:000\$000 de réis de juros anuais, e nem sequer dispõe de quatro libras para pagar em dia aos boletineiros do telégrafo - e finalmente o facto de Fontes ter já na estação central seu monumento, escavado em pedra tão facilmente delível como a sua memória. Quanto à pensão anual do conto e duzentos, desculpável seria pedi-la o Sr. António de Serpa para uma senhora em difíceis trâmites de passadio, e que para manter a inteireza do nome ilustre que assina, carecesse absolutamente d' esmolar - caso este que não se dá, atento o facto de ser a dama mãe dum opulentíssimo cavalheiro, que só conseguiu ser rico - à sombra do tio, tanto cabe a dizer, pela benevolência da Nação. Ignoro ainda se S. Bento aquiesceu no desperdício metálico que se lhe pretendia extorquir, e que as mesmas cinzas de Fontes haveriam recusado, se falar pudessem;</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>O Japão</i>, 1894</p>	<p>A zona Tokugawal propriamente dita era a enorme bacia de Kuantu na parte leste da grande ilha central do Japão, compreendendo oito províncias cercadas de montanhas abruptas que lhes serviam de natural defesa, com os seus despenhadeiros inacessíveis, não deixando ao inimigo outro ponto estratégico mais que a cidade de Hokone na província de Izo, entre as duas bacias de Suruga e de Sagami, lugar este precisamente onde Ieiás estabelecera as barreiras dos seus vastos domínios territoriais e em que lhe era fácil verificar uma a uma as pessoas que neles penetravam. Nessas oito províncias de Kuantu residiam os oitenta mil hattamotos, vassallos diretos dos Tokugawas, os quais por sua vez, como nobres, tinham nos samurais inferiores os seus vassallos próprios. Toda essa gente se levantaria em massa ao primeiro apelo do chefe suserano.</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>A mortalha de Alzira</i>, 1894</p>	<p>No salão teatral da duquesa de Villeroy, onde o rei da Dinamarca viera uma vez para ouvir declamar o popularíssimo Le Kain e M^oClairon, pensava-se também em montar uma comédia de assunto sacro, cuja ação se passava na capela real, e cujo protagonista era um pregador de vinte anos. E, assim, no teatro do barão de Esclapon, no da duquesa de Mazarin, no do Sr. de Magnaville, no do príncipe de Condé, no da Guimard, e nas salas alegres de Sofia Arnoud, pontos esses de reunião em que melhor se fazia espírito e, com mais graça e mais picante maldade, se discutiam as novidades e os escândalos do dia, era ainda Ângelo o assunto da palestra e o objeto de mil epigramas, sátiras e trocadilhos. Mas onde incontestavelmente o assunto despertou maior escândalo, foi no salão da condessa Alzira, bela, cínica e espirituosa cortesã, célebre por ser nessa época a mulher mais insensível e mais fria de Paris.</p>

<p>Adolfo Caminha, <i>No país dos Ianques</i>, 1894</p>	<p>A Luisiana era então colônia francesa, e o rei, apiedando-se da sorte dos infelizes imigrantes, que viviam solteiros, longe de sua pátria natal, sujeitos a uma castidade quase absoluta, quis aproveitá-los para a colonização. Nesse intuito mandou vir de Paris um carregamento de mulheres, prisioneiras da Salpetrière, que chegaram a Orleans em ferros, e onde foram postas em liberdade e entregues à concupiscência da população masculina. Isso, porém, não trazia vantagens à colônia, que precisava de gente. Os canadenses satisfaziam seus apetites carnis sem que aumentasse o número de habitantes - fato este que não passou despercebido ao diretório da Companhia da Luisiana, cujo principal interesse era a multiplicação das almas. Nestas condições foram dadas outras providências, e, em 1728, chegou a Nova Orleans um grupo de raparigas, conhecidas na Luisiana histórica pelas filles de la cassette ou casket girls, mandadas pelo rei para o convento das Ursulinas a fim de se casarem licitamente. A experiência foi coroada de sucessos.</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>O livro de uma sogra</i>, 1895</p>	<p>Chamei-o à razão e ao bom desempenho da sua palavra de honra, sem lhe dar todavia segura explicação do meu modo de proceder, porque me não convinha ainda que ele alcançasse por inteiro o secreto espírito das minhas intenções. Palmira também, a princípio, não parecia muito disposta a conformar-se com o meu regime estabelecido, mas tal carinho pus no que lhe disse, e tal eloqüência emprestou a meu amor de mãe as minhas palavras, que se ela em verdade não se deu por convencida, pelo menos entregou-me os pulsos resignada. Não me desgostava ouvir-lhe as queixas; sinal era de que amava fisicamente o marido, virtude esta que se vai fazendo rara em nossos dias. - Olha, minha filha, disse-lhe uma vez, enquanto costurávamos à mesma mesa - o que não poderás negar são as vantagens, que tens sobre as outras esposas, com este sistema de vida conjugal que te arranjei.</p>
<p>Aluísio Azevedo, <i>O livro de uma sogra</i>, 1895</p>	<p>Para o satisfatório desempenho desta última parte do programa, deve o bom marido abster-se de escrever, com assinatura, artigos em jornais e livros principalmente; não deve ler senão as obras que possa dar também a ler à sua família; não deve expor, ao público e à venda qualquer produção artística de sua lavra, mas reservá-la para ornamento da sua sala de visitas ou de jantar; no seu modo de vestir nunca trazer a roupa muito à moda, nem muito fora da moda; deve, enfim, nisto, como em tudo absolutamente, escolher sempre o meio termo, o regular, o médio, porque a mediocridade deve ser o seu nível. Razão esta para que evite, escrupulosamente, aperfeiçoar-se em qualquer ramo de conhecimento científico ou artístico, que da perfeição pode, mesmo sem querer, cair no sucesso e aplauso público o que lhe não convém de modo algum, por ser escandaloso. Todo o sucesso é um escândalo, e o bom marido deve temer o escândalo antes de tudo.</p>
<p>Machado de Assis, <i>O Velho Senado</i>, 1899</p>	<p>Posto que Bernardo Guimarães fosse mais velho que nós, partíamos irmãmente o pão da intimidade. Descíamos juntos aquela Praça da Aclamação, que não era então o parque de hoje, mas um vasto espaço inculto e vazio como o Campo de S. Cristóvão. Algumas vezes íamos jantar a um restaurant da Rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, nome este que se lhe deu por indicação justamente no Diário do Rio; o poeta morara ali outrora, e foi Múzio, seu amigo, que pela nossa folha o pediu à Câmara Municipal. Pedro Luís não tinha só a paixão que pôs nos belos versos à Polônia e no discurso com que, pouco depois, entrou na Câmara dos Deputados, mas ainda a graça, o sarcasmo, a observação fina e aquele largo riso em que os grandes olhos se faziam maiores.</p>
<p>Machado de Assis, <i>Textos críticos</i>, séc. XIX</p>	<p>A maior parte das composições são quadros feitos sem outra intenção mais do que fixar um momento ou um aspecto. Geralmente são curtos, em grande parte sonetos, forma que os modernos restauraram, e luzidamente cultivam, pode ser até que com excessiva assiduidade. Os versos do nosso poeta são trabalhados com perfeição. Os defeitos, que os há, não são obra do descuido; ele pertence a uma geração que não peca por esse lado. Nasceram, - ora de um momento não propício, - ora do requinte mesmo do labor; coisa esta que já um velho poeta da nossa língua denunciava, e não era o primeiro, com esta comparação: " o muito mimo empece a planta ". Mas, em todo caso, se isto é culpa, feliz culpa; a troco de algumas partes laboriosas, acabadas demais, ficam as que o foram a ponto, e fica principalmente o costume, o respeito da arte, o culto do estilo.</p>

I.2 Séc. XX(PND)

<p>Aquilino Ribeiro, <i>Terras do Demo</i>, 1919</p>	<p>E naquelas baixas dos Grous, comidas de azinheiras, onde havia ao pé da estrada um calvário branco como um defunto amortalhado, e a pedra das encomendas - uma laje bulindo em cascalho miúdo que lhe atiravam para não esquecer merca nem recado encomendado; nessas baixas farruscas dos Grous e pelas Marzalonas fundeiras e barranquenhias, até às alturas do Queiral, duas compridas léguas sob abóbadas soturnas de montado com gente escondida nas moitas e vultos de árvores que o pareciam, tudo isso metia respeito noutros tempos e ninguém passava de noite fora de horas, sem o padre--nosso na bôca e alma encomendada a Deus. Tempos esses de reboição e desassossego, ele do temor das quadrilhas de ladrões, ele dos bons sustos dos lobos-homens, alvejões, almas do outro mundo e bruxas.</p>
<p>Lima Barreto, <i>Os Bruzundangas</i>, 1923</p>	<p>O crédito agrícola é, por isso, até prejudicial à lavoura da paradoxal república. Em geral, vivem fora das propriedades, nas grandes cidades, sob o pretexto de educarem as filhas e os filhos, mas com o secreto intuito de arranjar bons partidos matrimoniais para as meninas. Foi entre semelhantes morubixabas que certo mandachuva escolheu um seu ministro da Agricultura. Remontemos as origens desse cacique do açúcar, os piores da Bruzundanga, pois lidam em geral com os naturais do país que não têm a quem se queixar. Na província das Canas, houvera um turumbamba mais ou menos oficialmente protegido por um manda-chuva, motivo esse que derrubou a oligarquia da família dos Cravhos. Um usineiro muito rico da mesma província, Phrancisco Novilho Ben Kosta, mais conhecido por Chico Caiana, tinha adiantado dinheiro e assoldado gente para que o general Tupinambá tomasse o lugar do soba-mor Cravho Ben Mathos. O general vitorioso ficou muito agradecido ao Chico, e prometeu dar-lhe uma posição de destaque na política. Chico era o tipo do grande agricultor da Bruzundanga: nada entendia de</p>
<p>Afonso Ribeiro, <i>Escadas de Serviço</i>, 1946</p>	<p>Passos adiante, oferecia-lhes uma fonte arcada água da boa, na cisterna da qual, rasa com o tempo, iam, segundo as vozes, os religiosos de S. Francisco pôr o bacalhau de molho em vésperas de magro. Casa, água, lenha da que apodrecia pelas tapadas ricas, e a graça de Deus, disto eram fartos os Violas. Consoante palpitara, lá estava Celidónia! ao dobrar o portão, entrevi-a logo sobre a soleira da cardenho, a coser o saiote. E como nós tivéssemos enganchado, prática esta muito pitoresca da nossa serra, corri para ela de dedo em riste, gritando: -Reza, Celidónia, reza! -Reza! reza!-respondeu ela, numa casquinada de riso e batendo palmas no quadril. - Primeiro te mandei eu! Riu ainda muito da surpresa que lhe fizera, e ficou a olhar para mim, a face banhada de luz, aquela face em que primeiramente meus olhos conheceram a misteriosa ordenação dos sexos.</p>
<p>Cornélio Penna, <i>A menina morta</i>, 1958</p>	<p>A negra velha que as fiscalizava de longe aproximou-se nas pontas dos pés, seguida pelos olhares receosos das demais mucamas, mas, ao chegar perto percebeu de súbito que choravam e tentavam sufocar os gritos histéricos nos aventais, prestes a desatarem em ataques. Grande doçura suavizou seus traços rudes, marcados pela tatuagem de sua terra natal, e coçou por momentos, hesitante, a cabeça, antes de dar a conhecer que estava perto e tinha visto que elas haviam interrompido o trabalho, falta essa em geral castigada com palmatoadas. Era preciso ralar para manter o respeito exigido por ser considerada a mais graduada da sala, mas seu velho coração, nascido entre selvagens antropófagos era, entretanto, o mesmo que batia naqueles outros peitos suavizados pela mistura d sangue branco.</p>
<p>Maria de Lourdes Teixeira, <i>Rua Augusta</i>, 1962</p>	<p>Aflita por ter-lhe causado uma decepção, Josefa a acompanhou até o quarto: - Juro por Deus que não foi brincadeira minha. Me Pareceu.. Mas Cecília lhe bateu a porta na cara, - O desconhecido levantou-se quando Auta surgiu por entre as cortinas; curvou-se mas não estendeu a mão, à espera de que ela o fizesse. Auta, entretanto, já assumira o ar altaneiro que lhe vinha sempre que se defrontava com qualquer aspecto de euforia alheia. Pois o visitante, sem paletó nem gravata, calça de veludo e camisa esporte de côr viva, sobraçava uma pasta, extravagâncias aquelas que paradoxalmente lhe davam certa distinção. Ela pensou: " Jamais Álvaro e Plínio seriam capazes de apresentar-se em mangas de camisa a quem quer que fôsse, quanto mais em visita a uma senhora! É claro que eu não exigiria que este indivíduo usasse fraque, como meu pai.. " O môço, pois ao sorrir ele rejuvenesceu ficando com sua idade mais provável - de vinte e oito a trinta anos - parece que lhe adivinhou os pensamentos.</p>

<p>Maria de Lourdes Teixeira, <i>Rua Augusta</i>, 1962</p>	<p>E de volta, tempos depois, devia também um pouco aos pedidos de Felisbina às espôsas dos figurões a nomeação para a Coletoria. Tivera todo o apoio ma-terno, além disso, quando inventara de casar com essa pérola que era Josefa, cria dos Amorim Lassa. Antigamente, o Dr. Álvaro dizia à ama de suas filhas: - Você, Felisbina, também é pioneira. Lembre-se que nasceu em Pindamonhangaba, foi ainda menina para Moji das Cruzes, depois para Sorocaba, em seguida para Parnaíba, morou em Campinas, e agora reside em Itu, <u>idades essas</u> que apontam as rotas dos bandeirantes. Os Leme Romeiro, de Pinda, que a criaram e dos quais nós, os Meira Prado, a roubamos, percorreram todo êsse mapa antes de serem grandes entre as fôlhas das selvas e as fôlhas dos compêndios de jurisprudência. Ela punha as mãos na cintura, confirmava: - Que dúvida, seu doutor! Vivo dizendo E,so a Elesbão. - Vocês são dignos um do outro.</p>
<p>José Geraldo Vieira, <i>A mais que branca</i>, 1974</p>	<p>Não satisfeita com isso, levantou-se só para acender também o pia f onier. Deitada outra vez, ou melhor recostada alto no travesseiro, retirou da gaveta do criado-mudo as folhas de papel muito bem dobradas onde Lúcio após muitas emendas em outras folhas copiara com boa letra o seu poema CAP FERRAT em forma definitiva. Pôs-se a lê-lo e a interpretá-lo. Afinal de contas, aquilo queria dizer o quê? Que ele a devolvia não à condição em que a encontrara, mas às madres, às raízes. Isto é, à própria mãe, ex-funcionária dos Correios e ex-porteira dum prédio, <u>criatura essa</u> em hipóstase com Mme. Villeneuve, inquilina do referido prédio e que, mãe de duas filhas, adotara Raymonde também. Ambas as matronas já mortas, porém sem dúvida perenes. - Anselmo Cintra. O Dr. José Maria da Costa se acha em Belo Horizonte, no Congresso Sul-Americano de Cirurgia. Como foi que você descobriu que estaríamos aqui?</p>
<p>João de Melo, <i>Autópsia de um mar de ruínas</i>, 1984</p>	<p>Esperava o avião de Luanda, no qual viajava, regressado das férias na Metrópole, o alferes Gonçalves, cuja Companhia gemia há dezoito meses aquartelada no M' Pozo. Entrou, assim, pelos botequins dentro e pelas tascas dos brancos, onde a eternidade da cerveja e do tremoço embrulhava o ar com o fumo dos charutos e com as moscas pousadas sobre as mesas; cruzou-se, à entrada da sanzala, com a população maltrapilha das cubatas, com as velhas e ressequidas mulheres de pés descalços, comidos pelo azebre, <u>mulheres essas</u> que traziam pela mão crianças cor de lama e em cujo rosto se surpreendia as crateras da fome iludida na sua ingenuidade; depois, eram os bairros lavados dos brancos.</p>
<p>João de Melo, <i>Autópsia de um mar de ruínas</i>, 1984</p>	<p>Havia-os de todos os aspectos próximos e distantes, desde gerais velhos e atormentados pelo reumatismo, que vestiam a pontifícia farda cor de quaresma e tinham dedos sáurios enluvados de negro, mas não tinham mais nada: nem o cabelo, nem as ideias ou sequer o bigode de lamber pássaras de cadela no cio; havia sargentos excedentários povoando secretarias desertas, cuja palidez assustada lembrava negócios secretos, expedientes baratos, homossexualidades reprimidas, <u>homens esses</u> que se ofereciam para comissões sucessivas e que depois construíam chalés ou gozavam a reforma, sentados até morrer, debaixo de alpendres de um mármore provinciano; havia cabos anões à espera da promoção a sargento: tinham olhos alcoólicos e muito propósito de estragar a vida a toda a gente; havia jovens oficiais protegidos nas cidades, passeando fêmeas mastronças e de muito decote em automóveis de corrida nas noites de Luanda;</p>
<p>José Louzeiro, <i>Devotos do Ódio: Uma Profecia Camponesa</i>, 1987</p>	<p>Afinal, dr. Veiga de Castro sempre me parecera precavido. No jornalismo dava provas disso, diariamente. Seus artigos eram contundentes, às vezes discutíveis, mas não podiam ser rotulados como inconseqüentes. Pelo que diziam na redação, muito discretamente, dr. Veiga de Castro tinha tendências socialistas e até escrevera um livro sobre as atividades do Partido, <u>obra essa</u> que eu jamais vira e poucas pessoas na redação conheciam. Na verdade ele não era de sacrificar-se por ninguém e muito menos pelo jornal, mas, de outra parte, jamais faltava às suas obrigações, chegava rigorosamente na hora e, quando o expediente terminava, retirava-se fazendo recomendações a Adriano, Vinhaes, algumas vezes ao próprio Hélio Gordo, por quem não nutria simpatias.</p>

<p>José Louzeiro, <i>Devotos do Ódio: Uma Profecia Camponesa</i>, 1987</p>	<p>Pelos meus cálculos, aquilo daria no mínimo duas páginas, bastava o diagramador aproveitar de quatro a cinco fotografias, algumas dos momentos mais dramáticos do juiz entre a vida e a morte. Os poucos jornais e emissoras de televisão que enviaram repórteres a Sapé, para cobertura da tentativa de homicídio, dentro do Tribunal, chegaram com bastante atraso. Valeram-se de alguns depoimentos feitos por frei Juliano, Sólton de Almeida e Margarida Maria Alves. Do Recife a televisão apresentou pequena entrevista com o coronel Aguinaldo Vilar Barros, afirmando que Vinte e Cinco não era seu empregado, fazia tempos, coisa essa comprovada por outros elementos do Grupo da Várzea, presentes ao escritório do coronel, no momento em que ele falava aos jornalistas. - O juiz decidiu pautar sua atuação pelo radicalismo - dizia o coronel Barros - e os radicais terminam sempre se dando mal. Desejo que ele se recupere e viva muitos anos. Não sou seu inimigo e espero, como todo cidadão responsável, que o criminoso seja punido.</p>
<p>José Saramago, <i>História do Cerco de Lisboa</i>, 1989</p>	<p>O revisor é observador bastante competente e sensível para, num simples relance do olhar, recolher uma informação tão completa, podemos mesmo admitir a hipótese de que algum dia terá encontrado no espelho da sua casa uns olhos assim, os seus próprios, não seria preciso dizê-lo, porém não vale a pena perguntar-lho, que, dele, o que mais nos interessa é o presente, e, se do passado uma lembrança, muito menos o seu do que, do passado geral, a parte modificada pela palavra impertinente. Agora o que falta é ver aonde ela nos levará, sem dúvida, em primeiro lugar, a Raimundo Silva, pois a palavra, qualquer, tem essa facilidade ou virtude de conduzir sempre a quem a disse, e depois, talvez, talvez, a nós que estamos indo atrás dela como perdigueiros farejando, considerações estas evidentemente prematuras, se o cerco ainda nem sequer começou, os mouros que entram na leitaria entoam em coro, Venceremos, venceremos, com as armas que temos na mão, pode ser, mas para tanto é preciso que Maomé ajude o melhor que saiba, pois armas não as vemos, e o arsenal, se a voz do povo é realmente a voz de Alá, não está numerosamente fornecido, na proporção das necessidades.</p>
<p>Periódico (CETEM Público), 1993</p>	<p>José Vicente Lopes, em a Cidade da Praia Esta é uma de as conclusões de a obra Transplantes-Relevância Jurídico-Penal, de a autoria de a advogada Madalena Lima, editado por a Almedina e esta semana lançado em o Ateneu Comercial do Porto. Para além de esta constatação, a jurista, que faz uma análise aprofundada de a legislação em vigor, defende que a equipa médica responsável por o diagnóstico de a morte deverá oferecer garantias quanto a a sua isenção, garantias essas que, em o seu entender, não estão totalmente previstas em a lei. Madalena Lima advoga a solução espanhola em esta matéria a equipa deve ser constituída por três médicos, nenhum de os quais poderá pertencer nem a as equipas de colheita nem de transplante. A advogada crítica ainda a grande demora em as campanhas de informação sobre o Registo Nacional de Não Dador, em vigor desde Outubro de 1994.</p>
<p>Periódico (CETEM Público), 1994</p>	<p>Uma eventual não cooperação com a comissão seria inaceitável, segundo o texto de a declaração. npt-pub-3327## Carregado disciplina venda ambulante A Câmara de Alenquer anunciou a activação de um novo espaço para venda ambulante em a sede de a freguesia de o Carregado, que entrará em funcionamento a partir de o dia 12 de Março. A autarquia justifica a medida com o modo caótico como vem sendo praticada a venda ambulante em as ruas circundantes a a praça diária de o Carregado situação esta denunciada por a Junta de Freguesia, comerciantes e moradores e dada a necessidade de garantir a fluidez de o trânsito. O novo espaço, que funcionará apenas a as sextas-feiras e sábados, será instalado em terrenos de a Urbanização Solcarregado, junto a a Avenida de o Cabo da Boa Esperança, e donde passará a ser permitida, em exclusivo, a venda de vestuário, calçado, quinquilharias e afins e, ainda animais de capoeira vivos</p>

<p>Periódico (CETEM Público), 1994</p>	<p>Freixo vai arrancar em o último trimestre de este ano e o projecto encontra-se já concluído, garantiu o presidente de a JAE a Fernando Gomes. O presidente de a Câmara do Porto anunciou ainda que foi tecnicamente aceite que a autarquia avançasse ainda em 1992 com as obras de os novos acessos a o Mercado Abastecedor do Porto, incluídas em o terceiro lanço de a Via de Cintura Interna, que estavam previstas só para 1994. Troca por troca, a autarquia portuense a o assumir uma obra de a JAE obtém como contrapartida a construção por a Junta de acessos a a cidade dentro de a Via de Cintura Interna, <u>obras estas</u> que seriam de iniciativa municipal. npt-pub-4894## Para quem saia de o Colégio Militar e vá, por exemplo, até a o Parque, haverá agora uma oferta maior, com partidas de três em três minutos, em lugar de os intervalos de seis minutos praticados até aqui entre cada composição, disse o presidente de o Metropolitano, Consiglieri Pedroso.</p>
<p>Periódico (CETEM Público), 1994</p>	<p>Após a chegada a o Governo de os socialistas, as contas foram refeitas, o buraco de o IAC descoberto, e a proposta de orçamento suplementar estima já a despesa anual de a Cultura em cerca de 13, 350 milhões de contos. Conforme o Público noticiou ver edição de 4/11/95, o Instituto das Artes Cénicas fez a atribuição de os subsídios a o teatro e só depois terá verificado que as verbas em causa excediam a respectiva dotação orçamental. A direcção de o IAC era assumida interinamente por Carlos Aviliez, simultaneamente director de o Teatro Nacional D Maria II, <u>cargo este</u> em que recentemente foi confirmado por o ministro de a Cultura. A gestão deficiente de os teatros nacionais de Lisboa e Porto, além de a inexistência de um director financeiro, terão contribuído para o excesso de gastos por parte de o IAC.</p>
<p>Jornal Folha de São Paulo, 1994</p>	<p>Se acrescentarmos o que também fez por o nosso futebol Garrincha, Alegria do Povo, por o nosso urbanismo Brasília Contradições de uma Cidade Nova e por a memorialística de Pedro Nava O Tempo e a Glória, chegaremos a a conclusão de que nenhum cineasta brasileiro mirou com igual amplitude esta terra irremediavelmente carnavalesca e antropofágica. <u>Amplitude esta</u> que se estende a os diferentes estilos e modos de abordagem cinema verdade, cinema direto, realismo lírico, alegoria, sátira por ele adotados ao longo de 30 anos de carreira. nbr-fol-2063## Paraíba 5 A seca de 93 fez com que o cultivo de mandioca em a Paraíba tivesse a área reduzida em 50 \$%, segundo a Emater Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.</p>
<p>Jornal Folha de São Paulo, 1994</p>	<p>Até um dia eu notei que eles mudaram, passaram a não ligar mais para minha presença e saídas. Comecei a me sentir vazia e sem amor. Então percebi que estava em um mundo de ilusão e falsidades, onde os amigos só eram amigos quando você tinha dinheiro para eles também saírem. Abri meus olhos e larguei tudo. Tornei-me uma pessoa séria e comecei a trabalhar com 14 anos. Hoje, a os 19, agradeço a Deus por ter colocado em minha mente a verdade: meus pais não podem sofrer tanto assim. Ainda bem que mudei, pois estava perdendo as partes mais valiosas de a minha vida, <u>partes estas</u> totalmente insubstituíveis: o amor e a confiança de de meu papai e minha mamãe. Gostaria que publicassem esta carta pois com certeza alguns pais terão uma idéia de como mudar os filhos: usando a psicologia indiferença. Foi assim que aprendi e dei a volta por cima.</p>
<p>Jornal de Notícias, Para que são as forças armadas, 1995</p>	<p>1 - a defesa militar contra as ameaças e agressões externas é a missão fulcral e que justifica as FA como instrumento de força para garantir a sobrevivência da Nação em paz e liberdade, a legítima defesa da integridade, independência e soberania nacionais. Exige forças, dispositivos e planos autónomos, mas que, cada vez mais, se complementam na solidariedade da alianças que trazem consigo compromissos militares permanentes; <u>compromissos esses</u> considerados vitais, porque se trata, para além da defesa da aliança, da defesa do próprio país. É esta função - a capacidade de se defender combatendo - que um estado soberano não deve delegar e que legitima o dever cívico militar até ao sacrifício da própria vida.</p>
<p>Jornal de Notícias, A democracia directa, 1995</p>	<p>O que se poderá esperar do ensino e dos protagonistas desse mesmo ensino, no nosso país? Espera-se paixão tolinha? Sacrifício? Entusiasmo? Espírito de missionário? Báh! Vade retro! # A. Cândido Gavaia (Leitor de Vila Real) # PS - por casualidade chega-me às mãos o jornal " Público ", do passado dia 18 de Novembro, e na secção " Cartas ao director ", deparo com duas missivas assinadas por dois leitores de Coimbra, <u>cartas essas</u> que, no mínimo, são disparatadas, revelando uma certa dose de ingenuidade e estultícia por parte de quem as assina. Um leitor, acha que as provas de acesso ao 8.º escalão já realizadas pelos professores " alguma coisa provaram "..(!) Como se fosse possível pela realização das provas, disjuntar os professores que " são bons e ensinam bem ", dos outros que chegam ao 7.º escalão!</p>

<p>Jornal de Notícias, <i>Aborto eugênico e direito à diferença</i>, 1996</p>	<p>Dizia eu que, até há pouco, me convenci de que o propósito de muitos seria lutar eficazmente para que, na realidade dos factos, o número de abortos diminuísse ou, ao menos, conseguir que aqueles que, apesar de tudo, se realizassem não juntassem ao mal da interrupção de um processo vital outros males para a saúde (ou até também para a vida) da mãe - males esses provocados pelas condições precárias que envolvem uma intervenção com métodos inadequados e higiene duvidosa. Hoje - e quanto aos proponentes da alteração de regime - tive de me render à evidência de que estava equivocada.</p>
<p>Luiz Alfredo Garcia-Roza, <i>O silêncio da chuva</i>, 1996</p>	<p>Aqui, neste aprazível Terceiro Mundo, o relatório do legista raramente informava se a vítima morrera por tiro ou por envenenamento. Welber segurava um envelope. - Inspetor, chegou o resultado do exame da arma. Freire fizera a gentileza de mandar entregar. O resultado era detalhado e minucioso. A arma vendida por Max aos bicheiros fora a mesma que matara o executivo e era também a mesma que estava na caixa encontrada vazia por Bia Vasconcelos no armário do marido. O que até então sabíamos por investigação sumária era agora confirmado tecnicamente. Ricardo Carvalho fora morto com sua própria arma. Arma esta que teria sido jogada num monte de lixo por Rose, sua secretária, recuperada por Max e vendida aos bicheiros. Obviamente, Max acusara a secretária para se proteger. Havia, porém, um detalhe que se repetia agora e que, apenas por essa repetição, despertou minha atenção. Para ele ter jogado a culpa na secretária, precisava saber que ela desaparecera, caso contrário poderia ser desmascarado. Como ele poderia dispor dessa informação?</p>
<p>Jornal de Notícias, <i>Tribuna Livre</i>, 1997</p>	<p>VII - Virá a propósito referir um elemento histórico: O regime anterior ao 25 de Abril, desde sempre tido como repressivo, foi-o até ao exagero após a Revolução; e digo até ao exagero porque, pouco tempo depois, se caiu no extremo oposto nesta área de medidas coercivas decretáveis durante a instrução preparatória dos processos criminais, tendo-se legislado em termos totalmente contrários ao sentido de justiça dos cidadãos. Pensou-se mais nos arguidos do que nas vítimas e, hoje, o juiz tem menores possibilidades neste campo do que anteriormente, situação esta, infelizmente e contra minha opinião, nunca denunciada pela nossa associação sindical. É daí que resulta uma certa sensação de passividade dos tribunais, e que nasceu a célebre queixa " nós prendemos e o tribunal solta " (aliás e tanto quanto sei, ligada à PSP, mas não à GNR).</p>
<p>Doc Comparato, <i>A guerra das imaginações</i>, 1997</p>	<p>Porque Della Rovere dilapidou sua fortuna, desmembrou seu exército e levantou altos empréstimos com conhecidos banqueiros, tudo pela compra da etérea fidelidade dos cardeais. Anos mais tarde a lei de Simão seria banida do Vaticano e proclamada pecaminosa pela Igreja de Cristo. A partir deste momento várias atividades humanas, ou melhor, quase todas, passaram a adotar velada ou explicitamente a simonia. Fato este que só confirma a fabulosa atração que os pecados produzem no espírito dos homens. Apesar das intrigas de Carlo e Camilo, da revolta encenada de alguns prelados, da certeza de que seria papa, a verdade é que Della Rovere admirou a ação inócua da abadesa. ao ser impedido de entrar no aposento papais pelos monges, o cardeal recuou deixando a religiosa reinar como viúva na ante-sala.</p>
<p>Jornal Terras da Beira, Os nomes, os nomezinhos, 1997</p>	<p># Nuno Renca, Guarda # Por vezes surpreende-me a capacidade que algumas pessoas começam a adquirir logo desde tenra idade, capacidade essa que consiste em desconstruir, subverter e aumentar aquilo que outrem disse. # ao ler a última edição do « Terras da Beira », deparei-me com um texto que afirma o que eu não afirmei num artigo publicado em 17/7/97 («Acerca do III Concurso de Música Moderna da Guarda»). É por esse motivo que clarificarei e reporei a verdade daquilo que referi no artigo publicado em 17 de Julho.</p>
<p>Jornal Terras da Beira, Um dia o retábulo vem abaixo, 1997</p>	<p>As respostas são pouco abonatórias. O pároco da freguesia está disposto a ceder parte das verbas da igreja para a restauração, mas exige que o trabalho tenha qualidade. # np_ber_1184## apuradas para os campeonatos europeus # Repetiram-se as proezas de 1994. Marina Reduto (18 anos) e Dora Leal (12), do Grupo de Xadrez da Guarda, conquistaram os títulos de vice campeãs nacionais femininas respectivamente nas categorias etárias de Sub 18 e Sub 16, nos campeonatos nacionais disputados em Silves (Algarve). Ambas conquistaram o 2º lugar nos seus campeonatos, posição essa que lhes outorga o direito (e o dever) de representarem Portugal nos próximos campeonatos europeus juvenis femininos a realizar na época em curso.</p>

<p>Jornal Terras da Beira, D.Mileu 0, Figueirense 1, 1997</p>	<p>De resto, deu logo frutos aos 5 minutos, quando na sequência de um pontapé para a frente, Alvaro leva à melhor sobre Ferreira e já muito perto da pequena área, ligeiramente descaído para a esquerda, desfere um remate que bate Prata. Até ao final, continuou o futebol trapalhão e mal jogado das duas equipas, permitindo no entanto que as oportunidades de golo fossem em maior número para os forasteiros. Quanto ao trabalho da equipa de arbitragem, que anulou dois golos, um para cada equipa, e logo por indicação do mesmo assistente, Joaquim Garcia, lances esses que não podemos ajuizar, já que a posição não era de molde a fazê-lo. Em ambos os lances, a bandeirola foi levantada sem margens para dúvidas, muito antes da bola ter entrado na baliza. Quanto a Manuel Figueiredo, a condição física não parece a melhor, já que durante os 90 minutos, praticamente não saíu do grande círculo.</p>
<p>Jornal Terras da Beira, Filhos de um Deus Menor, 1997</p>	<p>Temos tido conhecimento de outros casos mais gritantes que não foram ainda denunciados pela imprensa nem chegaram a um gabinete ministerial. É óbvio que a questão central se prende com o necessário financiamento da ARS a estes internamentos. Financiamento esse que, permitam-me a divagação, é irrisório quando comparado com o enorme e meritório esforço financeiro que o Estado vai fazer com a comparticipação do internamento de toxicodependentes em comunidades terapêuticas. Lamentamos também que os doentes psicóticos, na grande maioria reformados precocemente e com fracos recursos, não beneficiem de uma comparticipação a 100% nos medicamentos neurolépticos de que precisam para tratamento, como já se faz para os diabéticos, os epiléticos ou para os tuberculosos. Porque é</p>
<p>Jornal Gazeta do Povo, Mantendo a forma, 1997</p>	<p>Isso, diz ele, alimentou a sua " inquietação teórica " pela matéria. Ele concede que a sua tese de doutoramento " está longe das pretensões sistemáticas e das respostas definitivas aos problemas que levanta " (com o que só podemos concordar), mas, mesmo assim, tentou ver, " em cada dobra retórica uma fresta por onde pudesse enfiar a [sua] insaciável curiosidade e lobrigar algum comportamento impublicado " Por isso mesmo, chama desde logo a atenção para a " forma pouco ortodoxa do trabalho ", trabalho esse que lhe preparava uma surpresa inesperada: " Eu estava parindo ", diz ele em vigorosa imagem ginecológica, estava parindo, sem saber, " um texto em forma de Sonata " (maiúscula e ênfase dele mesmo). Para repetir o verbo que emprega, o texto lhe " escapuliu " das mãos e começou a " fazer travessuras musicais " tão prazerosas que se transformaram " numa das maiores gratificações do trabalho "</p>
<p>Jornal Diário de Pernambuco, Imploração do Mercosul, 1997</p>	<p>E contribuindo para a configuração do quadro dantesco de pobreza e fome recém-divulgado pela ONU: há 1,3 bilhão de pobres no mundo, dos quais 160 milhões são crianças. # Quase simultaneamente, o Instituto Internacional para Estudos Estratégicos, sediado em Londres, divulga que os gastos com armamentos, exportados sobretudo pelos Estados Unidos, Gra-Bretanha e França, atingem a estarrecedora soma de 40 bilhões de dólares anuais; recursos estes que, aí sim, se aplicados de forma decentemente humanitária, seriam capazes de saciar a fome em todos os quadrantes do globo. # Voltando, porém, ao caso brasileiro, ou melhor à visita presidencial norte-americana. Com efeito, a questão armamentista não constou da agenda dos encontros.</p>
<p>Oral: Jornal do Comercio, Alípio de Freitas, 1997</p>	<p>As Ligas e o latifúndio se extremaram. ao contrário do que acontece hoje com o MST, a organização das Ligas, quer no topo quer na base, era bastante fluida, tinha algumas contradições e apresentava muitas fissuras. Também e, sobretudo, quanto ao que fazer depois. Um outro aspecto diferenciativo é o apoio que hoje o MST tem da classe média e do proletariado urbano, apoio esse que as Ligas nunca tiveram. Sem falar da Igreja Católica, cuja presença na atividade do MST vai do apoio material ao apoio político e organizativo. Evidentemente que os tempos são outros, o que leva a sociedade brasileira que quer o progresso, ou teme uma revolução social, a apoiar o MST, isolando politicamente os " agrários ".</p>
<p>Oral: Jornal A Tarde, Salvador nao tem esperanças?, 1997</p>	<p>R - O engarrafamento de hoje, por incrível que pareça, é um problema episódico. Digo, na gravidade em que se apresenta neste momento, com chuva e creio, com alguma complicação na obra, que desconhecemos. É necessário, nestes casos, que se tenha um sistema de comunicação para que os motoristas possam desviar o trajeto, seja pelo Dique do Tororó, Djalma Dutra, Barros Reis, vias estas onde também se tem um excesso de veículos. P - Então, em razão de haver uma obra, o congestionamento não chega a preocupar? R - Justamente, a maior preocupação é quando não se tem nenhuma obra e ocorre o congestionamento, a exemplo do que já se pode verificar no Iguatemi, onde, na gestão anterior da prefeitura, se ampliou as vias e se conseguiu um trânsito tranquilo por duas semanas.</p>

<p>Oral: Jornal Terras da Beira, <i>Bento Leal</i>, 1997</p>	<p>O caso, por exemplo, de andarem a relacionar vagas em aberto com qualidade e prestígio e não atenderem a factores dominantes, acho que há uma pobreza de argumentação. Esse jornal é o " Nova Guarda " e toda a gente sabe que o jornal é propriedade da Augusto Gil e é público que esta associação é dirigida pelo doutor João Raimundo. Outra imagem que tem sido passada é a da Associação de Estudantes. E também é público que a associação de estudantes faz inquéritos de opinião, não sei com que direito e suspeito até da legalidade disso, que são publicados no N.G. Inquéritos esses que são pagos pela Associação de Desenvolvimento Integrado da Região da Guarda da qual é presidente o doutor João Raimundo. Ele pode dizer que não quer degradar a imagem do Instituto, o caso é que tem sido à sombra dele que se têm acoitado todos aqueles que objectivamente a tratam. O presidente da Associação de Estudantes [António Monteiro] fez afirmações públicas que são mentiras intencionais.</p>
<p>Jornal Região de Leira, <i>Tribuna Jurídica: Inquilino e condomínio</i>, 1998</p>	<p>Deverão os caros leitores, entender as respostas como " dicas técnicas " com recurso, pontualmente, às disposições legais vigentes e bem assim, quando a situação o aconselhar ou impor, à jurisprudência (entenda-se o conjunto de decisões dos tribunais). # Esta é, seguramente, uma daquelas perguntas que muitas das pessoas que tomam de arrendamento uma fracção autónoma fazem, primeiro a si próprias, e seguidamente ao " vizinho inquilino " já mais " batido " nestas coisas de condomínios. # O inquilino (arrendatário), e para o que aqui interessa, (juridicamente) é titular de um direito de crédito, direito esse proveniente da celebração de um contrato de arrendamento urbano, não tendo, nessa qualidade, - a de inquilino - direito (legitimidade) para intervir e/ou votar na Assembleia de Condóminos, pois a Lei confere essa legitimidade apenas ao proprietário. (Artigos 1430º e 1431º ambos do Código Civil).</p>
<p>Mário Cláudio, <i>Peregrinação de Barnabé das Índias</i>, 1998</p>	<p>Perdia-se-lhe o juízo na busca da que se lhe oferecera, e a cada passo julgava revê-la, ao dobrar uma esquina, ou ao destacar-se de um punhado de gente, mas era sozinho que se achava ele por fim, abandonado pelo esplendor de que a aparição se rodeara. Fixava os olhos no percurso dos artelhos das que deambulavam, embiocadas na brancura dos balandras, mas não reconhecia as argolas da que fora sua, e julgava-se traído por um desígnio que Deus lhe não permitia perscrutar. Tempos esses de grande turbacão, originada no comportamento dos locais que, fingindo-se amáveis por vezes, se revelariam de pérfida astúcia ao cabo e ao resto, impedindo a que neles se depositasse a menor das confianças.</p>
<p>Jornal Expresso, <i>Estímulos por rádio no cérebro</i>, 2001</p>	<p>« Na verdade, esta modulação contém tanta informação acerca do mundo exterior que seria surpreendente que o cérebro não fizesse uso dela». # Os estudos foram conduzidos em ratos, que agitam os bigodes quando procuram alimento. O cérebro dos ratos traduz os estímulos oriundos dos bigodes em informação acerca da localização dos objectos. Os bigodes agitam-se rapidamente, a cerca de oito movimentos por segundo, ou seja, 8 Hertz. Assim, os neurónios oscilantes do cortex estão sintonizados para uma « frequência de emissão » de 8 Hz. Quando os bigodes tocam um objecto, emitem sinais neuronais suplementares para o cérebro, sinais esses que modulam a transmissão normal a 8 Hz. Modulação que é determinada pela localização do objecto - algo que se pode comparar ao timbre das cordas de uma viola; quanto mais próximo do corpo da viola for colocado o travessão, mais agudo é som tirado das cordas. ao descodificar a modulação, o cérebro do rato cria uma representação interna do posicionamento do objecto.</p>
<p>Académico, <i>Segmentação textual automática em sentenças de documentos</i>, séc. XX</p>	<p>Observe-se o exemplo a seguir: No exemplo exposto acima, o critério formal (nível morfológico) é válido para distinguir termos de palavras. Outra possibilidade é utilizar o nível lexical e constatar os paradigmas derivacionais, como por exemplo: floculante, defloculante, deflocular, defloculação. A partir de uma ocorrência de um dos termos acima, podemos inferir que as demais ocorrências constituam termos também. Infelizmente isso não é possível com a grande maioria dos termos originários da língua geral, termos esses que não têm marcas formais para facilitar a sua recolha em textos especializados, como por exemplo: forno, peneira, secador, biscoito, argila magra, suporte queimado, etc. Contextos como: a. " Para solucionar estes problemas, é necessário evitar a introdução de material úmido no forno ", diz Quintanilla.</p>

<p>Mauro Luiz Rovai, <i>Imagem-movimento, imagens de tempo e os afetos "alegres" no filme o triunfo da vontade, de Leni Riefenstahl, séc. XX</i></p>	<p>“A essência do mundo coincid(iss)e com a lei estatística pela qual a superfície é classificada.” (Adorno & Horkheimer, 1986: 206). O mesmo poderia ser dito da imagem: falta a palavra, falha o conceito, e ela adquire o papel da ponte, do que cobre a fissura e a tudo explica. A isso corresponde o medo do desvio, o pavor diante do que constitui o humano, daquilo que o envolve e o corrompe: o tempo. “O medo que o bom filho da moderna tem de afastar-se dos fatos -- fatos esses que, no entanto, já estão pré-moldados como clichês na própria percepção pelas usanças dominantes na ciência, nos negócios e na política -- é exatamente o mesmo medo do desvio social. Essas usanças também definem o conceito de clareza na linguagem e no pensamento a que a arte, a literatura e a filosofia devem se conformar hoje ao tachar de complicação obscura e, de preferência, de alienígena o pensamento que se aplica negativamente aos fatos, bem como às formas de pensar dominantes, e ao colocar assim um tabu sobre ele, esse conceito mantém o espírito sob o domínio da mais profunda cegueira.</p>
<p>Enciclopédia Bliiblioteca Universal, <i>Opus Dei, séc. XX</i></p>	<p>É por isso que o Opus Dei tem sido objecto de controvérsia em virtude de alegações acerca de envolvimento secreto na política (ala direita), finanças e educação. Em 1996, a chegada do Partido Popular, de José Maria Aznar, ao poder foi possível graças a uma coligação de centralistas e de nacionalistas bascos e catalães, coligação essa formada por membros do Opus Dei. Além disso, o gabinete ministerial de Aznar incluía alguns membros da organização. encpt_23405 ##Orange É o rio mais extenso de toda a África austral. Com 2 100 km de comprimento, tem a sua nascente no Mont aux Sources (Lesoto) e corre para oeste, até ao oceano Atlântico. O seu percurso corresponde à fronteira sul do Estado Livre de Orange.</p>
<p>Enciclopédia Bliiblioteca Universal, <i>Grande Dario I, séc. XX</i></p>	<p>Grande_Dario_I (c.558-486 a.C.) Rei da Pérsia de 521 a 486 a.C. Príncipe de um ramo mais novo da dinastia aqueménida, arrebatou o trono ao usurpador Bardiya (que morreu em 522 a.C.) e subiu ao poder legitimado pela sua famosa inscrição de Behistun. Nesta inscrição, proclamava o direito a governar, direito esse herdado de seu pai, do seu avô e do bisavô Teispes. Uma vez no poder, optou por uma política imperial expansionista. Em 512 a.C., marchou contra os citas, um povo do norte do mar Negro, e subjugou a Trácia e a Macedónia.</p>
<p>Enciclopédia Bliiblioteca Universal, <i>Boutros Boutros-Ghali, séc. XX</i></p>	<p>Boutros_Boutros-Ghali (1922 -) Diplomata e político egípcio, vice-primeiro-ministro de 1991 a 1992, secretário geral das Nações Unidas (ONU) entre 1992 e 1996. Nos cargos que exerceu no ministério dos negócios estrangeiros, entre 1977 e 1991, trabalhou para a paz no Médio Oriente. Desde a sua tomada de posse nas Nações Unidas, deparou-se com uma série de desafios respeitantes ao papel da ONU em zonas de conflito, tais como a Bósnia-Herzegovina, a Somália, o Haiti e o Ruanda, problemas esses que resolveu com diferentes graus de êxito. Professor da Universidade do Cairo de 1949 a 1977, Boutros-Ghali especializou-se em assuntos africanos. Em 1977, acompanhou o presidente Sadat a Jerusalém na missão diplomática que culminou com os acordos de Camp David e, nesse ano, foi nomeado ministro de estado para os negócios estrangeiros.</p>
<p>Enciclopédia Bliiblioteca Universal, <i>Calgary, séc. XX</i></p>	<p>Calgary Cidade em Alberta, Canadá, situada na junção dos rios Bow e Elbow, no sopé das Montanhas Rochosas, com uma população de 710 000 habitantes. A sua localização a 1048 m de altitude, faz com que seja uma das cidades canadianas localizadas a maior altitude, facto esse que lhe permitiu reunir as condições necessárias à organização dos Jogos Olímpicos de Inverno em 1988. A sua estrutura económica assenta sobretudo na exploração agrícola (com fábricas de fertilizantes e moagem) e petrolífera, sendo também relevantes as receitas geradas pelo turismo.</p>
<p>Enciclopédia Bliiblioteca Universal, <i>Domínio magnético, séc. XX</i></p>	<p>domínio_magnético Região de um material que apresenta um momento magnético diferente de zero, sendo equivalente a um íman. O momento magnético de um domínio resulta dos momentos magnéticos dos átomos que o constituem, momentos esses resultantes do movimento e do spin dos electrões nos átomos. Numa amostra paramagnética, sem um campo exterior aplicado, os domínios são pequenos e estão orientados de forma tal que o momento magnético total é nulo. Numa amostra ferromagnética, os domínios têm dimensões apreciáveis e os seus momentos magnéticos apresentam todos a mesma direcção, resultando num momento magnético total diferente de zero</p>

<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Gráfico</i>, séc. XX</p>	<p>gráfico Representação esquemática de valores numéricos (por exemplo, valores estatísticos) ou método de representação da relação matemática entre duas ou mais variáveis, através do desenho de um diagrama. Tem frequentemente dois eixos ou linhas de referência ortogonais que se intersectam na origem (o ponto zero), a partir da qual os valores das variáveis (por exemplo, a distância e o tempo para um objecto em movimento) são numerados ao longo dos eixos. Pares de valores simultâneos (a distância percorrida após um certo tempo) são representados como pontos na área definida pelos eixos, pontos esses que serão depois unidos por uma linha para formar um gráfico. encpt_14530 Método de representar informações proporcionais por divisão de um círculo em secções de diferentes dimensões (fatias do queijo).</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Heike Kamerlingh Onnes</i>, séc. XX</p>	<p>Heike_Kamerlingh_Onnes (1853-1926) Físico holandês que trabalhou essencialmente no campo (da física) das baixas temperaturas. Em 1911, descobriu o fenómeno da supercondutividade (resistividade eléctrica anulada a temperaturas muito baixas), pela qual lhe foi atribuído, em 1913, o prémio Nobel. Kamerlingh Onnes nasceu em Groningen onde estudou, continuando depois os seus estudos em Heidelberg. Foi professor de Física experimental na Universidade de Leiden entre 1882 e 1924 e, em 1894, fundou os laboratórios criogénicos em Leiden que se tornaram um centro mundial da Física das baixas temperaturas. Aplicou o método de cascatas sucessivas no arrefecimento de gases, método esse, desenvolvido pelo cientista escocês James Dewar e, em 1908, conseguiu obter hélio líquido. Em 1910, Kamerlingh Onnes conseguiu baixar a temperatura do hélio líquido para 0,8 K (-272,6 ° C). Lord Kelvin postulou, em 1902, que à medida que a temperatura se aproxima do zero absoluto, a resistência eléctrica deveria aumentar.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Termografia</i>, séc. XX</p>	<p>termografia Método de registo fotográfico de padrões de calor emitidos por um determinado corpo. Em medicina é usada como método de diagnóstico imagiológico não invasivo, que permite identificar anomalias de emissão de calor - por exemplo, « pontos quentes » em tumores cujas células estão mais activas. As câmaras termográficas traduzem em sinais eléctricos as radiações infravermelhas emitidas pelas diferentes partes de um corpo, sinais esses que se convertem em imagem visível num tubo de raios catódicos. A termografia foi desenvolvida nos anos 70 e 80, pelos militares para auxiliar a visão nocturna, por detecção do calor corporal do inimigo ou do motor quente de um veículo.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Escravidura</i>, séc. XX</p>	<p>A abolição da escravatura no Brasil data de 1888. A escravatura persistiu apenas nos estados do sul dos EUA, enquanto componente económica da maior importância, ou mesmo essencial - fornecendo a força de trabalho para as plantações de algodão e outras. Enquanto os estados do norte aboliram a escravatura no período de 1787-1804, os estados do sul insistiram em proteger a instituição. A escravatura foi mesmo uma das causas das lutas entre os donos de plantações do sul e os industriais do norte na primeira metade do século XIX, lutas essas que culminaram na guerra civil americana. Apesar do que vulgarmente se afirma, a guerra não teve origem na questão da escravatura. No entanto, Abraham Lincoln (presidente norte-americano) viu as vantagens políticas de prometer liberdade aos escravos do sul.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Pedro Cabrita Reis</i>, séc. XX</p>	<p>Até ao Regresso, em 1981, seguindo-se <i>Cenas da Caça e da Guerra</i> (1983), <i>Os Discretos Mensageiros</i> (1984), <i>De um Santuário e Certos Lugares</i> (1985), <i>Da Ordem ao Caos</i> (1986), <i>Anima e Macula</i> (1987) e <i>Melancolia</i> (1989), entre outras. A sua carreira internacional desenvolveu-se a partir dos anos 90, com exposições individuais em Ambers, Nova Iorque, Madrid, Amesterdão, Paris, Los Angeles e Chicago. A participação em grandes exposições como a <i>Metrópolis</i> (1991) e a <i>Documenta</i> (1992) tornou-o referência segura na arte contemporânea dos anos 90, posição essa reforçada com a sua presença em exposições como <i>Silence — Contradictory Shapes of Truth</i> (Ljubljana, 1992), ao lado de Kiecol Muñoz, Schutte, Spalleti, Verduyck e Whiteread, ou em Friburgo (1992), com Durham e Hamons. O seu trabalho define-se pela associação a valores filosóficos, antropológicos e poéticos, em contraposição às correntes americanas de filiação sociológica, pop ou conceptual.</p>

<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Bagdade</i>, séc. XX</p>	<p>Bagdade foi fundada em 762 e saqueada pelos mongóis, em 1258, provocando a destruição do sistema de irrigação. Os turcos ocuparam a cidade em 1639, no entanto em Março de 1917, foi tomada pelo general Sir Frederick Maude (1864-1917). Em 1921 foi elevada a capital do Iraque. Durante a guerra do Golfo de 1991, a cidade foi bombardeada em repetidos raids aéreos efectuados pelas forças de coligação das Nações Unidas, bombardamentos esses que se repetiram durante a Segunda Guerra do Golfo, em 2003. Bagdade é uma cidade histórica e fonte de inspiração dos contos de as Mil e Uma Noites.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>França</i>, séc. XX</p>	<p>Chirac foi derrotado por Mitterrand nas eleições presidenciais de Maio de 1988. Programa progressista Nas eleições para a Assembleia Nacional, realizadas em Junho de 1988, os socialistas apareceram como o maior partido político. Mitterrand nomeou propositadamente para o cargo de primeiro-ministro, Michel Rocard, um social-democrata moderado. Chefiando um governo socialista minoritário, que incluía vários elementos dos partidos do centro, Rocard implementou um programa progressista, tentando proteger os menos privilegiados e melhorar a qualidade de vida dos franceses. Em Junho de 1988, negociou o acordo de Matignon, com o intuito de resolver o problema da Nova Caledónia, acordo esse que foi aprovado através de um referendo. Entre 1988 e 1990, a França registou uma forte revitalização económica, tendo sido dada uma atenção especial à melhoria da qualidade de vida, com o Partido dos Verdes a obter 11 % dos votos nacionais para o Parlamento Europeu, nas eleições de Junho de 1989.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Américo Ferreira da Silva</i>, séc. XX</p>	<p>Depois de 1957, trabalhou na Fundação Calouste Gulbenkian, intervindo nas alterações do seu edifício-sede e do museu. Iniciou assim a sua actividade como museólogo, que desenvolveu a instalação da Colecção Calouste Gulbenkian no Palácio de Oeiras. Sócio-fundador da Associação Portuguesa de Designers, fez parte da equipa de design do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian. Colaborou na preparação de algumas exposições do Museu Machado de Castro, em Coimbra, e do Museu Abade de Baçal, em Bragança, trabalho esse que incluiu o design gráfico de catálogos e cartazes das exposições temporárias. Trabalha actualmente no Atelier 15.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Chipre</i>, séc. XX</p>	<p>Em 1985 fracassou um encontro entre Denktash e Kyprianou para chegarem a um acordo e o secretário-geral da ONU lançou a proposta de um Chipre federal formado por duas zonas, com um presidente grego e um vice-presidente turco, mas tal não foi aceite. Entretanto, tanto Kyprianou como Denktash foram reeleitos. Em 1988, Georgios Vassiliou foi eleito presidente da parte grega do Chipre e em Setembro tiveram início conversações entre este e Denktash, conversações essas que foram abandonadas em Setembro de 1989. Foram retomadas em Agosto de 1992 sob os auspícios da ONU, mas falharam de novo em Novembro. Em Fevereiro de 1993 Glafkos Clerides, líder da Liga Democrática, venceu à tangente na segunda volta das eleições presidenciais greco-cipriotas, substituindo Vassiliou.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Raide de Dieppe</i>, séc. XX</p>	<p>Este raide tinha por objectivo a obtenção de experiência prática de técnicas de chegada anfíbia e a determinação das defesas alemãs, mas destinava-se principalmente a acalmar Estaline, que exigia a criação de uma segunda frente na Europa. O raide resultou num total desastre e custou pesadas baixas aos Aliados, tendo, durante algum tempo, dificultado ainda mais as pouco pacíficas relações entre o Canadá e a Grã Bretanha. Todavia, um número considerável de lições foram aprendidas, principalmente em termos de desembarque em praias hostís, lições essas que viriam a ser utilizadas na prática em 1944, no Dia D. Cerca de 5 000 soldados regulares canadianos e 1 000 comandos tomaram parte nas manobras de 18 e 19 de Agosto de 1942. Foram escolhidas oito praias, quatro delas para colocar os comandos que lidariam com as baterias de defesa da costa e as outras quatro para a chegada do grupo de assalto a Dieppe.</p>

<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Bülent Ecevit</i>, séc. XX</p>	<p>Foi eleito secretário-geral do mesmo em 1966 e, em 1971, demitiu-se do cargo, como protesto contra mais uma intervenção militar e como resultado de um desentendimento com o líder do partido, Ismet İnönü, que havia optado por apoiar o governo imposto pelos militares. Tornou-se presidente do partido em 1972. Retirou o apoio partidário ao governo e ajudou a impedir a eleição de um candidato militar à presidência da República. Nas eleições de 1973, o Partido Republicano Popular emerge como o partido mais votado. Formou um governo de coligação em 1974, juntamente com o Partido de Salvação Nacional, coligação essa que apenas durou nove meses devido a conflitos em relação às políticas a seguir. Durante esse governo, a Turquia conseguiu impedir uma tentativa de golpe de Estado no Chipre, levada a cabo pelo regime militar da Grécia, com o objectivo de anexar a ilha. A coligação liderada por Ecevit foi substituída por um governo de « Frente Nacional » de orientação de direita.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Amudária</i>, séc. XX</p>	<p>Amudária (anteriormente Oxus) Grande rio na Ásia central, percorre cerca de 2530 km desde as montanhas do Pamir até ao mar de Aral. No seu curso, atravessa regiões do Tajiquistão, Afeganistão, Turcomenistão e Uzbequistão, desaguando no Grande Mar de Aral, separado do Pequeno Mar de Aral em 1988. Desde a década de 50 o rio tem sido fortemente aproveitado para efeitos de irrigação, o que em grande parte contribuiu para a diminuição do fluxo de água ao mar de Aral, situação esta particularmente grave no decorrer da década de 80. O principal factor responsável pelo declínio do nível das águas do Amudária é o canal de Garagum, um dos maiores do mundo, situado no território da antiga União Soviética. Nos troços terminais do rio desenvolveu-se outrora um extenso delta que suportava uma larga área de coberto vegetal; actualmente a área ocupada pelo delta do rio diminuiu drasticamente devido à redução do fluxo de água.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Basquetebol</i>, séc. XX</p>	<p>Na NBA, o jogo é dividido em 4 períodos de 12 minutos intervalados (2 períodos de 20 minutos, no resto do mundo) e as equipas perdem a posse de bola se a não lançarem ao cesto no tempo máximo de 24 segundos (30 segundos fora dos Estados Unidos). história O basquetebol foi inventado por James Naismith (um professor canadiano de educação física do Springfield College, em Massachusetts), numa tentativa de solucionar o desinteresse dos alunos pelas aulas de educação física durante o período de Inverno. Aulas essas administradas em pavilhões interiores devido aos rigores climáticos. O primeiro jogo foi disputado em 1891, sendo as primeiras regras formais estabelecidas no ano seguinte. Rapidamente, o jogo ganhou popularidade nos Estados Unidos. Os primeiros jogos entre equipas universitárias e entre profissionais foram realizados ainda antes do ano de 1900. Actualmente, a principal liga profissional é a NBA (National Basketball Association), criada em 1949.</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Camillo Benso di Cavour</i>, séc. XX</p>	<p>Nascido em Turim, Cavour serviu no exército durante os seus primeiros anos e entrou para a política em 1847. A partir de 1848 teve lugar no parlamento piemontês e ocupou cargos ministeriais entre 1850 e 1852. Como primeiro-ministro do Piemonte (1852-1859 e 1860-1861), conseguiu assegurar o apoio francês e britânico para a causa da unidade italiana, através do envio de tropas piemontesas para combaterem na guerra da Crimeia. Em 1858 teve uma reunião secreta com Napoleão III, em Plombières, onde planearam a guerra de 1859 contra a Áustria, guerra essa que resultou na união da Lombardia com o Piemonte. Depois foram os estados centrais italianos que se uniram ao reino da Itália, apesar da Sabóia e Nice terem de ser entregues à França. Com o auxílio de Cavour, Garibaldi libertou o sul da Itália fazendo cair a monarquia napolitana, no entanto Cavour ocupou parte dos estados papais que, juntamente com Nápoles e a Sicília foram anexados à Itália, para impedir que Garibaldi marchasse sobre Roma</p>
<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Rutherfordio</i>, séc. XX</p>	<p>No entanto, em Outubro de 1994, a IUPAC estabeleceu que nenhum elemento podia receber o nome de uma pessoa viva, tendo então este elemento passado a chamar-se ruterfórdio, em honra do físico neozelandês Ernest Rutherford. Na Universidade da Califórnia, em Berkeley, bombardeou-se o califórnio com núcleos de oxigénio, para obter o isótopo 263. No instituto de pesquisa nuclear em Dubna, na Rússia, o chumbo foi bombardeado com núcleos de crómio, de modo a obterem-se os isótopos 259 e 260. O seu isótopo mais estável é o Rf-266, com um tempo de meia vida de 10 a 30 segundos, tempo esse que é dez vezes superior ao do próprio ruterfórdio.</p>

<p>Enciclopédia Biblioteca Universal, <i>Governo</i>, séc. XX</p>	<p>Os restantes membros do governo são nomeados pelo presidente da república sob proposta do primeiro-ministro. O governo é politicamente responsável perante o presidente da República, podendo este demiti-lo, se necessário, para assegurar o regular funcionamento das instituições democráticas; e perante a Assembleia da República, que pode determinar a sua demissão pela rejeição do programa do governo, pela não aprovação de uma moção de confiança ou pela aprovação de uma moção de censura. O governo, sendo o principal órgão executivo do Estado, tem vastas competências nos domínios político, legislativo e administrativo, competências essas que podem ser exercidas individualmente por cada um dos ministros e secretários de Estado, ou colegialmente, em Conselho de Ministros. Da sua competência legislativa destaca-se, como competência exclusiva, a matéria da sua própria organização e funcionamento. O governo pode legislar, ainda, em matérias não reservadas à Assembleia da República e em matérias da reserva relativa de competência legislativa da assembleia, mediante autorização desta.</p>
<p>Oral (Corpus de Referência do Português Contemporân eo), séc. XX</p>	<p>X: Havia um esboço de greve entre os jogadores porque um dos jogadores, a estrela da equipa, recebia vinte escudos como prémio de jogo, os outros.. A: Coitado, também! X: Eram puramente amadores, A: Isso era para fazer greve! X: E.. Partiram do princípio que também em determinado dia D: Por acaso lembro-me disso. X: Tinham direito também aos vinte escudos, D: Era. B: Os pobres, coitados. D: Por acaso lembro-me disso. X: Motivo esse que levou, B: E nessa altura vinte escudos inda davam para alguma coisa! X: Motivo, motivo esse que levou um determinado número de jogadores a não comparecer à hora da, à hora da partida para portalegre e eu assim fui apanhado e surgi.. C: (..) X: A jogar no campo, no antigo campo aqui por trás chamado campo de fonte da eira e tinha à minha guarda dois jogadores, dois jogadores A: Ai (..) Que tinha dois.</p>
<p>Oral (Corpus de Referência do Português Contemporân eo), séc. XX</p>	<p>X: Havia um esboço de greve entre os jogadores porque um dos jogadores, a estrela da equipa, recebia vinte escudos como prémio de jogo, os outros.. A: Coitado, também! X: Eram puramente amadores, A: Isso era para fazer greve! X: E.. Partiram do princípio que também em determinado dia D: Por acaso lembro-me disso. X: Tinham direito também aos vinte escudos, D: Era. B: Os pobres, coitados. D: Por acaso lembro-me disso. X: Motivo esse que levou, B: E nessa altura vinte escudos inda davam para alguma coisa! X: Motivo, motivo esse que levou um determinado número de jogadores a não comparecer à hora da, à hora da partida para portalegre e eu assim fui apanhado e surgi.. C: (..) X: A jogar no campo, no antigo campo aqui por trás chamado campo de fonte da eira e tinha à minha guarda dois jogadores, dois jogadores A: Ai (..) Que tinha dois.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Museu de História da Arte de Viena</i>, séc. XX</p>	<p>A inauguração aconteceu em 1891 pelo Imperador Francisco José I (1830-1916) que teve longo reinado. Com o surgimento da primeira República Austríaca (1918-1938), ao final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as coleções imperiais passam a ser também propriedades do povo. Com o término da Segunda Guerra Mundial, os quadros que haviam sido escondidos devido aos danos no edifício não puderam ser recolocados de imediato. Sendo assim, a situação de incertezas levou, a partir de 1946, a um programa de exposições móveis de quadros e outras obras de arte do Museu de História da Arte de Viena, exibições essas feitas na América e em importantes cidades da Europa Ocidental. Nos anos da década de 50, os danos das bombas foram resolvidos e as obras voltaram ao museu.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Artur Azevedo</i>, séc. XX</p>	<p>A partir daí, iniciou sua carreira como autor teatral. Foi também membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Artur Azevedo possuía o grande dom de se manter afinado com o público de sua época e suas variações de gosto. Suas peças agradavam de imediato, sempre atendendo às exigências do gosto do momento, as quais o autor muito bem sabia captar. Obra: A Filha de Mme. Angu, 1876; O Mandarim, 1884; Cocota, 1885; O Bilontra, 1886; A Jóia, 1879; A Almanjarra, 1888; Contos Possíveis, 1889; Contos Fora de Moda, 1893; Contos Efêmeros, 1897; trabalho este que não pôde terminar de violino com o pai, que exercia atividade como músico da corte de Eisenach. Aos dez anos de idade ficou órfão e, após a morte de seu irmão, partiu para Luneburgo, onde começou a trabalhar como cantor no coro da escola de São Miguel. Cravista e organista habilidoso, estudou tais instrumentos até 1703, quando transferiu-se para Weimar, onde foi músico da Corte e organista da nova igreja de Arnstadt.</p>

<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Escultura</i>, séc. XX</p>	<p>objeto ou ser, assim como a participação de seus poderes e até mesmo a submissão do objeto ou ser à vontade do criador de sua escultura. Ainda, a escultura para o primitivo também era utilizada na representação de entes abstratos, como os deuses que regem os próprios poderes da natureza. Na verdade, existem duas técnicas básicas empregadas na confecção de uma escultura. Tais processos dependem do próprio material a ser empregado: existe a modelagem, em que a escultura é feita a partir de materiais plásticos como a argila e a cera, ou ainda quando o material pode ser fundido, como o metal, caso este em que um molde é utilizado para a modelagem; já o processo da entalhadura é empregado para materiais mais sólidos como pedra, mármore e madeira. Entre as demais técnicas utilizadas em etapas posteriores de aperfeiçoamento estão a cinzeladura, a raspagem e o debastamento. Em toda a história da produção da escultura mundial podem ser identificadas genericamente duas vertentes conceituais sempre recorrentes: o idealismo e o materialismo.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Dominação</i>, séc. XX</p>	<p>um grupo de indivíduos se submete a um conjunto de regras formalmente definidas e aceitas por todos os integrantes. São essas regras que determinam ao mesmo tempo a quem e em que medida as pessoas devem obedecer. Um exemplo ilustrativo é o do empregado que acata as ordens de um superior, seja ele o patrão ou não, de acordo com as cláusulas (regras, leis) do contrato assinado por todas as partes. Uma outra questão apontada por Weber é que, conforme a relação de dominação tem seu alcance ampliado, torna-se necessária a adoção de mecanismos que possibilitem a sua expressão uniforme e que garantam a execução de suas ordens, mecanismos estes que geralmente se apresentam sob a forma de equipes de apoio. Cada um dos tipos apresenta uma maneira especial de selecionar pessoas para essas equipes. Num contexto tradicional, seus integrantes são determinados conforme sua experiência, sua fidelidade e sua intimidade com a tradição são reconhecidas pelo grupo e pelos seus superiores. Em um ambiente carismático, a equipe é pessoalmente escolhida pelo líder, de acordo com as afinidades entre eles. Mas não podemos</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Copa de 1970 - Brasil Tricampeão</i>, séc. XX</p>	<p>A abertura do jogos se deu na partida entre o México e a União Soviética. De acordo com Orlando Duarte, embora esse primeiro jogo não tenha resultado em gols, tratou-se de uma belíssima partida. O povo mexicano vivia para os jogos e a Copa do Mundo era o assunto central do México naquele momento. No Estádio Jalisco, em 3 de junho, em partida contra a Checoslováquia, o Brasil estreou sua bela participação na Copa, aliás podendo ser considerada uma das mais brilhantes participações de uma seleção na história das Copas do Mundo. Aos 12 minutos do primeiro tempo, Petras marcou o primeiro gol da partida, fato este que não foi suficiente para afetar a calma dos jogadores brasileiros, como Pelé, Gérson, Tostão e Jairzinho. E, de fato, um novo valor no futebol brasileiro da época, Rivelino, marcou o gol brasileiro aos 25 minutos. No segundo tempo, os espectadores presenciaram um verdadeiro “show” de futebol, com o fantástico gol de Pelé, a longa distância.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>900 AC - Divisão dos hebreus</i>, séc. XX</p>	<p>A conquista de Israel por este império ocorreu no ano de 722 a. C. Mais tarde, no ano de 586 a.C., houve também a conquista da Judéia pelos babilônios. Apesar destas derrotas, o reino judeu seria revitalizado posteriormente, no século II a.C. Apesar da perda de autonomia política sofrida pelo povo hebreu, a fixação dos preceitos bíblicos já havia sido estabelecida, fato este se estendeu entre os anos de 403 e 221 a.C. Tal construção foi realizada a partir da unificação dos povos de todo o território chinês, sustentada pelo Filho do Céu Ch' in, o líder máximo da política e da religião chinesa no período. A disseminação cultural do povo chinês estendeu-se por grandes porções territoriais da Ásia, através do surgimento dos grandes estados feudais, unificados sob o aspecto do reconhecimento mútuo do poder de Ch' in.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Origem dos Continentes</i>, séc. XX</p>	<p>A idade da Terra é calculada a partir da idade das rochas mais antigas que foram encontradas na superfície terrestre. O processo de cálculo da de terras emersas de um único aglomerado primordial, processo este que durou centenas de milhões de anos. Este aglomerado de terras continentais, chamado Pangéia, existiu há cerca de duzentos milhões de anos atrás. O afastamento de suas porções continentais foi gerado provavelmente a partir da atividade tectônica terrestre que, no período referido, encontrava-se em plena ação e em larga escala. Segundo consta nos estudos realizados, uma primeira porção continental teria sido separada das demais na região setentrional da Pangéia.</p>

<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Sobrepesca</i>, séc. XX</p>	<p>A partir daí, transformam-se em fêmeas funcionais. Quando se pesca garoupas pequenas, como ocorre freqüentemente, está se reduzindo a quantidade de machos funcionais na população, dificultando a reprodução e reposição do estoque. Várias outras espécies já têm apresentado declínio nas suas populações naturais, como ocorre por exemplo com a sardinha e o arenque. A produção de arenque nos anos 60 era de mais de três milhões de toneladas por ano, no Atlântico norte. Hoje a pesca não passa de oitocentas mil toneladas/ano. É importante saber, inclusive, que boa parte do arenque pescado sempre foi utilizada na produção de ração animal, processo este que utiliza também outras espécies de peixe. A postura imediatista das empresas de pesca parece estar mudando, uma vez que todos estão percebendo que atitudes mal planejadas geram perdas indesejáveis a médio e longo prazo. Por outro lado, a legislação de pesca está sendo melhor trabalhada em todo o mundo, visando a preservação e recuperação dos estoques. Períodos reprodutivos e tamanhos de malhagens estão começando a ser mais respeitados.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Albert Camus</i>, séc. XX</p>	<p>Algumas de suas principais obras filosóficas: O avesso e o direito; Núpcias; O verão; O mito de Sísifo; O homem revoltado. Tais obras revelam as idéias do escritor com relação à vida, expressando um pensamento acerca da ausência de seu significado perante o destino inevitável da morte. Camus acreditava também que ao homem não é dada a possibilidade do discernimento racional de sua experiência. Estas idéias remetem ao absurdo da vida humana, à miséria moral, contra os quais Camus lutou. Portanto, umas das características fundamentais em Camus é sua atitude de não-aceitação, de rebeldia, atitude esta que culminou em seu livro O Homem Revoltado, de 1951. Nesta obra, os princípios do pensamento de Camus são explicitados: se há um mundo em que há necessidade de mudança, não é através do conformismo, mas sim da rebeldia, que o homem poderá se libertar. O autor deixou como legado uma obra que se remete significativamente ao impasse do homem moderno com relação ao seu mundo.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Copa de 1970 - Brasil Tricampeão</i>, séc. XX</p>	<p>Aos 45 minutos, Rivelino comandou a bola, finalizando o placar de 3 a 1 em favor da seleção brasileira. Enquanto isso, na Cidade do México, as seleções da Itália e da Alemanha degladiaram-se numa partida das mais emocionantes da história das Copas. O resultado da partida foi de 4 a 3 em favor da seleção italiana, que chegou à final. Em 21 de junho, o público lotou as arquibancadas do Estádio Asteca, tendo o Brasil e a Itália como adversários na partida final, seleções estas que já haviam sido campeãs em copas passadas, fato este que gerou grandes expectativas acerca da partida. O primeiro gol foi de Pelé. Na seqüência, o jogador italiano Boninsegna marcou o gol de empate, ocasionado por um engano de Clodoaldo. No segundo tempo do jogo, a seleção brasileira passou ao franco ataque, e poderia pressionar ao máximo o time italiano se Pelé não tivesse seus esforços duvidosamente anulados pelo juiz alemão Gloeckner.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Copa de 1970 - Brasil Tricampeão</i>, séc. XX</p>	<p>Aos 45 minutos, Rivelino comandou a bola, finalizando o placar de 3 a 1 em favor da seleção brasileira. Enquanto isso, na Cidade do México, as seleções da Itália e da Alemanha degladiaram-se numa partida das mais emocionantes da história das Copas. O resultado da partida foi de 4 a 3 em favor da seleção italiana, que chegou à final. Em 21 de junho, o público lotou as arquibancadas do Estádio Asteca, tendo o Brasil e a Itália como adversários na partida final, seleções estas que já haviam sido campeãs em copas passadas, fato este que gerou grandes expectativas acerca da partida. O primeiro gol foi de Pelé. Na seqüência, o jogador italiano Boninsegna marcou o gol de empate, ocasionado por um engano de Clodoaldo. No segundo tempo do jogo, a seleção brasileira passou ao franco ataque, e poderia pressionar ao máximo o time italiano se Pelé não tivesse seus esforços duvidosamente anulados pelo juiz alemão Gloeckner.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Literatura Brasileira</i>, séc. XX</p>	<p>Assim, num estabelecimento de uma convenção cronológica das mudanças do estilo literário, a história da literatura é dividida em fases, que apresentam características que refletem o próprio pensamento do homem sobre si mesmo. Tais fases, em ordem cronológica, são o Barroco (origens da literatura brasileira, ainda caracterizadas fortemente pela influência européia), o Arcadismo, o Romantismo (fase de destaque destes primeiros escritos, em que são relatadas as características do país tal e qual foi encontrado pelos primeiros colonizadores. A carta mostra o olhar do colonizador sobre a nova terra, preche de promessas, assim como contém observações valiosas sobre os índios, informações estas que nos trazem uma idéia de como o português encarava os costumes dos nativos. Tal documento insere-se no gênero da literatura de viagens, gênero muito comum no século XVI, em que a expansão marítima punha o europeu em contato com os povos de além-mar.</p>

<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Bertolt Brecht</i>, séc. XX</p>	<p>Brecht chegou a ser interrogado pelo Comitê de Atividades Anti-americanas a respeito de suas tendências ideológicas, voltando à Alemanha em 1948 e passando a residir na Alemanha Oriental em 1949. Brecht permaneceria em Berlim Oriental até sua morte, em 1956. Sua mais famosa obra é <i>Mãe Coragem</i>, de 1941, em que tece uma feroz crítica ao sistema capitalista ao desmascarar a relação de interdependência entre capitalismo e guerra. A obra de Brecht rompeu com a tradição estabelecida desde Aristóteles, que pregava o estabelecimento da empatia entre público espectador e encenação, processo este denominado catarse. Pelo contrário, logo em suas primeiras obras, Brecht procurou estabelecer o máximo distanciamento entre encenação e público: o extremo realismo de suas peças não se orientava para uma identificação do público espectador com as personagens e fatos. De outra forma, as peças de Brecht caracterizaram-se por sempre procurarem manter seus espectadores cientes de que eram representações teatrais, evitando assim a sensação de que os acontecimentos ocorridos em palco estivessem acontecendo de fato.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Prometeu</i>, séc. XX</p>	<p>Certa ocasião, Zeus o enviou à Terra para que criasse uma raça distinta dos animais. Com vistas a vingar sua raça do pai dos deuses, Prometeu criou o homem e também muita confusão. Houve um tempo, lá no passado, em que os Titãs, após uma longa guerra, foram banidos para o Tártaro. O responsável pela façanha era Zeus. Os perdedores, Ceo, Crio, Crono, Hiperion, Oceano e Jápeto, pai de Prometeu. Este último, quando a batalha estava por terminar, ao perceber que a derrota dos Titãs eram favas contadas, debandou-se para o lado do primo, fato este que explica o motivo pelo qual Prometeu era tão bem acolhido entre os imortais. O barro foi misturado à água e a massa dali resultante foi cuidadosamente trabalhada, até que uma estátua esculpida à imagem e semelhança dos deuses estava pronta. Depois modelou outra e mais outra, até que havia muitas delas. Dotou-as em seguida da fidelidade do cavalo, da esperteza da raposa, da força do touro e da avidez do lobo. Prometeu contou</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Crise de 1929</i>, séc. XX</p>	<p>Com mais desempregados, decrescia o consumo; os preços eram forçados a baixar novamente; cortavam-se mais custos; mais demissões; os preços baixavam mais ainda etc. Nesse modelo, está sintetizada toda a debilidade do capitalismo. Não só os EUA foram atingidos com a quebra de sua Bolsa, mas também a Europa (que viu os créditos estrangeiros chegarem ao fim) e a América Latina (cujos países não tinham mais imediatamente, Kai-shek retomou as investidas expansionistas sobre o norte, tendo conseguido expressivas vitórias sobre os comandantes locais e unificado, ao menos teoricamente, a nação chinesa. Essas conquistas só foram possíveis graças ao respaldo monetário oferecido às tropas de Kai-shek pela burguesia, fato esse que foi responsável pelo rompimento do Kuomintang (partido do general) com o Partido Comunista Chinês, recém-fundado pelos líderes Mão Tsé-tung, Lin Pião e Chu En-lai. Posteriormente ao rompimento, os militantes do Partido Comunista passaram a ser selvagememente perseguidos pelas tropas governistas. Os comunistas resistiram, refugiando-se em pequenas cidades do interior e organizando ligas camponesas de resistência.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Meteorito</i>, séc. XX</p>	<p>Devido ao seu tamanho reduzido, os meteoritos não podem ser observados individualmente por meio dos telescópios utilizados atualmente. Estes meteoróides são constituídos principalmente de restos de cometas e fragmentos de asteróides. Podemos saber sua existência através das crateras que escavam, assim como através dos meteoritos que caem no solo ou ainda através dos riscos luminosos que estes corpos deixam no céu ao entrarem em combustão, processo este devido ao atrito intenso entre a superfície deste corpos e a atmosfera do nosso planeta. Os meteoróides mais raros são aqueles cujas dimensões são da ordem de alguns metros, e à medida que o tamanho diminui, o número de meteoróides cresce rapidamente.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Jacques Offenbach</i>, séc. XX</p>	<p>Entre seus melhores trabalhos, observam-se elementos como seu humor e suas melodias alegres, como em <i>La Belle Hélène</i> e <i>La Vie de Roma</i> (o nome de família, na verdade, é Pierluigi). Seus primeiros contatos com a prática musical realizaram-se em sua participação, já na infância, como membro de um grupo coral. Em Roma, trabalhou em várias igrejas, como organista, regente de coral e compositor, atividades estas que o compositor desempenhou na maior parte de sua vida. Palestrina foi um mestre do contraponto, obtendo em suas composições grande equilíbrio entre suas melodias e o tecido harmônico e rítmico. Seus trabalhos são marcados pelo engenhoso uso de imitação e dissonância. Das suas muitas missas, a mais famosa é a Missa Papae Marcelli, dedicada então ao Papa.</p>

<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Vênus</i>, séc. XX</p>	<p>Distância Máxima do Sol: 68 milhões de mi Distância Mínima da Terra: 25 milhões de mi Dia/Noite: 117 dias terrestres Duração do Ano: 225 dias terrestres Gravidade: 0.90 X Terra Temperatura: 900 F aproximadamente Satélites: 0 Vênus é o planeta do Sistema Solar situado mais próximo em relação à Terra. O planeta Vênus, mesmo não possuindo luminosidade própria, é um dos corpos celestes mais brilhantes do sistema solar, fato este que revela a alta reflexibilidade de luz dos materiais que compõem o planeta. Foi verificado, através da missão espacial Magellan, que o brilho de Vênus deve ser originado das nuvens espessas que envolvem o planeta. Os estudos mais profundos já realizados em Vênus foram feitos pela missão Magellan, que realizou um mapeamento preciso da superfície. Neste mapeamento foram identificadas crateras, cadeias vulcânicas, montanhas e linhas paralelas tectônicas.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Frederick Douglass</i>, séc. XX</p>	<p>Douglass é aclamado como o principal líder negro. A luta de Douglass não cessou: continuou divulgando sua causa e defendendo a promulgação das emendas constitucionais que aboliriam a escravidão em todo o país (décima terceira emenda), garantiriam os direitos civis a todos os cidadãos nascidos ou naturalizados nos Estados Unidos (décima quarta emenda) e estenderiam a todos os cidadãos o direito ao voto, sem discriminação de raça (décima quinta emenda). No entanto, outra causa associava-se ao direito de voto: a causa feminista, que também reivindicava o direito de voto às mulheres, direito este não contemplado pela emenda até então estabelecida. Douglass havia anteriormente se associado à causa através de sua relação com Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony. Porém, com a promulgação da emenda, ambas acusaram-no, ao final de tudo, de desprezar a causa feminista.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Necessidades</i>, séc. XX</p>	<p>Enquanto houver abundância, isto é, os bens forem suficientes para todos, haverá uma convivência equilibrada, sem confrontos ou disputas pela sua obtenção. Mas quando houver escassez e o número de bens oferecidos for inferior ao necessário para satisfazer a todos, os seres competirão para adquiri-los, podendo daí surgir a mais variada gama de conflitos. Observa-se que, na convivência entre os homens, sempre predominou a escassez. É muito difícil encontrar situações em que os homens tivessem as condições de satisfazer sozinhos a todas as suas necessidades, a não ser em construções ideais como o “estado de natureza” acima descrito resumidamente, construções estas utilizadas pelos contratualistas como Hobbes e Locke para explicar a gênese do Estado. É ainda amplamente conhecida a explicação de Malthus para a escassez, segundo a qual a produção de alimentos cresceria numa progressão aritmética (P. A.) enquanto que a população cresceria numa progressão geométrica (P. G.).</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Cidade</i>, séc. XX</p>	<p>Esta teoria não apresenta modelos para interpretar a mudança, mas aponta inúmeros casos em que ela só foi possível devido às concentrações características da cidade. É o caso do desenvolvimento tecnológico proporcionado pela reunião de especialistas em núcleos de pesquisa, com grandes impactos nas condições de saúde das pessoas e também na produção econômica. Outro exemplo é a própria Revolução Francesa, causada pela convivência simultânea em Paris do imperador e de um grande número de intelectuais e burgueses contrários à monarquia, que se associaram à população insatisfeita e tomaram a Bastilha, começando o processo de derrubada do regime absolutista, processo este que apresenta suas conseqüências descritas nos livros de História Geral.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Antônio Borges de Medeiros</i>, séc. XX</p>	<p>Foi um dos mais fervorosos políticos sectários da doutrina positivista inaugurada por Auguste Comte. É uma das personalidades representativas da história política brasileira que participaram da República Velha. Foi presidente de seu estado natal de 1898 a 1928. Getúlio Vargas o sucedeu em seu mandato na presidência do Estado, que teve fim a partir do Pacto de Pedras Altas, de 14 de dezembro de 1928. Doutorou-se na cidade de Berna, na Suíça, no ano de 1880. De volta ao Brasil, seu trabalho volta-se inicialmente para a clínica e, em seguida, para a direção do Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo, instituição esta que, tempos mais tarde, receberia o nome do pesquisador. No entanto, foi em sua fase posterior que obteve grande êxito em sua contribuição científica para a Medicina brasileira através das pesquisas realizadas no Instituto Oswaldo Cruz, lá permanecendo de 1908 até o final de sua vida.</p>

<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Bernard Shaw</i>, séc. XX</p>	<p>Foi um excelente crítico teatral, contado entre os melhores de sua geração. Escreveu, também, romances no início de sua carreira literária, tratando-se da parte de sua produção artística que não chegou a obter sucesso. Portanto, duas são as atividades em que Shaw obteve grande destaque: como dramaturgo e como ensaísta e jornalista, atividade esta última que não abandonou até o final de sua vida e que influenciou em muito sua composição dramática. O espírito irreverente de Shaw é demonstrado coerentemente em todas suas diversas atividades intelectuais: no teatro, trata de combater a hipocrisia, o puritanismo e o conservadorismo ingleses; no jornalismo, procura sempre subverter a opinião comum a todos por idéias diametralmente avessas; em seus ensaios, procurou trazer inovações para o mundo teatral inglês de então, como o fez ao tornar-se também um dos divulgadores do Socialismo inglês.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Estame</i>, séc. XX</p>	<p>Formam-se, inicialmente, duas células: a célula do tubo e a célula geradora. Em muitas plantas, os grãos de pólen são liberados neste estágio de amadurecimento. A liberação do grão de pólen pela teca dá-se através de uma abertura desta, seja por uma fenda longitudinal (deiscência longitudinal ou rimosa), por poros na porção apical da teca (deiscência poricida) ou por uma ou duas valvas na teca (deiscência valvar). De modo geral, há dois tipos de disposição de estames na flor: opostos ou alternos às pétalas. As Asteridae, por exemplo, possuem os estames alternos às pétalas, característica esta de grande importância na identificação taxonômica do grupo. Além disso, os estames podem ser livres entre si ou então estar unidos através dos filetes.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Dolo</i>, séc. XX</p>	<p>Já no Direito Civil, é um vício de vontade, ou seja, um defeito de um ato jurídico. Para tanto, deve-se ter presente a conceituação de um ato jurídico. Consiste o ato em uma vontade de um indivíduo em fazer algum negócio com terceira pessoa e que este negócio seja lícito e as pessoas que o estão fazendo sejam capazes, isto é, maiores de vinte e um anos para o efeito Civil, e que seja tal negócio prescrito ou não proibido por lei. O DOLO, é um defeito deste negócio jurídico, ou deste ato jurídico. Defeito este que ocorre por não ter um dos elementos acima descritos, ou seja, um das pessoas que age com DOLO, pois o objeto do contrato não era lícito, ou mesmo não podia fazê-lo, pois era menor de vinte e um anos, ou ainda era proibido expressamente por lei.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Pintura</i>, séc. XX</p>	<p>Na primeira década do século XX, uma verdadeira explosão experimentalista tomou conta das artes, desencadeada pelos mestres pós-impressionistas. Foi o momento das vanguardas artísticas, que inicialmente teve Paris como centro, mas logo foi deflagrada por toda a Europa e pelas Américas. Surgiram tendências diversas nesse contexto, como o Futurismo, o Expressionismo e o movimento mais proeminente na pintura, o Cubismo, tendo sido desenvolvido por Pablo Picasso e Georges Braque. O artista passou a realizar uma verdadeira reordenação da realidade através de sua obra, caminho este que foi seguido pela chamada arte abstrata, que se baseia em conceitos subjetivos, não possuindo referência no mundo objetivo. Representantes dessa tendência foram Piet Mondrian e Wassily Kandinski. Na década de 20 surgiu uma nova tendência, que explorava imagens e realidades do subconsciente humano, tendo sido denominada Surrealismo. Salvador Dali foi o representante máximo dessa tendência.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Barômetro</i>, séc. XX</p>	<p>O barômetro também é utilizado para previsões de tempo. Como o barômetro mede a pressão atmosférica que depende também da densidade do ar, uma massa M. Agora imaginemos um corpo de massa m que orbita em torno deste planeta, corpo este que pode ser um satélite natural ou artificial, uma nave etc. Consideraremos que este corpo se encontra a uma altura H. O que está mantendo este corpo em órbita é a interação gravitacional entre as massas M e m, que gera uma aceleração centrípeta no corpo de massa m. Esta aceleração centrípeta é a aceleração da gravidade àquela distância.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Paul Hindemith</i>, séc. XX</p>	<p>O compositor deixou a Alemanha nos anos 40, durante o regime nazista, exilando-se nos Estados Unidos, onde obteve o título de cidadania e foi professor na Universidade de Yale. Em 1951 foi para a Suíça. Seus primeiros trabalhos, como a Suíte 1922 para piano, refletiram a sua atitude rebelde em relação à tradição romântica do século XIX, atitude esta que se encontra expressa através da utilização de harmonias dissonantes. ao longo de sua obra observa-se a adoção gradual de elementos composicionais barrocos (como o contraponto) e renascentistas (como a polifonia).</p>

<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Páris</i>, séc. XX</p>	<p>O servo cumpriu suas ordens, porém quando ao Monte retornou, passados cinco dias, encontrou a criança sendo amamentada por uma urso. Por esse motivo, foi chamado também de Alexandre, o “homem protegido”, ou o “homem que protege”, pois, entregue por Agesilau aos pastores para ser criado e educado, transformou-se num rapaz cuja ocupação era a de cuidar e defender o gado. Já adulto, retornou a Tróia, onde se realizavam jogos fúnebres em sua memória, pois todos o julgavam morto. Páris não só participou da competição como venceu em todas as provas, fato este que suscitou a ira de seu irmão Deífobo, que tentou matá-lo. Entretanto, sua irmã Cassandra reconheceu-o e, quando este revelou sua identidade, Príamo acolheu o filho com as devidas honras. Mas um fato veio alterar a rotina do jovem príncipe. Tendo Peleu desposado Tétis, a nereida, realizaram os noivos uma festa, para a qual Éris, a Discórdia, propositalmente não foi convidada a comparecer.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Materialismo</i>, séc. XX</p>	<p>Segundo os pressupostos materialistas, a história deve ser interpretada não a partir dos desdobramentos de um Espírito Absoluto, mas sim a partir dos fatos materiais que constituem seu fundamento, sua infra-estrutura. Estes são as relações econômicas de produção, as quais, em última instância, determinam a produção cultural e ideal de um povo, que constituem, para esta concepção, sua super-estrutura. Todavia, o caráter problemático das relações entre infra e super-estrutura levou a postular a dialética como o modo como estas duas instâncias se relacionam. Este caminho conduziu Engels à elaboração do materialismo dialético, doutrina esta que contém aspectos, a um só tempo, filosóficos, sociais, econômicos e políticos.</p>
<p>Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, <i>Arte em Prata</i>, séc. XX</p>	<p>Tais moldes podiam ser feitos de argila ou areia. Com o resfriamento completo da prata debaixo da água. Sua pele possui uma resistência bastante alta em relação ao meio aquático e, habitando mares de baixas temperaturas, as lontras marinhas não possuem uma camada de gordura que as mantém aquecidas, fato este sendo contrário ao que ocorre com as morsas existentes em regiões marítimas de temperatura similar. Suas proteções contra as baixas temperaturas dos mares que habitam são, na verdade, as altas temperaturas de seus corpos.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Lei no. 10.406</i>, séc. XX</p>	<p>§ 3o Se o testador for o oficial mais graduado, o testamento será escrito por aquele que o substituir. Art. 1.894. Se o testador souber escrever, poderá fazer o testamento de seu punho, contanto que o date e assine por extenso, e o apresente aberto ou cerrado, na presença de duas testemunhas ao auditor, ou ao oficial de patente, que lhe faça as vezes neste mister. Parágrafo único. O auditor, ou o oficial a quem o testamento se apresente notará, em qualquer parte dele, lugar, dia, mês e ano, em que lhe for apresentado, nota esta que será assinada por ele e pelas testemunhas. Art. 1.895. Caduca o testamento militar, desde que, depois dele, o testador esteja, noventa dias seguidos, em lugar onde possa testar na forma ordinária, salvo se esse testamento apresentar as solenidades prescritas no Parágrafo único do Artigo antecedente.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Descrição do DMSumm: um Sumarizador Automático Baseado em um Modelo</i>, séc. XX</p>	<p>A avaliação do DMSumm, relatada em Pardo (2002a, 2002b), mostrou que o sistema é promissor. Entretanto, muito pode ser feito ainda, destacando-se: o aprimoramento do processo de realização lingüística, que, por ser feito com base em templates, é muito limitado; o acoplamento de um modelo de usuário ao sistema, permitindo a geração de sumários mais dedicados aos interesses do usuário; a variedade de línguas naturais abrangidas pelo DMSumm pode ser aumentada, característica esta desejável no ambiente multilingual atual; pode-se expandir o modelo discursivo do DMSumm, incorporando-se outros objetivos comunicativos. PE-CI-Pardo-out03.txt## Uma proposta de análise discursiva automática para o português do Brasil Thiago Alexandre Salgueiro Pardo, Maria das Graças Volpe Nunes CONTEXTO No ramo de pesquisa da Análise do Discurso, tem se mostrado há tempos que um texto é mais do que uma simples seqüência de sentenças.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Documentação e Atualização do ReGra</i>, séc. XX</p>	<p>A opção pelo determinismo durante a análise sintática se deveu à necessidade de eficiência do sistema, que deve fornecer respostas em tempo real, enquanto o usuário está digitando seu texto. Os problemas decorrentes dessa estratégia são vários, dentre os quais destacamos a ocorrência da ambigüidade lexical, que pode guiar o parsing para a aceitação de regras inadequadas, fato este que evidencia a ocorrência de falsos erros e falsos acertos, conforme já citados na Seção 1. O aprimoramento do ReGra visa a desambigüação lexical e, conseqüentemente, a melhora do parsing e do checking posterior, pela análise de viabilidade de adoção de novos métodos de análise ou revisão gramatical. Considera-se aqui, além dos métodos analíticos no nível da sintaxe ou semântica, também métodos estatísticos.</p>

<p>Acadêmico: (Lácio Web Cópus), <i>As regras gramaticais para a decodificação UNL, séc. XX</i></p>	<p>A outra solução disponível revela-se inviável: seria necessário introduzir Estatuto como argumento de formar, para que pudéssemos calcular o número e a pessoa do verbo e, em seguida, substituir a headword Estatuto por um sinal de que ela deve ser omitida para se evitar a repetição (e, portanto, caracterizar a elipse). No entanto, no DeCoL 1.0 isso se tornaria possível apenas através de backtracking, o que implicaria um absurdo operacional, pois, para cancelar a inserção de Estatuto, deveríamos antes cancelar a atribuição de seus traços morfológicos (número e pessoa) ao verbo, atribuição esta que representa exatamente o motivo pelo qual tivemos que inserir Estatuto na node-list. Possivelmente as novas versões do DeCoL - versão 1.1 e 1.2 - venham a fornecer uma saída menos problemática para a substituição de headwords do que a que foi estipulada aqui, utilizando-se a noção de escopo. Verificaremos, no futuro próximo, a existência de funções específicas de substituição para esse caso.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Cópus), <i>Aos leitores, séc. XX</i></p>	<p>Aos leitores Depois que o número 26 deste Informativo, referente a julho e agosto, circulou em nosso site na Internet, recebemos inúmeras manifestações de solidariedade de nossos leitores, pelas quais agradecemos. Estamos superando as dificuldades conjunturais que atrapalharam nossa circulação, mas consideramos estes fatos normais em órgãos laboratoriais como o Informativo JR, e achamos importante continuar mantendo a transparência de nosso trabalho junto aos leitores e amigos. O terceiro volume da Coleção Divulgação Científica, Os Donos da Paisagem: Estudos sobre Divulgação Científica, terminou de entrar na gráfica, fato este comemorado com entusiasmo pela equipe do NJR, pois é mais uma etapa cumprida em nossa luta pela divulgação científica e tecnológica em nosso país.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Cópus), <i>Etiquetagem morfofossintáti- ca de 1 milhão de palavras, séc. XX</i></p>	<p>E são exatamente essas experiências lingüísticas que serão enfatizados neste EX234 Especificação de traços semânticos dos itens lexicais Ariani Di Felippo, Lucia Helena Machado Rino Este trabalho faz parte de um Projeto PADCTIII - Processo FINEP-Itaotec/Philco No. 03-CE-01/98-01/02-10 e PIBIC/CNPq, intitulado " Revisor Gramatical e Ferramentas de Auxílio à Escrita " - mais especificamente, de um subprojeto denominado " Especificação de traços semânticos dos itens lexicais ". Este projeto é desenvolvido no NILC - Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional/São Carlos, instituição esta que agrega pesquisadores da USP-São Carlos, UFSCar e UNESP-Araraquara. Esse subprojeto visa o aprimoramento do ReGra, o Revisor Gramatical da Língua Portuguesa desenvolvido pelo NILC e comercializado pela ITAUTECH/PHILCO desde 1995, no que diz respeito ao tratamento da ambigüidade categorial decorrente da ocorrência de homonímia. Assim, seu objetivo é fornecer material lingüístico tanto para o detalhamento do léxico do ReGra, quanto para a incorporação de um módulo de processamento semântico à análise gramatical já realizada pelo ReGra.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Cópus), <i>Dos Modelos de Resolução da Ambigüidade Categorial, séc. XX</i></p>	<p>No entanto, para que se pudesse lidar com a produção de seqüências inéditas perfeitamente aceitáveis, o modelo deveria prever também a existência de mecanismos genéricos de expansão das ocorrências registradas, em geral, através de um conjunto de regras de aprendizagem (ou de inferência). A perspectiva de evitar os riscos e os problemas inerentes à decomposição do significado lexical torna essa alternativa particularmente interessante. No entanto, é forçoso reconhecer que os modelos apresentados são, sobremaneira, behavioristas, no sentido de valorizarem apenas a experiência em detrimento dos mecanismos de generalização previstos na idéia original, fato este que pode inviabilizar o desempenho de uma ferramenta que pretende ser genérica. De resto, a elaboração de regras de aprendizagem constitui uma tarefa altamente complexa, que não raro degenera na utilização de estratégias de análise lexical, com todos os problemas a ela característicos.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Cópus), <i>Segmentação textual automática em sentenças de documentos, séc. XX</i></p>	<p>No exemplo exposto acima, o critério formal (nível morfológico) é válido para distinguir termos de palavras. Outra possibilidade é utilizar o nível lexical e constatar os paradigmas derivacionais, como por exemplo: floculante, defloculante, deflocular, defloculação. A partir de uma ocorrência de um dos termos acima, podemos inferir que as demais ocorrências constituam termos também. Infelizmente isso não é possível com a grande maioria dos termos originários da língua geral, termos esses que não têm marcas formais para facilitar a sua recolha em textos especializados, como por exemplo: forno, peneira, secador, biscoito, argila magra, suporte queimado, etc. Contextos como: a. " Para solucionar estes problemas, é necessário evitar a introdução de material úmido no forno ", diz Quintanilla. " A umidade residual do secador deve ser de 4% e, sobretudo, deve-se evitar a entrada de ar desnecessário ", completa.</p>

<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>A construção da metalingüística, séc. XX</i></p>	<p>“En ruso, al problema del diálogo desde el punto de vista lingüístico está dedicado tan sólo a un trabajo: L. P. Iakubisnki, “Sobre el discurso dialogado”, en la compilación Russkaia Rech (Habla Rusa), Petrogrado, 1923” (MFL, VOLOSHINOV, 1992:157)21. Medvedev, ao analisar a situação do formalismo em sua época, divide-o em quatro tendências. A terceira dela, inclui Iakubinski e Tomacheviski, como aqueles membros dessa corrente que se moviam em direção ao método sociológico, método esse que também faz parte da história do Círculo de Bakhtin. Segundo Ladislav Matejka, “in general, it appears that the formalist, Lev Jakubinskij, more than any other investigators of dialogue and the speech act, exercised an important impact on the Russian intelectual elite in the 1920s and early 1930s, shortly before the Marxist mechanists and reflexologists began to dominate intellectual life in the Soviet Union.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português, séc. XX</i></p>	<p>A idéia de que o léxico gerativo é capaz de dar conta do conhecimento semântico global que temos sobre as palavras, segundo o próprio autor, faz dele um modelo adequado para solucionar o problema da representação lexical que envolve o fenômeno da homonímia. Admitindose, portanto, que tal suposição seja verdadeira, tentaremos mostrar que a homonímia pode ser, realmente, definida conforme os parâmetros de um dos aspectos dessa teoria. Neste trabalho, não serão analisadas todas as técnicas de desambiguação sugeridas pela literatura e nem todos os sistemas computacionais que tratam uma língua natural. O número de trabalhos na área é grande e diversificado, fato esse que impossibilita o detalhamento de cada um deles. O mesmo vale para os diversos tipos de modelos semânticos. Dentre as opções detectadas, buscamos determinar ou encontrar uma forma de tratamento para a desambiguação que se adaptasse aos nossos interesses da melhor forma possível, assim como um modelo semântico que satisfizesse nossas exigências.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Um estudo sobre os aspectos relevantes da contabilidade, séc. XX</i></p>	<p>Conhecer o resultado obtido pela atividade durante o processo de construção é fundamental para fins gerenciais, pois permite, além do controle financeiro do processo, a predição a respeito da rentabilidade de projetos futuros ou mesmo do resultado global da empresa para períodos futuros, informações estas que são de grande importância para o gestor que conduz os negócios em direção à satisfação das necessidades dos investidores, ou seja, o lucro ou o resultado positivo. Esse lucro pode ser abordado de várias maneiras, dependendo do enfoque e das necessidades do usuário. Essas formas de abordagem do lucro são vistas no item 3.4 -Mensuração do lucro em atividades de construção, que trata do assunto.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português, séc. XX</i></p>	<p>De base empírica, sua pesquisa buscou distinguir palavras homônimas de polissêmicas, por meio de testes feitos com falantes do português, baseando-se em graus de similaridade, numa escala de 0 a 4. Esses valores foram atribuídos a pares de palavras por falantes do português. Seus resultados demonstraram que houve um elevado consenso, por parte dos falantes, na demarcação das fronteiras entre os dois fenômenos e que, conseqüentemente, a homonímia e a polissemia encontravam-se bastante distintas na mente dos informantes, fato esse que nos leva a inferir que os falantes seriam dotados de mecanismos desambiguadores subjacentes à sua própria compreensão. Leffa (1998) apresenta interessantes resultados para uma análise semântica do fenômeno da homonímia e oferece indícios para uma possível resolução do fenômeno da ambigüidade sem o apoio de conhecimentos extra-lingüísticos. Seu trabalho partiu da seleção de 10 pares de substantivos ambíguos em inglês, 6 exemplos para cada, retirados aleatoriamente de um corpus de 10 milhões de palavras.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Imagem- movimento, imagens de tempo e os afetos “alegres”, séc. XX</i></p>	<p>Desse modo, os filmes “...são lembrados, armazenados em sinapses corpóreas que escapam à mente racional”, potencializando o “...contemplar o mundo como se fosse um corpo nu (...) que se pode possuir com os olhos e de que se podem colecionar as imagens”. Por esse prisma, a produção desse assim chamado universo artificial, produzido pelas próprias pessoas, desenha (ainda que de modo multiforme, como salienta o autor) o “visível”, o novo lugar no qual as lutas e os desejos devem ocorrer, a partir de agora: lugar este que se inscreve “...entre o domínio do olhar e a riqueza ilimitada do objeto visual” (os filmes pornográficos não são mais que a expressão mais óbvia desse processo -- histórico, por excelência -- cf. Jameson, 1995: 1, todos os grifos são do autor).</p>

<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Imagem- movimento, imagens de tempo e os afetos “alegres”</i>, séc. XX</p>	<p>Dos militantes uniformizados aos músculos retesados dos atletas e, desses, ao nu dos guerreiros negros, a estética de Leni Riefenstahl estaria alicerçada numa concepção de corpo como síntese da harmonia, da saúde e da fuga do cotidiano -- corpo este que, paradoxalmente, é também a síntese da corrupção do tempo (pois o tempo inscreve nele suas marcas, envelhecendo-o), da regularidade (nada exige mais hábitos do que ele) e do assalto das paixões (das doenças, de modo geral). Pode-se depreender daí que o nazismo da cineasta não estaria demarcado pelos detalhes das bandeiras e uniformes (o que seria óbvio demais), ou pelo desprezo aos atletas negros dos Estados Unidos, na montagem do filme oficial dos jogos de 1936.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português</i>, séc. XX</p>	<p>Esse mesmo autor atenta para o fato de os diversos sentidos não se misturarem ou se contradizerem, uma vez que são inseridos cada qual em um contexto que precisa e antecipa a sua carga semântica. Assim sendo, um significado só terá sentido em uma determinada situação, dado que os outros significados não existirão (e não se confundirão) na mente do interlocutor. Com efeito, trata-se de um signo que possui um significante e um significado que é empregado em uma pluralidade de sentidos mais ou menos ampla; a correlação existente entre os diversos sentidos conduzem a um mesmo significante (fato esse que diferencia a polissemia da homonímia). Para tanto, podemos traçar o seguinte esquema: Tabela 1 Tabela 1 - Polissemia 2.1.2. HOMONÍMIA Ullmann (1964:364-374) diz que apesar de a homonímia ser muito menos comum e complexa do que a polissemia, seus efeitos podem ser tão graves quanto ou até mesmo mais contundentes.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português</i>, séc. XX</p>	<p>Gingras, por achar ainda insuficiente esse critério, lança mão da distinção proposta por Geckeler (1976) baseada na proximidade semântica, por meio da teoria dos campos léxicos. E assim, Gingras propõe um critério que se baseia em um modelo psicolinguístico que pretende representar o funcionamento da memória semântica (modelo spreading activation de Quilliam, 1962 e 1967), na medida em que quando uma pessoa ouve ou lê uma palavra, as distintas propriedades do conceito estão ativadas na memória, fato esse que lhe permite entender a palavra ouvida ou lida. Segundo os partidários dessa teoria, pressupõe-se que as propriedades de um conceito não sejam iguais e que existiriam diferenças de acessibilidade. Por conseguinte, a relação que existe entre “pássaro” e “condor” seria mais acessível que a relação existente entre “pássaro” e “pingüim” (Gingras, 1995:100), embora todos esses seres sejam considerados “ave”.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Avaliação da descentraliza ção da assistência à saúde no estado de Mato Grosso</i>, séc. XX</p>	<p>Isto implica em dizer que desde 1994 (para os nove municípios habilitados à NOB-93) e a partir de 1998 (para todos os municípios) tanto a estrutura física da saúde como os recursos humanos existentes nos municípios (fossem eles da União, do Estado ou dos próprios municípios) passaram a ser, em termos de gestão, de responsabilidade dos Sistemas Municipais de Saúde constituídos. A organização da estrutura das Secretarias Municipais de Saúde vai se desenvolvendo à medida que os Sistemas Municipais de Saúde vão se constituindo, ampliando-se e tornando-se mais complexos, processo este muito relacionado ao porte de cada município. Pôde-se identificar 4 tipos de estruturas organizacionais, refletindo níveis progressivos de complexidade: Nível I -- Representado por organogramas simples, com dois níveis hierárquicos e número máximo de 6 estruturas subordinadas ao Secretário. Com pequenas variações, é a estrutura na qual se encaixam todos os municípios de pequeno porte.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>A construção da metalingüísti- ca</i>, séc. XX</p>	<p>Não pretendemos abordar cada obra em particular, mas compor em linhas gerais um quadro de compreensão do conjunto da obra que nos permitirão avançar no estudo de nosso problema: a construção de uma nova ciência da linguagem. Para tanto, nos serviremos de cartas, notas em periódicos e outras informações que julgarmos pertinentes para uma aproximação mais clara dos temas que ocupavam, então, o projeto filosófico-lingüístico bakhtiniano e de seu círculo, fontes essas que serão parcialmente citadas, durante esta apresentação da obra, em pequenos quadros que compõem como que uma segunda, e por vezes independente, narrativa ao nosso texto.</p>

<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português, séc. XX</i></p>	<p>Neste trabalho, a tese que se pretende defender discute a ambigüidade interpretativa gerada pelo fenômeno da homonímia em tratamentos automáticos de línguas naturais. Desse modo, estamos diante de pelo menos duas vertentes de estudo e pesquisa sobre tal fenômeno. A primeira se refere às aplicações de softwares computacionais (parsers e desambiguadores); a segunda às elaborações de banco de dados ou databases computacionais. Tais linhas de pesquisa possuem objetivos, metodologia e aplicações diversas; conseqüentemente, faz-se necessária uma explanação, ainda que sucinta, das mesmas, fato esse que será exposto no decorrer deste trabalho. A presente pesquisa tenciona contribuir para o aprimoramento e o desenvolvimento de ferramentas computacionais que processam automaticamente a língua portuguesa, com a finalidade de se evitar a ambigüidade de interpretações lingüístico-automáticas que a máquina realiza, quaisquer que sejam as ferramentas usadas.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>O sistema GPS como ferra- menta para a avaliação da refração ionosférica, séc. XX</i></p>	<p>No caso da estação de Curitiba - PR (figura 6.15) e da estação de Viçosa - MG (figura 6.16), assim como, para todas as outras estações da RBMC, é possível verificar o mesmo comportamento observado na estação de Presidente Prudente - SP. Existe apenas uma diferença de? 1 dia, para os valores de picos obtidos após as análises espectrais, fato este que não modifica a tendência geral observada. 6.3 ANÁLISE DIÁRIA DOS RESULTADOS Nas figuras 6.17 a 6.21 estão representados os valores diários do TEC mês a mês, calculados para a estação Curitiba - PR. O período estudado abrange 5 anos e teve seu início em janeiro de 1997 e seu término em dezembro de 2001. Este período abrangeu aproximadamente meio ciclo solar (? 5,5 anos).</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise do balançamento de imagens aplicado a fotogrametria, séc. XX</i></p>	<p>No decorrer da pesquisa, pode-se observar que a gama de aplicações que envolvem processamento digital de imagens pode ser maior do que o uso destinado à composição de mosaicos e ortofotos. A padronização do padrão radiométrico das feições, nas imagens, facilita procedimentos que envolvam análises e comparações entre histogramas, recursos estes necessários a processos de classificação, interpretação de imagens e reconhecimentos de padrões. As Figuras 34 e 35, ilustram um exemplo de padronização dos valores da radiometria entre feições semelhantes de uma mesma imagem, porém localizadas em regiões distintas, com padrões semelhantes de cobertura do solo. As figuras à esquerda, indicadas em vermelho, correspondem à imagem original. Conseqüentemente, as figuras à direita, indicadas em amarelo, correspondem à imagem balanceada.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Avaliação da descentraliza- ção da assistência à saúde no estado de Mato Grosso, séc. XX</i></p>	<p>NORMA OPERACIONAL BÁSICA 01/91 Editada pelo INAMPS/MS em janeiro/91 e reeditada em julho do mesmo ano, a NOB 01/91 (BRASIL 1991) reproduz em seu texto muitos dos elementos que compõem as Leis Orgânicas da Saúde, uma vez que elas constituem as bases de implantação e operacionalização do Sistema Único de Saúde, mas o enfoque desta Norma está basicamente direcionado à normalização de mecanismos de financiamento do SUS -- repasse, acompanhamento, controle e avaliação dos recursos financeiros do INAMPS para os municípios e/ou estados --, mecanismos estes considerados fator de incentivo ao processo de descentralização. Chama primeiramente a atenção -- e é uma evidência de que se evoluiu no processo de construção do SUS, quando se o analisa atualmente -- o fato de que esta NOB tenha sido editada sob a chancela do INAMPS, revelando como são complicados, cheios de avanços e retrocessos, os caminhos de uma mudança.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português, séc. XX</i></p>	<p>O léxico é, em primeiro lugar, entendido como o conjunto de unidades lingüísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) próprias duma língua, unidades essas que se encontram listadas por ordem alfabética num dicionário e subordinadas, no caso das palavras flexionadas, à unidade lingüística que metalingüisticamente as representa, e que incluem informações fonéticas ou fonológicas (transcrição), morfológicas (flexões) e sintático-semânticas (com base em exemplos). (Vilela, 1979:9) Desde há muito tempo, o léxico tem sido relacionado com a memória humana. De fato, as entradas lexicais em um dicionário são como registros da memória e muito provavelmente a estruturação do léxico se assemelha àquela da memória, fato esse que permite uma recuperação rápida e veloz das palavras que o constituem (Biderman, 1981:28). Com efeito, fala-se de Léxico Mental, isto é, as palavras que se encontram estocadas na mente humana.</p>

<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Imagem-mo- vimento, ima- gens de tempo e os afetos “alegres”</i>, séc. XX</p>	<p>O mesmo poderia ser dito da imagem: falta a palavra, falha o conceito, e ela adquire o papel da ponte, do que cobre a fissura e a tudo explica. A isso corresponde o medo do desvio, o pavor diante do que constitui o humano, daquilo que o envolve e o corrompe: o tempo. “O medo que o bom filho da civilização moderna tem de afastar-se dos fatos -- fatos esses que, no entanto, já estão pré-moldados como clichês na própria percepção pelas usanças dominantes na ciência, nos negócios e na política -- é exatamente o mesmo medo do desvio social.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português</i>, séc. XX</p>	<p>Para Chomsky (1988), o ser humano é capaz de distinguir se uma frase é bem feita e verificável em uma determinada língua sem que tenha tido uma experiência de mundo específica para tal. Existiriam princípios universais na sua mente que o levariam a uma gramática universal que determinaria que a construção correta é O menino é inteligente e não Menino o inteligente é. O ser humano possui “intuições” sobre as propriedades e formalidades das sentenças que o levam a um conhecimento profundo de uma língua (capacidade essa que seria dada a um estudioso de uma língua) e que permitem que ele resolva ambigüidades em sentenças sem que as tenha aprendido um dia. Assim, o ser humano possuiria uma capacidade de linguagem determinada geneticamente que o levaria a satisfazer condições ambíguas em certas sentenças ou a construí-las de um certo modo e não de outro (regras de produção e compreensão de frases gramaticais).</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Análise da homonímia no português</i>, séc. XX</p>	<p>Silva (1989) aplicou testes a falantes do português para distinguir palavras homônimas de polissêmicas, baseando-se em graus de similaridade, numa escala de 0 a 4. Os falantes submetidos a esses testes atribuíram valores de 0 a 4 a pares de palavras; a partir dos resultados obtidos, o autor da pesquisa pôde concluir que os falantes distinguem homônimos de palavras polissêmicas de modo intuitivo. Além disso, seus resultados demonstraram que houve um elevado consenso, por parte dos falantes, na demarcação das fronteiras entre os dois fenômenos e que, conseqüentemente, a homonímia e a polissemia eram bastante distintas na mente dos informantes, fato esse que nos leva a inferir que os falantes seriam dotados de mecanismos desambiguadores subjacentes à sua própria compreensão. Partindo-se de tais considerações poderíamos dizer, então, que o falante estaria apto a interpretar inconscientemente certas ambigüidades de uma língua natural geradas pela polissemia e pela homonímia.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Avaliação da descentraliza- ção da assistência à saúde no estado de Mato Grosso</i>, séc. XX</p>	<p>Tabulando-se alguns indicadores de estrutura, pôde-se evidenciar o crescimento da complexidade e especificidade da oferta de serviços de saúde à medida que aumentava o porte dos municípios (Tabela 10). Nos municípios pequenos encontrou-se a maior disponibilidade de Centros de Saúde e de Atendentes de Enfermagem e Agentes Comunitários por habitante, indicando que nestes locais são priorizadas as atividades desenvolvidas nos Centros de Saúde e por Agentes Comunitários e Atendentes de Saúde, atividades estas provavelmente de baixa complexidade, constituindo, dentro da Atenção Primária à Saúde, aqueles procedimentos mais simples, como as Ações de Vigilância Epidemiológica, Imunizações e Atos Não Médicos (AVEIANM). Nos municípios maiores e na capital, no outro extremo, observou-se uma estrutura física e humana que pressupõe uma organização dos serviços mais voltada à atenção médico curativa, de base hospitalar.</p>
<p>Acadêmico: (Lácio Web Córpus), <i>Determinação de taninos em plantas com potencial forrageiro para ruminantes</i>, séc. XX</p>	<p>Taninos são polifenóis de ocorrência natural, em plantas, que exercem grande influência no valor nutritivo de forragens. Os taninos apresentam alto peso molecular, entre 500 a 3000 (Mangan, 1988) e contêm grupos hidroxila-fenólicos em quantidade suficiente para permitir a formação de ligações cruzadas estáveis com proteínas (Deshpande et al., 1986). Os taninos são caracterizados pela sua capacidade de se combinar com proteínas da pele animal inibindo a putrefação, processo este conhecido como curtimento do couro (Deshpande et al., 1986). Esses compostos também são considerados potentes inibidores de enzimas devido à complexação com proteínas enzimáticas (Naczka et al., 1994). Os taninos são amplamente distribuídos dentro do reino vegetal, sendo comuns tanto em espécies gimnospermas como angiospermas. Dentro das angiospermas, os taninos são mais comuns nas dicotiledôneas do que nas monocotiledôneas.</p>

II. Corpus do espanhol

II.1 Séc. XIII (PAD)

<p>Alfonso X, <i>Siete Partidas</i>, 1252-54</p>	<p>del menoscabo que fiziese enellos & que gelo perdonaria todo de ligero. E porende deue pedir el marido al iuez que de alos bienes della otro guardador que sea sin sospecha. // Ley quarta. ante quien. & en que manera & fasta quanto tiempo puede aquel que es escogido por guardador poner escusa que lo no sea. / El que se quiere escusar que no sea guardador de huérfanos deue mostrar delante del iuez la escusaçion que ouiese fasta çinquenta dias. & deuen se començar a contar desde el dia que el sopo primera mente que era dado por guardador. E esto se entiende si es <u>en el lugar aquel</u> que es dado por guardador. o si es en otro lugar que non sea mas lueñe de çient millas. Ca sy mas lueñe fuese deue auer estonçe por cada veynt millas vn dia & treynta dias de mas aque venga mostrar su escusaçion. & el iuez ante quien ouiere a ser mostrada tal escusa deue fazer que desde el dia que se començaron a contar los dias sobre dichos fasta cumplimento de quatro meses sea librado el pleito si deue valer o</p>
<p>Alfonso X, <i>Siete Partidas</i>, 1252-54</p>	<p>es natural assi como quando vn onbre ha su heredad deyuso dela del otro. Ca maguer corra el agua dela heredad que esta mas alta enla que esta mas baxa o descindan piedras o tierra por mouimiento delas aguas o en otra manera que non sea fecho maliciosamente por mano de onbre & que faga y daño. no es culpado aquel cuya es la heredad que esta mas alta nin es tenuto dela pechar La segunda es por obra que fue fecha antiguamente. Ca maguer reçiba daño en alguna manera aquel que ha la heredad deyuso dela otra que es la obra antigua si diez años son passados que es fecha aquella obra seyendo <u>en el lugar aquel</u> cuya es la heredad que reçibe el daño & no lo contradiziendo o veinte seyendo fuera en otra parte deuelo sufrir & no se puede despues querellar del. La terçera es por razon de seruidunbre que han las vnas heredades enlas otras. Ca maguer reçiban daño enla heredad por razon dela seruidunbre a que es tenuta no se puede porende querellar de aquel cuya es la heredad que reçibe el seruido. // Ley quinze que deue fazer aquel</p>
<p>Alfonso X, <i>Siete Partidas</i>, 1252-54</p>	<p>la sepultura. / Sepultura es lugar señalado enel çementerio para soterrar el cuerpo del onbre muerto. E sepultura tomo este nonbre de sepelio. que quiere tanto dezir commo mete so tierra. E en dar las sepulturas deuen guardar quatro cosas. La primera es el ofiço que dizen los clerigos sobre los muertos: & esto no se deue vender en ninguna manera ni deuen demandar los clerigos preçio por ello. pero si alguna cosa les quisieren los hombres dar desu grado bien lo pueden tomar. La.ij La.ij. es aquellos lugares donde pueden soterrar que se entiende por los çementerios: & enestos otrosi no puede vender <u>el lugar aquel</u> cuyo fuere para soterrar aninguno enellos commo quier que en ellos no fuese avn ningund onbre soterrado. La.iiij La.iiij. es el sepulcro de qualquier cosa que sea fecha E este puede vender aquel cuyo fuere si no ouiesen nunca soterrado ningund onbre enel. La.iiij. es aquella tierra que es conprada o dada para fazer çementerio: y esta manda santa yglesia que avnque sea otorgada para esto que no sea ninguno soterrado enella: saluo aquel o aquellos cuya fuere.</p>

II.2 Séc. XIV (PAD)

<p>Paladio, <i>De re rustica;</i> <i>Tratado de Agricultura,</i> séc. XIV</p>	<p>Empero deuras aver cura que por mucha grosseza las vacas non se puedan enpreñyar enpreñyar /. Ca sepas que mucha gordeza les vieda que non se enpreñyen enpreñyen. por que es nesçesario que ayan pasturas tempradas /. Empero sy habundancia avra de pasturas /. cada vn año año las deues fazer enpreñyar enpreñyar / Ca bien los sostendran. E sy la pastura sera poca /. es a saber que no sera mucho abundante La vegada las podras fazer enpreñyar enpreñyar vn año año. E non otro. mayor mente si <u>las vacas aquellas</u> son diputadas A labrar / o tirar carros / o fazer otra lauor /. En aqueste mes de jullio deues mezclar los carneros conlas ovejas E deues triar los carneros que sean blancos todos menos de macula / E que ayan la lana blanda & molla /. E no sola mente deues guardar & otras que se fazen enlos lugares do non ay agua que son mucho mejores.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

II.3 Séc. XV (PAD)

<p><i>Cancionero castellano de París, Séc. XV</i></p>	<p>estado / Delas virtudes acuerdo fazer breue colaçion porque enla opinion de muchos non me acuerdo / Delos vocablos vsando cada qual commo le plaze pero non propio fablando lo que al proposito faze / Vn falso nonbre vsurpando dizen que son virtuosos los estultos cautelosos el viçio virtud llamando / La corporal fortaleza el apuesto Razonar del palaçio la destreza tanner dezir e cantar / Quien de fuera muy loado de todas estas sesmera mas non deue ser contado por virtud pura e entera / Non digo de aquel que es fuerte alos viçios registir en tal gujssa que la muerte le plaze antes sofrir / Si de fe suficiẽte fuese mj opinion las virtudes estas son enel proçesso sigujente / De dios el sancto temor la fe sin tribulaçion justa con discriçion paçiençia sin desonor / La lealtad muy preçiada aquella dulçe amistad vinculo de vmana morada con judiciãl castidat / A mi paresçer aujsio estas deuen ser llamadas virtudes e desechadas las otras con burla e rriso / Quando el mundo era de oro eran estados plantados oy que es de fierro su tesoro en gran pena son fallados / Acuerdos neçios e locos veo eredar las riquezas</p>
<p>Jehuda Ha-Levi, <i>Libro del Cuzari, séc. XV</i></p>	<p>su alma aconpañada de alguna parte de letras diujnales y ponga en su coraçon y voluntad todas aquellas fatigas generales en descargo delas culpas generales y sus penas particulares en descargo de sus yerros espeçiales & açerque a su pensamjento la esperança dela çierta & ynfalible rredençion del cabtjverio. y el gualardon ynfinjto dela gloria del mundo vinjente por sufrir con ygualdat aquestas penas en este mundo de aca. y si al baxo / o mediocre de entendimjento {gl. nota que avn alos mediocres ay peligro y sospecha de deles namjento quanto mas alos vazios entera mente /. y creençia le turbaren mas allende enconados pensamjentos diziendo sy biujran los huesos estos. los quales ya son perdidos de ser gente commo es dicho secaron se nuestros huesos perdiõse nuestra esperança. somos tajados todos nos {gl. Pues dize Ezechiel beujeron y estoujeron parados. sobre sus pies rrecoja su entendimjento ese poco que enel fuere y piense con atençion enla calidat dela salida de Egibto & todas sus maraujllas y los bienes que vinjeron despues della todos sobre naturales commo es dicho enel rrecontamjento dela noche de nuestra pascua. por los bienes y merçedes</p>
<p>Jehuda Ha-Levi, <i>Libro del Cuzari, séc. XV</i></p>	<p>y enla de escuhad los çielos que es la cantica postrera de Mose.& enla otra donde dize & sera quando vinjere la maldiçion & la bendiçion & çetera. do paresçe que avn non quedamos del todo commo muertos / o perdidos saluo asi commo vn doliente de vna fiebre muy aguda / o semejante que todos los medicos desafuziaron su vida aviendo por ynposible que el sanase de aquella graue dolençia. y el espera que verrna su medesçina por mjlagro dela mano soberana de aquel en qujen el confia y a qujen teme con entero rronpimjento de toda naturaleza la qual lo desafuziaua dela vida commo dixo el profeta Ezechiel. si biujran los huesos estos. y commo aquellas palabras del enxemplo del profeta Ysayahu enla parasa do dize ahe entendera mj sieruo que ay dixo non forma ael nj fermosura. y acatamos le y fallamos lo sin vista menospresçiado y apartado delos onbres y varon conosçido de dolençia y de dolor y otras cosas que ally dize. El rrey. & commo sera dicho eso a enxemplo / o fin de Ysrael adonde dize de çierto nuestras dolençias el las leuo.i. conporto</p>

II.4 Séc. XVI (PAD)

<p>Pietro Martire d' Anghiera, <i>Relato de las riquezas del Nuevo Mundo, 1500</i></p>	<p>Recorrían sus costas los españoles extendiendo la vista por el mar, mientras los demás jugaban o se estaban sin hacer nada: echaron de ver algo desconocido que nadaba en la superficie: fijando la vista y pensando qué sería, declararon haber visto una cabeza humana con pelo, barba poblada y brazos. Mientras lo miraban en silencio, el monstruo admirado iba nadando a vista de la nave. Dando grandes gritos despertaron a sus compañeros, y al oír las voces el monstruo, se espantó y se zambulló. Dejó ver que la parte del cuerpo cubierta bajo el agua terminaba en pez, habiéndosele visto la cola, con cuya sacudida enturbió el agua del sitio aquel estando el mar tranquilo. Nos parece que serán los Tritones que la antigua fábula llama los hijos (rubicines?) de Neptuno. Muchos han referido que se vió otro monstruo de esa clase junto a la isla de Cubagua, famosa por la pesca de perlas y vecina de la Margarita.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Antonio Pigaffeta, <i>Primer viaje alrededor del mundo,</i> 1507</p>	<p>Antes de doblar el cabo de Buena Esperanza, permanecimos nueve semanas frente a él, arriadas las velas, por el viento occidental y mistral en la proa, y tempestades pavorosas; cabo que ocupa los 34 ½ grados, y a 1.600 leguas el de Malaca. Es el mayor y más peligroso del mundo. Algunos de entre los nuestros - así enfermos, como sanos - querían refugiarse en una factoría portuguesa por nombre Monzambich: por la nave, que hacía mucha agua; por el intenso frío; y, especialmente, por no tener qué llevarnos a la boca, salvo agua y arroz, ya que la carne que traíamos, por no haber dispuesto de sal, estaba enteramente putrefacta. Pero algunos de los otros, con más avaricia de su honor que de la propia vida, determinaron, vivos o muertos, encaminarse a España. Por fin , con la ayuda de Dios, el 6 de mayo doblamos el cabo aquel manteniéndonos a unas sus cinco leguas. O nos acercábamos tanto, o no lo habríamos pasado nunca. Navegamos después al mistral, sin repostar los víveres durante dos infinitos meses. En ese plazo murieron veintíun hombres. Cuando echábamos el cadáver al mar, los cristianos se sumergían siempre con el rostro arriba; los indios, con el rostro hacia abajo.</p>
<p>Antonio Pigaffeta, <i>Primer viaje alrededor del mundo,</i> 1507</p>	<p>Un día, de pronto, descubrimos a un hombre de gigantesca estatura, el cual, desnudo sobre la ribera del puerto, bailaba, cantaba y vertía polvo sobre su cabeza. Mandó el capitán general a uno de los nuestros hacia él para que imitase tales acciones en signo de paz y lo condujera ante nuestro dicho jefe, sobre una <i>islilla</i>. Cuando se halló en su presencia, y la muestra, se maravilló mucho, y hacía gestos con un dedo hacia arriba, creyendo que bajábamos del cielo. Era tan alto él, que no le pasábamos de la cintura, y bien conforme; tenía las facciones grandes, pintadas de rojo, y alrededor de los ojos, de amarillo, con un corazón trazado en el centro de cada mejilla. Los pocos cabellos que tenía aparecían tintos en blanco; vestía piel de animal, cosida sutilmente en las juntas. Cuyo animal, tiene la cabeza y orejas grandes, como una mula, el cuello y cuerpo como un camello, de ciervo las patas y la cola de caballo - como éste relincha -. Abunda por las partes aquellas. Calzaban sus pies abarcas del mismo bicho, que no los cubrían peor que zapatos, y empuñaban un arco corto y grueso con la cuerda más recia que las de un laúd - de tripa del mismo animal -, aparte un puñado de flechas de caña, más bien cortas y emplumadas como las nuestras.</p>
<p>Antonio de Guevara, <i>Libro primero de las epístolas familiares,</i> 1513</p>	<p>Los mismos escritores romanos cuentan deste ilustre capitán Viriato que en quince años que tuvieron con él los romanos guerra nunca le pudieron matar, ni prender, ni afrentar, y como vieron que no le podían vencer en la guerra, ordenaron de matarle a traición con ponzoña. He querido traerlos, Señor, a la memoria esta ni a mi amigo consentir. Nathán reprehendió a David, Samuel reprehendió a Saúl, Nicheas reprehendió a Achab, Helías reprehendió a GeVabel, Sant Juan reprehendió a Herodes y Sant Pablo reprehendió a Sant Pedro, no porque habían a ellos ofendido, sino porque habían contra Dios pecado, para darnos a entender que todo aquel a quien Dios no tuviere por amigo hemos de tener nosotros por enemigo.</p>
<p>Alonso de Góngora Marmolejo, <i>Historia de Chile desde su descubrimiento hasta el año 1575,</i> 1536-1575</p>	<p>Con esta orden que les dió este yanacona, que no debía de ser sino demonio contrario y enemigo a la próspera fortuna que Valdivia había tenido, quedaron tan animados los indios con la oración que les hizo este demonio, que puestos en sus escuadrones más número de cincuenta mill indios y más, a lo que después se supo, fueron a el lugar que les estaba señalado, siendo el camino aquel por donde Valdivia venía. Envió cuatro corredores delante que le descubriesen el campo y camino. Ellos se adelantaron tanto, que sin entendedlo Valdivia ni oillo, por la mala orden que llevaron en su caminar, no como hombres pláticos de guerra, cayeron en una emboscada.</p>
<p>Miguel de Cervantes Saavedra, <i>La Galatea,</i> 1582</p>	<p>encargóme asimesmo que buscasse orden de ponerla en manos de su señora, que creo será imposible, no porque yo me aventure a ello, pues lo menos que aventuraré será la vida por servirle, mas porque me parece que no he de hallar ocasión para darla. » « Veámosla - dijo Nísida -, porque deseo ver cómo escriben los enamorados discretos. » Luego saque yo una carta del seno, que algunos días antes estaba escrita esperando ocasión de que Nísida la viesse y, ofreciéndome la ventura esta, se la mostré; la cual, por haberla yo leído muchas veces, se me quedó en la memoria, cuyas razones eran estas: Timbrio A Nísida « Determinado había, hermosa señora, que el fin desastrado mío os diese noticia de quién yo era, pareciéndome ser mejor que alabárades mi silencio en la muerte que no que vituperárades mi atrevimiento en la vida; mas, porque imagino que a mi alma conviene partirse de este</p>

<p>Luis Carrillo y Sotomayor, <i>Poesía,</i> 1596</p>	<p>atención, si oís su vuelo, piensa afrentar estrellas en el cielo. Fábula De Acis Y Galatea Argumento de la Fábula, por su hermano Don Alonso Carrillo. [de viva peña asientos ocupaban la blanca Galatea, y Scila hermosa, bramando el Etna, lo que apenas daban, tiernas quejas oyó de voz llorosa: Así pues, Galatea, celebraban fieras lisonjas a su falsa esposa, y así de un golpe, el Cíclope tirano, lllore en cristal, mi Acis hizo en vano.] Fábula De cuál era marfil, la blanca mano, o el peine que entre el oro discurría, o si era el sol aquel que el océano de sus hermosos rayos lo vestía, o aquel que, altivo, de Titón anciano la blanca esposa, pálido seguía, dudoso el Etna, aún detenía, en su falda, abrazadas las perlas de esmeralda. En sus fuegos terrible y temeroso, sacó la negra frente, y admirado en ver de Galatea el rostro hermoso, acrecentó su fuego enamorado; y, estando atento, del volcán fogoso, así escuchó, de</p>
---------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

II.5 Séc. XVII (PAD)

<p>Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza, <i>Mudarse por mejorarse,</i> 1610</p>	<p>prosigue, atreuido y confiado en publicar tan a riesgo de tu opinion sus cuidados, mi señor por euitar los escandalosos daños que en tu fama sucedieran, si por ti riñessen ambos: para entrar secreto a verte, el, y don Felis traçaron sacar de aqui a doña Clara, don Felis la está esperando. En san Sebastian, y oculto ocupa vn çagan cercano mi señor, para meterse por cohecho, o por engaño, en la silla de tu tia, y venir a verte, en tanto que ella en la Iglesia le está con don Felis aguardando. Este es el caso, y el punto este, en que viene mi amo por la calle en la litera de dos racionales machos. Apercibe, pues, señora, resolucion para el caso, no se passe la ocasion, que tiene el celebros caluo. Le. Ay de mi. Re. De que te afliges? Le. A vn punto me yelo, y ardo. Re. Passos siento, este es sin duda mi señor. Le. Mil sobresaltos me cercan. Sale</p>
<p>Pedro Calderón de la Barca, <i>A María el corazón,</i> 1640</p>	<p>penetra el Ángel, que el ver que su infinita Gracia, a la misma Gracia aumentos multiplica, es lo que más me aflige en esa hasta hoy no vista translación, en que juntos encarnación se cifran, y sacramento. Culpa Pues volvamos a que admira su novedad la tierra. Furor Ella, pues, discursiva, en que esta casa sea que halla como nacida; y no como labrada, en su verdad deliria. Culpa Hasta que padeciendo accesos de prolija mortal fiebre, Alejandro, su obispo, cuya vida, siempre ejemplar, fue afecta a cultos de María, ella se le aparece dándole las noticias de ser la casa esta donde fue concebida, donde fue desposada y donde fue elegida para Madre del Verbo, cobrando repentina salud, en testimonio que hermosas revalidan las celestiales luces, que sobre ella iluminan la cúpula a su esfera. Furor Aunque el milagro admiran todos, no todos, Culpa, por tal le califican. Culpa</p>

II.6 Séc. XVIII (PAD)

<p>Mariano José de Larra, <i>No más Mostrador,</i> 1723</p>	<p>Julia: Sí, mamá. Deogracias: Sí, mamá (remedándola); pues usted, señorita, tomará el marido... Bibiana: Vuelves a infringir nuestros tratados... a pesar de lo convenido te alteras... Deogracias: No, mujer, no me altero... Pero a lo menos, que oiga el que yo la propongo, que le conozca y le trate, y después... Mira, Bernardo a la hora esta debe haber llegado ya de BARCELONA; habrá consagrado los primeros instantes a sus parientes; pero de un momento a otro le tendremos aquí, y es preciso recibirle como a quien viene a ser mi yerno: le conoceréis, y después...</p>
<p>Francisco de Miranda, <i>Viaje a La Habana-New Jersey,</i> 1783</p>	<p>Mrs Stanley (cuyo marido estaba ausente, y es el pral. comerciante del parage) es Dama de muy buenos modos, y circunstancias, no tuve el gusto de tratarle de serca; miss Cogdell su hermana es una de las mas bien parecidas, y floridas complexion que he visto en toda la America. Camino de Beaufort. Carol^a del Norte, 12 Julio 1783 El doce de julio a las diez de la mañana dexé finalmente a todos mis amigos de Newberne, y pasando el rio Trent por el ferry (o barca) de la Ciudad esta tomé el camino de Beaufort, y á las dos de la tarde llegué á la Posada de Allways distante 23 millas de Newberne; el camino es bastante bueno, como lo son en general todos los de este Pais, pues el terreno es duro y arenoso, é igual por todas partes;</p>

Francisco de Miranda, <i>Viaje de Boston a Portsmouth New Hamshaire,</i> 1783	y por consecuencia deben ser las menos adaptables al cuerpo de una embarcacion &c... esta es la baze principal de su Theoria, y que confieso me ha hecho una impresion superior a toda otra sobre la materia esta - quando este artista despues de infinita oposicion construia su primera embarcacion en Boston, las gentes la llamavan Peck' s - folly (la locura de Peck) hasta que por sus propios ojos vieron, y se desengañaron de que ni boltaria con la fuerza de la vela, como sus cortos alcances decían, ni era una Locura. - esta construccion reune ventajas que los demas constructores, y todos en general creian incompatibles, esto es
-------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

II.7.1 Séc. XIX (PAD)

Quintana, Manuel José <i>Obras dramáticas,</i> 1814	de vuestra edad primera Toda su gloria y sus delicias hizo. La guerra con Castilla se prepara; El Rey gustoso os llevará consigo, Y Marte ahuyentará vuestros pesares Mejor que un amoroso desvarío. ¿ El nombre del amor no os amedrenta? ¿ No llega a estremeceros el peligro De dar los labios a la copa en donde Sólo hiel y dolor habéis bebido? Sacudid la ilusión que va a perderos. Enrique. No es ilusión, Ataide: por mí mismo Muerte me viste dar a la que amaba; Y agitado sin fin y consumido En imposible abrasador deseo, ¿ Qué tormento jamás se igualó al mío? Desde el momento aquel beldad ninguna Mis ojos aduló con su atractivo, Que tantos males superaba un tiempo, En el último trance ya flaquea? Pelayo ¡ Tu amigo desmayar! ¡ Ah! tú lo sabes Si de tan santa causa en la defensa Esquivé alguna vez riesgo o fatiga. ¡ Mas mientras dura la mortal pelea, En ocio vil y vergonzoso verme Esperando la muerte como espera La maniatada víctima el cuchillo! Leandro. Cuando el forzoso
Ramón López Soler, <i>Las señoritas de hogaño y las doncellas de antaño,</i> 1820	y alucinar con el blando meneo de tu cuerpo al rico tabernero que vino para recuperar la salud hará cosa de seis años? No niego algún tanto de manejo a la Carátula; pero hoy mismo se cumpla el plazo de que me lleven los diablos si no me atreviese a sonrojarla a sus mismas barbas. - Mucho decir es ese, Marta, puesto que para afrentar y provocar a la Carátula se necesita un corazón lleno de cerdas. - Como no tuviera yo aliento para empresas de más sustancia, maldito si me valía tres ducados al año este peligroso oficio. A la media noche quisiera yo ver a la tía esa corriendo los campos como yo en tiempos que cuelgan a algún malhechor para sacarle los dientes y arrancarle los cabellos. Porque has de saber, boba, que la que logra quedarse con tales ingredientes antes que penda el cadáver veinticuatro horas en la horca, no hay para qué recele que desligue alma viviente sus venenosos maleficios. - ¡ Oiga...! he aquí porque te saliste aquella noche del pajar sin embargo de la bárbara tormenta
Mariano José de Larra, <i>El doncel de Don Enrique el Doliente,</i> 1823	de Luna! - y arrodillándose ante una venerada estampa de las llagas de San Francisco -, ¡ oh portento! - continuó -; libradme, Señor, de todo mal y purificad mi alma si estas predicciones son hechas por arte de Vos reprobado... - Rey - interrumpió al oír este escrúpulo religioso el solapado Abraham -, el Dios del cielo y de la tierra no reprobó nunca la ciencia, si bien quiso descubrir a pocos sus recónditos arcanos. Los hechos que te refiero, además, no son prescripciones de incierto porvenir, en cuya oscuridad no es dado siempre a los míseros mortales penetrar; a la hora esta , si es cierto que hablan los astros a los que poseen el don de entender su lenguaje sublime, Aviñón ha sido testigo ya de los grandes acontecimientos que te anuncio. ¿ Ves aquella estrella, cuyo incierto resplandor parece querer apagarse con vacilantes oscilaciones, a la derecha de la Osa menor, siguiendo la dirección de mi báculo? Parece lanzar sus mortecinos reflejos a la parte de Calatrava... - Abraham, ¿ qué

<p>Mariano José de Larra, <i>El doncel de Don Enrique el Doliente</i>, 1823</p>	<p>nada te quiero decir, porque no estoy seguro de si puedo disponer de ella como cosa mía, después de la tempestuosa y maliciosa vida que he traído. Dios me la perdone. Pero en cuanto a mis ocurrencias, permite que te diga, señor, que sólo conforme me vayan ocurriendo podré ir las poniendo a tu disposición. - ¡ Maldito viejo! - refunfuñó Villena entre dientes -. ¿ Cuándo queréis acabar de fundirme esa cabeza de bronce que ha de responder a todo el que la pregunte y que me habéis tantas veces prometido?. Yo os aseguro que si la tuviera en mi poder, como debiera, a la hora esta ya la habría hecho decir cosas buenas y oportunas acerca del asunto. No habría combate, yo os lo aseguro; no lo habría. Os juro que esa sería la mejor cabeza de Castilla, sin contar la mía, Abenzarsal, se entiende. - Mientras la mía, señor, esté sobre mis hombros, que será todo el tiempo que yo pueda, pareceme que la de bronce ha de estar de más. -</p>
<p>Francisco Martínez de la Rosa, <i>Amor de padre</i>, 1824</p>	<p>Danton te ahoga!... » Al oír aquel nombre cayó en su asiento como herido de un rayo: Saint - Just, a su lado, impasible; el deforme Couthon, revolcándose por el suelo, cual un reptil inmundo... » Todos. - ¡ Mueran!... Preso 1.º - (Leyendo.) « Agólpase cien oradores a la tribuna; los decretos se votan por aclamación, en medio de un ruido espantoso; todos acusan; nadie defiende a aquellos monstruos; y los que hoy al salir el sol aterraban con nombre a la Francia, se ven a la hora esta encarcelados, proscritos, próximos a satisfacer en el cadalso la justa venganza del pueblo... ¡ Viva la libertad!... ¡ Mueran los tiranos!... » Todos. - ¡ Mueran!... Presa 1.ª - Con cien vidas no pagan... Presa 2.ª - Yo no sé qué daría por expirar a esos infames... ¡ Toda mi familia la han sacrificado!...</p>
<p>José de Espronceda, <i>Blanca de Borbón</i>, 1825</p>	<p>El Rey, Garcia y Abenfarax, vestido de un marsellés, una faja, un puñal, calzones anchos, la pierna desnuda y babuchas moriscas. Rudo y bárbaro en su apostura. Garcia He aquí, señor, el que vigila a Enrique. El Rey ¿ Tu nombre? Abenfarax Abenfarax. El Rey ¿ Cuándo, en qué sitio Le has encontrado, di? Abenfarax Vile ha dos días Vagando en torno del castillo mismo Donde la reina está. El Rey ¿ Le conociste? Abenfarax (Con estupidez.) No; mas mi madre, la potente maga De la caverna del espectro, dijo Que el hombre aquel que pareció ocultarse, Era hermano del rey. El Rey ¿ Y tú has seguido Siempre sus pasos desde entonces? Abenfarax Siempre (Sonriéndose ferozmente.) Y tuve ya dos veces el cuchillo Puesto a su corazón cuando dormía. El Rey ¿ Y qué te anima tanto a perseguirlo? Abenfarax La sed de sangre, y alcanzar tu premio. El Rey ¿ Y el mensajero de Aguilar? Abenfarax (Con sonrisa.) Tendido Quedó en</p>
<p>José de Espronceda, <i>Blanca de Borbón</i>, 1825</p>	<p>tu llanto enjuga, Y ahora, en vez de lamentar mi suerte, Alégrate conmigo en mi ventura. Leonor ¿ Por qué yo el nombre de tu dulce amiga De tu boca escuché? ¡ Ojalá nunca Te hubiese visto yo! Yo no llorara Al ver abierta ante tus pies la tumba. Blanca ¡ Dulce Leonor! ¡ Gran Dios! Calma tu llanto. ¿ No ves mi dicha tú? Gloria más pura En trono eterno el Dios de la inocencia Guarda, Leonor, para las almas justas. ¿ Qué vale el trono de la tierra toda Cercado de esplendor? Su faz se anubla Y el pueblo aquel que le temió algún día, Perdido el brillo, su grandeza burla No así aquel trono que esplendente siempre Brilla en la eternidad. Paz y dulzura, Inocencia y virtud, siempre le ensalzan. Allí la libertad, la gloria augusta, Su eterno manantial vierten, regando Fértiles campos de eternal verdura. Allí se cifra mi esperanza hermano, Fiero empuñé la espada vengativa, junté guerreros, me arrojé al combate, Luché con él en desigual porfía</p>
<p>Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), <i>Romances históricos</i>, 1828</p>	<p>las razones 85 que de pronunciar acaba el digno representante de la ofendida tiara, insistiendo en que recuerde que los tratados quebranta 90 que firmó solemnemente en Perpiñán con España. * De tan noble personaje tampoco consiguen nada con el orgulloso Carlos 95 razones, ruegos, plegarias; pues, con desabrido gesto y con burladora rabia, Que no recuerda responde de cuanto le dicen nada. 100 [#] Romance Segundo Don Antonio de Fonseca, caballero de alta ley, de los Católicos Reyes el noble embajador es, que al rey de Francia acompaña 105 y le sigue por doquier, y avisado por el duque viene en el momento aquel. Preséntase con modestia, pero con el rostro que 110 cara de pocos amigos llama el vulgo, y llama bien. Al verle, con fatuo orgullo, el cristianísimo rey, que da al vicario de Cristo 115 a gustar vinagre y hiel, con mirada de desprecio y con gesto de altivez: « ¡ Oh, caballero! - le dice -, llegáis en buen hora, pues 120 »el venerable legado me habla, y el duque</p>

<p>Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), <i>Romances históricos</i>, 1828</p>	<p>siglos, el rayo del cielo justo: esqueleto de un gigante, 85 peso de un collado inculto, cadáver de un delincuente de quien fue el tiempo verdugo; Nido de aves de rapiña, y de reptiles inmundos 90 vivar, y en que eres lo mismo, de lo que eras ha cien lustros; pregonero que publicas elocuente, aunque tan mudo, que siempre han sido los hombres 95 miseria, opresión, orgullo; de Montiel viejo castillo, montón de piedras y musgo, donde en vez de centinelas gritan los siniestros búhos, 100 ; cuán distinto te contemplo de lo que estabas robusto, la noche aquella que fuiste del rey don Pedro refugio! * Era una noche de marzo, 105 de un marzo invernal y crudo, en que con negras tinieblas se viste el orbe de luto. El castillo, cuya torre del homenaje el oscuro 110 cielo taladraba altiva, formaba de un monte el bulto. Sobre su almenada frent</p>
<p>Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), <i>Romances históricos</i>, 1828</p>	<p>su manto el hemisferio 570 entró en la Torre del Oro, donde tiene en un encierro a la linda doña ALDONZA, a la cual del y otro, 150 tornó al tranquilo Occidente los asoladores ojos. Y vio a la fecunda España, la cosechera del oro, quemando en su altar incienso, 155 por su gloria haciendo votos, en actitud tan humilde, de entusiasmo en tal arroyo, que era poderosa ayuda, sin poder ser nunca estorbo; 160 y de amiga bajo el nombre tan adoradora en todo, que sangre, riqueza, fama juzgaba holocausto corto. Mas prevaleciendo acaso 165 en el pecho del coloso la parte aquella de infierno, y la maldad de demonio, gritó: « Yo no quiero amigos, porque esclavos quiero sólo; 170 ¿ cómo aún está enhiesta España?... , póngase ante mí de hinojos. »bese mi soberbia planta, hunda la frente en el polvo, y el palacio de sus reyes 175 de escabel sirva a mi trono », dijo, y de armas y guerreros, por el Pirene fragoso, torrente</p>
<p>Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), <i>Romances históricos</i>, 1828</p>	<p>arrastra. 80 * En el peñasco asentóse, de la hundida torre basa; miró en torno, y de su seno sacó y repasó esta carta: « Sí, mi bien; sin ti la vida 85 me es insoportable carga; resuélvete, y no abandones a quien ciego te idolatra. »contigo nada me asusta, sin ti todo me acobarda; 90 mi destino está en tus manos; ten resolución, y basta. »resolución, Rosalía; cúpleme, pues, tus palabras; no tendrás que arrepentirte, 95 te lo juro con el alma. »en cuanto venga la noche, volveré sin más tardanza al sitio aquel que tú sabes, en una segura lancha. 100 »espérame, vida mía; si no te encuentro, si faltas, ten como cierta mi muerte. Corro al momento a la plaza »de Estepona, allí pregonó 105 mi proscrito nombre, y paga de mi amor será un cadalso delante de tus ventanas. » Se estremeció Rosalía, no leyó más, y borran 110 sus lágrimas abundantes las letras de aquella carta. Llévela a los labios</p>
<p>Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), <i>La azucena milagrosa</i>, 1828</p>	<p>la gente de tierra se retira, ansiando sólo que la aurora luzca. Rayó por fin en el remoto Oriente, aun de celajes y vapor desnuda, y el sueño desterrado de Sevilla a la Giralda con su luz saluda, cuando enjambres de lanchas y bateles, de barcasas, de botes y falúas, cercan la gruesa nave, y las riquezas ansían de que preñada la reputan. Y entre el común estruendo y algazara, y voces diferentes y confusas, a la radiante luz del nuevo día el desembarque ansiado se apresura. Y ya van a los muelles y riberas pesados fardos de riqueza suma, aves que nunca el cielo aquel cruzaron, de verdes, rojas y amarillas plumas; maderas exquisitas, que la cara de los bruñidos mármoles ofuscan; especias del sabor más delicado, que olfato y paladar a un tiempo adulan. Barras de oro y de plata refulgentes, armas de pedernal y de tortuga, coseletes y escudos con labores que a las del gran Cellini sobrepujan. Tejidos de algodón cual blanca nieve, o teñidos de grana que deslumbra, plantas de</p>
<p>Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), <i>La azucena milagrosa</i>, 1828</p>	<p>restituyó. Pues la hallaron colocada a la mañana siguiente, lozana, resplandeciente, consuelo de todo afán, ante la imagen sagrada de la Virgen sin mancilla, en la rústica capilla que descubrió Garcerán. [#] En el instante en que de Nuño el alma voló al palacio de la eterna gloria, la azucena sirviéndole de palma de su glorioso triunfo y su victoria; de la virtud con la tranquila calma, olvidando esta vida transitoria, en su celda, de hinojos, don García oraba humilde al expirar el día. Y de celeste espíritu el acento el tránsito del bienaventurado le reveló, mandándole al momento marchar al sitio aquel donde ha expirado, y en él fundar magnífico convento a la Madre del Verbo consagrado, a aquella imagen de virtudes llena, bajo la advocación de la « Azucena ». Pasó la noche en oración ferviente el religioso. Al despuntar el día dejó a Guadalquivir y, diligente, atravesó la hermosa Andalucía; y pobre, peregrino, penitente, del reino de León siguió la vía, saludando sus tierras empinadas después de penosísimas jornadas. Y</p>

<p>Ángel de Saavreda (Duque de Rivas), <i>La Azucena Milagrosa</i>, 1828</p>	<p>Dios hablado había, el macilento pecho descubría con cicatriz en él honda, espantable; y Nuño, en llanto de dolor deshecho, en su seno se lanza confundido, « ¡ Perdón..., perdón! », gritando arrepentido, y quedan mudos en abrazo estrecho. [#] Tercera parte ¡ Ay, qué aspecto tan triste y desolado presenta el sitio un tiempo delicioso do Nuño Garcerán tuvo su estado! Desde el momento aciago y espantoso en que de sangre pura fue inundada, por la trama infernal de un alevoso, y por la injusta mano emponzoñada de un mortal fascinado y delirante, ¡ cuánto <u>la tierra aquella</u> está mudada! Del sañudo huracán, que en el instante, de perpetrarse el crimen, repentino descendió de los montes resonante, en el confuso y raudo remolino huertas, mieses, jardines perecieron, y la alta encina y el robusto pino. Y las nubes tronantes, que envolvieron en ciega oscuridad toda la sierra, con rayos el palacio confundieron. Y con hondo bramar tembló la tierra, y el torrente del valle a los alcores,</p>
<p>Duque de Rivas, <i>El moro expósito o Córdoba y Burgos en el siglo décimo</i>, 1828</p>	<p>El súbito rumor heló a Mudarra, su acción apasionada suspendiendo. Recuerda que en la tumba de Zahira tiene en un loco amor el pensamiento, que va a robar un don, un don precioso, que la virtud a la virtud ha hecho, y que una prenda pura sin mancilla, que la inocencia consagró al respeto debido de Zahira a la memoria, prenda la quiere hacer de amor siniestro. De terror se estremece, se le erizan en la ardorosa frente los cabellos, y la imaginación acalorada le presenta en redor torvos espectros. Sobre la losa helada del sepulcro deja el collar precioso, y huye lejos <u>del sitio aquel</u>, que profanado juzga, de aquel sitio do siempre halló consuelo. - ¡ Oh Mudarra! ¡ Oh Kerima!... ¡ Desdichados! ¿ Qué extraño instinto habita en vuestros pechos, que os descubre fantasmas espantosos al esplendor del amoroso incendio? Parece que la voz del otro mundo os está, inexorable, repitiendo que un mar de sangre entre vosotros brama, que se alza un muro de insepultos huesos. * ¿</p>
<p>Ángel de Saavreda (Duque de Rivas), <i>El moro expósito o Córdoba y Burgos en el siglo décimo</i>, 1828</p>	<p>Y el asiento dejando, en otra sala, precediendo Giafar, entrambos entran. »solitaria y magnífica, cual todas, tenía en medio una espaciosa mesa, en donde varios bultos ocultaba de damasco ormesí rica cubierta. »gustios la mira y le palpita el pecho; con el dedo Giafar se la demuestra, y Allí el regalo está, con risa amarga, dice y, del brazo asiéndole, le acerca »y, de pronto tirando del tapete, He aquí de mi amistad la sola prenda grita con voz de trueno, y muestra al padre de los amados hijos las cabezas ». ¡ Qué horror! ¡ Qué horror!..., al escuchar Mudarra atrocidad tan detestable y negra, exclamó; y levantóse, retremblando, del mármol que de asiento le sirviera. Zaide quedó en silencio, las mejillas de amarillez y lágrimas cubiertas, y los siete cipreses que cercaban <u>el sitio aquel</u>, sus puntas verdinegras agitaron a un soplo repentino con lúgubre rumor, cual si tuvieran instinto de tomar en tal momento parte también en la solemne escena. * Quedando en pie Mudarra, hondo suspiro arrojó Zaide, y con cansada lengua anudó el hilo de la horrible historia, y prosiguió en decir de esta manera: « Sí, el noble Lara, el desdichado padre, vio de sus siete hijos las cabezas en cima del bufete</p>
<p>Ángel de Saavreda (Duque de Rivas), <i>El moro expósito o Córdoba y Burgos en el siglo décimo</i>, 1828</p>	<p>del sepulcro en la capilla, y cómo al fin la santa losa vieron que el cuerpo santo custodió tres días. Del Calvario, Belén y otros lugares (santos porque lograron la divina presencia), refirió las circunstancias, y milagros que en ellos sucedían. Contó cómo después fue con Egidio a buscar del mar Muerto las orillas, en donde un solitario penitente de extrema santidad, en una ermita largo tiempo habitaba. Recibidos fueron por él con gusto y alegría, y tres años allí, lejos del mundo, bajo su dirección, dulce y tranquila existencia gozaron. Pero muerto, por extrema vejez, el cenobita, y <u>el sitio aquel</u> expuesto a los furores de las armadas hordas beduinas, el desierto dejar determinaron y guarecerse en Jope algunos días. Así lo hicieron; en el puerto estaba una hermosa galera de Sevilla que, cargada de bálsamos y aromas, para Gebhel - Tareck a partir iba; y esta ocasión del cordobés Egidio la constancia tentó. Veces distintas habló con el arráez, y a su patria determinó tornar, pues de la hija se refrescó</p>

<p>Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), <i>El moro expósito o Córdoba y Burgos en el siglo décimo</i>, 1828</p>	<p>la Siria, cubre sus hombros y su espalda y pecho, sobre el cual va colgada una reliquia en una caja de oro y filigrana; y en la siniestra mano (pues se había descubierto al entrar so las techumbres) lleva un raro sombrero de tendidas alas, también de conchas guarnecido, y con medallas y diversas cintas. * Estos dos personajes el palacio recorren en silencio, aunque se oían en sus labios, ahogados, los suspiros. Mas de pronto el primero los pies fija en medio de un salón, a todos lados torna la ciega faz, cual si la vista no le faltase, y conocer pudiera el sitio aquel; y luego, en abatida voz, prorrumpió, lanzando un ay profundo: « ¿ Es sueño?... ¿ Es ilusión?... ¿ Mis plantas pisan el palacio de Salas?... ¿ Estoy libre de la larga prisión, donde las iras, »siempre justas, del cielo han castigado mis muchas culpas?... ¿ Y tu mano amiga, sól</p>
<p>Duque de Rivas, <i>El moro expósito o Córdoba y Burgos en el siglo décimo</i>, 1828</p>	<p>si le siguiera hambriento lobo; el arroyo salvó de parte a parte »y entró en el do su curso la maleza agitada y el ramaje un momento indicaron. A carrera seguirle quiso Lope, mas fue en balde. »regresó sin aliento, y el cervuno y una lanza tomó, partiendo a escape a alcanzar al tordillo, y a traerle; pero aún no ha aparecido, y es ya tarde ». Este acontecimiento poco extraño, para el pecho infeliz de aquel magnate, fue la gota de líquido que llena un vaso, y que le obliga a rebosarse; pues si su orgullo y su altivez le dieron hasta el momento aquel fuerza bastante para esconder su abatimiento y susto, de modo tal que no los viese nadie; logrando alucinar hasta a Rodrigo, astuto por demás y penetrante, y brazo, y consultor y confidente de sus crímenes todos y crueldades, al escuchar la fuga del caballo, que presagio patente de desastres y exterminio juzgó su fantasía, a tal punto de sí llegó a olvidarse, que deshecho en temblor y en sudor frío, y</p>
<p>Juan Donoso Cortés, <i>Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo</i>, 1831</p>	<p>espanto y puso en admiración a los cielos y a la tierra, a los ángeles y a los hombres. Ni pararon aquí aquellos prodigios, porque aquella humanidad fue vista de todos, hoy muerta y tres días después gloriosa y resucitada, vencedora del tiempo y de la muerte, y hendiendo calladamente los aires se la vio subir a lo alto como a una divina aurora. Y esta misma humanidad, por un lado gloriosísima, era, por otro, ejemplar de toda bajeza, como predestinada por Dios, sin ser ella pecadora, a padecer por la sustitución la pena del pecado. Por eso camina tan abatido por el mundo aquel en cuyo rostro divino se miran los ángeles; por eso está tan pesaroso y tan triste aquel en cuyos ojos toman los cielos su alegría; por eso anda por este bajo suelo desnudo aquel que en las divinas cumbres viste un manto arrebolado de estrellas; por eso anda, como si fuera pecador, entre los pecadores, siendo el santo de los santos;</p>
<p>Serafín Estébanez Calderón, <i>Escenas andaluzas</i>, 1833</p>	<p>presume de muy castiza, por lo mismo que su principal propósito se cifra en relatar y revelar los usos y costumbres españolas por el modo más peculiar de nuestro suelo que posible sea, parecería malsonante y peor visto si dejáramos andar más allá el asunto sin sacar a plaza algo que frise y toque con el espectáculo nacional de España, que no es otro que las corridas de toros. Ello es que si esta publicación tiene obligación estrecha para presentar los rasgos de nuestra fisonomía y los toques de nuestro carácter del modo más español posible, todavía está obligada con vínculos de más fuerza a dar su relativa importancia a las cosas aquellas, como son las corridas de toros, que por su desuso en las demás partes del universo, su existencia única y peregrina entre nosotros, su remota antigüedad en nuestros anales y crónicas, y por su sello de originalidad, extrañeza, valor y gallardía, han llegado a ser, y son efectivamente, un distintivo peculiar de la noble España y de sus bravos y generosos hijos.</p>
<p>Fernán Caballero, <i>La gaviota</i>, 1836</p>	<p>adopte el nombre de su marido - observó el coronel. - ¡ Qué horror! - exclamó la condesa -; necesita un nombre sonoro. - Pues bien, que tome el de su padre: Santaló. - No, señor - dijo la condesa -. Es preciso que acabe en i para que le dé prestigio; mientras más íes, mejor. - En ese caso - dijo Rafael -, que se nombre Misisipí. - Consultaremos a Polo - dijo la condesa -. Y a propósito, ¿ dónde se ha escabullido nuestro poeta? - Apuesto cualquier cosa - dijo Rafael - a que a la hora esta se ocupa en confiar al papel las inspiraciones armónicas que ha hecho brotar en su alma la divinidad del día. Mañana sin falta leeremos en El Sevillano una de esas composiciones que, según mi tío, si no es fácil que le lleven al Parnaso, le precipitarán indefectiblemente en el Leteo. En ese instante fue cuando la marquesa llamó a Rafael. - Seguro estoy - dijo este a su prima - de que mi tía me hace la</p>

<p>Fernán Caballero, <i>La gaviota</i>, 1836</p>	<p>» Esto mismo nos parece aplicable a estas cosas, que nada obliga a creer, pero que nada autoriza tampoco a condenar. Un origen misterioso puso el germen de ellas en el aire, y los corazones creyentes y piadosos le dan vida. Por más que talen los apóstoles del racionalismo el árbol de la fe, si tiene este sus raíces en buen terreno, esto es, en un corazón sano y ferviente, ha de echar eternamente ramas vigorosas y floridas que se alcen al cielo. - Pero don Federico - dijo la tía María mientras este se entregaba a las reflexiones que preceden -, todavía a la hora esta no nos ha dicho usted qué tal le parece nuestro pueblo. - No puedo decirlo - respondió Stein -, porque no lo he visto: me quedé afuera aguardando a Momo. - ¿ Es posible que no haya usted visto la iglesia, ni el cuadro de Nuestra Señora de las Lágrimas, ni el San Cristóbal, tan hermoso y tan grande, con la gran palmera y el Niño Dios en los hombros, y una ciudad a</p>
<p>Ramón de Mesonero Romanos, <i>Tipos y Caracteres: Bocetos de Cuadros de Costumbres</i>, 1842</p>	<p>en blanco como un armiño. Pero nadie podrá negarme que hay siempre en toda época alguna o algunas cualidades más especiales que otras; sin que al reconocerlas hayamos por eso de crearlas exclusivas, ni echarlas, como quien dice, a reñir con las demás. Del mismo modo que en cada semblante humano se advierten una o más señales que le distinguen de otros; como por ejemplo, una verruga en la nariz, lo cual es suficiente para poder apellidar a su dueño el hombre de la verruga; sin que esto sea decir que aquel hombre sea todo verruga, sino es ya que la verruga existe en el hombre aquel. Pues bien; entre estas cualidades fisionómicas (no la verruga) de nuestro siglo, coloco yo, y otros habían adivinado antes, la mancomunidad en las ideas y en las acciones de los hombres, o por hablar en términos más cultos, el espíritu de asociación. Con efecto, por poco que observemos, veremos luego que ésta es la cualidad primordial, el humor dominante de nuestra época; y así como en otras se han</p>
<p>Juan Eugenio Hartzenbusch, <i>Fábulas</i>, 1843</p>	<p>les entre a los que en todo ven cuestión de vientre. - CLI - La lámpara de la torre Pueblo fue del condado de Bigorre o Bigorra, es igual, uno en que había ruinoso templo con fornida torre, que dos leguas en torno se veía. Una lámpara ardía toda la noche en ella delante de una bella imagen de María; y en su seno sin mancha, recogido el Niño Dios en el portal nacido. Siempre que un aldeano de los de allí la torre descubría, reverente a la Virgen saludaba, y al Fruto de su vientre bendecía. Para un país lejano sale del pueblo aquel el joven Pío; y al ver la torre por la vez postrera, levantando en el aire la montera, con lágrimas de fe grita devoto: - ¡ Niño de omnipotente poderío!, ¡ Madre del desterrado!, regid mis plantas: en los dos confío. Vase a país remoto, vuelve de años cargado (cincuenta por lo menos han pasado), la noche le sorprende en el camino, la luz al cabo de la torre brilla</p>
<p>Antonio Ferrer del Río, <i>Historia del reinado de Carlos III en España</i>, 1843</p>	<p>entonces las palabras de perdón dirigidas a la muchedumbre iban mezcladas con los pregones, que ponían a precio las cabezas de sus capitanes; ahora el virrey del Perú publicó un edicto de indulto en que se comprendía a todos; conducta imitada asimismo por el virrey de Buenos - Aires. En el territorio del primero nada había ya que impusiera sumo cuidado; en el del segundo, Tupac - Catari, la Bartolina, mujer o amante de uno de los caudillos de Chayanta, Miguel Bastidas y Andrés Noguera, cercaban la ciudad de la Paz y el pueblo de Sorata con gran número de indios. Mandaba la ciudad aquella D. Sebastián de Segurola, hombre activo y brioso, a quien ayudaba en el heroico empeño de defenderla hasta la muerte el obispo de la diócesi D. Gregorio Francisco del Campo. Ya se empezaban a sentir dentro, sobre las fatigas de la incesante lucha, los terribles estragos del hambre, cuando la socorrió D. Ignacio Flores, al empezar julio de 1781; mas no pudiendo disminuir sus fuerzas para resguardarla de nuevos ataques, y llamándole otras</p>
<p>D. Antonio Alcalá Galiano, <i>Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano</i>, 1847-49 [1886]</p>	<p>pues, lo que refiero, pero súpelo de boca de mil testigos fidedignos e interesados que lo presenciaron, y cuadra, por otra parte, tan perfectamente cuanto cabe con otras escenas de parecida clase, representadas en aquel mismo período malhadado, a mi propia vista. El triunfo de Riego terminó con un banquete. Celebróse éste en el salón de la Fontana de Oro, donde tenía sus sesiones la Sociedad patriótica, la cual hacía este obsequio al general, en la ceremonia de cuyo triunfo había tenido una parte, que no por la de todos los socios había sido voluntaria. El sitio aquel no era estrecho, pero apenas tenía el espacio suficiente para que estuviese en él con desahogo el número considerable de los convidados. Alargóse la comida, empezada como solía hacerse en aquel tiempo hacia las tres de la tarde, hasta cerrar la noche del día, que era uno de los primeros de septiembre; menudearon los brindis; se cantó, se gritó, y con el calor de la bebida fuerte, del aposento y del entusiasmo se pusieron las cabezas algunos puntos</p>

<p>Gustavo Adolfo Bécquer, <i>Leyendas</i>, 1853</p>	<p>Cada una de sus notas parecía un sollozo ahogado dentro del tubo de metal, que vibraba con el aire comprimido en su hueco y reproducía el tono sordo, casi imperceptible, pero justo. »y el reloj de la catedral continuaba dando la hora, y el hombre aquel proseguía recorriendo las teclas. Yo oía hasta su respiración. »el horror había helado la sangre de mis venas; sentía en mi cuerpo como un frío glacial, y en mis sienes fuego... Entonces quise gritar, quise gritar, pero no pude. <u>El hombre aquel</u> había vuelto la cara y me había mirado...; digo mal, no me había mirado, porque era ciego... ¡ Era mi padre! - ¡ Bah! Hermana, desechad esas fantasías con que el enemigo malo procura turbar las imaginaciones débiles... rezad un paternoster y un avemaría al arcángel San Miguel, jefe de las milicias celestiales, para que os asista contra los malos espíritus. Llevad al cuello un escapulario</p>
<p>Gustavo Adolfo Bécquer, <i>Leyendas</i>, 1853</p>	<p>vi..., lo vi, madre, no lo dudéis; vi un hombre que, en silencio, y vuelto de espaldas hacia el sitio en que yo estaba, recorría con una mano las teclas del órgano, mientras tocaba con la otra a sus registros..., y el órgano sonaba, pero sonaba de una manera indescriptible. Cada una de sus notas parecía un sollozo ahogado dentro del tubo de metal, que vibraba con el aire comprimido en su hueco y reproducía el tono sordo, casi imperceptible, pero justo. »y el reloj de la catedral continuaba dando la hora, y <u>el hombre aquel</u> proseguía recorriendo las teclas. Yo oía hasta su respiración. »el horror había helado la sangre de mis venas; sentía en mi cuerpo como un frío glacial, y en mis sienes fuego... Entonces quise gritar, quise gritar, pero no pude. El hombre aquel había vuelto la cara y me había mirado...; digo mal, no me había mirado, porque era ciego... ¡ Era mi padre!</p>
<p>Cirilo Villaverde, <i>Cecilia Valdés o La loma del Ángel</i>, 1853</p>	<p>! ya está V. despachado. Vea lo que tenía en el oído: un frijol, como un garbanzo, pues con la humedad de esa parte creció dos tantos de su natural tamaño. - Gracias, Doctor, mil gracias. Dios se lo pague y le dé mucha salud. No sabe V. cuánto me ha atormentado ese frijol en el oído. Hacía más de diez días que no dormía, no comía ni... - Lo creo - le interrumpió el Doctor con aire triunfante y no poco receloso -. Buen trabajo me ha costado extraerle el cuerpo extraño. Luego, <u>la parte esa</u> es tan delicada, que por poco que me fallase el pulso podían resbalar las pinzas y dañarle el tímpano del oído y dejarle sordo por el resto de sus días. Bien. Ahora me paga V. mi trabajo, se marcha a casa y se da unos bañitos de cocimiento de malvas con unas gotas de láudano para calmar la irritación. - ¿ Cuánto le debo, Doctor? - pregunto el hombre temblando, no ya del dolor, sino</p>
<p>José Zorrilla, <i>Poesía. Selección</i>, 1855</p>	<p>y de aquí la guerra con los muertos de los vivos. ¿ Y en qué paró? En que el ambiente corrompió su podredumbre; y al crecer en muchedumbre y hallar su póstera gente aquellos miles de muertos sobre la tierra instalados y contra Dios rebelados, de sus sepulcros abie los arrancó cual manojos de podridas espadañas, y arrojó a las alimañas y a los cuervos sus despojos. Hoy nuestra generación entre ruinas encontrándolos, hace de ellos, numerándolos, científica exposición; y su momia secular, de la ciencia por trofeo, a la puerta de un museo hace al vulgo contemplar; y acaso <u>del rey aquel</u> de quien su edad tuvo miedo, de un villano mancha el dedo la apergaminada el dedo la apergaminada piel; y mal puesto en equilibrio al vacilar contra el muro, su cadáver inseguro sirve al vulgo de ludibrio. Justo castigo, a mi ver, del que a la tierra se aferra y, hecho de polvo, a la tierra no quiere polvo volver. IV Hundió a la pagana edad el tiempo en la eternidad, alumbró al mundo la luz de la fe</p>
<p>Francisco Navarro Villoslada, <i>Artículos. Selección</i>, 1856</p>	<p>Pues ya nuestras danzas serán insulsas, nuestras mujeres sucias, nuestros toreros bárbaros. Su libro no debe titularse, Mas allá de los montes sino Mas allá de Europa. Sólo vemos las cosas por el lado feo, o por el lado hermoso. Exagerados, parciales, injustos siempre; porque la justicia y la imparcialidad, exigen detenimiento, cuestan mucho tiempo, y ahora se piensa, se escribe, se pinta en carros de vapor. <u>El caso aquel</u> de los tres pintores de la antigüedad encargados de retratar a una mujer hermosísima, pero tuerta, debe servirnos de ejemplo y enseñanza. Uno de ellos adulador, poco diestro, no queriendo deslucir con esta falta un rostro tan bello, sin andarse en escrúpulos la pintó con los dos ojos igualmente buenos, el otro no queriendo faltar a la verdad la retrató tal como era: tuerta; mas el tercero conciliando la verdad con la lisonja la retrató</p>

<p>José Rosas Moreno, <i>Sor Juana Inés de la Cruz</i>, 1860</p>	<p>ESCENA quinta Nuño. Nuño. Muestra un injusto rigor: olvidarla yo debiera; pero, ¡ ay!, olvidarla fuera mi desventura mayor. (Vase.) ESCENA sexta Don Diego y Juan INIESTRA por la galería. Diego. Aguarda... que no nos mire: ¡ ah!, ya se fue... Juan INIESTRA, tú eres valiente. INIESTRA. Don Diego, sabéis que no hay quien me vengza; en Murcia nos conocimos cuando... Diego. Basta. INIESTRA. ¡ Qué soberbia aventura! Me parece que vuelvo a la noche aquella. ¡ Pobre conde de Vallejo! La estocada fue maestra. Pero entonces os llamabais don Rodrigo de Pereda, y eráis contador del conde. Diego. ¡ Silencio! Si nos oyeran... ¿ Quieres ganar cien ducados? INIESTRA. Sabéis que mi espada es vuestra. ¿ Qué es lo que tengo que hacer? Diego. Es arriesgada la empresa. INIESTRA. Decid. Diego. Si cumples, el oro;</p>
<p>Juan Valera, <i>Juanita la larga</i>, 1864</p>	<p>Y los delitos de Antoñuelo y los medios que don Paco empleó para remediar unos y frustrar otros hubo interés en callarlos y se logró que los callaran el tendero y su mujer, únicas personas a quien interesaba decirlos. Sólo se sabía que Antoñuelo había vuelto apaleado; pero, a pesar de los comentarios que se hacían, nadie atinaba con el motivo y pocos sospechaban quién había sido el autor del apaleo. El tiempo aquel era el menos a propósito para que en Villalegre fijase el vulgo su atención en lance alguno, por extraordinario que fuese, de la vida real contemporánea. La atención general estaba embelesada y suspensa por la pasmosa representación simbólico - dramática que iba a verificarse durante cuatro días consecutivos, teniendo por teatro todo el lugar, con templos, plazas y calles, y teniendo por actores a la mitad o quizá a más de la mitad de los hombres,</p>
<p>Emilio Castelar, <i>El suspiro del moro: Leyendas tradiciones, historias referentes a la conquista de Granada</i>, 1866</p>	<p>Capítulo Xii - ¿ Qué sucede? - preguntó el rey con anhelo a los desfavoridos vasallos. - ¡ Ay, ay! - gritaron todos, como si los hurgaran cruelmente con hierros candentísimos. - ¿ Qué hay? - volvió a preguntar impaciente Hacem. - ¡ Ay de mi Alhama! - gritaron algunos entre los acongojados clamores de todos. les obligaban con privilegios, cebo de su soberbia y de su valor, al combate continuo, tan vistoso y regocijante, dados los tiempos aquellos de guerra, como los desafíos, los torneos, y demás fiestas militares de las usadas, antes que por pedirles el tiempo y la necesidad, por entender el deseo cómo sin ellas no era la vida posible, ni fácil aquel imperio incontrastable, de antiguo ejercido por las añejas costumbres. La paz volvía después de la guerra en sociedad tan batalladora, como viene después del invierno la primavera en el año, es decir, a modo de una</p>
<p>Emilio Castelar, <i>El suspiro del moro: Leyendas tradiciones, historias referentes a la conquista de Granada</i>, 1866</p>	<p>Unas veces la estancia parecía como una persona viviente hablar maravillosas palabras e inspiradísimos decires, comparándose ya con una esposa que se dirige al casto lecho de su esposo, ya con una esplendente aureola de las que ciñen los astros en sus elipses y en sus centelleos. Si por un lado se destacaban ardientes invocaciones al Dios airado de las batallas y al nombre inmortal de los héroes, por otro lado se oían susurrar palabras eróticas, suspiros embriagados de amor, llamamientos al sueño feliz y al placer intenso. Tal sentencia recordaba que quien adornara con tanto primor aquellas paredes brillantísimas, descendía de amigos fraternales del Profeta; y tal otra sentencia más triste y melancólica recordaba las lágrimas ardientes caídas de los ojos nublados por la triste adversidad. El poeta, ducho en hipérboles asiáticas, parangonaba el sitio aquel con los templos de cristal, nombre dado a los santuarios salomónicos de Jerusalén y sus pavimentos a los mares alterados y encrespadísimos por los embates del huracán. Loores a la suave luz; metáforas descriptivas del brillante color que por todas partes allí resplandece; comparaciones con las estrellas matutinas y con las flores primaverales; encarecimientos del agua que corre por los manantiales para encantar la floresta con sus susurros y del agua que se para en las albercas</p>
<p>Emilio Castelar, <i>El suspiro del moro: Leyendas tradiciones, historias referentes a la conquista de Granada</i>, 1866</p>	<p>Dos mil moros pusieron fuera de combate las armas de los cristianos. Entonces Hacem, al cual no detenía ningún obstáculo, persuadido por completo de las dificultades insuperables encontradas así para escalar como para minar la fortaleza, pensó en proyecto atrevido, como todos los suyos, en desviar el río y vencer por medio de la sed, tan aflictiva en los climas meridionales, a los terribles vencedores. Bebían los alhameños del río, desprovistas como estaban sus casas de cisternas, cosa rara en los pueblos orientales. Así llamaban a la ciudad aquella de barrios calientes y regaladísimos Alhama la seca, por tener todas las aguas necesarias a la vida, fuera de su recinto. Ver los nuestros la maniobra enemiga y acudir a impedir la, fue obra en la cual se unió la rapidez del pensamiento con la rapidez del propósito.</p>

<p>Emilio Castelar, <i>El suspiro del moro: Leyendas tradiciones, historias referentes a la conquista de Granada,</i> 1866</p>	<p>Así no le costó mucho esfuerzo, en la ceguera de conciencia contraída por el hábito de servir y obedecer a ciegas, irse con los dos jóvenes y tomar las armas contra los mismos a quienes antes idolatrara como dioses. Vencido este obstáculo, ya no quedaban para las conspiraciones y los conspiradores otra salida que la de acometer y consumir sus aventuras. El caudillo berberisco, probado por tantos sufrimientos y recluso en las mazmorras por su proceder, a consecuencia del desastre de Alhama, presentábase a los ojos de los suyos con la doble aureola de un probado heroísmo y de un santo martirio. Si los tiempos aquellos no fueran ya en la tierra granadina tiempos de raciocinio y de cálculo; si la religión musulmana enseñoreara las voluntades y las conciencias como en otros siglos de mayor fe religiosa y de mayor estro poético; si su palabra le hubiera granjeado a Gezar el título de Profeta, y sus partidarios hubieran sido, como en otras ocasiones de aquella historia, no sólo soldados, procurando tras sus enseñanzas la victoria, sino creyentes, procurando con sus</p>
<p>Emilio Castelar, <i>Historia del año 1883,</i> 1866</p>	<p>cómo se deseará poseer todo aquello desde las áridas estepas del Norte, desde las petrificadas olas del Báltico, desde las oscuras orillas del Volga, y comprenderá que sus protectores le han dado cetro y corona para que represente la vanguardia del ejército de cruzados moscovitas, que, creyéndose dirigidos por los ángeles de Constantino, juran redimirá Santa Sofía, relegada impiamente a los harenas del turco, y hacen de Constantinopla la capitalidad inmortal de un Imperio greco - eslavo, apercebido por el cielo a bautizar y a evangelizar todo el Oriente. La verdad es que Turquía se desvanece cada vez más en los aires como una gran pesadilla. El hombre aquel, en quien pusiera tantas esperanzas, el buen Arabi - Bajá, que había desplegado la verde bandera del Profeta y esgrimido el cortante alfanje de Ostman, hállese ahora en la isla de Ceylán, donde los mahometanos creyeron que había surgido Adán, y donde se cruzan innumerables tradiciones islamitas por los aires, consagrado, no a meditar los libros sacros, que fortalecen la fidelidad del creyente; no a invocar los santos del Islán,</p>
<p>Emilio Castelar, <i>Ricardo,</i> 1866</p>	<p>su mirar más figura que la figura de Elena, y que en presencia del paisaje más bello, no se fijaría, en otra cosa que en su frente y en sus ojos, ni aspiraría otro aroma que la fragancia de sus encendidos labios. Pero, ¿ cómo expresar, y, sobre todo, comunicar esta pasión? ¿ Cómo demostrar que no era uno de esos arrebatos inspirados por el capricho de un momento, sino uno de esos afectos que absorben todo el ser, y llegan a sustituirse a la esencia misma de la vida, a nuestro pensamiento, a nuestra alma? Ricardo, que la noche aquella, de la aparición de Elena había estado en el recuerdo de Elena absorto, no acertaba el medio de dar a conocer su pasión a quien podía corresponderla, y con esta correspondencia calmarla. De lo único de que estaba seguro era de que ya no podía vivir sin la hermosa joven, sin verla, sin mirarla, aunque no hubiese de saber jamás la pasión que inspiraba. No perdió, pues, ninguna de las emociones reveladas por su</p>
<p>Emilio Castelar, <i>Crónica Internacional,</i> 1866</p>	<p>de San Pablo. La paz reina en ella, la paz del Gloria in excelsis y del ósculo santo en la Misa. Por eso la oíamos con la cabeza inclinada bajo el peso de un grande respeto y con el corazón henchido de un profundo agradecimiento. Y como así la oímos, parécenos mal hayan los cardenales comparado la grandeza de Inocencio III con la grandeza de León XIII. La coincidencia de haber levantado éste a su predecesor un sepulcro glorioso no autoriza paralelo semejante. Inocencio III fue un Papa de combate, mientras León XIII es un Papa de reconciliación y de paz. Ciertamente que Inocencio III combatió, según las circunstancias aquellas, con los Suavias en el siglo decimotercio, y que combate con los Brandeburgos León XIII, según las circunstancias éstas, en el siglo corriente. Pero aquí acaba el paralelo. Ha debido comprender la disparidad entre unos y otros tiempos. Usando con esa claridad que le caracteriza para distinguir los semejantes, ha dicho el Papa que la civilización en los tiempos del ilustre antecesor suyo tenía mucho de ruda y que la civilización hoy tiene</p>

<p>Emilio Castelar, <i>Crónica Internacional</i>, 1866</p>	<p>torbellino de humo al ciclón que desarraiga los árboles y derriba los edificios en sus asoladoras espirales, semejantes a marinas trombas. Un silencio, como el silencio de la muerte, siguió al estruendo de la explosión aterradora. Parecía en aquella oscuridad que los sepulcros se habían subido de lo profundo a lo alto y tragádose con su muda voracidad a los vivos. Pero tras este natural silencio, generado por lo enorme del espanto, sobrevino un clamoreo como el que levantan los naufragos entre las tempestades o los heridos tras las batallas. Un parroquiano presente decía en sus explicaciones haber experimentado una sensación extraña, como si el sitio aquel y su propio cuerpo se hubieran dividido y separado en dos mitades. A Very le cercenaron las piernas, en términos de que ha sido necesario amputárselas. Claváronse los cristales de puertas y ventanas, hechos abrasadas chispas al calor de la explosión, en el rostro de Lherot. La hermana de éste, mujer de Very, perdió la cabeza del susto. Joven trabajador, parroquiano del restaurant, muere.</p>
<p>Carolina Coronado, <i>Poesías</i>, 1867</p>	<p>nuevo prodigio que sorprende 35 bajará a relatarnos la grandeza; ya por cima del mundo se suspende a contemplar la gran naturaleza, y si le place el mar, su vuelo ataja y como el ave acuática al mar baja. 40 Y cual vapor del mar se eleva luego y con las nubes por los aires gira, del encendido Can resiste el fuego, del furioso aquilón sufre la ira; sus fuertes alas en su presto juego 45 salvan al hombre que asombrado mira allá por bajo de sus pies tendido el monstruo enorme de quien es nacido. Como naturalista observa atento de ignorado reptil la forma extraña; 50 el hombre aquel verá, pegado al viento, cómo es la tierra que el Océano baña; del polo ignoto, de viviente exento, escrutará, tal vez, la oculta entraña, y tal verdad puede alcanzar su idea 55 que la ciencia de ayer fábula sea... ¡ Tanto saber...! ¿ si escalará tu estancia esta turba, Señor, de inquieta gente? ¿ No pusiste, gran Dios, harta distancia entre tu</p>
<p>José María de Pereda, <i>La Puchera</i>, 1870</p>	<p>una cuartilluca de papel con cuatro garabatos que nos extenderá quien deba, en este mismo día en que estamos, hasta que remate yo la obra a mi gusto en la iglesia de Robleces. Conque arriba, muchachos, que no hay tiempo que perder. Ya veis que yo ni siquiera me he sentado. Y era la verdad, que de pie hablaba don Alejo y con la capa de larga esclavina sobre los hombros, por más señas. De lo que allí pasó entonces, sólo quiero decir, porque lo demás se adivina, amén de resultar empalagoso si se cuenta, que Inés volvió a ver en su imaginación el cielo aquel de sus esperanzas, barrido de nubes, limpio y sereno; y que al hallarse en el portal entre sus dos protectores, ya no temió a las tinieblas de la noche, ni a las asperezas del camino, ni a los sabuesos de su cárcel, ni a la zarpa de la Galusa, ni a todos los verdugos de la tierra que se conjuraran para acabar con ella. Volvía a vivir, y se congratulaba</p>
<p>José María de Pereda, <i>La Puchera</i>, 1870</p>	<p>Atrinchado de tal suerte, don Elías rompió el fuego en estos términos, después de pasarse el pañuelo por la frente enardecida y sudorosa: - Cuando se perdieron en la quiebra del marqués aquellos treinta millones de la familia... - ¿ Cuántos millones? - preguntó socarronamente don Baltasar, bamboleando un poco el cuerpo medio colgado con las manos del mango del horcón. - Treinta, más que menos - respondió hasta con altivez don Elías, después de carraspear y de estremecerse un poco. - Preguntábalo porque me pareció haberle oído a usted en otra ocasión que los millones esos no eran tantos. - Treinta han sido siempre: créalo usted - repuso don Elías con el más admirable de los aplomos -. Los estoy viendo a cada hora, lo mismo que si los tuviera en la mano, en onzas de oro... Porque así vinieron de América, señor don Baltasar, ¡ en onzas de oro!... y en onzas de oro los apandó aquella garduña de Madrid;</p>
<p>Lucio Mansilla, <i>Una excursión a los indios ranqueles</i>, 1872</p>	<p>- Sí, señor, y que va a dormir en el toldo de Ramón. Me decía esto, cuando una voz que yo no podía oír sin experimentar una conmoción nerviosa, dijo desde la puerta del rancho sin asomarse: - Con el permiso de su mercé. No necesitaba dar vuelta y mirar, para ver quién era. No sonaba el acordeón; pero él estaba ahí, con sus notas paradas. Sin darme tiempo para contestarle y entrando, añadió: - Dice el General que por qué no va. - Dile que ya voy - contesté. Salió el negro, le pregunté a Camilo que si los indios esos que habían estado hablando estaban ahí, me contestó que sí; le despedí y pasé al toldo de Mariano Rosas. Lo que los indios decían de Camilo era cierto. Varias veces, siendo soldado raso, midió sus armas con los indios, mató algunos, hirió a un capitanejo muy mentado y a otro lo tomó prisionero. Yo estuve por no llevarle conmigo.</p>

<p>Lucio Mansilla, <i>Una excursión a los indios ranqueles,</i> 1872</p>	<p>Nada podía hacer por aquella desdichada, nada tenía que darle. No me quedaba sino lo puesto. Ni pañuelo de manos llevaba ya. Doña Fermina me contó que Carrapí no quería venderla para que la sacaran, y que un cristiano, por caridad, la andaba por comprar. El indio pedía por ella veinte yeguas, sesenta pesos bolivianos, un poncho de paño y cinco chiripaes colorados. - ¿Y quién es ese cristiano? - le pregunté. - Crisóstomo - me contestó. - ¿Crisóstomo?... - Sí, señor, Crisóstomo. Crisóstomo era el hombre aquel que en Calcumuleu hubo de pasar a caballo por entre los franciscanos; que tanto me exasperó; que me dio de comer después y me relató su interesante historia. Está visto, los malvados también tienen corazón. Bien dice Pascal: El hombre no es un ángel ni una bestia. Es un ser indefinible: hace el mal por placer y goza con el bien. En medio de todo es consolador. - LXVI - La familia del Cacique Ramón. Español. Una</p>
<p>José Echegaray, <i>En el seno de la muerte,</i> 1874</p>	<p>volverá (Poniendo la mano en el puño de la espada.) a tu garganta de perro. Berenguel. Es poco hombre Peralada para Berenguel el viejo. se acerca al castillo y avisa a los castellanos. ¡ Si fuera JAIME! (Con espanto, acercándose a Manfredo y buscando en él protección.) Manfredo. Imposible. (Asomándose a la ventana.) Nada se oye. Fué un engaño de tu loco pensamiento, o de ave salvaje el canto, o quizá de hambriento lobo el aullido prolongado. BEATRIZ. ¿ No será Jaime? Manfredo. BEATRIZ, ¿ aún dudas? Murió mi hermano la noche aquella, después de rechazar tres asaltos. Los fugitivos lo dicen, la fama lo haregonado, y lo demuestra su ausencia... BEATRIZ. (Al oído.) Y nosotros lo deseamos. ¿ Verdad? Manfredo. Basta ya. BEATRIZ. Pues oye: no sé cómo, ni sé cuándo, pero yo sé que vendrá. Alguna vez con espanto le veremos al volver hacia atrás el rostro cárdeno. ¡ Manfredo!</p>
<p>Leopoldo Alas, <i>Su único hijo,</i> 1876</p>	<p>« Ni yo sé en qué siglo salieron los Reyes de aquí, ni lo que eran aquí, ni cómo ni dónde vivían; ni siquiera de mi tatarabuelo, sin ir más lejos, tengo noticias, a no ser muy vagas. Sólo sé que éramos nobles, hace mucho, y que salimos de Raíces. ¡ Oh! ¡ Si yo conservase el libro aquel de blasones de que tanto me hablaba mi madre, y que mi padre, al parecer, despreciaba!... Como soy tan aprensivo... se me figura sentir cierta simpatía por estos parajes... Esta calma, este silencio, esta verdura, esta pobreza resignada y tolerable... hasta la música del mar, que ruge detrás de esos montes de arena... todo esto me parece algo mío</p>
<p>José Martí, <i>La Edad de Oro: Publicación Mensual de Recreo Dedicada a los Niños,</i> 1874</p>	<p>¡ eso no está bien, sin vestir! ¡ por eso no quería su papá que ella tocara el libro! No: esa hoja no se ve más, para que no se enoje su papa. ¡ Muy bonito que es este libro viejo! Y Nené está ya casi acostada sobre el libro, y como si quisiera hablarle con los ojos. ¡ Por poco se rompe la hoja! Pero no, no se rompió. Hasta la mitad no más se rompió. El papá de Nené no ve bien. Eso no lo va a ver nadie. ¡ Ahora sí que está bueno el libro este! Es mejor, mucho mejor que el arca de Noé. Aquí están pintados todos los animales del mundo. ¡ Y con colores, como el gigante! Sí, ésta es, ésta es la jirafa, comiéndose la luna: éste es el elefante, el elefante, con ese sillón lleno de niños. ¡ Oh, los perros, cómo corre, cómo corre este perro! ¡ ven acá, perro! ¡ te voy a pegar,</p>
<p>José Martí, <i>Nuestra América,</i> 1874</p>	<p>¿ Cuál, cuál será el pueblo de América que se niegue a declarar que es un crimen la ocupación de la propiedad de un pueblo hermano, que se reserve a sabiendas, serpiente envuelta en la bandera patria, otro diverso espíritu. Quien hubiera visto poblado de águilas el aire cuando de la casa pobre de Guayaquil salieron de determinar los dos gloriosos caballeros que la Libertad no podía tener más que un esposo, no hubiese visto mal: que aquel aire estaba hecho de águilas. Esta fiesta de París, por la sociedad « Biblioteca Bolívar » organizada, nos hace ver, como si la tuviéramos delante, la casa aquella de sagradas paredes, donde lloraron sin duda, con lágrimas que pocas veces ruedan por las mejillas de los hombres, San Martín y Bolívar. [#] El te de Bogotá La América. Nueva York, abril, 1884 Son nuestras tierras de América como tesoros escondidos, que en el día en que se hallan, enriquecen de súbito a sus descubridores. Los países americanos, llenos de hijos vehementes, más dados hasta hoy a ejercitar</p>

<p>José Martí, <i>Nuestra América</i>, 1874</p>	<p>hombres se forjan por sí propios sus coronas. Al guijarro sucedió el asfalto; a la lechada el granito; a las arrias, arrias de ferrocarriles; a la lógica de las escuelas, la lógica superior y la enseñanza ordenada de la vida. Por las plazas repletas donde pululan los grupos, tropiezan los negociantes, se saludan los banqueros, donde los hombres nuevos hablan animados de las ferrovías, de las colonias, de los descubrimientos, de las concesiones, de los teatros, de las carreras, pasan gruñendo, con cuello de corbatín y bastón de puño de oro, dos letrados enjutos: « ¡ Oh amigo, el tiempo aquel en que el panadero de a caballo nos traía a la casa el pan en serones! » Pero aquélla no fue capa de quita y pon, que se usa un día y se deja al otro, sino determinación de crear, con sus manos delicadas de universitarios, un pueblo donde se juntasen, bajo la presidencia latina, las fuerzas vivas del mundo. Y se han juntado, y confundido con las del país,</p>
<p>José Martí, <i>Amor con amor se paga</i>, 1874</p>	<p>Ni soberbia que tentar, Sufre, y vacila, y se halaga Imaginando que al menos Entre los públicos buenos salir del caso grave. Él. Mas ¿ cómo? Ella. Un proverbio sea: Sencillo. Él. La sencillez La dificultad aumenta. Ved que el talento de ser Sencillo, es el que más cuesta. Remedio no tiene el caso. Ella. Este caso se remedia Buscando título pronto Al refrancillo, que apremia. No la hagas... Él. A fe que es viejo. No la hagas, y no la temas. ¡ Cuán bien la Cayron reía Con Reig en la escena aquella en que de tonto y retonto Con gracia tal le moteja, Que ni el público la olvida, Ni se repara la escena! Ella. Del dicho... Él. Al hecho. No ha un mes Hicimos la hermosa pieza, Y lo que escribe Tamayo. Ni rival sufre, ni enmienda. Ella. A fe que tiene mi amigo Imperdonable modestia. Él. Virtud es ella egoísta, Y taimada como ella.</p>
<p>Leopoldo Alas, <i>Su único hijo</i>, 1876</p>	<p>en cristiano, albergue de forasteros. Emma, que en algún tiempo había desdeñado, no sin coquetería, la adoración de sus primos y tíos - pues también tenía tíos apasionados - ahora, es decir, después de haber perdido la flor de la hermosura, sobre todo la lozanía, por culpa del mal parto, gozábase en recordar los antiguos despreciados triunfos del amor, y quería rumiar las impresiones deliciosas de aquella adoración pretérita. Rodeábase con voluptuosa delicia, como de una atmósfera tibia y perfumada, de la presencia de aquellos Valcárcel que algún día se hubieran tirado de cabeza al río por gozar una sonrisa suya. El amor aquel en algunos de ellos tenía que haber pasado por fuerza, so pena de ser ridículo; los años y la grasa, y la terrible prosa de la existencia pobre y montaraz de allá arriba, habían quitado todo carácter de verosimilitud a cualquier tentativa de constancia amorosa; pero no importaba: Emma se complacía en ver a su lado a los que todavía recordaban con respeto y cariño el al saber que el Infante...</p>
<p>José Rizal, <i>Noli me tangere</i>, 1878</p>	<p>expresivos ojos que jamás se hayan visto. El representante de la Autoridad no la acogió: parlamentó con la abadesa y la abandonó a pesar de sus ruegos y lágrimas. La joven monja vio cerrarse la puerta detrás del hombre, como el condenado vería cerrarse para él las puertas del cielo, si alguna vez el cielo llegaba a ser tan cruel e insensible como los hombres. La abadesa decía que era una loca. El hombre no sabría tal vez que en Manila hay un hospicio para dementes, o acaso juzgaría que el convento de monjas era sólo un asilo de locas, aunque se pretende que el hombre aquel era bastante ignorante, sobre todo para poder decidir cuándo una persona está en su juicio o no. Cuéntase también que el General S. J... pensó de otra manera, cuando el hecho llegó a sus oídos; quiso proteger a la loca y la pidió. Pero esta vez no apareció ninguna hermosa y desamparada joven, y la abadesa no permitió que se visitase el claustro, invocando para ello el nombre de la Religión y de los</p>
<p>José Rizal, <i>Noli me tangere</i>, 1878</p>	<p>suya; el otro, un joven rubio, parecía recién llegado al país: con éste sostenía el franciscano una viva discusión. - Ya lo verá - decía éste - como cuente en el país algunos meses, se va a convencer de lo que le digo: una cosa es gobernar en Madrid y otra es estar en Filipinas. - Pero... - Yo, por ejemplo - continuó Fr. Dámaso levantando más la voz para no dejarle al otro la palabra -, yo que Pero cuando S. E. se encontró solo, dejó de sonreír. - ¡ Ah!, ¡ si el pueblo este no fuera tan estúpido, les metería en cintura a mis reverencias! - suspiró -. Pero cada pueblo merece su suerte y hagamos lo que todo el mundo. Capitán Tiago entretanto concluyó de conferenciar con el P. Dámaso, o mejor dicho, éste con él. - ¡ Con que ya estás advertido! - decía el franciscano al despedirse -. Todo esto se hubiera podido evitar si me hubieses antes consultado, si no hubieses mentido cuando</p>

<p>Álvaro Carrillo, <i>Los Caballeros del Amor</i> (<i>Memorias del Reinado de Carlos III</i>), 1878-79</p>	<p>Se sentó a la cabecera de su lecho, y le dijo después de algunos momentos de silencio: - Antes que os hable una palabra respecto a ese misterio desconocido de vos, respecto a esas transiciones que ha habido en vuestra existencia, necesito que, puesta la mano sobre vuestro corazón, me contestéis categóricamente a lo que voy a deciros. ¿ Qué es lo que sentís vos respecto a mí? Luis se quedó mirando fijamente a la joven. Era tan extraña la pregunta de ésta, encerraba tanto en sí, que el joven no se atrevía a contestar. - ¿ No me respondéis? - volvió a preguntar después del momento aquel. - Me preguntáis lo que siento hacia vos, y os aseguro que ni yo mismo lo podré definir; hay una mezcla tal de sentimientos, que no comprendo si es agradecimiento, amistad, u otra pasión que sería hasta una locura el pensarla. - ¿ Por qué? - Porque ni vos realizaríais nunca los ensueños que yo he tenido, ni yo tampoco podría aspirar a ello. - ¿ Y por qué no</p>
<p>Álvaro Carrillo, <i>Los Caballeros del Amor</i> (<i>Memorias del Reinado de Carlos III</i>), 1878-79</p>	<p>incomprensible. Sin embargo, como que tiempo antes, al principio de nuestra obra, habíase alejado de Madrid misteriosamente también, calmóse algún tanto la curiosidad general. Pero como que nuestros lectores no están en el mismo caso en que se hallaban los jóvenes cortesanos del buen rey Carlos III, nos creemos obligados a decirles el paradero del héroe de nuestra obra. En lo más pintoresco del Real Sitio, al pie de una de aquellas gigantescas montañas, no lejana de uno de los arroyos más cristalinos, se alza una preciosa quinta, que más bien parece la creación de un genio, que la obra del hombre. Indudablemente la casa aquella había pertenecido en su origen a alguno de aquellos primorosos artistas árabes, que tantos recuerdos de su genio fueron dejando esparcidos por España. Un primoroso arco de herradura daba entrada a un ancho zaguán pavimentado con anchas losas de mármol. Una escalera, obra indudablemente más moderna que el resto del edificio, conduce al piso principal. Magníficos salones adornados con un lujo casi regio, constituyen la parte principal de la deliciosa morada. Las ventanas</p>
<p>Ángel Ganivet, <i>Los Trabajos del Infatigable Creador Pío Cid</i>, 1882</p>	<p>- ¿ Qué olor es ese que traes? - preguntó entonces Martina, que desde que entró Pío Cid no cesaba de aspirar con extrañeza el delicado perfume -. Esto parece cosa de mujer - añadió acercándose -. No lo parece, sino que lo es. ¿ A ver?... Esta mano es la que más te apesta. - Será de haber saludado a la mamá de Jaime, que se ha despedido de mí. Se va al extranjero con su hijo. - Lo dices así como con sentimiento. ¿ Es verdad que se va? Porque te comunico que la señora esa, o la tía esa, me está dando muy mala espina. - Yo no vuelvo más a dar lecciones, y si se va o no se va, no es cuenta mía ni tuya. Y ten la bondad de no requisarme más, porque no estoy para que me quemes la sangre - concluyó con tono seco, metiéndose en su habitación. Supo al día siguiente por Valle que Mercedes se había ido a vivir a la calle de Claudio Coello,</p>
<p>Ángel Ganivet, <i>Los Trabajos del Infatigable Creador Pío Cid</i>, 1882</p>	<p>tú te las avengas contigo misma. - ¿ Qué olor es ese que traes? - preguntó entonces Martina, que desde que entró Pío Cid no cesaba de aspirar con extrañeza el delicado perfume -. Esto parece cosa de mujer - añadió acercándose -. No lo parece, sino que lo es. ¿ A ver?... Esta mano es la que más te apesta. - Será de haber saludado a la mamá de Jaime, que se ha despedido de mí. Se va al extranjero con su hijo. - Lo dices así como con sentimiento. ¿ Es verdad que se va? Porque te comunico que la señora esa, o la tía esa, me está dando muy mala espina. - Yo no vuelvo más a dar lecciones, y si se va o no se va, no es cuenta mía ni tuya. Y ten la bondad de no requisarme más, porque no estoy para que me quemes la sangre - concluyó con tono seco, metiéndose en su habitación. Supo al día siguiente por Valle que Mercedes se había ido a vivir</p>
<p>Ángel Ganivet, <i>Los Trabajos del Infatigable Creador Pío Cid</i>, 1882</p>	<p>No me importa; pero tampoco me agrada dar espectáculos en la vía pública. ¡ Y que no estás llamativa en gracia de Dios! - Pues con irte está resuelta la dificultad. - Me iré; y tú te vienes conmigo, y andando me dirás todo lo que quieras. - Antes tengo que entregar el retrato y hablar cuatro palabras con esa... señora. - El retrato se le puede enviar por el correo. Yo se lo enviaré, diciendo que me dispense el olvido. - ¿ Pero tú crees que yo me mamo el dedo? - Lo que es ahora te pasas de lista. La señora esa supo que yo era algo dibujante, y tuvo la ocurrencia de que le hiciera un retrato a la pluma. Eso es todo. - Y ¿ cómo no has lucido esa habilidad conmigo? - Porque tú no estimas esas cosas. No les haces caso; dices que son tonterías. Ayer, sin ir más lejos, te di a leer algo mío, y dijiste que no te gustaba perder el tiempo en cosas inútiles.</p>

<p>Ángel Ganivet, <i>Los Trabajos del Infatigable</i> Creador Pío Cid, 1882</p>	<p>Moro, el poeta, dijo a Pío Cid que, puesto que tanto le interesaban las letras, sería también cultivador de ellas, y que si era así se le obligaba a escribir algo para una revista proyectada por los amigos que allí estaban. Pío Cid contestó que no era literato de cartel; pero que en caso de apuro, y por dar gusto a sus amigos, era capaz de escribir lo que se le pidiera. - Puesto que en esta notable asamblea - añadió - hay poetas y novelistas, pintores y arqueólogos que tan brillantemente llenan su cometido, creo que lo único que yo puedo dar que ustedes no tengan, es algo de mi experiencia, obra no de mi capacidad, sino de azares de mi vida. Me parece que lo único que aquí falta es fuerza: sobran buenos deseos y bellos propósitos, pero la pereza lo echa todo a perder. Cuando yo oí hablar de la revista esa de ustedes, me imaginé que sería una publicación regular, consagrada a mantener siempre vivo el fuego sagrado; y ahora resulta que están ustedes preparando desde hace siete años el primer número y que no es aún seguro que aparezca después que pasen otros siete. Ustedes se ríen del tiempo, y esta risa es muy peligrosa, porque hay en el mundo quien trabaja y puede humillarnos. Quizás sería lo mejor dejar rodar la bola,</p>
<p>Ángel Ganivet, <i>Los Trabajos del Infatigable</i> Creador Pío Cid, 1882</p>	<p>una vueltecilla, poca cosa - contestó D.^a Adela -. Ésta se cansó en seguida. Pero, Mercedes, hija, acércate, que parece que estás como un huésped despedido. Mercedes se acercó; pero, en vez de sentarse, se puso a mirar el cielo al través de los visillos del balcón. Pío Cid se levantó y se puso detrás de ella, y doña Adela no tardó en escabullirse suavemente, dejándolos solos. - ¿ Qué tal se encuentra usted aquí? - le preguntó Pío Cid en seguida. - Muy mal - contestó Mercedes -. Hace un día que vine, y ya tengo la tía esa atragantada. - Y ¿ cómo no se le ha ocurrido a usted marcharse? - ¿ Cree usted que es tan fácil? Y luego que del dicho al hecho hay gran trecho, y yo no sé si lo que usted me dijo es posible. Yo creo que no me dejarán que me vaya. - Claro está que no la dejarán; pero usted puede irse aunque no la dejen. No tiene usted que llevarse nada</p>
<p>Arturo Reyes, <i>Para un vivo otro vivo,</i> 1888</p>	<p>a usted que se llama Manolito el Ecijano. III No hizo esperar mucho a éste Pepilla la Picarona, la cual, después de alisarle el pelo rapidísimamente y de pasarse la borla de los polvos por el bellissimo semblante en la habitación de su amiga, salió disparada hacia la suya, no sin acortar y convertir en lentísimo su paso al atravesar sus umbrales. No habíale engañado ciertamente la hija de la Cenachos, que apoyándose con tina mano en uno de los hierros de la florida reja, y con la otra abarcándose parte de la cintura, en la coronilla el amplio cordobés, gallardo, rudo y sonriente, aguardábala el hombre aquel al cual acababa ella de darle el primer lugar entre todos los de su gusto. Pepa, llegado que hubo cerca de la ventana, preguntóle sería y desdenosamente, al parecer, a Manolo con voz que no parecía invitar a la confianza. - ¿ Es verdá que ha preguntao usted por mí a la hija de la Cenachos? - Tan verdá como que Cristo murió entre dos ladrones. ¿ Y se puée saber pa qué</p>
<p>Felipe Trigo, <i>En la carrera,</i> 1890</p>	<p>¿ porque no te puedes figurar de qué modo va siendo su aspecto el tuyo mismo! Se enterneció de más la tristísima dichosa, al choque de no supo qué ingratos cariños recordados, de no supo qué injusticias, de no supo qué increíbles indulgencias y qué redimidas inocencias...; y víctima ella sola, al lado acá del abismo de vileza en cuyo opuesto borde la olvidaban como muerta todos, se refugió en los besos y en el alma de su resurrección gloriosa..., del ancho amor que le había recogido en alma y carne de alma desde el vuelo de una tumba. En la tarde aquella, más que nunca, comprendió la razón sidérea e inmortal por la cual Esteban odiaba los vestidos. Se los quitó, y estatua o diosa, desnuda, sin una cinta, adorando se dejó adorar mientras le oía hablar de amor y de Dios y de la muerte. - Mira, tú, así - volvía a decirla él -, eres la Mujer de todas las mujeres. Griega y santa. Paganamente honestísima. Tu vida</p>
<p>Felipe Trigo, <i>En la carrera,</i> 1890</p>	<p>adonde salta la cabra salta la chiva! » « ¡ Ejem! ¡ Gonzalo! ¡ Digo!... ¡ y si puede ser, un poquito más arriba! » Las frases..., las terribles frases del refrán, se clavaron a Antonia como cuchillos que le hubiesen lanzado por la espalda. No pareció advertirlas su madre. Ella llegó a casa, y lloró. ¡ Se sabía! « ¡ Y su deshonor debería ser tan pública que no la ignoraban ni los dulceros y barberos!... Sólo con torpeza incomprensible la desconocía su madre. Mauricia, herida por los insultos de la noche aquella, habría contado, indudablemente, todo a quien lo quisiese oír, vengandose! » Y estaba Antonia agotada de llorar, y era su desdicha la de una gran insensatez que no tenía remedio. Se recogió en el frío de su abandono, procuró salir menos aún, y fijó mas desolada y triste su esperanza en la vieja vendedora. La consolaba el piano, y una tarde le interrumpió su madre una bella serenata: « Mira</p>

<p>Felipe Trigo, <i>En la carrera</i>, 1890</p>	<p>el primer guijarro ». Ahora lo ratificaba. Sentíalo de tal modo que le faltaba el ánimo para lanzarse en confesión a los pies de la pobre destrozada..., para pedirla perdón..., desvelándose como canalla hipócrita a quien ella debiese con asco lanzar de su presencia. Pero ella, humilde, candorosa, siempre incapaz de descifrar las monstruosidades de la vida, seguía, seguía contritamente su relato, encendida en amor de mártir ante el ídolo..., ante el dios que tuviese el derecho de « saber y castigarla todas sus bajezas ». Contaba las repugnantes preparaciones de su entrega « <u>al hombre aquel</u> », allá en la sala, abandonada y forzada con violentas pasividades del ama y de su madre misma; hablaba « de su falsedad de niña contra el hombre falso en quien buscábase un marido », y refería luego los téticos e inquisitoriales detalles de su larga lucha con la muerte y la locura desde una noche en que dos brujas rasgaron sus entrañas. En aquellos días, en aquellas fiebres, en aquellas contemplaciones de delirio hacia</p>
<p>Felipe Trigo, <i>En la carrera</i>, 1890</p>	<p>Hubiéranse empeñado de igual modo con un hombre de un trivial negocio cualquiera de la vida, incluso en un asunto delictivo y fuera de la ley, como una deuda de ruleta..., y se hubiesen degradado para siempre; en cambio, con una débil mujer, que ni aun podría cobrarse a bofetadas, con una niña, con un ángel..., la cobarde felonía se les volvía honor y sólo para la mísera engañada vergüenza y vilipendio. Era tan repulsiva esa verdad, que no comprendía Esteban cómo pudieron llegar a ella, por tan diversos caminos, Navarro y él; y saltaba inmediatamente tan monstruosamente absurda toda comparación de motivo entre las traidoras conductas del cazador de muchachas y del adorado de una diosa, que hubo de pararse a meditarlo su motivo, por no tener que admitirlo para sí más miserable aún que en <u>el hombre aquel</u> tan miserable. Navarro, en efecto, podía disculpar siquiera su perfidia porque de ella él hizo la trampa inevitable de un deseo, de un cuerpo de mujer; y aun siendo esto muy canalla, lo era más el tener ya aquel cuerpo con su alma y pregonar su muerte y su deshonor de manera estúpida y sin otro fin que recabarse la indigna « gloria social de los tenorios</p>
<p>Felipe Trigo, <i>En la carrera</i>, 1890</p>	<p>Y de tal modo tal desolación era sin término, que Esteban se levantó del brazo de la butaca y quería consolar a Antonia, torciéndose en desesperaciones, con una calma de energía que en vano le procuraba a sus palabras triviales afabilidades... Sentía la como cruel obligación de saturarse de las no compartidas penas de la ángel, y arrastró cerca otro silla. Antonia continuó evocando ahora su viaje, con Mauricia, de fardo de indecoros... Un ordenanza la recogió en Córdoba. En Cádiz, <u>el..</u> « <u>hombre aquel</u> », y empezó desde el primer instante su vida de nueva prisionera de vergüenzas, en una casa, al menos, « de paz y de prestigios ». Dos criadas, y ella en el indeciso papel de otra especie de mimada doncellita que tenía su cuarto junto al amo. Jamás salieron los dos.</p>
<p>Felipe Trigo, <i>En la carrera</i>, 1890</p>	<p>estéril, completamente ineficaz, todo lo disgregado y rápido y violento. El filósofo guardó las cartas, se recostó en el banco y sacó un cigarro. Lo encendió, se recogió a la bota una cinta del calzoncillo que le colgaba, y continuó filosofando frente a frente con la vida. Inútil toda rebeldía que no fuese suave y adaptada. En la tremenda lucha de lo estático de las leyes de los hombres con lo dinámico del corazón de los hombres, aquéllas tenían la obligación de irse asimilando cada nueva cosa, definida, dulcemente. El innovador debía arrojarle sus ideas y sus emociones, con sencilla caridad, como <u>el libro aquel</u> del porvenir, a las conciencias, que éstas irían haciendo siempre lenta y segura la reforma, y no de un golpe la tan infantil como fiera rebelión de fusiles por la calle. ¿ Y qué hacer?... Paciencia en tanto. Por mucho tiempo todavía y por error del candoroso cariño o del odio ciego en las conciencias, hasta las propias madres seguirían decretando la desventura de sus hijos, como la Gamboa loca</p>
<p>Felipe Trigo, <i>En la carrera</i>, 1890</p>	<p>¡ Oh, sí, verdad, Antonia..., tienes razón! A los que tanto rubor les había costado desnudarse en presencia mutua la siesta antes, no les dio ahora vergüenza alguna vestirse. Era una confianza, para estas nimias cosas de la tierra, divina, ¡ sí, divina!, ganada en las alturas: sabían ya que en sus cuerpos vestían y desnudaban amor. De rato en rato, calzándose persuasión, fue a decirle lo mismo: « yo tampoco hasta ahora he sabido... »; pero le contuvo el miedo de evocarle « <u>el hombre aquel</u> » para quien había servido de mecánico artefacto de lujurias, frías, calculadas, cortesés como él en su propio brutalismo. Y dijo, por resolver en algo su impulso de decir: - ¡ Oye, las doce! Daban en el próximo reloj del Ministerio. Tornando a su ternura, añadió: - Mañana, en dos ajustadores, vamos a consagrar la de nuestra felicidad en la fecha de hoy. - No, en la de ayer - repuso Esteban</p>

<p>Felipe Trigo, <i>Los abismos</i>, 1890</p>	<p>el amigo fraternal, el bravo cirujano que entendía apenas de los nervios, tuvo otra sonrisa de piedad que lo era también de penosa persuasión sobre que el bromuro no sirviese menos ni más que otras drogas para combatirle su mal moral a la paciente. - ¡ Déjala! ¡ No tengas cuidado! ¡ Un poco de histerismo! ¡ Es el tiempo el que la irá curando, y nada más! Ya en la calle, recordaba la sorpresa que en la misma noche aquella del lance le produjo su mujer, su bonísima María. Le aguardaba alarmadísima, y al saber lo que habíale retenido hasta el amanecer fuera de casa, dobló la frente, y confirmó: « ¡ Pues sí, Luis, no había querido decírtelo, porque sé cuánto los quieres, pero he oído también, se dice por ahí que fue Libia la heroína de ese escándalo que rodó por los periódicos...! » Lloraron, los dos.</p>
<p>Felipe Trigo, <i>Los abismos</i>, 1890</p>	<p>aún, en aquel más hondo fondo de su ser que habría necesitado recibir la persuasión terrible para que sus manos supiesen ahogar con trémula delicia...; se contempló llorando por su dicha rota, y no vio todavía lo bastante, al través del cristal de las lágrimas, o veía la faz y el alma de su Libia dulce gritándole que, contra todo y a pesar de todo, ni debía injuriarla suponiéndola capaz de haber sido la que se revolcó en un lecho de delito. Libia, infinitamente bella y pura, la madre de la Inés ángel de los dos..., para haber sido la mujer aquella tendría que haber podido ser la ramera indecorosa que prestase las delicadas gracias de su espíritu y su cuerpo a las groseras orgías de la lascivia... ¡ y esto era imposible! Tan imposible, que su imagen volvía siempre a levantarse, como la de una mártir vaporosa, del antro negro de injusticia en que obstinárse en sepultarla el insensato. Tejer y destejer el de su rencor y su esperanza, se dedicó en seguida a</p>
<p>Felipe Trigo, <i>Los abismos</i>, 1890</p>	<p>con los gemelos de Astor, corría y jugaba Inés con la niñera. Los mirlos cantaban. Las fuentes corrían bajo las frondas. Todo era vida, paraíso... Y Eliseo, mirando la melancolía feliz de su mujer como una grata paradoja más del gran misterio de horror que se le iba deshaciendo, sorprendíase de volverla a encontrar más bella, más fuerte, más dueña de sus nervios y de sí misma, a pesar y a través del agudo sufrimiento que habríala atormentado tantos días desde la fatal noche memorable... ¿ Era que el auge del sufrir en la noche aquella, en la cima misma del martirio, habríale mostrado los horizontes de salvación a su esperanza? [#] - IV - Astor había partido al día siguiente. Ellos habían ido a despedirle, y volviéronse desde la estación para seguir aquí como en un limbo, sin saber qué harían, sin saber cuándo y adónde hubieran de partir. Dijérase que la oriental pereza del hotel y de Granada, fuertemente perfumada de azahares y claveles, y arrullada por las fuentes y los pájaros,</p>
<p>Felipe Trigo, <i>Los abismos</i>, 1890</p>	<p>complemento de sus lujos, sintió la íntima y nueva pena de no acertar tampoco a descifrar si ella, con sus apariencias de virtud, había llegado a tener el suyo forzada por el conflicto de Mme. Georgette, como niña a quien se arrastra en el horror, o si ya su pasión por la elegancia y sus coqueterías de aspectos infantiles, inocentes, habríanla conducido a lo mismo, al fin, de un modo voluntario... Volvió a divisar de largo a Javier España. Su vista la restituyó a la única mayor contrariedad de que estaba enteramente cierta: la de la necesidad, la de la urgencia del momento aquel de explotación, de doble engaño, más villano, no salvado aún, y ya por madame Georgette esperadísimo, en que ella, tan torpe, tuviese que jugarle al cándido muchacho la comedia cuyo éxito habría de ser el pago a la modista... [#] - Vi - Sola, al fin... Libia, en naufragio de indecencias, en naufragio de esperanzas, en naufragio de todo, quedó de espaldas</p>
<p>Felipe Trigo, <i>Los abismos</i>, 1890</p>	<p>esclavitud sentimental. Entonces, Libia trató sagaz de aprovechar el momento de lirismo para penetrar en lo que del joven la importaba descubrir. Aparentando ceder un poco a su designio, indagó de qué modo vivirían. Javier díjola que dispondría de una suma suficiente para el viaje y para pasarlo con modestia hasta que le escribiese a sus padres demandándoles perdón. Luego, o éstos querrían socorrerlos con una suma suficiente cada mes, o él, que hablaba el inglés y el alemán, como profesor de idiomas, ganaría... - ¡ Ooh! - volvió a gemir la desilusión de la francesa. Efectivamente, la escena aquella, decisiva, era la más a propósito para el atolondrado joven, en caso de disponer de medios pecuniarios, hubiera contado con ellos en su audacia. Pero todavía habían llegado a más, a algo más concreto las no tan torpes investigaciones de la amante. Inventando que habíase hablado mucho en Madrid de cierta aventura de Javier con una bailarina, a la cual habríala puesto casa y automóvil, se le mostró celosa, a su vez con celos</p>

<p>Felipe Trigo, <i>Jarrapellejos</i>, 1890</p>	<p>Juzgado. Entre los hierros de las esposas veíasele al profesor (que ya no era sombra de sí mismo, sino algo inundo y repugnante) una mano entablillada, y entre las barbas, equimosis y heridas de los golpes. El Gato, en su primera conducción a la ermita, no llevaba por la cara señal de golpe alguno; en las siguientes, sí, y esto confortaba a las gentes. Le habían odiado tanto como habían temido, en particular el grupo de señores por él atracados tiempos atrás, al salir de la ruleta; y bien sujeto esta vez por las argollas de un delito más terrible que la muerte aquella del pobre aperador, casi se alegraban de que lo hubiese cometido para verle, al fin, en rápido camino, hacia la horca. de donde no se vuelve, como de Ceuta... - ¡ A la jorca!, ¡ a la jorca con los dos! - ¡ Matailos! - ¡ Cochinos! ¡ Granujas! ¡ Criminales! A Cidoncha temblábale la boca de dolor, y no alzaba los ojos.</p>
<p>Felipe Trigo, <i>Jarrapellejos</i>, 1890</p>	<p>los dedos... cedió la puerta... ¡ Se abría, se abría!, ¡ la abría sin ruido la mano de una maga!... El primer enorme efecto de esta cosa tan pequeña, de una puerta que se abriese, fue borrar de todo el ser de Octavio los recuerdos de París... Había dejado suspensa la mano suya al pie del vidrio, y esperaba la que de la oscuridad se asomaría a la luna a recibirle, a recogerle, a absolverle eucarística y blanca del pecado de duda y de miseria que le hacía latir el corazón... Tardaba la bella mano aquella que él sabía llena de sortijas... empujó él un poco, aún, diciendo en soplo de alma un nombre: « ¡ Ernesta! »... y la puerta bruja de acceso hacia la gloria dejó un buen trecho de abertura... Nadie detrás. Profunda y negra la gloria perfumada. Ernesta (¡ bah, humanas españolas, asimismo!) habríase limitado a darle a los goznes con aceite.</p>
<p>Felipe Trigo, <i>El médico rural</i>, 1890</p>	<p>fue a buscar el dictamen del doctor Dubois y de dos o tres celebridades españolas. Esteban, asombrado siempre de la finísima belleza, de la soltura, de la suprema distinción de esta mujer, considerábala cada vez más como un algo extraño y prodigioso, que inopinadamente le traía mundiales auras al modesto pueblecillo. Volvió ella a sentarse, y dejándose en la falda los papeles que traía, se puso a dar antecedentes. La enfermedad de su marido databa de la cogida que sufrió en Méjico, hacía doce años, dos antes de casarse. Pero tenía la señora muy viva la imaginación, y como se encontraba la tarde aquella en la plaza, presenciando la corrida desde un palco, el imborrable recuerdo la extravió de su misión informadora, haciéndola relatar con toda suerte de detalles el suceso. La acompañaba un general de la República y una italiana: la princesa Clara Montebello. El público, loco de entusiasmo. Sucedíanse las ovaciones. Un triunfo. Su marido había matado un toro recibiendo; al citar al segundo para la misma suerte... ¡ ah,</p>
<p>Felipe Trigo, <i>El médico rural</i>, 1890</p>	<p>las ruedas sobre un pedruzco hízoles callarse. Les agradaba la selvática sencillez de estas montañas. Las gentes, sin conocerse, se favorecían unas a otras. Nunca habían visto tal humano concierto de bondad, tanta solidez de tranquila dicha - en una modestia que les hacía a ellos dos avergonzarse de sus ciudadanos atavíos: Jacinta, perfumada con ilán, traía un traje y un sombrero demasiado elegantes, y Esteban venía vestido también con excesivos atildamientos de cuello y puños y corbata de alfiler presuntuoso. En cambio, todo olía aquí a sana honradez de encinas, de tomillos y de oveja, desde el limpio percal de la mujer aquella y de sus niños, hasta los varales del carro y las pellicas del yugo y del carrero. Por las ventanas de la estación, llenas de geranios, habían podido vislumbrar la sólida felicidad de un hogar, cuantos al ejido, abrieron un burro muerto que había allí, y metieron dentro al delegado, cosiéndolo y dejándole fuera los pies y la cabeza; de madrugada, un leñador le libertó...; y al buen hombre</p>
<p>Felipe Trigo, <i>El médico rural</i>, 1890</p>	<p>Sufrió Esteban un bochorno. A él propio, con la revelación de una vergozante pasión igual por Evelina, se le impuso la noción de que asimismo, desde que la estaba tratando, cuidaba más de su persona. En vez de afeitarse cada tres días, se afeitaba diariamente; preocupábase mucho de los puños y de los cuellos, del discreto color de las corbatas, y no había vuelto a usar botas de becerro. La conmiseración en que quedaba unificado, le irritó y le hizo sentir otro arranque de soberbia desdeñosa: - ¡ Tiene usted la pierna muy bonita! - dijo mirándola con fría insolencia el bajo de la falda. - ¡ Ésta, ésta es la ipecacuana! - resolvió, señalando el papel que precisamente le retiraba más el hombre aquel, como si ansiara hacerle incurrir, por la elección del otro, en desacierto. - ¡ Ah, oh! ¡ Muy bien! - exclamó con énfasis el extraño personaje -. Y diga el señor doctor: tratándose de un remedio enérgico de los que Hipócrates llamaba heroicos, ¿ ha reparado usted bien, al propinarlo, si el enfermo padece alguna hernia que lo podría contraindicar? ¿ Se ha fijado el señor doctor</p>

<p>Felipe Trigo, <i>La Altísima</i>, 1890</p>	<p>novia ó un enredo y que las habían hecho á ellas traer un baúl mandado á Tur misteriosamente de parte « de la señorita Adria ». ¿ Serían la misma cosa la novia y el enredo? Cuando salieron, Víctor, que había permanecido junto al fuego, abrumado por esta realidad tan cierta de tenerla aquí, sin osar mirarla, oyendo el cuchicheo en que la dulce parecía entregarse á la bondad de las criadas, ganadas á fuerza de dulzura en la humildad, sintió sus pasos por la alfombra. Venía á él... suelta en su sencillo traje plomo: y se abrazaron... con toda el alma esta Abrazo largo, eterno, sin besos... por no separar siquiera lacara de la cara, en plena y tremenda quietud « de tormento »... ¡ Sí, sí! ¡ Cuán delicioso y terrible el que les guardaba esta calma de templo de amor. Tuvo que ser todavía el amante el primero que rompió el abrazo con brusquedad de sensual martirio. - ¡ Déjame!; Déjame... ¡ Adria</p>
<p>Felipe Trigo, <i>La Altísima</i>, 1890</p>	<p>De día, en cambio, era mayor el ansia de Víctor por estar al lado de la humilde, de la triste que sólo hallábase á gusto junto á él; de la mártir que con tanto sufrimiento y sobresalto se iba quedando con la cara de una tísica... Un ansia, ya, por no dejar de oírla y de mirarla, que llegaba al desconsuelo, á la perpetua inquietud de no saber soportar lejos de ella las visitas, otra vez por mañana y tarde, del hombre aquel que lo impedía, aburriéndola de paso. - « ¿ Qué tienes? ¿ pero qué te pasa, y por que no te curas, mujer, si estás enferma? » - Así decía Adria á Víctor que no dejaba de importunarla con pesadez de viejo el banquero: y aun Víctor en su odio se veía forzado á concederle á éste el mérito de la misma cariñosa compasión por Adria que Adria le inspiraba á Víctor.</p>
<p>Felipe Trigo, <i>A todo honor</i>, 1890</p>	<p>Se aterraba de pensarlo..., veía en proyección el luto de la madre, maldiciendo en todos el embrollo y la perfidia, y al tiempo que volvía a parecerle abominable el honor que hace a los hombres matarse como fieras, evocaba sus prudencias con el fin de que pudiesen irla conduciendo por el difícil camino que marcábanla su piedad y su deber. Un camino en que la había lanzado su marido en nombre del honor. Ella no tenía otro remedio que aceptarlo, estrecho y lleno de revueltas como él era..., como él fuese. Había reflexionado a solas, en la tarde aquella del día primero de la música, y no hallaba solución. Fracasado su recurso magno de traer aquí a Julián, y aun comprendiendo que su conducta se ajustaba a un estricto proceder de honor y delicadeza, hallaba harto feroz para sus fuerzas de mujer el obligarla a este martirio en que el mismo honor empezaba por mermarle libertad contra riesgos bien posibles. Proyectó no entrar más en la alcoba del herido, y vio inmediatamente que sería igual que echarlos,</p>
<p>Felipe Trigo, <i>A todo honor</i>, 1890</p>	<p>la punta de la espada. La sangre, brotó. Se suspendió el combate, y reconoció el médico un rasguño. ¡ Nada! Vuelta a la guardia. Monteleón, sin perder su aplomo, estaba serio. Convencido Luis de que todo se lo tendría que deber a su vehemencia, a su loca voluntad de no servirle de juguete inofensivo al hombre que le abofeteó, redoblaba sus ataques, acosándole, ganándole terreno..., imponiéndosele tal vez con el ceño duro que indicaba su designio de morir o de matar... Pero el acero salvaba siempre del acero al hombre aquel..., y en cambio sentía demás el insensato impetuoso cómo él, al final de cada ataque, se quedaba al descubierto... ¡ qué importaba!... Una vez, tras otro acoso, Monteleón no quiso seguir retrocediendo... y pálido, pero más sereno, más sagaz, le gritó al joven, presentándole la punta: - ¡ Cuidado! La espada le rozó el hombro a Luis, con la suya completamente fuera de la</p>
<p>Felipe Trigo, <i>El papá de las bellezas</i>, 1890</p>	<p>- exclamaba, bajando el tono y doblándose en el velador hacia los contertulios por lo alto de las copas. - ¡ Toda una historia, quizás! ¡ Un enigma para mí! Figuraos que la conozco en Madrid, al azar, en un teatro... que me acuesto con ella, y que una noche fatal descubro que es la hija de Irene Sanz, la famosísima danseuse que hizo furor en París allá por el 80. Pues bien, Irene Sanz, en París, fué dos años mi amante, más ó menos fiel; quedóse encinta, en aquella fecha, y... la fecha aquella, justamente, es la que da exacta la edad que tiene la chiquilla... ¡ Un horror! Muerta tiempo hace Irene Sanz, me queda lastimosísimo el problema: ¿ es mi hija ó no es mi hija esta Matilde...? ¡ Horrible, horrible! ¡ Irresoluble! - terminaba con una carcajada no exenta de dolor en su descuido de buen tono. - Porque, ya ven ustedes, si lo fuese,</p>

<p>Felipe Trigo, <i>Mi prima me odia</i>, 1890</p>	<p>de un modo breve, siquiera. - Pues, la verdad, nada me ha dicho de ti. El gesto de la bella marcó una displicencia. Quedó inactiva, con el brazo tendido sobre el jaspe. Contemplando en el cristal el poder de sus hechizos, que eran completamente ineficaces para aquel hombre, sintió más vivo que nunca el rabioso orgullo del desdén que la inspiraba. Desde su propia imagen, pasó con rapidez la mirada sobre la blonda Mariúca (ya de punta en blanco para el matinal paseo del Sardinero), y se tuvo que sonreír satánica y rebelde: - « no comprendía que el hombre aquel, leyendo el Heraldo aquella noche, hubiérase desentendido tan fácilmente de la admiración a ella... porque llevara quizás, en el corazón y en el pensamiento, la memoria de esta insignificantisíma muchacha; no comprendía..., comprendía mucho menos aún, que este Aurelio, al fin aquí tan cerca de ella y de su trato pareciese de ella más desentendido y libre por... porque amase a esta insignificancia de mujer!</p>
<p>Felipe Trigo, <i>El gran simpático</i>, 1890</p>	<p>formidable, le desconcertó igualmente este trabajo. En uno de los más lujosos trenes que reanimaban la calle de Alcalá, descubrió una tarde a la Doria. ¡ A la Doria!... ¡ Pero qué Doria, gran Dios!... - ¡ Sí, la Doria! ¡ Esa es la Doria! - le manifestaron los amigos -. Sin duda llega de París. ¿ Es la misma que decías? - ¡ La misma! - confirmó Gabriel, aturdido por el fausto versallesco de ella y por su centuplicada hermosura. Habría podido contestar que no... porque ¡ cuán otra esta mujer que la hija aquella del Alondro! Comprendió que fuese célebre. Pocas mañanas después, averiguados por Gabriel la casa y los hábitos de Doria, que vivía como una dama, subía al elegante primero de la calle Monte - Esquinza. Se anunció como « un amigo », sin anticiparle el nombre. Un lujo de duque, el salón. Doria apareció con una bata de duquesa y con el pelo suelto. Le pareció tan limpia como la</p>
<p>Felipe Trigo, <i>El cínico</i>, 1890</p>	<p>serían dos hijos sin nombre, que es peor que... sin padre. Guarda tu dinero. Y sin mirarle, giró y salió lenta y vacilante como un fantasma del destino. - ¡ Mavi! - la llamó él, sintiendo también el frío solemne de lo que comprendió que era una eterna despedida. Pero Mavi no volvió; y Arsenio, perplejo un punto, marcó por fin un gesto de desdén heroico..., tomó su sombrero y su bastón, y se encaminó a la escalera. [#] Tercera parte - I - Fuertemente preocupaba a todas estas gentes correctas, en la ya próxima boda, la mujer aquella que había surgido por un melodramático azar inverosímil. Inverosímil, inaceptable, con su precisión de casualidad estupenda, para Felisa cuando menos, y para la madre de Felisa - puesto que demás Arsenio deploraba su insigne tontería de haber mezclado en la intimidad de sus secretos, y a modo de salvador, al imbécil de Gerardo con su idiota Josefina. Debió prever que la intervención de ésta sería inevitable y que daría tal resultado.</p>
<p>Felipe Trigo, <i>El naufrago</i>, 1890</p>	<p>limitábase á vestir severamente, á rezar en las iglesias y á ser, tan sólo, amiga del general, de la familia del general, y del húsar y su hermana, gentes graves, honorables, y primos hermanos, los dos últimos, del conde. Y Anita Mir, entre las tantas otras que en vano pretendían su intimidad, le era la más antipática, con sus treinta ó cuarenta años de preciosa presumida; pintado quizá el pelo para taparse las canas, llenos de afeites los ojos y la boca y las mejillas, igual que un clown... ¡ Oh, cómo la tarde aquella en que, á pretexto de confiada amistad, tuvo Anita la impudencia de recibirla en su tocador semidesnuda, pudo Josefina verla los pechos duros, sí, aún; pero lamentablemente negros en el contraste de falsa rubia que nada más se cuidaba de emblanquecerse el rostro y el escote! La miraba, la miraba con sus grandes ojos claros é ingenuos, en tanto Anita Mir empezaba á decirle cosas estupendas. ¿ Por qué? ¿ Por qué esta Anita</p>
<p>Amado Nervo, <i>La lengua y la literatura</i>, 1894</p>	<p>Cómo se habla el español en España Si por acaso este informe cayese en manos de algún ibero, que no se alarme: no tendré la singular pretensión, no incurriré en la peregrina petulancia de afirmar que en México hablamos mejor el español que en España, el castellano... que en Castilla. Equivaldría quizá para algunos tal afirmación a aquella de ciertos estimables compatriotas míos, quienes (con motivo de algunos conciertos dados por el gran pianista en México) sostenían que Paderewsky no tocaba como se debía el minueto de... Paderewsky. Aunque si bien se mira, no hay paridad con el ejemplo este que cito, pues podría muy bien acontecer que un idioma se desnaturalizase y corrompiese en su país de el imperio de Alejandro, como se formó Roma y como se ha formado Austria. La identidad de lenguas, dice Bry en su conocido libro de derecho internacional público, es sin duda un elemento importante de la nacionalidad, pero no es decisivo. En Suiza, el francés, el italiano y el alemán se reparten la supremacía</p>

<p>Amado Nervo, <i>La lengua y la literatura</i>, 1894</p>	<p>ideas... Por Dios, mancebos que, por la mayor de las aberraciones extraviados, pretendéis escribir prosas o versos: aun suponiendo que todos fueseis genios, creédmelo, romped vuestro ajado y sucio cuaderno de rimas, de cuentos, de novelas. Por ahora, creedlo, más os valdrá volar como un Wright o un Bleriot que como Víctor Hugo falsificado. Lanzaos en los brazos robustos de la realidad fecunda, muy más bella que todas las ficciones de vuestra neurastenia... y no os enojéis conmigo por el consejo. Soy un Dios menor sincero que os compadecería aun cuando llegaseis a Dioses mayores. Los tiempos estos ya no son los de los Dioses, son los de los hombres inteligentes y los enérgicos. Corren malos vientos para las divinidades, estad seguros, jóvenes que os quedáis soñando a la orilla del camino, mientras el genio humano pasa por ese camino mismo a la conquista del universo! *** Pero oigamos ahora a otra autoridad, a Lucien Descaves. De fijo conocéis a este vigoroso autor teatral, que firmó con otros cuatro, hace</p>
--------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

II.7.2 Séc. XIX (PND)

<p>D. Antonio Alcalá Galiano, <i>Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano</i>, 1847-49 [1886]</p>	<p>Convidóme a una gran tertulia a prima noche, en su casa. A pesar de ser mala mi salud, asistí al convite. Era la concurrencia numerosa y compuesta de lo más granado que a la sazón encerraba Londres de pares célebres, así del partido ministerial como del de la oposición, de miembros de la Cámara de los Comunes de ambas opuestas parcialidades; de otros ingleses de distinción, de extranjeros de no menos nota, y de casi todos los diplomáticos entonces residentes o de paso en la Gran Bretaña, razón esta última porque estaba yo entre personajes de tanto brillo. Por aquel tiempo estaba invadida Francia por los numerosos ejércitos aliados, a los que resistía Napoleón con denuedo, tesón y habilidad admirables, y al mismo tiempo en Chatillón estaban juntos en congreso embajadores, ministros y aun monarcas de las varias potencias beligerantes para tratar de un ajuste decoroso y seguro entre los contendientes.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>D. Antonio Alcalá Galiano, <i>Memorias de D. Antonio Alcalá Galiano</i>, 1847-49 [1886]</p>	<p>Viose que estos cálculos no eran errados, porque O' Donojú hizo todo mundo. - Carácter y prendas de su madre. - Educación que recibe y precocidad que demuestra. - Visita a su abuelo en las líneas de Gibraltar. Voy a referir los sucesos de mi vida, con los cuales están eslabonados muchos de los más importantes de mi patria. Razón esta última que me disculpará en alguna manera de la nota de presuntuoso que justamente se me podría poner por el hecho de ocupar la atención pública en negocios de mi pobre persona, pues con la grandeza de un objeto quedará compensada la pequeñez suma del otro, con él tan audazmente apareado.</p>
<p>José Martí, <i>Nuestra América</i>, 1874</p>	<p>enorgullecidos compatriotas. Donde escribió, grabó. Donde censuró, curó. Lo que imitó, realizó. Desconfió de sí mismo y amó puramente. He ahí su epitafio. Cuando yo venía, un año hace, animada de sueños la frente y frío de destierro el corazón, del caluroso Izabal a la templada Guatemala, en una aldehuela que llaman el Jícara, luego que hube visto pasar, en brillante cabalgata, el cortejo de dos risueños novios, eché pie a tierra en casa de un ladino, decidior, fanfarrón, letrado y tuerto; cosa esta última que tiene en el carácter más importancia que la que le es generalmente concedida. Enseñado que me hubo una mohosa tajante, que dice que cercenó cabezas en más de una batalla fratricida, y una mazorca de maíz, que por allá llaman de fuego, porque, echada la semilla, a los sesenta días da fruto; y convenido que fue que los indios tinecos de por San Agustín - de quienes el ladino estaba quejoso - son gente hosca y rebelde, muy apegada a lo suyo, muy reacia</p>

II.8.1 Séc. XX (PAD)

<p>Miguel Delibes, <i>El camino</i> 1950</p>	<p>Daniel, el Mochuelo, acababa de averiguar esto. Hasta entonces creyó que el hombre puede elegir libremente entre lo que quiere y lo que no quiere; incluso él mismo podía ir, si éste era su deseo, al dentista que actuaba en la galería de Quino, el Manco, los jueves por la mañana, mediante un módico alquiler, y sacarse el diente que le estorbaba. Había algunos hombres, como Lucas, el Mutilado, que hasta les cercenaban un miembro si ese miembro llegaba a ser para ellos un estorbo. Es decir, que hasta la tarde aquella que saltaron la tapia del Indiano para robarle las manzanas y les sorprendió la Mica, Daniel, el Mochuelo, creyó que los hombres podían desentenderse a su antojo de cuanto supusiese para ellos una rémora, lo mismo en lo relativo al cuerpo que en lo concerniente al espíritu. Pero nada más abandonar la finca del Indiano con una manzana en cada mano y las orejas gachas, Daniel, el Mochuelo, comprendió que la voluntad del hombre no lo es todo</p>
<p>Teresa Lamas de Rodríguez Alcalá, <i>La casa y su sombra</i>, 1955</p>	<p>era él, era mi hijo. Volvía, después de un año, un año que fuera un siglo para mí. Toda mi alma se me asomó a los ojos para verlo, y se me desbordó por los brazos para estrecharlo, y tembló en ímpetus de besos en mis labios para resonar largamente en sus mejillas. Y mientras el « Cuyabá » acertaba la distancia con lentitud torturadora, yo, mirando a mi hijo, evocaba todo ese año: la partida, la primera carta, los largos períodos sin noticias ciertas, los combates sucesivos, la aterradora incertidumbre de todos los días y de todas las horas. El momento aquel en que, al darle el abrazo de la despedida, sólo habló, en la escena muda por el dolor, la voz interior que [102] me preguntó temblorosamente: ¿ Volveréis a abrazaros? Todas las voces de mi ser se alzaron en himno de gratitud a Dios. ¡ Loado seas, mi Dios, loado seas!</p>
<p>Teresa Lamas de Rodríguez Alcalá, <i>La casa y su sombra</i>, 1955</p>	<p>El sargento que hace de avanzada y a quien se ha confiado la ruta, dobla por la calle de la Encarnación arriba, y en pos suyo hacen lo mismo sucesivamente los batidores, el Dictador y la pequeña escolta. Un recuerdo parece excitar a Francia al penetrar en la calle de la Encarnación, pues sofrena la cabalgadura, revuelve hoscamente la mirada y alza el incoherente monólogo de su voz. ¿ Se le representa, acaso, la escena aquella del Santísimo? El suceso le ocurriera poco antes de caer enfermo. ¿ Lo recuerda con terror? Al declinar la tarde de cierto día, por el alto veredón de esa calle, el padre Favio conducía el Viático con el debido séquito de monaguillos y creyentes cuyo rezo se elevaba entre los metálicos plañidos de la campanilla ritual. Un moribundo, cerca de allí, esperaba la Divina Visita para confortarse con ella en el tránsito</p>

<p>Teresa Lamas de Rodríguez Alcalá, <i>La casa y su sombra</i>, 1955</p>	<p>medio de las multitudes que los aclaman, ellos sólo ven, a la distancia soñada, el paisaje de su valle, y sólo oyen el rumor añorado de los follajes familiares. Sueño de los ojos, sueños del oído, sueños del alma, que acompañaron sus largas vigiliadas en las trincheras y sus frenesís en los asaltos. ¡ El valle! El valle en el que cada árbol le guarda el perfume de un recuerdo. ¡ El rancho con todo su palpitante contenido de amores, y bajo cuyo alero vagan aún los últimos acordes de la sonata que gimió en la guitarra la noche antes - la noche aquella en que [111] no durmió para embriagarse(18) de luna antes de marchar a la guerra! ¡ La capuera, la generosa tierruca labrada por los suyos de generación en generación y en la que tanto pensó allá, obsesionadamente, mientras arriesgaba la vida momento por momento!... A la vuelta de tres años - ¡ cuánta mudanza venturosa! - Pero ¡ ay! no lo olvidemos, ¡ cuánto sacrificio, cuánto dolor al mismo tiempo!</p>
<p>Luis-Martín Santos, <i>Tiempo de silencio</i>, 1961</p>	<p>Y a él le gusta, claro que le gusta, eso se nota. Se le ponen los ojos tiernos mirándola cuando la muy pícara, aunque inocentona también y sin veneno, se balancea en la mecedora como una pánfila y le mira de reojo. Yo no sé cómo es tan inocente este hombre. Pero que me lo van a malear es un hecho. Casi me da miedo lo de que la niña duerma sola, que es dar muchas facilidades y cualquiera de éstos, como el representante, se puede aprovechar y creer que es para él el bocato di cardinale como decía mi difunto de la parte esta mía del muslo cuando la tocaba porque es tan blanca - - y aún se conserva - - y hacía como que la mordía. ¡ Qué guasón! ¡ Ése sí que era hombre! Pero éste también me gusta. Me gusta y aunque no sé como ponerle en el disparadero de su hombría porque no estaría bien, digo yo, celestinear a la nieta en quien ha celestinao a la hija con tanto provecho como yo lo he sabido hacer.</p>
<p>Luis-Martín Santos, <i>Tiempo de silencio</i>, 1961</p>	<p>La sangre visigótica enmohecida ves con ojos azagayadores circular, como en un rayos - equis divertido, por nuestras venas umbilicales y qué listo eres tú para un pueblo que tiene las frentes tan menguadas. Y puesto que de una más noble sustancia tú estás hecho, oh buco, a todos nos desprecias. Sí, realmente sí, qué bien, qué bien lo has visto: Todos somos tontos. Y este ser tontos no tiene remedio. Porque no bastará ya nunca que la gente esta tonta pueda comer, ni pueda ser vestida, ni pueda ser piadosamente educada en luminosas naves de nueva planta construidas, ni pueda ser selectamente nutrida con vitamínicos jugos y proteicos extractos que el turmix logra de materias primas diversas, jugos, frutos, pepitorias, embutidos, rosbifes, pescado fresco, habas nuevas, calamares, naranjas, naranjas, naranjas (y no sólo su cáscara) puesto que víctimas de su sangre gótica de mala calidad</p>
<p>Adolfo Bioy Casares, <i>El lado de la sombra</i>, 1962</p>	<p>si la caña dulce le soltara la lengua, el gordo habló: - Un lugar tan lindo y las cosas feas que pasan. Una picardía. Mirando a Julia, Arévalo se encogió de hombros resignadamente. - ¿ Cosas feas? - Julia preguntó enojada. - Aquí no digo - reconoció el gordo - pero cerca. En los acantilados. Primero un automóvil, después otro, en el mismo punto, caen al mar, vean ustedes. Por entera casualidad nos enteramos. - ¿ De qué? - preguntó Julia. - ¿ Quiénes? - preguntó Arévalo. - Nosotros - dijo el gordo -. Veán ustedes, el señor ese del Opel que se desbarrancó, Trejo de nombre, tuvo una desgracia, años atrás. Una hija suya, una señorita, se ahogó cuando se bañaba en una de las playas de por aquí. Se la llevó el mar y no la devolvió nunca. El hombre era viudo; sin la hija se encontró solo en el mundo. Vino a vivir junto al mar, cerca del paraje donde perdió a la hija,</p>
<p>Carlos Fuentes, <i>La muerte de Artemio Cruz</i>, 1962</p>	<p>ella fue siguiendo con un dedo la línea roja, la línea verde, tomada de su brazo, con el aliento muy cerca del suyo, diciendo que esos nombres le encantaban, no se cansaba de repetirlos, Richard Lenoir, Ledru - Rollin, Filles du Calvaire... Le entregó el vaso y volvió a hacer girar el globo de los cielos, a leer los nombres lupus, crater, sagittarius, piscis, horologium, argo navis, libra, serpens. Lo hizo girar, dejando que su dedo rozara la esfera, tocara las frías, lejanas estrellas. - - ¿ Qué haces? - - Miro el mundo este. - - Ah. Se hincó y le besó el pelo suelto; ella asintió con la cabeza, sonrió. - - Tu mujer quiere este sofá. - - Ya oí. - - ¿ Qué me recomiendas? ¿ Debo ser generosa? - - Como quieras. - - ¿ O indiferente? ¿ Olvidar que me habló? Prefiero ser indiferente. La generosidad es como un insulto feo y sin chiste a veces,</p>

<p>Carlos Fuentes, <i>La muerte de Artemio Cruz</i>, 1962</p>	<p>Allí viene. Aaaaah - ay. Y las mujeres. No, no éstas. Las mujeres. Las que aman. ¿Cómo? Sí. No. No sé. He olvidado ese rostro. Por Dios, he olvidado el rostro. Era mío, cómo lo voy a olvidar. " - - Padilla... Padilla... Llámeme al jefe de información y a la cronista de sociales. " Tu voz, Padilla, la recepción hueca de tu voz a través de ese interfón... " - - Si, don Artemio. Don Artemio, hay un problema urgente. Los indios esos andan agitando. Quieren que se les pague la deuda por talar sus bosques. " - - ¿Qué? ¿Cuánto es? " - - Medio millón. " - - ¿Nada más? Dígale al comisario ejidal que me los meta en cintura, que para eso le pago. Sólo faltaba... " - - Aquí está Mena en la antesala. ¿Qué le digo? " - - Hágalo pasar. " Ah</p>
<p>Julio Cortázar, <i>Rayuela</i>, 1963</p>	<p>- Pobrecita, pobrecita - - repetía Gregorovius, acompañando la palabra con sus caricias - -. Nadie la quiere a ella, nadie. Todos son tan malos con la pobre Lucía. - - Estúpido - - dijo la Maga, tragándose los mocos con verdadera unción - -. Lloro porque me da la gana, y sobre todo para que no me consuelen. Dios mío, qué rodillas puntiagudas, se me clavan como tijeras. - - Quédese un poco así - - suplicó Gregorovius. - - No me da la gana - - dijo la Maga - -. ¿Y por qué sigue golpeando el idiota ese? - - No le haga caso, Lucía. Pobrecita... - - Le digo que sigue golpeando, es increíble. - - Déjelo que golpee - - aconsejó incongruentemente Gregorovius. - - Usted era el que se preocupaba antes - - dijo la Maga, soltándole la risa en la cara. - - Por favor, si usted supiera... - - Oh, yo lo sé todo, pero quédese quieto. Ossip</p>
<p>Julio Cortázar, <i>Rayuela</i>, 1963</p>	<p>tiene - - dijo la señora de Gutusso - -. Las criaturas dicen lo que ven, pobres inocentes. ¿Y qué tenía que hacer ésa a caballo en una madera, dígame un poco? A esta hora cuando las personas decentes duermen la siesta o se ocupan de sus quehaceres. ¿Usted se montaría en una madera, señora, si no es mucho preguntar? - - Yo no - - dijo Gekrepten - -. Pero Talita trabaja en un circo, son todos artistas. - - ¿Hacen pruebas? - - preguntó uno de los chicos - -. ¿Adentro de cuál circo trabaja la cosa esa? - - No era una prueba - - dijo Gekrepten - -. Lo que pasa es que querían darle un poco de yerba a mi marido, y entonces... La señora de Gutusso miraba a la chica de los mandados. La chica de los mandados se puso un dedo en la sien y lo hizo girar. Gekrepten agarró El sombrero con las dos manos y entró en el zaguán. Los chicos se pusieron en fila</p>
<p>David Viñas, <i>Los hombres de a caballo</i>, 1967</p>	<p>Ya pedí la cuenta. - - Hacéle seña, entonces. Cirulli se vuelve hacia el mostrador: - - ¿Cuál será el nuestro? - - El morocho. - - Aquí son todos morochos, melonazo. - - Aquél - - señala Montero - -; el canoso. Cirulli alza el brazo y hace sonar los dedos: - - ¿Entienden éstos la seña? - - ¿Qué te creés que son: australianos? El mozo canoso se acerca a la mesa después de consultar en el mostrador; trae en la mano una lista blanca. - - ¿Cuánto es? - - Ciento veinte soles. - - ¿Por la carne? - - se encrespa Cirulli. - - Sesenta por la carne, cuarenta por el vino, veinte por los dulces... Cirulli le cuchichea a Montero: - - Son unos chorros. No te dije: éstos no lo tuvieron al Mingo, pero como avivados... - - Es el peso, tano; está por el suelo... Ya nadie nos respeta. El tipo ese que los ha estado mirando se pone de pie y se acerca a la mesa: - - ¿Me permiten, muchachos? Ante el desconcierto de Cirulli y Montero, toma la lista del mozo con desenvoltura y la mira: - - ¿Qué comieron, muchachos? - - Unos bifés. - - ¿Qué más? - - Vino, ensalçada para dos y queso y dulce. - - ¿Y esto? - - ese tipo</p>
<p>Patricio Chamizo, <i>Paredes, un campesino extremeño</i>, 1976</p>	<p>¿Qué más da una dictadura comunista que una dictadura fascista? Los anarquistas hicimos en España una revolución, un cambio total, sin necesidad de Estado, ni de Ejército, ni de Gobiernos, ni de patronos, ni de diputados, ni de alcaldes. Ustedes sólo hablan del comunismo como el feroz enemigo. Los anarquistas eran más peligrosos. Fueron los auténticos revolucionarios, porque hicieron una revolución jamás conocida, pero siempre soñada por la utopía de los más ilustres pensadores de la Historia de la Humanidad. El hombre aquel observó detenidamente a Senén, en una pausa que a mí me pareció eterna. Su respiración se alteró, sus fosas nasales se abrieron en su totalidad. Su frente quedó estirada y tersa. Yo pensé que iba a montar en cólera, que desde allí nos iba a mandar directamente al cuartel, por culpa de Senén. Pero se contuvo.</p>

<p>Patricio Chamizo, <i>Paredes, un campesino extremeño,</i> 1976</p>	<p>puede pagarlo. Y ese, ni es le conocía bien y sabía cuáles eran sus reacciones cuando me oponía a sus ideas. Tranquilamente le respondí: - Soy realista, Rafael. ¿ Qué crees que vas a conseguir con eso? Cuando los ricos se enteren de lo que quieres hacer, que ya lo están venteando, te aseguro que no vas a encontrar trabajo ni en cien leguas a la redonda. Tú estás casado y tienes un niño. No te puedes jugar el pan tan alegremente. - ¿ Pero no te das cuenta de que si no luchamos por nuestros derechos, nadie nos lo va a dar? - La ley esa la ha hecho el Gobierno, ¿ no? Pues deja que sea el Gobierno quien se encargue de que se cumpla. Para eso está la Hermandad. - ¿ Y qué han hecho esos chupatintas? Ocultarlo a todos. Somos nosotros los que tenemos que exigir que se haga justicia. [27] - La justicia son los ricos. Ellos son los que mandan y los que gobiernan el pueblo. Anda, rompe ese papel y</p>
<p>Patricio Chamizo, <i>Paredes, un campesino extremeño,</i> 1976</p>	<p>salta sobre él y estrangularte por el rato que me había hecho pasar. - ¡ Será cabrón el tío! Pero él me cogió por el brazo y me hizo andar rápido, casi en volandas. Tenía prisas en alejarse de allí. - ¡ Calla y anda ligero! - ¿ Que me calle, encima? ¡ Me haces pasar el peor rato de mi vida creyendo que te iban a tender una trampa y me dices que me calle! ¡ Te partiría la cabeza ahora mismo si no fuera por!... ¡ Yo sufriendo como un gilipollas en la calle, mientras tú te estabas poniendo morado con la tía esa! ¡ Soy el tío más tonto que ha parido madre! ¡ Eso no le ocurre a nadie, más que a mí! - Lo siento, Sebastián. [138] - ¿ Que lo sientes? ¡ Eso no te lo crees ni tú! ¡ Con el festín que se ha dado el tío y ahora dice que lo siente! ¡ Tendrá cara! - ¿ Qué quieres que hiciera? Ella me dijo que quería hablarme</p>
<p>Augusto Casola, <i>La catedral sumergida,</i> 1984</p>	<p>Vuelvo a dar una mirada accidental a las máscaras, que siguen brillando con su risa fija y repulsiva, al humo que sale de nosotros y se expande en el ambiente, como extoplasma de nuestros cuerpos y a la palma de mis manos, en las cuales, olfateo su aroma peculiar, antes de repetir « Delcy », en un susurro final que permanece colgado de las sombras. Ella no habla. Mejor. Prefiero que siga así, de ser posible desde que la saludo hasta la hora de despedirme. Puede ser que un día me anime a decirle: - Apagá la luz esa, por favor, no quiero verte - pero tengo miedo a que me mal interprete y se enoje conmigo. Pero me doy cuenta que comienza a ponerse inquieta. Va a hablar. Ya se levanta. Tiene las botas puestas. Saco del bolsillo un billete arrugado que le alcanzo sin abrir la boca. Yo sigo tendido para verla vestirse con prisa. Arregla sus cabellos largos. - Vamos pues afuera - exclama, sin más preámbulos. - Ya enseguida.</p>
<p>Mario Halley Mora, <i>Los habitantes del abismo,</i> 1989</p>	<p>Entonces sucedió la desgracia. Mataron a Don Agustín. Le dieron una muerte sin grandeza. Mientras dormía, le redujeron la cabeza a pulpa, a martillazos. Sentí pena por él. No hubiera querido morir así. Quizás soñaba morir en una trinchera, o cayendo de un caballo, con dos tiros de fusil en el pecho. De un culpable no se tenía ni idea, pero de un sospechoso sí: el hermano de aquel beodo que fuera decapitado por don Agustín con un golpe de raja. No tuve ánimo de discutir semejante teoría, ni a explicar aquello de « justicia poética ». Por lo demás, el hombre aquel hizo a su vez su propio análisis del asunto. La forma en que murió don Agustín suponía una venganza. Y él tenía hartos motivos para vengarse. Que fuera culpable o no, pertenece a los secretos de Dios, lo cierto es que no perdió el tiempo en desaparecer. Pero no fue muy lejos. La patrulla, al mando de Manuel lo localizó en los grandes esteros del Sur, y lo acribillaron. El cuerpo</p>
<p>Mario Halley Mora, <i>Los habitantes del abismo,</i> 1989</p>	<p>no fueron recogidos de los yuyales. Doña Luz, orgullosa de su blancura fue a visitar a su comadre y se olvidó de su sombrilla eterna. Don SERVANDO se fue furioso al Establecimiento después del imperdonable mate frío que le sirvió ña Cayetana, con aire ausente y distraído. Oyoguitépa Jesucristo pe... Reían las jovencitas irreverentes y decían que Nuestro Señor no maneja autos y que el hombre era churro como en el cine, deseando más que nunca ser elegidas reinas del 15 de junio. El oficial, sentado en su Comisaría y con su deber de saberlo todo, no cesaba de pensar en el hombre aquel. Y en su trompeta. Con su instinto afinado de autoridad, parecía asomarse a una conclusión inquietante. Con la llegada de este hombre, algo estaba cambiando. O algo se estaba quebrando. Lo malo era que no sabía qué. Decidió no decirle nada al Comisario, porque al final de cuentas, no tenía nada que decirle. Pero la inquietud volvía. Había más gente por las calles. Más ruido y más ventanas abiertas en las casas</p>

<p>Guido Rodríguez Alcalá, <i>Cuentos</i>, 1993</p>	<p>no queremos más invertir en un lugar donde no hay garantías. En cualquier momento nos ocupan de nuevo, no se puede trabajar así. Ya no existe palabra, ya no existe confianza entre vecinos. Hay que estar todo el día controlando y mientras tanto se pierde el tiempo de trabajar. Antes, en aquellos tiempos, no había ningún problema en recibir a la gente. Los cazadores, por ejemplo. Nunca se les prohibía que pusieran sus trampas para tigre. ¡ Claro que había! Yo recuerdo todavía aquella época. Un amigo de mi papá se quedó dos días en el monte, perseguido por el tigre. El señor ese había entrado con su compañero para buscar un tronco y les salió el animal. Menos mal que tenían fuego encendido, estaban preparando para desayunar, porque con el fuego, no se acercó el bicho, pero tuvieron que quedar dos días cuidando el fuego, sin dormir, hasta que vinieron a buscarlos. Recuerdo cuando llegaron a la casa, los pobres blancos; mi papá dijo en broma que si el tigre les comía iba a</p>
<p>Yula Riquelme de Molinas, <i>Bazar de cuentos</i>, 1995</p>	<p>O quedaban muy lejos del centro o muy cerca de mamá o muy grandes para dos o muy chicos para el precio. En fin, no se ponían de acuerdo y por causa de eso, la boda se aplazaba indefinidamente... Si no estuviese convencida de las buenas intenciones de su prometido, Diana pensaría que se la estaban dando largas a propósito. Pero si algo impremeditado había en Juan José, era su tremenda indecisión. ¿ El motivo? Un percance interior que no saltaba a la luz... Otra cosa que se presentaba bastante oscura respecto a Juanjo, parecía ser la cuestión esa de los tres hijos varones que tenía por ahí... Juan José juraba que las madres eran ricachonas y medio viejas. Que nunca pidieron colaboración para el mantenimiento de las criaturas. Y que muy por el contrario, con la paternidad se había beneficiado él. Es más, también aseguraba que fueron hijos por encargo, sin que el amor hubiese tomado parte. Algo así, como que lo vieron a Juan José hecho un toro</p>
<p>Andrés Colmán Gutiérrez, <i>El último vuelo del pájaro campana</i>, 1995</p>	<p>- Siempre quise saber qué cosas pasan por la cabeza de un cana cuando está golpeando a un tipo que pudo haber sido su compañero de juegos en la escuela. Martín se estremeció. Sintió que una voz le hablaba desde el fondo de sus recuerdos. ¿ Te acordás?, le dijo la voz. Una potente luz te hiere los ojos. Volutas de humo bailan en el haz del reflector. Olor a mierda, a cigarrillos, a agua podrida, a miedo y sudor. ¿ Te acordás? Música estridente, a todo volumen. La felicidad, de Palito Ortega, una canción que vas a odiar durante el resto de tu vida. ¿ Te acordás, Martín? Risas, jadeos roncós, maldiciones. Y, puta... esos gritos. Esos tétricos, terribles, desesperados gritos que retumban por todo el recinto. Esos gritos que nunca dejarán de perturbarte el sueño. Fantasmas hinchapelotas que te van a perseguir para siempre, vayas adonde vayas, hagas lo que hagas. No hay manera de huir. No hay manera de olvidar. No... Se secó el sudor con la manga de la camisa y se bebió de un trago todo el contenido de la cantimplora. Los ojos se le pusieron brillosos. Intentó explicar. - Primero te convencen de que el tipo ese es un hijo de puta y que se lo tiene bien merecido. Vos solo estás cumpliendo con tu deber. Hasta que un día sentís que algo viscoso se te ha pegado en las manos, y no se te sale de la piel. Por más que te laves, y friegues, y friegues... con agua, con jabón de coco, con lavandina, con gasoil, con ácido...</p>
<p>Cynara Michelle Medina, <i>De astrología y aeronáutica</i>, 1996</p>	<p>avión de papel en los pasillos y el patio bien cuidado del internado - -. En segundo lugar, los fabricantes de aviones eran un club exclusivo, casi una sociedad secreta de desafiantes de la disciplina. Esta sociedad se mantenía vendiendo aviones de papel a los muchachos menos valientes. Es cierto que desconocían el significado de palabras como " patente " y " monopolio ", pero la forma en que habían patentado y monopolizado el mercado de los aviones de papel era digna de cualquier transnacional; fijaban sus precios según la economía de mercado. Cuando Juanito Laguna quiso comprarse un avión de papel, se dio cuenta de que el asunto ese de la oferta y la demanda estaba muy por encima de su chelín de Navidad, y que los fabricantes no estaban interesados en el trueque. Después de darle muchas vueltas a su problema, tomó la primera decisión razonada de su vida, iba a robarse un avión. Juanito Laguna nunca había robado ni un alfiler de cabecita en toda su vida; no tenía idea de como podría robarse un avión sin que nadie lo descubriera.</p>

<p>Maritza Campos Rebolledo, <i>Bicho</i>, 1997</p>	<p>concreto haciéndose polvo de ladrillo. Esto llama la atención de la gente, que señala hacia el balcón y mira al enorme bicho con los ojos desorbitados, atravesando la calle sin fijarse. Y yo allí parada como idiota, y casi no me doy cuenta que cojo mi cámara y comienzo a tomarle fotos. Foto #7: El extraño insecto mostrándonos su tórax, ya que está agarrado de la parte interior del balcón. Foto #8: La mujer se precipita hacia la casa en el momento en que el bicho salta hacia ella. Foto #9: La señora consiguió cerrar la puerta justo a tiempo y la cosa esa quedó pegada en la ventana, moviendo las antenas como una cucaracha. De repente la cámara se atora. Me dan ganas de darle un pisotón pero le manipulo la palanquita hasta que corre la película. Hay un gran alboroto a mi alrededor; supongo que la gente, chismosa como siempre, viene a ver este fenómeno que parece escapado de un laboratorio ilegal. Foto #10: Un balcón solitario y con una maceta menos. Bajo la cámara bruscamente</p>
<p>Jornal Listin Diario, 1998</p>	<p>ingrese a juego su receptor Todd Hundley, que entraría el próximo mes de junio?.aparte de eso, citan a Palmeiro, otro inicialista, de forma que en principio eso parece una situación un poquito confusa con tanta gente dispuesta para la primera base. Ah, ayer, con la llegada de Piazza, los Mets tuvieron su primera completa de taquillas en los últimos 5 años, asistiendo más de 47 mil fanáticos al Shea Stadium. Piazza debutó el sábado, ganaron los dos primeros juegos, y tuvieron tanta fortuna que en el partido de ayer, ante Milwaukee, hasta un corredor sacó en intento de robo, algo muy raro. El hombre aquel Tres jonrones disparó Mark McGwire el fin de semana, y ahora suma 24, corriendo ligero para cualquier marca (los 56 de Hack Wilson en la Nacional y los 61 de Roger Maris, que es record general en las mayores). Pero para aquellos que no se hayan enterado, quiero contarles lo que pasó ayer en el partido de Gigantes y Cardenales. Resulta que en el 10mo. inning, el relevista Rob Nenn lo había</p>
<p>Entrevista (PAN): <i>Bravo Mena</i>, 1999</p>	<p>la realidad política lo explica plenamente y como lo hemos comentado, lo que en este momento estamos presenciando es el surgimiento de una candidatura de gran consenso, y que en este proceso unitario que ha convergido en torno a una precandidatura, pues no necesita mayor explicación, la realidad misma da la explicación de cómo se fue construyendo esta precandidatura. Pregunta. - Senador, ¿ Vicente Fox gana con un solo voto? LFBM. - En teoría sí, así es. Pregunta. - ¿ Qué otros temas se abordaron? LFBM. - Se abordaron temas estatutarios de procedimientos de reglamento, solicitudes de algunos Comités Estatales, el tema este de la votación en el extranjero, el registro, en fin, fueron temas de ese tipo. No abordamos otros temas de gran interés nacional, como pudiera ser el tema de coalición, ese está reservado para otra junta de Comité. Pregunta. - ¿ Darán a conocer el reglamento? LFBM. - Está informado, desde que se abrió la convocatoria y está distribuido a cada uno de los militantes a través de cada uno</p>
<p>Entrevista (PAN): <i>Bravo Mena</i>, 1999</p>	<p>¿ Dio algún giro en su cerrazón a discutir el tema de la Reforma Electoral, sobre todo en alianzas? LFBM. - Están abiertos a hablar de varios temas, pero ciertamente pues sí expresan de entrada resistencias importantes, lo del voto de los mexicanos en el extranjero no tiene en claro todavía cual sería la propuesta de ellos; en materia de coaliciones y alianzas definitivamente su opinión es negativa a este tema. Y más bien están mucho más dispuestos a hablar de fiscalización, medios de comunicación y de... se me queda otro tema por ahí, el tema este, lo del Distrito Federal es nuevo y por lo pronto dijeron "</p>
<p><i>Comparecencia del presidente del consejo de estado de la republica de cuba, Fidel Castro Ruz</i>, 1999</p>	<p>" No continuar haciéndole el juego al gobierno. " Tratar de lograr un buen nivel de abstencionismo en las elecciones. " Ahora, eso no es delito, nada de eso. El 5 de mayo en la primera conferencia de prensa convocada por el mismo grupo, se produce el diálogo, se conoce en esencia lo que dicen: " Uno de los primeros trabajos de la convocatoria, que fue el Llamamiento a los Hermanos del Exilio para que la gente que envía remesas a los cubanos que están aquí, les pidan favor utilicen la abstención para poder acelerar un poco más la democratización, es decir que los presionen con el problema ese del envío de remesas... " Presión para todos los familiares que están allá. Eso es muy humano y muy fácil, dicho por unos señores que reciben cantidades de dinero, todas las que quieran de Estados Unidos y de la Oficina de Intereses, "...es decir que los presionen con el problema ese del envío de remesas, si yo te estoy enviando dinero, tú estás mejor que los demás,</p>

<p><i>Comparecencia del presidente del consejo de estado de la republica de cuba, Fidel Castro Ruz, 1999</i></p>	<p>les dije: " No se impacienten. " En una conferencia improvisada allí, que apenas se oía, les digo: " No se preocupen, que yo les dije al Gobernador y a la gente que no se pueden ir sin ustedes. " Así que estuvieron allí y los despedí hasta en el ómnibus. En ese momento es que me dicen que hay un problema en el aeropuerto, que han llevado a los dos niños, que la Jefa de la Oficina de Intereses está bravísima, " que cómo han llevado a esos niños para allá sin visa ". Yo no sé lo que iba a hacer <u>el hombre aquel</u> que tenía la misión de recoger a los niños y a la familia y llevarla a tal hora, que eran las instrucciones que tenía, cuando todavía no habían tomado una decisión los médicos. Fue correcto, porque entonces si se toma la decisión, no iban a ir a buscarlos a la casa, dos horas más tarde, y en vez de a la 1:00 se iba qué sé yo a qué hora el Gobernador. Al</p>
<p><i>Comparecencia del presidente del consejo de estado de la republica de cuba, Fidel Castro Ruz, 1999</i></p>	<p>del bloqueo. Mucha gente ha vivido allí bajo el terror, porque los insultan, los calumnian, los quitan del empleo, es un terror fascista el que tienen allí en relación con los cubanos, lo sabemos porque hemos hablado con muchos cubanos allí, no voy a entretenerme ahora en las cosas que les hacen. Hay gente que no le da la gana y que son independientes, y viene mucha gente aquí a quienes no lo pueden prohibir. Ellos mismos hablan de este contacto pueblo a pueblo; ha venido bastante gente y cada vez vienen más. Esa es la verdad. ¿ Había algo más por responderles sobre <u>el tema este</u>? Estaba explicándoles a dónde llegaron, a qué extremo de presiones han llegado. Tú me hiciste la pregunta, ¿ no? Roberto Agudo. - Sí. Fidel Castro. - Estábamos hablando de la reunión. Yo no participé en el programa del Gobernador. Yo estaba en el ciclón realmente, yo no estaba organizando eso; pero los compañeros que la organizaron sí tenían la tarea de atenderlo y no ponerle condición alguna. Si</p>
<p><i>Comparecencia del presidente del consejo de estado de la republica de cuba, Fidel Castro Ruz, 1999</i></p>	<p>que dicen: " Uno de los primeros trabajos de la convocatoria, que fue el Llamamiento a los Hermanos del Exilio para que la gente que envía remesas a los cubanos que están aquí, les pidan favor utilicen la abstención para poder acelerar un poco más la democratización, es decir que los presionen con el problema ese del envío de remesas... " Presión para todos los familiares que están allá. Eso es muy humano y muy fácil, dicho por unos señores que reciben cantidades de dinero, todas las que quieran de Estados Unidos y de la Oficina de Intereses, "...es decir que los presionen con <u>el problema ese</u> del envío de remesas, si yo te estoy enviando dinero, tú estás mejor que los demás, ¡ haz algo porque esto cambie! Y es una cosa muy fácil, que es abstenerse, no ir a votar ". Y no solo eso: " el 3 de junio de 1997 llega a Cuba el jefe de la Oficina de Asuntos Cubanos del Departamento de Estado, Michael Ranneberger " —dos Michael hay aquí. "</p>
<p><i>Comparecencia del presidente del consejo de estado de la republica de cuba, Fidel Castro Ruz, 1999</i></p>	<p>Reuters y Notimex, afirmaron que no estuvieron presentes en esa reunión, incluso puede haber otros. Se trata de la lista de las agencias invitadas. No se mencionan nombres de reporteros. No se deseaba lastimar o culpar a ninguno). Esto era en la despedida de sus tropas, con cabecillas y todo, aunque no estaban todos los cabecillas. Creo que aparecen los cabecillas también en otros lugares por ahí. No hay problemas, ellos reparten dulces, bastante, el contacto con ellos es constante. Ustedes verán algunas cosas que pueden hasta dar ganas de reír. Bien, estoy hablando del 16 de julio. <u>El hombre aquel</u> que habíamos conocido —yo dije que había un hombre allí en el Departamento de Estado, casi por excepción apareció un hombre que, por lo menos, razonaba y al menos nos convenció de que el peligro de embargo del avión era real—, tenía una forma de plantear las cosas con respeto y con un poco de talento diplomático, por lo cual había cosas que se resolvían. Sí, se resolvió, aquello fue complicado, lo del</p>
<p><i>Comparecencia del presidente del consejo de estado de la republica de cuba, Fidel Castro Ruz, 1999</i></p>	<p>Y qué ocurre? Pasa lo de siempre en este fenómeno: tienen familiares allá en Estados Unidos, algunos que tienen relaciones. A mí me contaba el padre de este muchacho, que era una hermana que vio nacer al niño, y está muy traumatizada con lo que le ocurrió en el accidente. En los dos casos los familiares habían dicho que les podían resolver medicamentos, o que habían gestionado una atención para ambos niños. Fueron los dos casos por los que se interesó el Gobernador, y existía el supuesto de que querían salir, que los padres querían salir. Cuando yo hablo con el Gobernador el penúltimo día, <u>la noche aquella</u>, el 26 por la noche, en la conversación me plantea el problema de los dos niños, y le digo: " No hay absolutamente ningún problema con esos dos niños. " En estos casos se adopta lo que decidan los padres, aunque se trate de casos que puedan resolverse y que han recibido en nuestro país el tratamiento requerido. Damos por seguro que van a salir, que las familias están de acuerdo con</p>

<p>Susana Gertopan, <i>El nombre prestado</i>, 2000</p>	<p>así llegaba antes que tú, hijo. - ¿ Para qué, papá? - Para que no tengas que esperarme. No quería que te mojaras. - Por favor, papá, ya cumplí cincuenta años. ¿ No crees que ya es tiempo de que dejes de cuidarme? - Vamos, lósele, vamos a casa que hace frío. - Está bien, papá. Vamos. Mi padre levantó con dificultad las bolsas que estaban en el suelo, yo tomé la valija y después llamé un taxi. Subimos al auto y durante todo el recorrido hasta llegar a la casa, mi padre relató episodios ocurridos no eras tú el hombre aquel de mis sueños, ni de mis fantasías. Aquél era otro, un hombre de verdad, no un niño que busca quien lo cuide, que busca protección. Yo no soy tu madre, Alejandro. Ni yo, ni ninguna otra mujer cumplirá el papel de madre contigo. ¡ Tu madre está muerta! Deja ya que lósele juegue con Alejandro. Elige de una buena vez quién quieres ser. Deja de prestar nombres</p>
<p>Mauricio Ventanas <i>Nochebuena, Nochevieja</i>, 2000</p>	<p>a que el guía me mira ahora mismo con su cara de frustración sempiterna, que desde aquí ni en sueños la distingo, pero así es: " Ooottra vez rezagato. Me prregunto zi algúun día yegarrás a fer el Beethovenhaus " eso me va a decir, como siempre, estoy seguro. Pero al paso que puedo dar ya no los alcanzo, ni para qué intentarlo. Pues que se pierda con su manada de ovejas de colores seniles, que lo van siguiendo en zig - zag como autómatas temblantes. Y de por sí que ya me han contado, desde Marya hasta Ximena, lo que es la casa esa de Beethoven, con todos sus cuadritos biográficos colgando y sus instrumentos decrepitos y sus aparatos para oír... y que es una cosa interminable de escaleras para arriba y para abajo como tres pisos, entre esos cuartos centenarios... que crujen tan dolidamente, que a cada paso no se sabe ya si es uno o si son ellos los que se están desarmando de viejos y de recaminados. Hoy también es Nochebuena. Ya sé lo que voy a comprar.</p>
<p>Marco Tulio Aguilera Garramuño, <i>Las Mujeres de Video</i>, séc. XX</p>	<p>Cuando vio la tercera o cuarta película Catalina comenzó a detallar con interés casi científico las felaciones y a darse cuenta de que las tipas aquellas en ocasiones sí tenían algo que enseñarle. Eran como artistas pacientes que con la lengua levantaban esculturas que alcanzarían su apogeo en el mismo instante en que se iniciaran la caída. - Y el asunto ese de la felación. No sé, creo que oculta algo que nadie ha podido descubrir o por lo menos que no se han atrevido a revelar. - ¿ Qué? - No es la necesidad de humillarse. Es algo más. Como querer apropiarse de la sustancia del otro. Como querer ser el otro. Un asunto que tiene que ver con el canibalismo, con nuestros antepasados. Pero esto sucede si y solamente si - Catalina en raras ocasiones saca a</p>
<p>Marco Minguillo, <i>El Chupetero</i>, séc. XX</p>	<p>Josefa, a Pilar y a la más chiquita que es la Irene. A la franca, viejo, que la plata que juntamos entre todos alcanza con las justas para tomar algún caldito con los huesos de carnero, que mi mamá compra donde el carnicero Filipino, y para tomar té, con pan y mantequilla, en el desayuno. Viejo, no te me vayas a molestar ah, pero... ya dejé el colegio, viejo... ¿ qué porqué?, pero viejo no te me molestes, es que me dormía sobre la carpeta del salón y no podía recordar las cosas esas que enseñaba la maestra Saturnina. Pero viejo, es que tengo que ayudar a mi mamá y a mis hermanos... ¡ Huau!, estoy sudando, como se dice, la gota gorda. Pero tengo que hacerlo viejo lindo, sino qué comemos mañana, la plata no alcanza. Me acuerdo cuando mi mamá y tú se peleaban, precisamente por ésto, la bendita plata. Yo sé que venías cansadito de la fábrica, allí sudabas la</p>
<p>Carlos Zugasti, <i>Trilogía</i>, séc. XX</p>	<p>El encargado de la bóveda y otros empleados estaban presentes al ir sacando cada pieza; la identificaban, comentaban sus características físicas y mientras una secretaria anotaba con el auxilio de una computadora portátil, los demás miraban los objetos extraídos. Cada vez que se extraía una moneda de oro, ésta era colocada sobre una superficie de tela aterciopelada, la limpiaban con delicadeza y en voz alta referían sus características y valor. Todo lo que estaba dentro de la gaveta debía ser identificado y valuado para conocer el monto exacto del legado para calcular el impuesto que yo tendría que pagar al fisco. Mientras el hombre aquel recitaba el contenido, pensé en lo ridículo de la situación así como lo sorpresivo que fue enterarme de que yo había sido nombrada heredera de Tristán. También era incongruente el monto de lo ahorrado por un hombre informal, que no resistía costumbres, tradiciones, normas, parentescos y relaciones sentimentales. Me molestaba esta situación, sobre todo la noticia sorpresiva al haberme enterado de que Tristan había muerto a consecuencia de inmunodeficiencia adquirida, que lo</p>

<p>Arturo Trejo Villafuerte, Cuba Libre, séc. XX</p>	<p>de acción y aventura donde siempre sonó el nombre de un tal José Martí, el cual por asonancia, irremediamente, me conducía a asociarlo con " Mártir ". Y eso me recordaba múltiples historias de luchadores que quisieron ver libres a sus patrias de los yugos extranjeros, de tiranos, de villanos. Esas historias las había oído en Irlanda, en Panamá, en el Congo, en mi propio país, Polonia, y en todas ellas había esas similitudes: hombres que dan todo por nada, que se esfuerzan más allá de lo humano porque sus semejantes obtengan el preciado don de la libertad. Lo que dijo el hombre ese, lo que oí en la voz de ese recio marinero fue lo siguiente: " Don José bien pudo quedarse en México a vivir de su pluma haciendo periodismo. Era también un gran escritor y siempre nos conmovía cuando ejercía el don de la palabra. Sus versos eran claros y sencillos, su voz profunda y melodiosa. Pero él tenía el anhelo de liberar a su pueblo, a su tierra, del yugo que la esclavizaba.</p>
<p>Unk Noel, <i>Pozos de Sombras</i>, séc. XX</p>	<p>ciegos. Del horizonte viene otro polvo: es una arena de cristal fino que se clava en la piel; punza como avispa; arde como chispa de fogata. Gemidos humanos y caninos comulgan en una sola desesperación. " Na más nos queda la esperanza que hay allá abajo, na más ". La hilera de ciegos dibuja un círculo de fuego; cabizbajos, cabello iluminado por la luna moribunda. Lluven polillas de metal. Uno que otro niño trata de jugar con ellas, quemándose las manos. " Hay unas pieles aquí abajo...y unos caparzones pequeños... pos así dicen que pasó en el pueblo aquel... que cuando los encontremos se desmoronará todo ". Una muchedumbre se esparce por el llano, huyendo, se pierde en la obscuridad como las plegarias que tus hijos murmuran escondidos en esas faldas negras. Siguen cavando. Profundo, el pozo se abre como una boca. Lodo de sangre y lágrimas, fosa de circuito y cuerpo; sólo se distinguen por sus cabezas, parecen recién nacidos de la boca. Padre nuestro,</p>
<p>Leo Mendoza, <i>El Ahogado</i>, séc. XX</p>	<p>caído en un momento de arrebató por la pendiente limosa del rompeolas. Desengañado ya, se une a la multitud de curiosos que impide, prácticamente, el trabajo de los voluntarios; esfuerzo realizado, casi siempre, muy lejos de donde el ahogado fue visto por última vez. Entonces, ser cómplice es fácil. Ni siquiera el amigo que acompañaba al infortunado sabe describirlo. No encuentra palabras y los colores de la ropa que vestía su compañero se confunden con los del arcoiris. Y hasta el nombre del ahogado se olvida rápidamente, como si la memoria estuviera envuelta por esa escarcha de los amaneceres tormentosos. El sitio aquel donde el mar cobró su víctima se convierte en romería, en peregrinación obligada de las familias que advierten a sus hijos, merced a aquel ejemplo terrible, de los cambiantes humores de estas aguas, mansas por encima, pero rugientes y amenazadoras bajo la superficie, madres de remolinos y corrientes traicioneras. Y tampoco faltan aquellos que llegan con el grabador a todo volumen y poco a poco organizan una tertulia, ya que la playa se mueve al ritmo</p>
<p>Corpus Lingüístico De Referencia De La Lengua Española En Argentina: Arg:Prensa: 79_MESE, séc. XX</p>	<p>que el gobierno desea es que se aporten las pruebas correspondientes para abrir las investigaciones del caso, cuando hay una denuncia periodística. Dio como ejemplo, que ayer por la mañana en un recuadro de primera página de La Nación se hacía referencia a un escándalo con mayúsculas que se produciría ayer a partir de cierto tráfico de armas en el que estarían involucrados algunos funcionarios del gobierno y un ex embajador. Agregó que inmediatamente había dado directivas para iniciar investigaciones y se abra la instancia judicial correspondiente. Destacó que le parecía muy bien la actitud del diario, pero también excelente la que tomó el presidente de la Nación de iniciar las investigaciones del caso este no es un acto de soberbia ni mucho menos agregó. Destacó que cree que jamás hubo tanta libertad de prensa en el país y esto lo vamos a decir una y mil veces, no hay ninguna posibilidad de coartar o mutilar la libertad de prensa existente en el país, al menos, mientras yo sea presidente de la Nación. Ante otra pregunta, en la que se le decía que en algún momento hubo ataques sistemáticos</p>

<p>Entrevista (ABC): Semprun Maura Carlos, séc. XX</p>	<p>Va a todas partes con su mujer y su hija, como si éstas temieran sus travesuras. Pero en ese mismo instante, hubo como un vendaval y se abrieron violentamente varias puertas y tuve la impresión de que varias personas, las unas vestidas de blanco, las otras de negro, corrían de un lado para otro, con prisas, pero sin pánico. Luego vi al maestro sentado en una butaca, con un batín morado, como el rey aquel de su obra, el rey aquel que se muere. Grité en su dirección: « ¡ No ha contestado a mi última pregunta! » Se volvió hacia una sombra, una silueta diminuta, probablemente su mujer, y una voz murmuró: « ¿ Qué pregunta? ¿ Qué pregunta? ». « ¿ Qué queda, para usted, de este terrible siglo XX? ¿ La conquista de la Luna? ¿ Un artista? ¿ Varios? ¿ Yo que sé</p>
<p>Entrevista (ABC): Semprun Maura Carlos, séc. XX</p>	<p>sobran. La gafas me dijo que no estaba, que había tenido que salir de improviso para acudir a una cita, con su mujer y su hija. Va a todas partes con su mujer y su hija, como si éstas temieran sus travesuras. Pero en ese mismo instante, hubo como un vendaval y se abrieron violentamente varias puertas y tuve la impresión de que varias personas, las unas vestidas de blanco, las otras de negro, corrían de un lado para otro, con prisas, pero sin pánico. Luego vi al maestro sentado en una butaca, con un batín morado, como el rey aquel de su obra, el rey aquel que se muere. Grité en su dirección: « ¡ No ha contestado a mi última pregunta! » Se volvió hacia una sombra, una silueta diminuta, probablemente su mujer, y una voz murmuró: « ¿ Qué pregunta? ¿ Qué pregunta? ». « ¿ Qué queda, para usted, de este terrible siglo XX? ¿ La conquista de la Luna? ¿ Un artista? ¿ Varios?</p>
<p>España Oral: ACON022A, séc. XX</p>	<p>Pocas cosas hay que hacer, pero - poco tiempo tengo yo. Que quieren pintar, que ha pedido presupuesto, ¿ no te ha dicho? Seiscientos mil pelas, pero - pide uno de trescientas. Mira, ahora precisamente me han dejado a mí una publicidad en el buzón - - les voy a pedir - les voy a pedir a éstos el presupuesto. A ver si por lo bien que - ¿ Qué tenéis que pintar? ¿ Todo el portal y eso? Sí, y la escalera. &ea.sta es una empresa que hace - Yo tengo la - las señas del señor aquel que arregló lo de abajo. Cuando lo de que - rompió aquello que - salió el agua Yo tengo las señas ¿ Esos hacen pintura? No sé. Es que de lo que se trata es de pintar la escalera - pintura, porque a mí me arreglaron el borde aquel que tenía roto, que me rompió cuando si lo digo, cuando se hizo el agujero, me hicieron el - el agujero aquel tan grande para meter la</p>
<p>España Oral: ACON022C, séc. XX</p>	<p>pero - Bueno, estoy ahora poniendo - - en la biblioteca, estoy poniendo todos así - Vale. ¿ Vale? Yo ya los tenía ahí. Es uno de Italo Calvino - ¿ Sí? Y eh - no, dos. Dos de Italo Calvino. Uno de cuentos - Ah, el de " Los amores difíciles ", creo, y el otro no me acuerdo. El otro de - ¿ cómo se llama? Sí, era uno de el - " El vizconde demediado ", o uno de estos. Sí. " El vizconde demediado " y el otro lo de los cuentos esos. Bueno, pues si te acuerdas me los traes, ¿ vale? Sí, no te preocupes que sí que me acuerdo. Hija mía y - no sé; como vamos a ir a recogerte, luego te ayudamos. Bueno, cuando me ve/ - cuando me veáis llegar - vais a ver nada más que una male/ - ¡ Madre mía! Una cosita pequeñaja llena de bultos. ¡ Qué horror, Dios mío! Bueno, Almu. ¡</p>
<p>España Oral: ACON024B, séc. XX</p>	<p>no tienen ocasión, inténtenlo la semana que viene. Alguna vez será. ¿ Vale? No se enfaden. Eh - decía yo, Ramón Rodríguez que si usted quiere puede decir diciendo - puede seguir diciendo tonterías - Puedo seguir diciendo - pero si quiere hablamos en serio, yo - ¡ hunde usted su carrera, usted verá! - - porque luego piensan que va de broma y que no - y que - ¿ eh? Pues mira, ¿ te parece que hablemos de las brujas? Sí. ¿ Las brujas - brujas? ¿ Las de escoba o las de verdad? ¿ Tú sabes cómo es la historia esa de las brujas de escoba -? No. ¿ De las medioevo? No. ¿ Cómo era - realmente eso? ¿ Tenían escoba de verdad? Pues no. No, lo que pasa - que hay un - una anécdota que te voy a contar que es muy curiosa. Había un señor haciendo una guardia una noche, con los mosquetones esos de esa época - Y él intuyó - habían sitiado una ciudad, y él</p>
<p>España Oral: ACON026B, séc. XX</p>	<p>" Bueno; las típicas burradas, de y tal. Total, que llega la novia de Paco, dice: " Paco, ésta es tu letra, ¿ verdad? " - " Bueno, ya sabes - una broma - " O sea que - hay que controlar un poco. Joder, parece mentira que no A ver, si su novia no lo conoce - Sí, pero - pero yo creo que - Oye, ¿ de quién es este cacharrillo de - hacerse la película? Cuando fuimos a Costa Rica - y - eh - y el título de la gente esta - ¿ Cuál? imaginándolo: " Hostia, debe ser la selva aquello - " y tal, " Hay que - igual te metes por sitios inexpugnables - " - y a lo mej/ - igual te tienes que llevar un mach/ - un machete y la hostia - " Y empieza el Coco, dice el Coco: " Hostia, pues ahora venden unos machetes de puta madre y con el mando desmontable y que</p>

<p>España Oral: AENT0010, séc. XX</p>	<p>en concreto, de la Caja Provincial de Guadalajara, es - el mar, el cielo y dos barcas. El tema del mal aparece mucho en su obra. Sí. Pero usted nació en Madrid, ¿quizá por eso? Pues no, no. No. Yo he nacido en Madrid como podía haber nacido en otro sitio - en París, y no soy francés. Tampoco me considero madrileño, tampoco ejerzo. Yo creo que me integro en todo - pueblo de España, y más en el país valenciano, porque me he criado en Torrevieja, Alicante. Todo Levante, la luz esa es la que yo - admiro, la que me recreo y la que me gusta. Y entonces, me encuentro muy marinero, no sé, me encuentro muy a gusto en la mar. Entonces, me encanta pintar barcas y temas de mar. Es donde mejor me encuentro, vamos. Uno de los temas preferidos, ¿no?, de José Ballester. Sí. Exactamente. Pues eh - el tiempo se nos agota; hubiéramos querido seguir</p>
<p>España Oral: AENT009A, séc. XX</p>	<p>la vida urbana, pues creo que alguien tenía que decirla, entonces me ha tocado a mí porque yo soy escritor; si fuera carpintero, pues hubiera hecho una mesa, ¿no? y ya está, pero bueno, ese es mi oficio. Terenci, me han dicho, yo no se si es verdad o no, pero - que estás incluso que ya - en cuestión de papeles y en trámites burocráticos - eh - ¿quieres adoptar un niño? Sí. Me gustaría mucho adoptar un niño - Es verdad, entonces. Sí, porque encuentro que hay una - no hacerlo, porque, o sea la idea esa de perpetuarme no es una - no me quita el sueño, te quiero decir - Lo genético no - No, si mis genes se mueren tampoco veo yo que tengan - - porqué tienen que perpetuarse mis genes, o sea, es una tontería, pero sí que hay una serie de experiencias adquiridas de - de cosas a lo</p>
<p>España Oral: ALUD030A, séc. XX</p>	<p>Vamos, que ya quisieran otros muchos entierros como el que hemos tenido últimamente. ¿Entierro real? ¿Ha caído? No, hombre; el cuñado, el cuñado - Ha caído el ton/ - ¡ Ah, bueno! - un cuñado real que teníamos todos; pues nada que toda/ - todas las revistas llorando. Y no solamente se llora porque se muere la gente, ni mucho menos, sino porque hay algunos que van y te dejan y te plantan. Como la Marujita Díaz, que se había echado un novio con - pocos años, que ya le vale a la señora esta, porque muy bien moverá los ojos, pero también tendrá que mover los cuartos para - llevarse a los jovencitos como se los lleva - Y por lo visto, lo ha dejado. Lo ha dejado porque la sociedad es la culpable, oiga usted. Qué le vamos a hacer. Así es la vida. Bueno. Y además el chico era torero. O sea, que miedo a los cuernos - pues ninguno.</p>
<p>España Oral: BCON015B, séc. XX</p>	<p>por cierto, por cierto, eh - ¿ habéis visto el programa del otro día de? ¡ Qué horror - qué - horror! Sí, prefiero no comentar. ¡ Qué horror - qué horror! Porque me parece que tomando un café en una - barra con unos amigos y haciendo una broma, se puede decir determinadas cosas pero un Pero - señor alcalde que dirige unos destinos de un pueblo y que luego se tiene que sentar detrás de una mesa en plan serio a hablar con gente seria - conçejo, Marta Sánchez, en su casa? Creo que sí - creo que sí, pero el señor - el señor este, parece que lo quería ver. Está muy de moda - está muy de moda - está muy de moda, tener Claro, que No - no, en serio, está muy de moda tener conejos domésticos en casa. Sí - sí, lagartos y un cerdito y todo. Claro, sí. Bueno, y si Pero - pero mire usted que vamos a traer a todos los torneros alemanes a - la Costa de Marbella. Bueno, y</p>
<p>España Oral: BENT015C, séc. XX</p>	<p>accidente - poco - que no se aclaró, no se acabó - no se llegó a aclarar del todo y - bueno, el otro socio no aparece por ningún lado, vamos, Dionisio decía el otro día a - terceras personas: " No me ha llamado todavía ", me ter a Jorge Medina, " no me ha lla/ - no me ha llamado todavía ", le preguntaban que por qué le tenía que llamar, dice: " No, porque es amigo mío y sabe que he salido de la cárcel ", él decía sin saber todavía si se iba o no a publicar el tema este. Y bueno, pues la verdad es que no sé ahora mismo, creo que están - bueno, teóricamente tienen que estar aquí, aquí en Madrid, eh - y - otros en la zona de Málaga y bueno, pues no sé. Ahora, me imagino, que si se - si se abre una investigación policial pues me imagino que tendrán que aparecer todos. Tendrán que aparecer todos y tendrá que aparecer también esos dinero o donde esté</p>

<p>España Oral: BENT015C, séc. XX</p>	<p>algunos amigos míos que es posible que dentro de poco ya se entere todo el mundo de la verdad - de la verdad. Creo que la obligación - era mía, como periodista, de contarle, yo era es que se había enterado, tal vez yo tenía cosas que contarle a él, eh - porque él al estar en la cárcel, él no había podido investigar no había podido enterarse de algunas cosas que yo le he contado a él posteriormente y - y bueno, yo creo que - que era mi obligación contarle. Soy un periodista de investigación y - bueno, ya - llevaba dos años trabajando en el tema este, dos años tan - tratando de enterarme cuál era la historia porque yo como el resto de - periodistas y de muchísimos de españoles no lo sabía - no nos creíamos que el Dioni No - no los - no nos creíamos esta historia. - el Dioni Este Robin Hood moderno, vamos. Exactamente. De Robin Hood/extranjero>, nada. Nada. Oye, eh - Javier Angel, y con los socios que quedan ¿ qué</p>
<p>España Oral: BENT015C, séc. XX</p>	<p>van a llamar de nuevo a declarar. No, yo, si Dios quiere, me gustaría que esto simplemente sirviera para que Dioni - eh - quede en paz con la justicia y que no tenga que tener toda su vida - el resto de su vida embargada a - al Banco Hispanoamericano, que es con el que tiene la deuda de los ciento cincuenta millones y que si esto se aclarase, pues me gun - me encantaría ver a Dionisio dentro de un año teniendo un trabajo normal, cobrando su nómina entera y no -teniendo que cobrar su nómina con parte retenida porque si él sigue manteniendo la duda esta pues estaría toda su vida, no creo que pudiera reunir ciento cincuenta millones a lo largo de su vida, ¿ no? Entonces, si todo se aclara y él colabora, como él dijo que había cola/ - que iba a colaborar con la justicia, tyo creo que para él sería positivo. Creo, sí, ¡ hombre!, obviamente, él tendría que ir a declarar, si se abriera, en el hipotético caso de que</p>
<p>España Oral: BNOT015C, séc. XX</p>	<p>rector de la Iglesia de San Juan Bautista de los Salentinos, y es profesor de teología de la Universidad de Roma, y - y - y va a desarrollar un tema sobre religión y animales, " Una mirada a la Iglesia Católica ", yo no sé si va a ser aquí donde se va a - a tocar otra vez el - el tema recurrente que ya ha sido tocado pues muchas veces acerca de si los animales tienen o no tienen alma, que es una vieja disquisición, yo no sé si escolástica, eh - y hasta que punto - bueno - no quiero entrar en más profundidades en - en el tema este. Que lo digan - que lo digan en el curso. Que lo - que lo digan - que lo digan en el curso, efectivamente. Eh - continúa Miguel Delibes con nosotros. Se está desarrollando también un curso científico sobre lógica borrosa, que es un - concepto que yo no soy capaz de explicar en breves momentos aquí en la - en la radio. Y otro curso sobre el reto demográfico, ¿ no</p>
<p>España Oral: CCON012B, séc. XX</p>	<p>inminente estarán por allí estos expedicionarios que van a ser bastantes e insisto, también la prensa se dará por allí una vuelteita, a ver qué pasa. Ah, pillín. Yo me apunto, ¿ eh? No, no, no yo no, yo no voy. Porque la verdad que - en fin. Pues ya lo saben y luego los niños que vayan a practicar aquí al Teide, porque también hay nieve. Lo que pasa es que es poquita y está en la parte alta, serán circuitos muy estrechitos pero para que no - De vez en cuando. Y para que no se olviden. - para la revista esa de " Jo, ven ", ¿ no? Para la Sí. Sí. Teresa lo quiere hacer sobre la risa. Sobre la risa. Sobre por qué nos reímos tanto y - y que el sentido de la risa, porque es un poco una especie de droga, una especie de espasmo. Mucha gente se ríe de nada, es una especie de coletilla, de apoyo en la conversación. La risa es</p>
<p>España Oral: CCON013D, séc. XX</p>	<p>dentro? Pues no, no estoy tan segura. No. No va por dentro porque - No, claro, no. No, va por aquí. A ver, tira. ¿ La cuerda dónde está? Aquí. No, no va por dentro, va - A ver, tira a ver. Sí, bueno, puede ir si quieres pero no. Va así. Claro, es que como no lo puedo subir, espera, espera, voy a subir un poco. Bueno, pues voy a buscar - voy a subirla totalmente para enrollarla. Sujétamela así. Oye y la revista esa ¿ cada cuánto tiempo la sacáis? Es trimestral. ¿ Trimestral? Sujeta. Es que - ahora. Bueno ¿ qué te parece? ¿ cómo hace? Muy bien. Vamos a ver la otra porque la otra - es que no son iguales, maja, a lo mejor queda - chapucero. ¿ Qué es más la/ más ancha? Sí. Pero mira hija, es que no había iguales y mira, yo ya - No, no queda</p>

<p>España Oral: CCON016A, séc. XX</p>	<p>yo lo de los médicos pero como lo tiene ya aquí Ana. ¿ Qué? ¿ Hace más calor o no? Joder. Hace mucho más calor pero por el radiador. Por el radiador. ¿ Pero es que no notas que es como? Claro que se nota la humedad. Pero aquí hace más calor porque tienes un radiador Mira. que, que da calor, no como el nuestro José María. de ahí arriba que pasa el agua tibia. Este es el que está más cerca de Félix Boix más cerca que el otro que te decía yo. - Que es de Biotherm que es la - la casa esa de crema. A ver. No lo conocía. Los anillos - Digo: " ¿ Eso qué es? " Me dijo: " Una cucharita ". Porque con ella y le digo - digo: " Hija, tengo una muela - He tomado algo caliente y me ha dado un latigazo así que yo el café casi frío " digo: " Que me da por cierto un asco. " Y ahora cuando has llegado</p>
<p>España Oral: CCON019A, séc. XX</p>	<p>se ha podado tampoco Y abuelo - ni nada. Hay que saber podar. No, lo regaba - le - y le echaban basura. Luego os digo cuál es para - para que le pongáis ahí una jaulita - y tal. Una bolsita de plástico para que no la piquen las hormigas ni los pájaros. Pues sí, oye. A ver qué tal sabe. Pues las manzanas las ha de eso. Los pájaros las dan caídas, se - las pican. Huy, las arruinan todas. Las pican y las Sí. caen para el suelo. Pues no van malas, no están feas. Los chichipanes esos son - unos bichos, oye. Pero si Claudia Y esos manzanos pasé yo el otro día por ahí y no había ninguna. Ni arriba ni abajo. No, este año no. No tienen. Si esos lo que tienen que dar son hojas. Ese grande - No están podados. del huerto, no tiene, dice que no tiene nada. Nada. Ni una ¿ eh? Ni u/. Pero ¿ ni una</p>
<p>España Oral: CCON019A, séc. XX</p>	<p>Es que - no. Me pasa igual con la cerveza, cuanto más suave - El Oporto - nos lo estuvo explicando el de la bodega - Sí, a mí también. Tiene todo 19 grados. Porque el vino de por sí tiene 11 o 12. Claro. Entonces para subirlo de grado lo mezclan con aguardiente. No, si se le nota el sabor. En el - en el otro de Oporto - Y sube - y sube hasta 19 grados. Que son los grados que tiene aquí nuestra Ribera del Duero. La - los Arribes. de la Ribera - Los Arribes. Los de aquí. El vino ese de por sí da los diecinueve grados. Y es malísimo, muy ácido. Malísimo. El vino de la Redonda - Es malísimo. El vino de la Redonda de casa - de Pepe - Lo - lo rebajan con agua porque no hay quien se lo - No hay quien lo beba. No hay quien lo beba. Sí, sí. rebajado - Dicen estupendo estupendo ¿ eh? Ellos les gusta mucho. Para</p>
<p>España Oral: CCON019A, séc. XX</p>	<p>ellos - lo tienen reservado. ¿ Pero a cuánto está una botella de estas? Dos mil pesetillas. ¿ Cuánto? Esta valía 750 en Oporto. Y la otra - Y la otra 1300 o 1200. Por eso te digo. La media 1000 pesetas. Pero allí en la bodega ¿ eh? O sea que aquí - Si vienes aquí te pueden pedir cualquier cosa. Pues en el mercadillo - No, pero tal como se está poniendo ahora lo/ el Ribera Duero y eso - será peor 300 y 400. a 600. La Ribera de Duero. Pero no me gust/, bueno, el vino ese de - de la Ribera del Duero pero no esta nuestra - no esta ribera nuestra No, no. Esta no. Esta no. La de Valladolid. Pero también te vale las 1000 pesetas. Sí. Ya anda por las 700, una botella así normal. El vino de Peñafiel y de Valbuena. El vino un poco bueno, bueno. Ya vale 1000 pesetas. No, pero es que ese ya es - un vino bastante</p>
<p>España Oral: CCON019A, séc. XX</p>	<p>que - dura cinco minutos. h1324 Una - Vas a 120 parece que vayas parado, o sea, vamos, que te quiero decir que - h1325 Que conserva muy bien, vamos. h1326 El motor va muy bien. De lo demás todo muy bien. Pero - h1327 Dura 5 o 6 minutos eso. h1328 No, si deben tener buen motor. h1329 En 5 o 6 minutos ya está el coche bien pero los cinco o 6 minutos primeros - h1330 Pero en el invierno a - a Enrique y a María Jesús le ha dado buena lata. Sí, sí. h1331 Y es porque deben tener el problema ese del sistema eléctrico. h1332 Pero no creo que eso sea el por solo que me parece que he visto yo - de esos otros - ¿ cómo se llama? el " Escort " también empujándolo por allí, nuevo. Y empujándolo por la calle. h1333 Pero ese también es " Ford " ¿ eh? h1334 Sí, eso que quiere decir que no sólo el " Fiesta ", vamos.</p>
<p>España Oral: CCON029E, séc. XX</p>	<p>no sé cuál y - algunas veces pues oye, a lo mejor sí, si lo piensas con tiempo pues - se lo apuntas en el papel, en el cuaderno, y - y le dice - es lo mejor. O sea, él con tiempo sí, se lo puede apuntar en el cuaderno y ya está. Que - que, de verdad, que es que - Bueno, entonces él ¿ por qué no te lo dice a ti? Porque se le olvida. Es muy despistado. Porque no lo da importancia, no lo da importancia y luego ya se le olvida. Hoy, cuando las cuentas esas de dos cifras, yo digo, bueno, digo: " ¿ Y éstas cuentas? Dice: " Nos ha dicho que mañana nos lo explica él ". Digo, vale. Digo: " Tú ya puedes estar atento cuando lo explique don Luis ". Digo: " Y si no lo has entendido, lo dices. Don Luis, yo no lo he entendido " digo: " que él te lo va a volver</p>

<p>España Oral: CCON034A, séc. XX</p>	<p>Tienes unas chuletas cojonudas. ¿ Cuáles estas? No. Ah estos son los muslos. Mira que - que eso, que las Maites se lo saben todo que te alucinan. Pero yo no sé, o sea, sacar chuleta siempre es más arriesgado. Pues yo me pongo al lado de una. Mira - Ahora lo que hace falta es que te lo quieran decir. Mira, mira Javier. ¡ " Fleujan " ! " Fleujan " y chuletas y de todo. ¡ Qué " fleujan " ! Yo es que me tenía que haber hecho fichas. Si ahora tuviera fichas me podría estudiar las chorradas esas con mucha más facilidad. No tengo ni una sólo ficha. ¡ Claro! Pero ¿ sabes que pasa? que a mí me daba pereza empezar a hacer chuletas. ¡ Pero tío! También la culpa la tienes tú por estar en medio. Un bocado. ¡ Pero si no merece la pena! Lo voy a decir a tu madre. Mira, ¿ sabes?, ¿ sabes cuándo es mejor comer dulce? como se pican los</p>
<p>España Oral: CCON037B, séc. XX</p>	<p>Con micrófono y con una mesa presidencial donde estaban todos - era igual que una boda. Un salón precioso - Pero que los salones Santa Rita - que los salones, mamá - por muy bonitos que sean nunca son igual de bonitos que los otros dos, oye, seguro, vamos. Vamos a no ser una boda que fui yo que era un hotel horroroso, que no me acuerdo donde estaba que era - que era el salón más feo que he visto en mi vida. que les da por - pues no traes aquél que debe ser muy barato ¿ eh? y - y toda la gente esta baja lo celebra ahí en De Torres. Los de Torres no debe ser nada barato porque cuando nosotros nos cobraban cinco mil y pico pesetas por un cubierto de una mierda y - y fatal cuando esa cena que tuvo papá del ambulatorio no tiene que ser muy barato esa boda y ahí lo - ¡ hala!, todo a base de - a lo bestia. una cosa más fina aunque no sea - Pero si la gente al final el menú</p>
<p>España Oral: CDEB001B, séc. XX</p>	<p>porque - de racionalidad, no se puede entender. ¡ Qué lástima que ahora que Rusia y los Estados Unidos están amigos, y están ¡ qué bonito! ¿ no? Todos los hemos dicho, que ahora empiece otra guerra por otro lado y que estemos siempre en las mismas y siempre sean enemigos unos con otros - Es una pena de verdad, de verdad que sí. A ver qué pasa. Pero - ¿ vosotros sabéis si hay alguna -? porque es que yo he estado, está - tarde, he visto a unos amigos y de repente estaban - todo el mundo estaba comentando más o menos, pues el punto este caliente, ¿ no? decir, bueno va a estallar algo, en fin la gente comentándolo pero un poco inquieta y de repente me ha dicho - un amigo mío, dice: " Mira yo me voy a marchar a Las Alpujarras porque están a no sé cuántos metros de altura y allí no llega no sé qué historia " y tal ¿ no? y - me había comentado - Huy, los misiles y esas</p>
<p>España Oral: CDEB003B, séc. XX</p>	<p>este bien, entre otras cosas porque la - cuando el colegio pasó de la mutualidad de magisterio al colegio, pasó con la condición de que esto debía ser siempre propiedad pública, eh - que no podía ser objeto de venta y que iba a ser siempre un colegio o sea que esto va a seguir siendo ¿ Y esos rumores tan fuertes que hay por ahí? Pues oye a mí también me han llegado, yo que sé, cosas más sorprendentes pasan y se dicen que - que lo que hay es una vinculación eso lo diré en la asamblea con la Universidad Autónoma y vienen aquí este año la cosa esta de arte y tradiciones populares que es un poco a coña y no tiene mucha aceptación y no vienen los conciertos y no vienen las obras de teatro y no viene el aula de aquí por un único motivo que es que el salón de actos pues está bien para un exquisito gusto pero nada más: no tiene sillas, no tiene megafonía, no tiene nada ¿ no? O sea que - que es eso lo - lo que yo</p>
<p>España Oral: CDEB033A, séc. XX</p>	<p>Y ahí desarrollo un trabajo en el cual doy y recibo información que transmito a la inteligencia cubana. Pero en el - en el momento que lo estoy haciendo yo estoy actuando profesionalmente como un agente infiltrado dentro de - de la Cia. Y considero que hay no hay ninguna acción de traición. Ni de - eh falta de información, claro. En el decursar de - del - de los años, uno va conociendo el - el - el aparato de - de inteligencia para el cual está trabajando o con el cual está trabajando y lo va comparando con otros que conoce y con el propio y aquí retomando el tema este de - del MOSAC y de - y de la Cia y de los - de los aparatos de inteligencia yo considero que en la medida que esos aparatos hayan - vayan creciendo y vayan abarcando muchísima más tecnología y vayan - eh - aplicando muchísimas más técnicas y - y variantes tiende también a equivocarse y tiende también a perder eficacia porque bueno, como decía la - la condesa la información eh - secreta es secreta a la vez</p>

<p>España Oral: CEDU020D, séc. XX</p>	<p>un - un vendedor que - que llevaba un - una cosa así de - redonda y que - hacía música y entonces el mandarín oyó la música y salió afuera. Y entonces le dijo: " ¿ Qué hay ahí debajo? " Y le decía - no - una vez - le decía: que si no le daba un cofre lleno de - de - ¿ de qué? de - de dinero, de - o de prlas, que no dijera que era - que qué es. Mira, coge. ¿ Que no dijera? Que no dijera que - que se lo decía lo que había debajo de la cosa esa. - de los juguetes que tenéis en casa ¿ cuáles os gustan más? ? A mí - A mí las muñecas. A mí lo que - a mí lo que me han regalado. ¿ Qué te han regalado? Uno - cuatro " clicks " que - que tenían un ca/ - que tienen un cañón. ¿ Y a vosotros? A mí me gustan las muñecas. Y la muñeca la esa que tengo y el</p>
<p>España Oral: CENT012B, séc. XX</p>	<p>vale cincuenta. " Y pasaba al cuadro de al lado y me contaba lo mismo, y bueno, como ya veía, yo quería hacer la biografía de un, de un señor, de un coleccionista y de industria ent/ entiendo poco - si entendiera sería muy rico, pues - me aburrí mucho, mucho. La verdad sea dicha. ¿ Han hecho alguna vez algún chiste sobre los, sobre el barón o la baronesa, ustedes? Sí. Sí. ¿ Qué decía? Pues ahora no me acuerdo, pero me acuerdo que le hice una caricatura al barón, por eso me recuerdo la cara esa - esas - esa masa de arrugas - ¿ Se acor/ se acordará Rey del texto? Me acuerdo muy bien, ¿ no? No, no, la verdad es que, No te acuerdas. nos has pillado en un renuncio absoluto. No, pero lo hicimos. No, pero creo que son una pareja que no hace falta hacer caricatura. Yo, yo tampoco, tampoco. describirlo. Debe ser que me ocupo de temas importantes.</p>
<p>España Oral: CLUD025C, séc. XX</p>	<p>ustedes lo que les tiene que poner muy mala, mala milk es cuando llueve en domingo. Sí, cuando llueve en domingo además ; Joder! Bueno, cuando llueve en domingo, está la tienda cerrada y no se vende ningún paraguas, y además también pasa igual por la noche, porque por la noche tendríamos que poner O por la noche una farmacia, como una farmacia de guardia, una paraguiería de guardia. A ver si vendíamos paraguas ¿ no? No estaría mal ¿ no? tener una paraguiería - No estaría mal Yo se lo estoy diciendo a mi padre, a ver si podemos hacer la idea esa. Bueno, hombre. ¿ Ve usted como los paraguas preservan de la lluvia ? De la lluvia, claro. En la vida hay que ser más preservativa porque - si no luego acaba uno pues teniendo catorce hijos. Claro, como yo. Claro. Pero si yo no he sido más - preservante Me voy al centro de ustedes porque - como es uno pero es como si fueran dos - ¿ no? Pero la que ha</p>
<p>España Oral: PCIE015D, séc. XX</p>	<p>está, relativamente. Mucho son conocidos los fenotipos y mucho son conocidos los genotipos, pero el proceso de transformación de un fenotipo en genotipo, de una información genética en un cuerpo, sobre el que pueda actuar la selección natural. Pero para eso lo que hay que es conocer el genoma. Una vez que ya tienes todo el fenotipo perfectamente estructurado y conocido, ya podrás ponerte a desarrollar a ver qué diablos pasa. Porque si no - si no sabes de dónde partes - Hasta cierto punto, porque es que lo - lo - o sea, eso - eso es si quieres. La gente esta del proyecto " Genoma " ha cogido una de ellas, que es decir: " vamos a secuenciarlo todo de una pasada ", de una machada, " lo solucionamos todo de golpe y después ya iremos viendo cuáles sirven ", que es un enfoque. Otro enfoque es al revés, decir: " bueno, yo estoy</p>
<p>España Oral: PENT001E, séc. XX</p>	<p>lo que estoy admirado es la cantidad de - de leyes que sabe esta mujer. Usted sabe - Sí. Yo creía que no tenía - ni idea usted. Mire usted, el pueblo nos tenemos que - ¿ verdad -? nos tenemos que ir enterando de las cosas que nos afectan, ¿ verdad señor Bandrés? Claro, porque si no - no puede ser. Porque hay que conocer bien los derechos para defenderlos. Claro. Y usted sabe muchísimo. No - señor Bandrés. Mire hace muchos años que le tengo mucha admiración por lo mucho que sabe usted. Es usted muy bueno - Y sabe usted porqué, por el sentido común que tiene usted. Sí, sí, eso sí. Otra cosa no tendré, pero sentido común sí. Yo lo tengo - a mí también me preocupa lo de la ley esa que hay - que están ahora - que se están batiendo, ¿ no? Sí, tenemos nosotros dos diputadas en este momento oponiéndose a esa le/ - a ese proyecto de ley Claro. Yo lo tengo muy claro, porque en Inglaterra cuando llaman a tu casa a las siete de la mañana - Claro. - es el lechero. ¿ Y aquí qué? Pues te dan dos leches. Aquí se le ocurre llamar al lechero a las</p>

<p>España Oral: PENT007D, séc. XX</p>	<p>dinero dentro con No - hombre no - pero nosotros es que tenemos una forma de trabajar que - de noche me gusta cerrar temprano, porque yo no me gusta - no soy muy amante de esta - ola que hay ahora nueva, no soy muy amante. Entonces - Esta - esta ola - esta ola ¿ de qué? Esta ola de peludos que hay - de barbudos y cosas de esas. Y claro cerramos - cerramos por la noche temprano. Y por la mañana pues madrugamos, o sea, que a las seis de la mañana ya abrimos nosotros, para el personal que va a trabajar - y las cosas esas, o sea, que es - es la costumbre del negocio nuestro. Claro siempre hay dejar algún cambio, porque si no - pues por la mañana empieza uno sin cambio. Luego las maquinitas del - juego - ¿ Tiene usted máquinas? Sí - tengo - ¿ Cuántas? ¿ Cuántas máquinas? Dos - dos. ¿ Cada cuánto suponen los ladrones que puede haber dinero en las máquinas? Muchos miles de pelus. Claro</p>
<p>España Oral: PENT007D, séc. XX</p>	<p>una víctima del robo tampoco le hace distinto al resto de los españoles, ¿ eh? No se vaya usted a creer. Pero, bueno, usted como dije hace unos minutos, que le llegaron a robar dos veces en hora y media, ¿ no? Cuéntenos ahora con más detalle estas desgracias que le ocurren a ustedes con tanta frecuencia - que le ocurre a usted. No sé si será persecución - o - alguna cosa, porque vamos yo veo otros establecimientos que están menos blindados que el mío - el mío es un muralla, porque tiene cerraduras por todas partes, y tiene - y y todas las cosas esas, o sea que ya no hay nada más que un resquicio para entrar allí. No será que los ladrones hacen un concurso - Yo no sé si - a ver - a ver quién consigue más veces robar aquí. Será seguramente eso. Bueno - ¿ De qué tipo es su establecimiento? ¿ Qué tipo de establecimiento es el suyo? De - bar. Un bar. Un bar. ¿ Hay marisco dentro? Marisco y</p>
<p>España Oral: PENT007D, séc. XX</p>	<p>no arde ". Digo: " ¿ Cómo que no arde? " Total, que dando vueltas por ahí, digo: " esto es que se ha ido una fase de algo o algo ", dando vueltas hasta que dimos con el - con la clave de - del caco. Y entonces pues, llamo a la policía: " mire usted que me pasa esto, que han cortado el cable y este tío ha preparado esto para venir esta noche ". Yo - total que vinieron, vino un " zeta " de esos y vinieron, estuvieron mirando aquello, la cosa esa - Ha dicho un " zeta " no un " jeta ", claro. Y estuvieron mirando la cosa y - y le dije: " bueno, yo ya me voy a marchar. Yo les voy a dejar a ustedes la luz encendida. Si - la luz está apagada está el tío dentro, porque este tío se este de aquí ". El peludo. El peludo. Bueno pues, yo no obstante le dije a mi hija que se fuera, dije</p>
<p>España Oral: PJUR009C, séc. XX</p>	<p>nuestro abogado tiene que marcar este otro número de teléfono: cinco, setenta y uno, noventa y ocho, setenta y uno; cinco, setenta y uno, noventa y ocho, setenta y uno. Pero ahora ya abrimos eh - ese contacto con nuestros oyentes y damos paso a la primera llamada. Hola, buenas tardes. Buenas tardes, mire yo quería hablar con el abogado. Sí, él le escucha, puede hacer su pregunta. Mire, es que yo vivo en un piso alquilado - entonces eh - no tengo contrato. Ya llevo dieciséis años viviendo, Sí - - y entonces eh la señora esta ya está muy mayor y no sé - si la hija - aún no nos ha dicho nada, pero, vamos, cabe la posibilidad que en unos días nos comuniquen algo. Sí. Entonces eh - está alquilado pero con - los muebles son míos. Sí. ¿Cuál es la pregunta, por favor? Pues simplemente que qué derechos tenemos si ellos Bien. te dicen que te vayas o - Bien. - te proponen otra</p>
<p>España Oral: PJUR014A, séc. XX</p>	<p>el piso, desde el punto de vista de que hubiera una relación arrendaticia? Pues evidentemente, pues no sería la propiedad de esas hijas, tendrían el uso y disfrute de esa casa. Y si no están pagando ninguna renta, estaríamos dentro de la figura jurídica del " precarista ". Por lo tanto, para regular - regularizar usted todo esta situación jurídica, debe acudir a un abogado con la documentación en la mano a los efectos de clarificar y ponerlo todo en su sitio. Nueva llamada. Buenas tardes. Buenas tardes. Haga su pregunta. Mire, yo es que tengo una duda. Soy la señora esta de - tanta polémica con to/ - todos los medios de comunicación. Sí. Entonces no sé a qué tenerme. Si tengo que - que denunciar yo, o tengo que esperar a que me - llamen. ¿ De dónde? Bueno, no sabemos, a qué se refiere usted con polémica con los medios de comunicación. Bueno, a - a - todo este lío de que si - De qué - expli/ - aclárelo un poquito</p>

<p>Habla Culta: Madrid: M14, séc. XX</p>	<p>últimos de septiembre, porque ya se acercaba la fecha en que tenía que volver mi nieto allá, porque el curso en Venezuela, vamos en... en Venezuela sí, en el colegio de los... de los Lasallistas, el colegio de La Salle empezaba el primero de octubre, y teníamos que venir aquí a prepararle su abuela las ropas, y en fin, todas las cosas y, que se hacen en esos casos; con tan buena suerte, que efectivamente, queríamos que se fuera el día... a primeros de octubre, pero no; para el día ese de primeros de octubre, yo fui a la compañía a... de aviación Viasa, que es por donde traía el billete ya de ida y vuelta, pero no había para ese día, pero me dijeron que para el día doce, que sí, seguro que contara, si quería que hiciera la reserva, y dije bueno, pues, qué le vamos a hacer si no es el uno o el dos, que sea el doce.</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M15, séc. XX</p>	<p>lo recuerdo muy bien, estuvimos allí unos cuantos días, pero... no, no me llamó así, mucho la atención. Encontraba mucho más bonito Madrid que París. A mí..., además, a mí me ha gustado poco viajar (...) Enc. - ¿ Sí? ¿ Estaba usted a gusto aquí? Inf. - Sí. Enc. - ¿ Y por dónde vivía en aquella época? ¿ Por el barrio de Salamanca? Inf. - Nosotros fuimos antes de vivir por... En Madrid vivíamos, no, por la parte esta de la calle de Orellana, Santa Teresa, San Mateo... Y ya de la calle San Mateo nos fuimos a la calle de Serrano. Y en la calle de Serrano hemos vivido muchos años. En la calle de Serrano hemos vivido en... sesenta y seis..., en el treinta y cinco. Y luego mis padres hicieron una casa en Serrano, esquina a General Oraá, y allí hemos vivido hasta que nos vinimos ya</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M23, séc. XX</p>	<p>en... ¡ je, je! ¡ Si no me acuerdo yo ahora! No, no es que no me acuerde, sino que no me sale la palabra. Los señoríos y lo... el feudalismo, todo esto. ¡ Fíjate tú dónde nos quedamos! ¿ eh?, o sea, prácticamente... Inf.b. - Muy poco. Inf.a. -...no sé, al terminar la Edad Media, ¿ no? Inf.b. - Y nosotros este año, no vamos a llegar ni a eso, porque yo lo que pensaba que pasara un poco la cuestión esa de repoblaciones de la Reconquista y fuera un poco más adelante, a la cuestión del feudalismo que, para desde mi punto de vista, es más interesante. Pero nada (...), todos son nombres propios, todos nombres de provincias que es que no me gusta nada. Inf.a. - Pues yo no cogí Historia Social porque..., por la misma razón que no cogí Arte, ¿ comprendes?</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M24, séc. XX</p>	<p>no se nos olvida; y, en cambio, lo podemos leer cinco o seis veces... Inf.a. - Y seguramente que no hubiéramos...; sí, sí. Inf.b. - Y sa..., para saber que estamos equivocadas, si, por ejemplo Morelos no es, ahora te fijas, dices: " Pues no es ", pero..., ¿ entiendes? Inf.a. - (...) Tuñón de Lara. A ver si... me han dicho que me van a dejar el libro ese de los cincuenta años de... de Historia, ¿ ése?, ¿ éste? Inf.b. - Lo tengo yo. Es sensacional ese libro. Inf.b. - Pues nada: Pepe Torres se llama. José Torres. Inf.c. - Tú te has equivado con el pintor, Julio Romero de Torres. Inf.a. - ¡ Je, je! No, pero yo pen... pensé que era... Inf.b. -</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M3, séc. XX</p>	<p>Inf. - Y luego, después que... si ellos, aunque todos tengan formas humanas, resulta que... luego unos sean... todos son forma masculina, pero luego unos sean hombres y otros sean mujeres dentro de su especie, pues lo que va a hacer es todo lo contrario, agravar el problema de los matrimonios porque todas las chicas solteras se enamoran de ellos y luego ellos, nada, se casarán unos con otros, ¡ a ver! ¡ qué remedio les queda!... o sea que eso no. El problema ese no, el problema ese a lo mejor como ellos se visitan con otros planetas, pues a ver si en los otros planetas hay... hay mujeres dispuestas... hay hombres dispuestos a eso, porque aquí, aquí está muy mal la cosa. Enc. - Aquí está mal, claro ¿ tienes novio tú? Inf. - Ho, no tengo novio. Enc. - ¿ No tienes novio? Inf. - Por eso me dedico tanto a los</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M3, séc. XX</p>	<p>piensan, es muy guapo... ¡ ja! ¡ ja! me has ido a preguntar una cosa que voy a tener cuerda para un año... Resulta que..., yo creo que existen; ahora, lo que no me acabo de convencer es de que alguna vez hayan estado en la tierra...; por otra parte, me gustaría convencerme.. pero... es que yo creo que si hubieran estado, hubieran dejado alguna prueba, ¿ no crees tú?; o sea, todo el mundo dice que... el... señor este S que habla en « Nosotros », que dicho sea de paso está como una cabra..., yo he ido a su tertulia una vez este verano, a las once... es una tertulia muy interesante, se hace en el café Lion los martes a las once de la noche, claro, las niñas decentes no podemos ir allí... ¡ ja! ¡ ja!... y entonces, resulta.</p>

<p>Habla Culta: Madrid: M3, séc. XX</p>	<p>seres humanos... Enc. - ¡ Claro! Inf. - Y luego, después que... si ellos, aunque todos tengan formas humanas, resulta que... luego unos sean... todos son forma masculina, pero luego unos sean hombres y otros sean mujeres dentro de su especie, pues lo que va a hacer es todo lo contrario, agravar el problema de los matrimonios porque todas las chicas solteras se enamorarán de ellos y luego ellos, nada, se casarán unos con otros, ¡ a ver! ¡ qué remedio les queda!... o sea que eso no. El problema ese no, el problema ese a lo mejor como ellos se visitan con otros planetas, pues a ver si en los otros planetas hay... hay mujeres dispuestas... hay hombres dispuestos a eso, porque aquí, aquí está muy mal la cosa. Enc. - Aquí está mal, claro ¿ tienes novio tú? Inf. - Ho, no tengo novio. Enc. - ¿ No tienes novio?</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M7, séc. XX</p>	<p>y la vuelta, o sea, llegué rendida, y después, pues... ya no tengo gran cosa que contarte más, porque volvimos al día... justo nos fuimos el día catorce, volvimos el día veinticuatro hacia... para Madrid; yo tenía muchas ganas de volver a Madrid, porque... o sea me lo estaba pasando muy divertido, ya sabes que en esas ocasiones gastas mucho dinero y... Enc. - Sí. Inf. - tienes, o sea tienes más gas... para gastar, pero, me... la realidad, me faltaba la cosa esa de verme un poco en mi ambiente, de llegar a mi casa que me hacía muchísima ilusión, y tenía ganas de... de volver. Volvimos con Fernández Cid, el crítico musical en el tren. Coincidimos con él, un señor muy serio y llegamos, estaba mi madre, como loca, felicísima, mis suegros y todos éstos, y... luego, estuvimos en Madrid hasta el día primero</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M8, séc. XX</p>	<p>es joven. Llega un momento en que... aunque me han contado casos de éstos de, de matrimonios, es decir de gente que ha llevado una vida marital ¿ no? pero sin casarse. Se casan y estropean todo. Inf. - Y lo estropean todo. Sí. En mi familia, siempre se cuenta el caso de un vecino de mi padre que vivieron pues cincuenta años, tenían hijos imagínate de cuarenta y nueve y cuando él estaba... un día que éste se puso muy malo, vino el cura de la parroquia y dijo que debían de casarse. El señor este no se murió, sino que se puso bien y bueno, a partir de aquel momento, fue un auténtica catástrofe. Yo no sé por qué. A lo mejor es por esa especie de, de opresión psicológica que sintió al... al ver que estaba ligado para toda la vida aunque fuese en realidad como iba a estar, ¿ no? Enc. - Sí, sí, es que tie... quizá sea eso,</p>
<p>Habla Culta: Madrid: M8, séc. XX</p>	<p>O sea, estará con sus cinco sentidos pendiente del enfermo. Mientras que esas pequeñas... olvidos de todos, éstos son los que no se corrigen mucho. En eso, hace poco yo lo he visto en el Clínico, no que se muriese por culpa de, de un individuo, sino que un individuo no hizo una cosa que podía haber mejorado la situación del enfermo; entonces, a este individuo se le ha estado señalando con el dedo durante mucho tiempo, continúa. El hombre este tiene un cargo de conciencia tremendo. El próximo día ese hombre ya no vuelve a hacer una cosa. O si la vuelve a hacer, que es un monstruo, ¿ no? Pero lo que yo quiero decir es que estos pequeña, estas grandes cosas son corr... mucho mejor; se pueden corregir mucho mejor que las pequeñas tonterías. Enc. - A la gente que hace Medicina...</p>
<p>Habla Culta: Sevilla: M13 séc. XX</p>	<p>estudiando ocho... seis hojas a uno cincuenta mil de la provincia de Sevilla. Estudio el terreno, recojo muestras y luego las estudio al microscopio y saco los fósiles que haya, los microfósiles. Estudio los géneros y las especies y conclusiones. Hago una sanación del territorio de Sevilla que comprende el Mioceno, el Terciario... Enc. - ¿ Es entretenido el trabajo? Inf. - Sí que me gusta, sí. Es que muchas veces los trabajos así, especializados, de tesis... Bueno, es que es muy pesado la parte esta, pero como ahora ya estoy redactando, lo que estoy es concluyendo, en realidad, es bastante bonito. Porque una sanación de esta parte de Sevilla, que no ha sido hecha hasta ahora, o que si ha sido hecha, ha sido hecha con unos términos que no... Con lo cual no ha podido salir bien. Como ahora la Micropaleontología es una ciencia bastante moderna, que cada día salen nuevos trabajos, pues... Enc. - Y otras ocupaciones</p>
<p>Habla Culta: Sevilla: M2, séc. XX</p>	<p>También no se puede negar que en cuanto a la ciudad, desde el punto de vista, se puede decir típico, artístico, tiene muchas cosas que ver, pero puede ser, parece ser como que el que se encuentra aquí en Sevilla, es decir el que ha nacido en ella es el que menos, no, no se puede decir admira, pero es el que menos toma en cuenta cuáles son los valores de este tipo que existen aquí, en nuestra ciudad. De ahí el hecho este que se dice que puede parecer tópico, pero quizás cierto: que el turista es el que hace al sevillano y el que descubre al sevillano las cosas que tiene en realidad de bonitas desde el punto de vista tanto artístico, cultural. En fin, el paisaje. Se podía decir, así, el paisaje general de la ciudad.</p>

<p>Habla Culta: Sevilla: M9, séc. XX</p>	<p>O sea, desde el principio, desde que empecé a ir al colegio, en la Escuela Francesa. Y entonces continué allí hasta terminar el bachillerato y pasar a la universidad, a la Facultad de Medicina. Enc. - ¿ Conocio usted a M. Alex? Inf. - M. Alex no fue de la época mía, yo cogí la época de M. Fidel, M. Fidel. Y precisamente el año que yo terminé el bachillerato allí. O sea, entonces había siete cursos de bachillerato. Pues fue el último año que estuvo allí M. Fidel y después me parece que vino <u>el señor ese</u>. Enc. - Ya, ya. Después entró usted en la Facultad de Medicina. Inf. - Sí. Enc. - ¿ Cómo era, mas o menos, en aquella época? Inf. - En la Facultad de Medicina, pues, claro, en realidad cuando uno echa la vista atrás ya se encuentra uno con cierta perspectiva. Yo terminé la carrera el año cincuenta y cuatro, y por lo tanto pues han</p>
<p>Habla Culta: Bogotá: M22, séc. XX</p>	<p>la Nación comienza a administrarlas y les... y las pavimenta; pero en Cundinamarca, según me dices está... sí está pavimentándola directamente como es el caso de la... de la vía Anapoima - APULO, Inf.b. - Sí. Inf.a. -...que el mismo departamento la... no sé, será que tiene plata, de sobra. Enc. - [...] para pagar. Inf.b. - Me decías que otro... otro... otra cosa que podíamos comentar era <u>el libro este</u> de Indaleso... Indalecio Liévano Aguirre, ¿ no?, sobre... ¿ cómo llama el título? Inf.a. - Grandes Conflictos Sociales y Económicos. Inf.b. - Sí. ¿ Qué opinas tú de ese... de este libro? Inf. A. - No, pues... es un enfoque muy científico sobre la historia, en donde tiene en cuenta varios factores, en cada momento, que inciden en el desarrollo de.</p>
<p>Habla Culta: Bogotá: M30, séc. XX</p>	<p>Todo esos nos alcanzaba con diez centavos. Enc. - Se parece a hoy. Inf.b. - De modo que ya se puede establecer una comparación de los cincuenta centavos que se nos daba a nosotros para el domingo y parte de la semana con los cien pesos que le dan hoy día a a los muchachos y que escasamente les alcanzan para la mitad del domingo. Inf.a. - Una cosa que uno extraña mucho es la tranquilidad y la seguridad en que vivíamos. Nosotros, cuando estábamos en <u>la casa esta</u> de que les cuento de la carrera novena con calle diez, nos íbamos a a pie hasta el colegio, que quedaba en la calle dieciocho, donde es eh... el antiguo hospicio que se incendió el nueve de abril, y que hoy es parte parqueadero y parte edificio de la Beneficencia. Eh... y nunca, ni papá, ni mamá, ni nadie pensaba que nos iba a pasar algo caminando</p>
<p>Habla Culta: Bogotá: M31, séc. XX</p>	<p>Ento' es iban las monjas de la... de la... las benedictinas allá a enseñarles a los niños doctrina y todo, y les llamó la atención este niño. Ento' es dijo: va... vamos a hablar con los padres benedictinos porque a ver si le dan una beca para que siga estudiando. Por supuesto, figúrese ese muchachito ya entrar a primero bachillerato sin hablar nada de inglés. Allá todos tienen que desde primero hablar inglés. Ento' es un americano muy bueno, amigo de <u>la señora esa</u> Berta de Anderson y de... y del marido de ella, entonces consiguió un americano, y ento' es de ese tiempo el colegio era de... de febrero; ahora ya cambiaron. Todo el tiempo, noviembre y diciembre y enero le hizo, le... le dio clases de inglés. Y el niño entró a primero bachillerato entendiéndolo ya completamente el inglés. Ento' es pudo hacer su</p>
<p>Habla Culta: Bogotá: M38, séc. XX</p>	<p>- Era muy sabroso, muy, bueno, eso sí, de eso... no lo cambiamos nunca. Pero no me casé por pura perezosa, por todo, pues. X. habría sido gran persona, y hoy está pensionado que eso era lo que debía de haber buscado. Si no tenían plata, ahí está su pensión, ahí está su pensión. Y él esta muy afligido al mismo tiempo. El otro día se encontró con un señor y tino... y tino ahí, estaba con mi hermana. Entonces le dijo: ¿ por qué no te casaste?, le dijo <u>el tipo ese</u>. Dijo: por la que quise, tu hermanita no me quiso aceptar y por eso no me casé. Yo la quise mucho. ¡ Sí me quisieron! Entó' s, ¿ qué era la cosa, ah? Inf.a. - El capricho, sumamente caprichosa. Es decir, cuando uno tiene que arrojarse al ruedo como un toreo, ¿ no?, y... y afrontar la situaciones y afrontar</p>
<p>Habla Culta: Bogotá: M38, séc. XX</p>	<p>canario que era un gran cantante, que era de mi madre. Se lo robó también y lo vendió en dos centavos [interrupción]. Inf.b. - Aquí está, miralo. Inf.a. - Cuéntame los... sobre los recuerdos que... que tienes de tu padre, especialmente, que fue mi tío y a quien yo aprecié y... y quise en el alma por sus... todo lo bueno y atento que fue conmigo. Inf.b. - Era muy... muy delicado sí, en su modo de ser, ¿ no? Le estaba contando <u>del tipo ese</u>. Y él todavía dice: no haberme casado, por ejemplo, contigo, pero tu papá era sumamente pretensioso, sumamente antipático, y por eso no... no hicimos... no pensó en nada conmigo; por eso, por... porque mi papá era... de veras era, ¿ no? Inf.a. - Errores de los padres, ¿ no? Inf.b. - Era pretensioso,</p>

<p>Habla Culta: Bogotá: M41, séc. XX</p>	<p>Inf. - Tapar su falla, porque como aquí habla uno de aborto y [...]. Pues no pudo abortar. En la familia si llegan a descubrir la cogen y la mataban los hermanos, porque ¿ no ve que los hermanos también se vuelven jueces?: mi hermana manchó el honor de la familia. Pero a él nadie se le va a encarar a decirle: ¿ y usted cuántos honores ha manchado, mi querido amigo? Que no se los hayan descubierto es diferente. Y... y así, pues, la cosa iba para grave, porque el señor este, el papá del muchacho cuando se enteró de la cosa: pues, de ramera, de prostituta, de no sé qué a la niña. Le dije: no, yo no creo que eso sea necesario. Y si usted tiene una hija algún día que esté en las mismas condiciones, le va a doler todo lo que usted está diciendo ante esta persona. Esta persona está buscando lo que la sociedad estúpida nuestra le... le ofrece a</p>
<p>Habla Culta: Bogotá: M43, séc. XX</p>	<p>Después de eso, cuando regresé, conseguí un libro sobre los cultivos de peces en... cultivos industriales de peces en... en distintas partes del mundo, y el país que más desarrollado tiene ese ramo de la economía es el Japón. Entonces sigo creyendo que en Colombia está por hacerse ese gran estudio que puede ser de una formidable utilidad para el país. Otra Persona. - ¿ Pensaste sólo en el mar, o también en las aguas dulces? Inf. - Pues pensé solamente en el mar, porque allá, el agua dulce en la Guajira es muy poca. Otra Persona. - No, digo en las aguas dulces de otras áreas. Inf. - Ah, ¿ del interior? Otra PERSONA. - Sí. Inf. - Posiblemente de... pueda hacerse algo por el estilo. No sé hasta dónde sea comparativamente más ventajoso el agua dul... el... sea más ventajosa el agua dulce hacer ese tipo de cultivos en agua dulce que en agua salada. Pero lo que sí estoy cierto es que en agua salada se hacen, y se hacen con un rendimiento fantástico a juzgar por el libro ese que leí sobre el Japón. Otra Persona. - Pues fíjate que las... las truchas de la Laguna de Tota no son na... na... naturales de la... la... fueron cultivadas. Inf. - Sí, pero nunca en el grado, ni en la cantidad fantástica con que tú puedes hacerlo, por ejemplo, con camarones... Otra Persona. -</p>
<p>Habla Culta: Buenos Aires, séc. XX</p>	<p>de duelo en la casa, pero entonces hablan más de la madre y es una cosa que, bueno, esta mujer está desesperada. Dice quz ya ella no puede vivir, que ella está... ya no sabe qué hacer. Porque ella pensó que teniendo un hijo también, que el marido cambiaría y que... pero que siempre sigue hablando de la otra y ponderándola - - - y qué sé yo. Ahora ella se enteró [.....] por unas amigas, que nunca faltan buenas amigas que te quieren contar cosas interesantes que te diviertan, que la mujer esa parece que tenía un amigo; un amigo del marido que visitaba la casa y que tenía una amistad bastante, bastante íntima con este buen señor. Y que el marido no sabía nada. Dice que ella, ahora que sabe eso, de que le han dado seguridades de que es cierto, pruebas, [.....] yo no sé qué prueba le habrán dado. Ella dice.</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M10, séc. XX</p>	<p>El otro sexo, para entender tanto a la... la mujer... porque es tan fácil ser víctima; mira... esta... este odio de los hombres, esta... esta agresión de los hombres... e... e... " No te acuestas conmigo, entonces eres una lesbiana; si te acuestas conmigo, eres una puta." Esta agresión de los hombres... es igualita que la agresión de Norteamérica contra el Viet - Nam... " ¡ Cónchale, los... los indios estos se me están escapando! " O contra los... piti... ¿ cómo es que...? e... e... esqui... espique... que nos llaman a los latinos, o la agresión del negro contra el blanco o el blanco contra el negro, ¿ tú entiendes?... es la... es la misma cosa: cuando un grupo que ha dominado, que</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M14, séc. XX</p>	<p>joven, yo no sé si sería la emoción o yo no sé qué, y me doy un resbalón, y salen las torticas brincando... Enc.... mm... Inf. - ...ahora, en medio de la calle todavía... el joven me las ha recogido. Bueno, hoy en día vo le hubiera dicho: " ¿ Usted no quiere, aunque tengan tierra? " ¡ Ay! pero yo me iba muriendo de la pena [risas]: " Y... y... ésas me las hizo la señora esa, que trabaja ahí. " Y él muerto de la risa. ¿ Tú has visto? [risas]. Enc. - - ¡ Ay madre mia! Inf. - - ¿ Tú crees que hov me importa nada de eso? ¡ No, niña! Le digo: " ¡ Ay, mire estas torticas! ¿ Usted no quiere? " ¿ No te parece? ASI que tú verás cuando estés vieja cómo... [risas] te liberas de muchas cosas.</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M15, séc. XX</p>	<p>y cosas. Entonces, bueno, se echa tremendo puñal, semana tras semana... un profesor de números romanos. Entonces, pasa el tiempo, bueno, y está X., están inaugurando un hospital, ¿ no? Y entonces, bueno, le hacen la entrevista de rigor, ¿ no? Dice... da su opinión sobre el hospital: " Bueno, está muy bien y los pasillos... todo limpio, y esto y el otro... y tal... pero lo único que no me gustó es... es que el aparato ese... de rayos décimos es grandísimo! " [risas]. Inf. B - - ¡ Qué horror! ¡ Ay! Inf. A - - Espíritu de contradicción. Enc. 2 - - Sí, es bueno. [risas]. Enc. 1 - - Cuenta otro... Inf. B - - No, hay uno corto así violento, para no... Enc. 2 - - Violento, sí.</p>

<p>Habla Culta: Caracas: M15, séc. XX</p>	<p>yo oí en el radio de que uno de los rehenes... había logrado escaparse por una ventana, pero antes había tratado de suicidarse, ¿no?, lo cual me hace creer que, bueno, que el pobre debe de haber estado sufriendo horrores. También oí de que... habían [sic] dos rehenes que eran dos mujeres, las cuales las querían cambiar por diplomáticos, pero más nada. Inf. B - - Ahora, dime una cosa, este... no... no... no oíste Entonces viene la muchacha y le pregunta a la señora esta: " Bueno, ¿ y dónde fue que tú diste a luz? " Bueno, la mujer le pregunta: " ¿ Cómo, hija? No te entiendo lo que me estás diciendo. " " Bueno, que... que ¿ dónde fue que usted... este...? " Le dice la otra: " Chica, pariste. " " ¡ Ah! ¿ dónde fue que usted parió?</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M16, séc. XX</p>	<p>¿ ese día? Inf. B - - ¿ Ah? Inf. A - - ¿ Ese día? Inf. B - - No, ése fue... tres días antes. Inf. A - - ¡ Ah! Inf. B - - Ahora, ese día e... casi pasó lo mismo. Lo que pasa es que el tipo... me las arreglé con él y le di cincuenta bolos ahí, yo le dije: " No quiero, más dolores de cabeza. " [risas]. Sí, ¡ qué horror! Miren, y el señor este habla bastante, ¿ ah? Enc. 2 - - Muchísimo habla. Inf. A - - ¡ Caramba! Inf. B - - ¡ Qué fábula, ah! Ustedes tienen un buen candidato... Enc. 2 - - Ahora se fue y ¿ sabes lo que dijo? " Espérenme, que ya vengo. " Inf. B - - Ajá... imagínate. Enc. 2 - - " Espérenme, que ya vengo. "</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M17, séc. XX</p>	<p>más vale malo conocido que bueno por conocer... Inf. B - -... sí, de ese tipo de problemas, tú sabes, donde está involucrada la política, y tal y... la... el tráfico de influencias, ése y... cuando estaba de... de amanuense o escribiente o... Oficinista Tercera. Inf. A - - A... de " manuelita " [risas]... Inf. B - -... que el cargo ese le... nos correspondía a dos escribientes que estábamos ahí, ¿ no?, que teníamos ya tiempo, y que sabíamos... el manejo total del trabajo... Inf. A - - ¿ Dónde es que... dónde... dónde es que es tu trabajo, en qu... en qué parte? ¿ En el centro? Inf. B - - En el edifi... en el edificio de El Nacional. Inf. A</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M17, séc. XX</p>	<p>eso sí que puede se... Inf. B - -... hay que... Inf. A - -... pero es... eso... es la plata de... Venezuela, no la... es que hay una cosa: la plata del comercio... es la que está en los bancos, la plata de la industria... Inf. B - -...mm... Inf. A - -... pero la plata del gobierno, la que se saca... los millones esos que saca de... del, del... petróleo y todo eso... Inf. B - -...mm... Inf. A - -... eso es Venezuela que está... la que tiene plata, Venezue... o sea que estamos hablando del... n... no sé si tú me entiendes, ¿ entiendes?, o sea,</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M18, séc. XX</p>	<p>le digo que... que tengan determinado patrón de comportamiento, porque yo creo que es lo mejor. " Lo hacen con el mejor espíritu... o sea, no es con un deseo de estarlos contrariando, decirles no... es... ni... ni... ni de falsa moral... valores morales, ni nada de esas cosas, sino que piensa que es lo mejor para ellos, que lo ha tenido como un ejemplo siempre... Inf. B - - Ahora, el plantea... el pun... el punto ese de los... de los desposeídos, de los que son los más, de... los que no tienen... ni lo más elemental, ni mucho menos familia... es grave, ¿ no? Realmente allí es donde... el Estado debería... tomar una acción... eh... bastante e... enérgica en el sentido positivo de la palabra, y.</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M19, séc. XX</p>	<p>venezolano... Inf. B - -... [no se entiende]... Inf. A - -... ahora, yo no sé si es venezolano... Inf. B - - Yo no sé tampoco. Inf. A - -... porque nuestros grandes ídolos, como es Cecotto [risas]... no tienen un apellido muy venezolano [risas]. Enc. - - Sí, Johnny Alberto Cecotto. Inf. B - - Y... me... y... me... y... me dan mucha risa los programas esos del sábado, que eran... en homenaje al día del padre, entonces iban a llamar a Cecotto para que hablara con su papá, entonces... hablaba... John... y... y... ¿ Johnny no era que se llamaba él? Inf. A - - Sí. Inf. B - -...o ¿ el papá? ¿ Se llama Johnny? No. Giovanni... Enc. - - El</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M20, séc. XX</p>	<p>... primero hicieron, bueno, e... e... Inf. B - - Estaba... estaba La Comedia de Juana Sujo, o sea, y Los Caobos. Inf. A - - Los Caobos, que era uno que era como un galpón donde hicieron Sagrado y obsceno y se... Inf. B - -...la comedia... Inf. A - -...la comedia... Inf. B - - Sí. Inf. A - -... la película esa que... que se estrenó en estos días... Inf. B - - Umjú. Inf. A - -...bueno, en esa época era una obra de teatro, o sea... Inf. B - -...que era muy diferente... Inf. A - -... primero fue una obra de teatro, bas... muy distinta a la de ahora, y entonces la policía llegaba y allanaba, porque se decían</p>

<p>Habla Culta: Caracas: M20, séc. XX</p>	<p>que es el público que ve televisión... es el público ya de la vieja generación, el público que s... que se pone las pantuflas a ver televisión y que prácticamente va con las mismas pantuflas al teatro. Inf. A - - No, y que van a ver a la estrella; verdaderamente que la primera función del teatro es entretener y divertir y hacer que la gente... o pase un rato agradable, o hasta desagradable, o que pase miedo, pero que pase algo... no que te deje... como me dejó a mí el señor este - - ¿ cómo es que se llama? - - el... el M. C., que me dejó en frío; o sea, a mí no es que no me gustó, es que a mí no me pasó nada... Inf. B - - Es que no... claro que no pasa nada... Inf. A - -... absolutamente nada... no pasó</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M25, séc. XX</p>	<p>Pero entonces el... el informe lo retuvieron hasta última hora, y no me pudo llegar sino como a las once de la mañana del día en que se iba... a celebrar la reunión en la tarde... Inf. B. - -... sí... Inf. A. - -... y ellos vinieron a las dos, antes de ir a la reunión, y me dicen: " Bueno y ¿ qué me... nos dice? " Y yo había visto nada más que, como hago después de almuerzo e... me pongo a leer... Inf. B. - -... mju... Inf. A. - -... yo no duermo... siesta, pero leo... me echo en la cama, entonces varios defectos... en... en... la cosa esta... Inf. B. - -... ajá... Inf. A. - -... y entonces dije que no, que era chucuta la... el informe, porque... eso no fue lo que se me ocurrió, se me ocurrió después... Inf. B. - -... ¿ y qué les</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M26, séc. XX</p>	<p>De manera, pues, que con las niñas, yo sí he encontrado en ese aspecto dedicación a sus estudios; no son muy amigas de la lectura de... de... de... de ponerse a leer en... libros de autores venezolanos o... extranjeros, en fin, no, pero sí son estudiosas; en cambio los varones ni una ni otra cosa: no les gusta leer, y no les gusta... estudiar; les gusta trabajar, porque tienen voluntad, y además porque saben, ahí sí llegan a lo inexorable: el que no trabaja no tiene plata en el bolsillo. Enc. - - Claro. Inf. A. - - De manera que tienen que estudiar, digo, tienen que trabajar, perdón, tienen que trabajar para poder tener plata en el bolsillo, simple y sencillamente, y como su papá no es el papá ese rico de... de... Inf. B. - - [Risas]... del cuento... Enc. - - Afortunadamente... Inf. A. - -... del... del cuento... Inf. B. - -... de la historia, porque no es cuento... es una historia...</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M33, séc. XX</p>	<p>Inf. - -...el coroto este famoso que salió después. Otra persona - - Sí. Inf. - - Entonces, bueno, él te empieza con los concursos desde el... bueno, yo llegué un poquito tarde a esa clase, pero... ya iba por el Palacio de Cristal, ¿ no? Otra persona - -...no, ahí fue que empezó. Inf. - -... ¡ ah, bueno! Que fue un concurso de... del diecinueve en Inglaterra... y ganó el proyecto ese de Paxton, que era de... de vidrio todo y tal, ¿ no? Enc. - - Ajá. Inf. - - Después pasó lo de los años veinte en [no se entiende] que era... hubo cosas donde participaron, tú sabes, toda gente del... de la Escuela de Chicago y... los primeros... tipos de movimiento moderno también...</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M33, séc. XX</p>	<p>que ya... ya se está tomando un partido, y eso es suponer... que hay una cosa que se llama concurso, que no tiene por qué hacer consideraciones ideológicas, sino que es un... bueno, un procedimiento de selección que aparece en todas partes, donde se selecciona un proyecto bueno, y salen... un grupo de cosas. No es así, eso es más tarde. Enc. - - Se quiere... Inf. - - Que... que... aquí viene la... la cosa esa. Entonces... él lo que plantea básicamente es cómo a través de los concursos... Otra persona - - ¡ D1 Enc. - - Sopla tú, mi amor. Inf. - -... se mueven intereses de tipo... extra... arquitectónicos y tal y qué sé yo; y cómo los concursos reflejan la situación general que existe en una determinada sociedad, ¿ mm? Enc. - - Supuestamente ha sido</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M33, séc. XX</p>	<p>no... no... no se planteaba el problema como... como... Inf. - - Ahora, ellos tenían un sentido cultural muy claro, pues. Enc. - - Claro. Inf. - - El hecho de que existiera una arquitectura de... revival implicaba eso: una búsqueda de unos valores nacionales y una afirmación de tipo nacional, pues, ¿ no?... en... que era básicamente en el... la búsqueda esa de la... de la austeridad, de la mm... de la Inglaterra protestante, del espíritu ese, pues, ¿ no?, del... por... había dos vertientes: por un lado la búsqueda de la cosa protestante y por otro lado la búsqueda de la cosa... católica, había Ruskin y Pugin... Otra persona - -... sí... Inf. - -... que eran los dos grandes teóricos de la época, uno era católico</p>

<p>Habla Culta: Caracas: M33, séc. XX</p>	<p>yo me quedé loco cuando llegué y veo que todo el mundo estaba así, con gran... desprecio hacia [no se entiende] del movimiento moderno, ¿ no? Y, ¡ coño! Pero, ¿ qué es esto? ¿ Que pasa, no? [risas]. Porque a uno lo han... lo han formado dentro de una cosa de que ése es como el modelo de cuanto... te mueve para todo. Otra persona - [no se entiende]. Inf. - - Y, bueno, no había habido la oportunidad para eso y, bueno, se presentó la cosa esa del... del seminario de... un seminario sobre los concursos de arquitectura... Enc. - -... en Venezuela... Inf. - -...en el mundo y en Venezuela. Entonces, la idea es que un seminario que va... ahí se desarrolla desde la cosa más general hasta llegar a los concursos que han [sic]... habido en Venezuela, y un poco</p>
<p>Habla Culta: Caracas: M9, séc. XX</p>	<p>no creo que se pueda citar uno solo; y los Estados Unidos que tiene, pues, ese... esa especie de afán... en el buen sentido de la palabra, de experimentar... una serie de cosas importantes y entonces... y en... en muchos estados de los Estados Unidos se han hecho cosas muy importantes... en educación preescolar... y en grupos marginales se han hecho estudios muy importantes también al mismo nivel... Enc. - - ¿Ha leído la... la... el... libro ese de Summerhill, de Neill? Inf. - - Sí, el libro de Summerhill... Enc. - - La nueva escuela... Inf. - - Se llama Summerhill el primero que publicó sí, es una escuela... no es tan nueva, lo que pasa... es que es nueva la...</p>
<p>Habla Culta: Gran Canarias, séc. XX</p>	<p>o trescientas obras y tienen que seleccionar veinticinco o treinta, pues yo me siento ya bastante recompensada con... con que me hayan seleccionado. El año pasado en el... la primera bienal que hubo de Ciudad de Las Palmas, pues también me seleccionaron un cuadro y, ya te digo, también me quedé muy contenta, luego te lo enseñaré para que veas qué cuadro... Fue un cuadro de varias mujeres tomando el té, y luego te lo enseñé. Y... y luego expuse en... en Trespúercos expuse, donde estuve viviendo, en el pueblo este, que había bastante movimiento. La gente allí es muy culta porque como... aquello está como a doscientos kilómetros de BARCELONA, pero casi todo el mundo va a estudiar a BARCELONA, a estudiar o van a los colegios de BARCELONA. Entonces la gente es muy culta. Incluso por allí los domingos... circulan por casi toda Cataluña unos autobuses, una especie de furgones grandes, y que son una biblioteca... ambulante</p>
<p>Habla Culta: Havana: M13, séc. XX</p>	<p>Enc. - ¿ Ud. ve algunas películas de su predilección acá? Inf. - ¿ En televisión o en cine? Enc. - Bueno, en el cine. Inf. - Bueno, sí, algunas veces voy al cine y veo las películas que me gustan por el título y por lo que yo creo que va a resultar buena la película (risa). Enc. - ¿ A Ud. le gustan las películas mexicanas? Inf. - Me gustan, sí, pero no mucho. A mí me gusta... ¿ Ud. vio Algo Para Recordar, la película esa? Enc. - Sinceramente... Inf. - ¿ No la vio? Enc. - No sé. Creo que no. Inf. - Es una película muy bonita. Es ese... es ese tipo de película (grabadora hace cambios)... Es un tipo... tipo de película de romance, de música, de vistas bellas, de paisaje muy lindo. Enc. - Ajá. Inf. - Se</p>
<p>Habla Culta: Havana: M2, séc. XX</p>	<p>y se les dice que pueden enviarle las comidas que llevan costumbre de hacer en su casa y nosotros le calentamos a los niños la comida. Se las preparamos si hay que preparárselas allí, y de modo que la comida allí... en la comida también estamos manteniendo la costumbre cubana. Ellos comen realmente comida cubana y almuerzan ¿ no? Es el... lo que hacen ellos aquí... cosa breve para después tener una comida fuerte ¿ no? Ellos almuerzan bien y después pues tienen su comida de nuevo en la casa. Enc. - Bueno, ya que hemos tocado el punto este de las comidas ¿ puede indicarme más o menos como son las comidas cubanas, en qué difieren a la comida americana que...? Inf. - Bueno, en general por ejemplo ahora nosotros estamos trabajando en un programa de verano en que vienen muchos jóvenes norteamericanos de distintos estados a ayudarnos voluntariamente. Y allí estamos viendo, pues, la diferencia en la comida, ¿ no? Ellos, la comida que nuestros niños comen y no</p>
<p>Habla Culta: Havana: M4, séc. XX</p>	<p>Aquí mismo yo me he encontrado con el sinsonte que en Cuba se admira mucho. Aquí lo hay también. Enc. - Bien, ¿ cómo es el censontli? Inf. - El sinsonte es un pájaro que canta muy bonito. Enc. - ¿ Es grande, es pequeño? Inf. - Bueno, es de tamaño regular, no es muy grande ni es muy pequeño tiene su tamaño regular. Enc. - Muy bien. grados. Ya entonces cuando llega a las veinticuatro horas que... que va, finaliza el aparato ese en que va el proceso, pues entonces yo lo saco y lo incluyo en...lo pongo en forma de bloquecitos para después hacer el corte en un aparato que se llama micrótopo. Dicho micrótopo tiene una cuchilla con un filo... imagínesen algo grande..., entonces yo hago el corte en ese micrótopo. Al hacerle el corte... lo hago... sería una cosa... sería así</p>

Habla Culta: Havana: M4, séc. XX	Enc. - Ah. Inf.a. -...porque Mami no. Mami si cocina cubano o español. Enc. - Bueno. Inf.a. - Siempre. Enc. - Me parece que los que vienen de allí, de su país no sienten mucho el cambio porque existen bastantes... restaurantes cubanos acá. Inf.a. - Ah, sí. Enc. - Me parece que algunas calles que están completamente... digamos, invadidas de compatriotas... Inf.a. - No, y comida española te venden siempre... Inf.b. - La calle esa del " Southwest. " Enc. - ¿ Cómo es? ¿ Qué calle es esa? Inf.b. - La calle ocho del " Southwest. " Enc. - Ah, sí. ¿ Por dónde es eso? Inf.a. - El centro bajo, ¿ no? Inf.b. - Allí en la calle ocho ve el centro bajo y allí se hace comidas cubanas y... restaurant...
Habla Culta: Havana: M49, séc. XX	¿ Más o menos a qué hora usted dice? Enc. - A las once de la mañana. Inf.a. - Ah, ¿ a las once? Bueno, eh... voy a almorzar. Enc. - Almuerzan un poco temprano en su país. Inf.a. - Sí, a las once. Entonces está... una hora de descanso, y después continuamos la labor. Enc. - ¿ Por qué? ¿ No toma la siesta? Inf.a. - Sí, bueno, el tiempito ese de... la hora esa , pues... media hora más o menos. Enc. - ¿ Y usted, da su siesta? Inf.b. - Bueno... no, porque siempre tengo un?? Enc. - ¿ Mucha actividad? Inf.b. - Mucha actividad, y no... no me acuesto. Enc. - Ajá... bien, ¿ cómo se siente usted después de tomar una siesta? Inf.a. - Bueno,
Habla Culta: Havana: M49, séc. XX	¿ Más o menos a qué hora usted dice? Enc. - A las once de la mañana. Inf.a. - Ah, ¿ a las once? Bueno, eh... voy a almorzar. Enc. - Almuerzan un poco temprano en su país. Inf.a. - Sí, a las once. Entonces está... una hora de descanso, y después continuamos la labor. Enc. - ¿ Por qué? ¿ No toma la siesta? Inf.a. - Sí, bueno, el tiempito ese de... la hora esa, pues... media hora más o menos. Enc. - ¿ Y usted, da su siesta? Inf.b. - Bueno... no, porque siempre tengo un?? Enc. - ¿ Mucha actividad? Inf.b. - Mucha actividad, y no... no me acuesto. Enc. - Ajá... bien, ¿ cómo se siente usted después de tomar una siesta? Inf.a. - Bueno,
Habla Culta: Havana: M6, séc. XX	Está bueno. Inf.a. -...bueno, no... no suficiente. Inf.b. - Exacto, sí. Inf.a. - Porque mi plan en el futuro es montar un taller. Inf.b. - Está bueno. Para... Inf.a. -...para... vaya, para empezar a vender a... Inf.b. - Ojalá que lo pueda montar. Inf.a. - Vamos a ver si Dios quiere. Inf.b. - Yo... yo tengo un aire acondicionado muy bueno en el garaje. El sol este de Miami... Ud. se va a... Inf.a. -...a solear. Inf.b. - Veinte pico grados aquí como llaman para ingenio, veinticinco grados. Inf.a. - Está un pleito eso. Inf.b. -...y cuando no ración de agua, dos meses de agua, llueve y llueve. Inf.a. - Llevamos... llevamos dos meses de lluvia allí que..
Habla Culta: Havana: M6, séc. XX	Sí, hay mucho pero europeo que habla mucho de... todavía España está con esa época... Inf.b. - Ah, del extranjero, sí. Inf.a. -...de... de... vaya, de esta época europea todavía los conde tú eres la señorona eso que sale en las crónicas... Inf.b. - Sí, sí. Sí que eso Cuba ya lo había dejado atrás. Ya esas boberías ya sí. Inf.a. - Sí eso Cuba... Todavía le queda esa gente conde y eso de la marquesa, la revista esa del lujo eso. Hallo eso... está un poco... vaya, yo creo que ya eso es pero una época, bueno, un estilo europeo que en Cuba... Inf.b. - Sí, y la marquesa de la revista y todas esas cosas. Inf.a. - En Cuba... en Cuba había la verdad. Inf.b. - Por una verdadera igualdad y todo igual allí.
Habla Culta: La Paz: M17, séc. XX	de mucho riesgo para la unión de los bolivianos. Enc. - Yo estaba en Santa Cruz, antes de venir a aquí a La Paz. Y algo que la gente del pueblo de Santa Cruz, por ejemplo choferes, empleados o gente que lleva las maletas, etc., toda ésta gente parece pensar que es solamente un grupo pequeño de Santa Cruz que se ha opuesto a la llegada de Siles. Inf. - Sí, eso es verdaderamente. En cuanto a la llegada de Siles, yo en una oportunidad en un café estuve hablado con un periodista extranjero y me decía esto, el día ese domingo que tenía que ir a Santa Cruz. Si bien un día antes, o sea sábado antes, se supo ya que Siles no iba, pero pasó un cosa muy extraña en Santa Cruz, que ese domingo aparecieron las fuerzas leales a Hernán Siles y sobre todo... Enc. - ¿ En dónde? Inf. - En Santa Cruz y tenía... y me decía este periodista que tenían hasta un armamento

Habla Culta: La Paz: M17, séc. XX	que si nosotros analizamos a partir de la tranca del Alto, para allá, Batallas, Huarinas, Chacachi, todos los centros, más densos y poblados de gente campesina, se ha dado en favor de Hernán Siles. Es decir que, lo que pasó también en el... cuando postuló Juan Pereda ¿ no? que decían que el voto cambia se lo habían dado a Pereda, pero también en julio del setenta y ocho, la respuesta fue el voto colla. Entonces un poquito, desde ese punto de vista, y dado que a Siles no lo quieren en Santa Cruz, es muy peligroso el asunto ese que ha habido una fuerte... Enc. - Polarización. Inf. - ...polarización de fuerzas y una parcialización pero, muy radical en ese sentido, que podría llevar en cierto momento, a que... a situaciones de mucha... de mucho riesgo para la unión de los bolivianos. Enc. - Yo estaba en Santa Cruz, antes de venir a aquí a La Paz.
Habla Culta: La Paz: M21, séc. XX	derechos, porque también se necesitan deberes. Bolivia, por ejemplo, es un país privilegiado por la naturaleza, pero lo que se necesita aquí son fuentes de trabajo. Disculpa que pasemos ya al caso de Bolivia. Inf.c. - Está bien, está bien. Inf.a. - No... no... porque estamos generalizando, entonces lo que en Bolivia se necesita son: crear fuentes de trabajo, asegurar que no solamente se tiene que dar dádivas, sino que se tiene que concientizar. Enc. - ¿ Pero quién da dádivas? Inf.a. - Da... es decir, la gente esta del pueblo se cree con derecho a recibir no más, o sea que espera la dádiva del poder, del gobierno, del estado, o de algunos... Inf.c. - O del particular, diremos. Inf.a. - De particulares, eso está mal... Inf.c. - En una palabra, lo que viene a ser la limosna. Inf.a. - Sí. No limosna,
Habla Culta: La Paz: M23, séc. XX	- Hasta... hasta el pueblo, antes de llegar a la propiedad, hay camino de autos p' s. Han abierto caminos de autos hasta la misma propiedad. Enc. - ¿ Quién ha abierto ese camino y por qué? Es decir, ¿ qué interés hay en abrir porque abrir un camino de auto es... debe ser muy caro. Inf.b. - Porque han abierto justamente para ir a las otras propiedades de adentro. Enc. - ¿ A Caranavi? Inf.b. - No. Son otras propiedades. Han abierto el camino ese para ir a las otras propiedades, entonces nos han beneficiado a nosotros pasando por la propiedad, la verdad, porque nosotros en sí no hemos hecho nada, ¿ no? Enc. - ¿ Y sabes tú lo que cultivan o lo que hacen las otras propiedades, si es que ganan suficiente, o si son rentables? Inf.b. - No tengo idea. Mirá [sic], exactamente, no sé. Enc. - Simplemente nunca te has ocupado de eso.
Habla Culta: La Paz: M23, séc. XX	años murió mi abuelo y a los diez años murió mi abuela. Enc. - Y tu madre heredó todo. Inf.b. - Todo, pero... bueno mi madre heredó todo pero no, nunca supo administrarlo, digamos, ¿ ves? simplemente trabajó y... nos crió con su trabajo, no con la herencia, digamos, ¿ no? Enc. - Pero la casa de la Plaza Murillo... Inf.b. - No se vendió hasta... hace poco tiempo, o sea, mi madre, digamos, no... digamos, no tocó la casa esa . Enc. - ¿ Y quién vivía en esa casa? Inf.b. - Solamente inquilinos pues estaba todo alquilado. Esperate [sic], eran... uno, dos, tres, cuatro, cinco, seis, siete, ocho, nueve departamentos. Enc. - ¿ Por qué crees que tu madre no tocó nada de eso, porque siendo ella dueña podía haber utilizado ese... ese dinero como capital, digamos,
Habla Culta: La Paz: M7, séc. XX	Bueno, entonces, a los dos días viene la señora con sus oraciones y ve que ya no había el cuadro, se pone muy feliz, le damos la plata y, bueno, se pierde unos quince días, regresa y nos dice: " ¿ Cómo me ha ayudado este Cristo! Necesitaba la plata para ir a hacer contrabando a la frontera. Entonces, he traído un montón de objetos, ¿ no? de cosas así, de... de todos los días. " A cambio de su Cristo, era pues una historia de lo más divertida... había ido a hacer contrabando y el Cristo se fue a Inglaterra. Estos señores se lo llevaron, ¿ no? Y así pues, hay gente que tiene mucha pena de dejar sus cosas aquí, mucha pena... Y vienen y se sientan y miran y dan vueltas, pero claro, están cambiándola con otra cosa, ¿ no? Es otra cosa que necesitan para todos los días, en fin. Enc. - Para ganarse la vida, la señora esa ... Inf. - Para ganarse la vida... Enc. - Cómico que le rezaba para que se venda de una buena vez. Inf. - Muy gracioso. Después otra cosa es que... eh... la gente no sabe nunca exactamente qué es lo que tiene. O valoriza muy poco o demasiado, porque para ellos hay un valor de cambio, como dirían los marxistas, ¿ no? Es decir

<p>Habla Culta: Lima: M2, séc. XX</p>	<p>gente que había, la gente de Huancavelica, es muy...no es muy hospitalaria, y no son muy amigos de ayudar a nadie, se pueden ver que la gente esté ahí en mala situación y nadie se ofrece pues a ayudar para nada, ¿ no? y... y además de que es el último pueblo de la tierra y no se encuentra nada ¿ no? o sea eso te hablo de la, de la, de la ciudad de Huancavelica ¿ no? donde había incluso hotel de turista, aunque el hotel de turista no tenía calefacción, pero por ejemplo el pueblo este Castrovirreina, no hay nada... so... debe ser los últimos pueblos de la tierra, y tuvimos la desgracia.. de irnos a pie hasta el... pueblo más próximo que había donde decían que había un hotel; yóo sabía.. que es un hotel más o menos ¿ no? bueno había un hotel..., caminamos seis kilómetros..., con un sol que quemaba, que quemaba</p>
<p>Habla Culta: Lima: M2, séc. XX</p>	<p>llama?... ¿ qué te iba a decir? este... Kilmarán, Imperial, todos esos sitios de ahí de... y San Vicente de Cañete, ¿ no? Enc. - Ya. Inf. -...donde sí creo que tenemos gran acogida a menos entre los campesinos el proletariado, hay bastante, bastante acogida, y la gente de clase media, sí, Cañete sí parece que es; como Asia que es un pueblo que me dijeron un compañero me dijo de que... antes que se fundara el N.n. ya todos eran ahí, el pueblo este Asia que... debes haber pasado por ahí... Enc. - Unas playas. Inf. - ...playa Asia... Enc. - Asia, claro. Inf. -...allí hay un pueblo... Enc. - ¿ Chiquitito? Inf. - ...chico sí... Enc. - Claro. Inf. -...no pero son bastantes votos, ah, no</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M1, séc. XX</p>	<p>esa competencia, en ese ballet acuático, ya había dos personas con las cuales yo competía; una era Juan Botella, y la otra era Roberto Cardini. Roberto Cardini vivía en Tehuacán. Y con Juan... pues, me tiraba clavados. Entonces, cuando iba a Tehuacán, competía allá con Roberto Cardini. Y de allí nació una grande amistad. Cuando yo empecé realmente a competir fue en el año... de... - - déjame ver - - en esta compañía americana y me había salido del despacho, estuve como entrenador de natación, y me volvió a dar la cosa esa por abajo otra vez, pero salí adelante, y entonces me metí a trabajar al despacho del señor Oscar R. Allí estuve aproximadamente un año. durante el cuarto año estuve trabajando allí, conociendo otro tipo de industrias muy diferentes, de construcción, industrias químicas, industria papelera, etcétera, etcétera... para que en el año de sesenta y cinco, que era el último año de la Escuela, pusiera yo un despacho de contadores</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M12, séc. XX</p>	<p>que tiene el velito, que está mucho mejor. Inf. - - Pero no me gustan estos... Bueno, digo, porque ya está grande. Otra voz. - - El padre F. está aquí fácil... igualito a como era. ¡ Exacto! Inf. - - El padre R. ¡ Mira qué guapísimo! Otra voz. - - Tiene la boca como la mía en los retratos del Seguro Social. ¿ Viste mis retratos? Enc. - - No. Otra voz. - - Te los voy a enseñar. Están preciosos... De dónde me sacaron la boca esa, ya no te lo explico. Pues sí la tengo muy fea, pero... ¡ no! Si me están dando ganas de ir a tomarme unas fotos. Inf. - - ¡ Mira, con esas cejas tan gruesas! ¡ Mira qué dulzura de cara! Enc. - - ¡ Ay, sí! Otra voz. - - si es una boca... chueca completamente. Enc. - - ¡</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M14, séc. XX</p>	<p>listísimo! Inf. A. - - ¡ Hombre! Inf. B. - - ¡ Qué hombre tan gracioso! Inf. A. - - Se las sabía todas. ¿ Qué te crees? Inf. B. - - Luego nos llevó al Barrio de la Santa Cruz, al Barrio Judío... que son unas calles así... Inf. A. - -... angostitas. Inf. B. - -... y el caballo ¡ qué bien llevaba!; porque iba para allá y daba la vuelta ¿ verdad? Inf. A. - - Además, el señor ese, de todas todas, llevaba su media estocada ¿ eh? Así que... Inf. B. - - Nos llevó a comprar no sé qué cosa, y luego nos bajamos a tomar un chato, y él bajó con nosotros. Enc. - - ¿ Él también? Inf. B. - - Sí, claro; ¡ Estaba más puesto!... Nos encontramos dos: Uno, ése muy</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M22, séc. XX</p>	<p>al contrario: uno lo esperaba en el lenguaje de ellos. Así que, muy bonito... por la realidad, por el realismo que representaba la obra. Digo, sí era cruda con ganas. Inf. B. - - Pues a mí no me gustan esas cosas, no sé por qué. Enc. - - Bueno, depende también. Inf. B. - - Digo, es que muchas veces molesta delante de la gente. Está sentada uno junto a un señor, a una señora... y esas cosas molestan. Yo una vez fui a ver la película esa de Zorba, el griego con uno de mis hermanos; entonces, tiene unas escenas terribles. Bueno, pues nada más porque iba yo con ellos, no me gustó. No la vi porque yo estaba viendo aquello, y quería yo morirme. Enc. - - Yo... la única que me pasó eso fue... que fui a ver... la ¿ qué?...</p>

<p>Habla Culta: Mexico: M3, séc. XX</p>	<p>- Sí, ¡ cómo no! Enc. - - Bueno, a ver. Inf. - - Bueno: La Llorona es una leyenda del tiempo de la Colonia completamente ¿ no? Entonces, dicen que era una señora... que... era una señora casada ¿ no?... Entonces, no me acuerdo yo si ella quedó viuda o, estando casada, ella se enamoró de otro individuo. Entonces... pero se enamoró a tal punto la pobre - - ¿ verdad? - - que no le importó ya nada en el mundo más que el señor aquel. Entonces sus hijos, que tenía tres, haz de cuenta que no los tuviera: no le importó nada absolutamente. Y llegó a tal punto de enloquecimiento por el señor, que en un momento dado quién sabe por qué - - le convendría así, o no me acuerdo ya bien cómo estaba el asunto - - el caso fue que ella mató a sus hijos para que no le estorbaran... digamos, para sus relaciones con el</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M3, séc. XX</p>	<p>pero se enamoró a tal punto la pobre - - ¿ verdad? - - que no le importó ya nada en el mundo más que el señor aquel. Entonces sus hijos, que tenía tres, haz de cuenta que no los tuviera: no le importó nada absolutamente. Y llegó a tal punto de enloquecimiento por el señor, que en un momento dado quién sabe por qué - - le convendría así, o no me acuerdo ya bien cómo estaba el asunto - - el caso fue que ella mató a sus hijos para que no le estorbaran... digamos, para sus relaciones con el señor este. Enc. - - El caso de Medea. Inf. - - Y entonces, los mató y los echó a una canasta. Enc. - - El mismo caso de Medea, que los echó en una fuente. Inf. - - Bueno, el caso fue que ella se deshizo de sus hijos ¿ no? los mató, y total... el señor este la dejó o no se volvió a aparecer, y</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M3, séc. XX</p>	<p>sabe por qué - - le convendría así, o no me acuerdo ya bien cómo estaba el asunto - - el caso fue que ella mató a sus hijos para que no le estorbaran... digamos, para sus relaciones con el señor este. Enc. - - El caso de Medea. Inf. - - Y entonces, los mató y los echó a una canasta. Enc. - - El mismo caso de Medea, que los echó en una fuente. Inf. - - Bueno, el caso fue que ella se deshizo de sus hijos ¿ no? los mató, y total... el señor este la dejó o no se volvió a aparecer, y ella se volvió loca, y dicen que desde entonces, de remordimiento, que el alma de esta señora anda penando hasta la fecha, y que grita: " ¡ Aaay, mis hijoooo! " [risas]. Enc. - - Ahora ¿ por qué le dicen a las mujeres las lloronas en los cantos? Inf. - - ¿ Las lloronas?</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M30, séc. XX</p>	<p>él, en la película... Inf. - - Para satisfacerse a sí mismo... Enc. - -... resultó ser enteramente repugnante. Inf. - -... para satisfacerse a sí mismo y para... este... tratar de descubrir un crimen, pues él hace hasta lo imposible ¿ no? Enc. - - Sí, pero... Inf. - - Ahora - - ya te digo - - todos, todos, todos, todos, todos, todos, todos tenemos la cosa esa de..., unos más desarrolla - dos, otros menos - - inclusive lo tomamos a veces como hobby - - de comprar cosas que nos gustan, cosas que las ponemos en un lugar y... allí viven eternidades. Enc. - - Es que ése es uno de los rasgos de su personalidad. No son</p>
<p>Habla Culta: Mexico: M32, séc. XX</p>	<p>Tenancingo, que conforme han ido creciendo se han ido separando de la Asociación porque no pueden. Hay muchos - - como le digo - -... tienen a sus hijos en la Asociación. Los hijos de los que fueron los primeros chamaquitos patrulleros. Así que todo es muy simpático, una labor muy bonita, porque quita de muchas tentaciones a los muchachos. Me dicen que ahora ya no es tanto como antes la afición al campo, porque ahora ya tienen otras tendencias; una evolución hasta cierto punto maléfica para los muchachos... Ahora prefieren irse a bailar, que a go go y la cuestión esa, que irse al campo. Creen que es una babosada irse al carapo a... a... a ver las estrellas y a estudiar los arbolitos, pero en aquella época no. De eso hace treinta años - - - como le digo - - treinta y tres años de fundada la Asociación. Por eso mis hijos se criaron en este ambiente tan sano y tan bueno. Ahora los muchachos..., los</p>
<p>Habla Culta: San José (CR) , séc. XX</p>	<p>eh... ¿ En la secundaria no se... no se conocieron? Inf.a - No. Nunca. Inf.b - Nunca. Enc. - ¿ Cuando se llegaron a conocer? Inf.b - Por accidente. Enc. - ¿ Cómo por accidente? Inf.a - Tal vez si le contamos el rollo, ¿ verdad? Inf.b - Sí. No. Este... yo conocía a Mayra de nombre... eh... porque Mayra siempre ha sido muy... siempre fue, en esa época, muy metida en la parte esa de Educación y era la que hacía los exámenes de bachillerato y... Enc. - Asesora, era. Inf.b - Y sí. Los hacía. Ella los redactaba, los elaboraba. Entonces en... en el año sesenta y ocho... en el año sesenta ocho yo estaba recién graduado. Apenas tenía un año de haberme graduado... apenas tenía un año de haberme graduado de profesor de Biología, de secundaria y de</p>

<p>Habla Culta: San José (CR) , séc. XX</p>	<p>de viejo me puse a estudiar Derecho. A esta altura creo... creo yo que... tal vez debí haber estudiado Derecho. Enc. - ¿ Por qué? Inf. - ¿ Ah? Porque me gusta. ¡ Ah, Derecho a mí me encanta! Lamento no haber comenzado hace unos diez años. Ya sería abogado. Enc. - ¿ Sí? ¿ Y hace unos diez años tuvo la idea de estudiar Derecho o mucho antes? Inf. - No. La idea... la idea... la idea esa es... pues algo así en el fondo tal vez... Pero... unos tres años para acá me vine motivando. Tal vez yo no había... no había estudiado Derecho porque tenía... tenía algo que hacer que era la... graduarme. Tener el grado de licenciado. Yo salí en los años setenta, verdad. Y en quince años no puede hacer la tesis. ¿ Por qué? Bueno, una serie de...</p>
<p>Habla Culta: San José (CR) , séc. XX</p>	<p>está financiando este... proyectos millonarios como que... por decirte algo, un proyecto en un parque como Corcovado que tiene... es enorme y ahí todo cuesta un dineral. Este proyecto de aquí, comparado con Corcovado es pequeño. Entonces le tocaría a la Fea. Pero también depende de la Neutrópica. Enc. - Depende de la Neutrópica. Inf. - Sí. Yo ya hubiera redactado eso, lo que pasa es que... hace como dos meses asistí a un... a un taller que me invitó a mí la Fundación Neutrópica - porque sabían del proyecto ese - de cómo... cómo diseñar un programa de educación ambiental y tenía ... según el modelo de un señor ahí norteamericano. Me sirvió. Las ideas que dieron me sirvieron. Porque si yo - digamos - redactaba una propuesta con lo que a mí me parecía que se podía hacer ahí, diay, solo mi opinión como profesional. Pero lo importante es consultar a las comunidades. Bueno, yo les explico todo el proyecto</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>- Son cosas que se pasan por alto, no conocía yo este aspecto de Leopoldo Alas, (...) y no este otro aspecto. Inf. - Tiene un cuento, Benedictino, donde el amigo ha guardado ese vino y al final él, en realidad, deshonra a la hija, a la más pequeña, y aquel vino que había sido guardado con tanto esmero para celebrar las bodas de aquella niña que él vio nacer y que vio criar y sin embargo lo toma luego para... no saciar el hambre que ya había satisfecho, porque ya no bebe el vino en la forma esa de brindis, sino que es vino amargo. Enc. - Entonces hay un carácter moralizador en su obra. Inf. - Me parece que sí, es esencialmente moralizador. Enc. - (...) Inf. - Porque yo creo... pero es que él moraliza como se debe de moralizar, sin pensar, y sin decir y sin creer, realmente, que se está moralizando. Porque, precisamente, uno de</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>este libro tuyo (...) Inf. - Atalayando vibraciones. Enc. - (...) del atalayismo (...) Inf. - Atalayismo, Atalayando vibraciones, es que... es que se llama, o sea, (.v..) se titula el libro, verdad, Atalayando vibraciones. Lo establecen como un libro de transición pero ¿ cómo se llega a Atalayando vibraciones, verdad?... La... la... la cosa esa [de...] de uno haber sido primero haber utilizado el pañuelo en un en un poema. El pañuelo, se titulaba, y haber usado... Caribe Junior fue el primer seudónimo que yo usé. Debe estar guardado en algún sitio porque trata de la época de los catorce años, verdad. Ahí viene la amistad con el compañero periodista Alfredo Margenat, hijo; él me inicia en literatura de vanguardia..v.. la poesía es el remanso..v.. Dado el caso de que uno, más bien motivado románticamente,</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>los estadistas, los españoles, preocupados por qué, cuál es el porvenir... y le están coqueteando a (...) Inf. - Sí, mira los anuncios de moda ahora usando las negras vestidas de moda y a los negros vestidos de moda. Enc. - No se ha escrito la novela puertorriqueña. Inf. - Todavía está [ineda...] inédita, porque Rómulo Gallegos hizo Pobre negro y eso es un hito. Enc. - Es un hito pero no es su mejor novela. Inf. - No, desde luego, porque no está enfocada, no está enfocada con el deseo ese de... de... de... ver la realidad. Enc. - Pero en Puerto Rico no se ha escrito esa novela. Inf. - No, esa novela no está escrita. Enc. - ¿ La escribirán? Inf. - Bueno, hay que ponerle el cascabel al gato, yo no sé... este... (...) tiene con qué y [él</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX.</p>	<p>Inf. - Bueno, el padre de [de JOSÉ] de José demandó al Estado y La Lechuga por la muerte de su hijo. Entonces... Enc. - Al Estado ¿ por qué? Inf. - Alegaba que el Estado, este... a través de su empleado, el policía, había actuado negligentemente porque éste no fue lo suficientemente prudente, en no dejarse acompañar por el... por el propio querellante y en haber utilizado el vehículo del querellante para... para éste... trasladar al arrestado. El caso este tuvo este... muchísima, este, repercusión porque fue un caso famosísimo, el criminal... Donde se compró a medio jurado y todo eso y originalmente no se pudo ver porque hubo todo... O sea, se descubrió prueba de que se estaba hablando al jurado, pero eventualmente se vio el caso, y ya le digo.</p>

<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>aprender y entonces, lo que a mí más me frustra, que a éstos, que vienen donde uno, y le dicen profesor mire yo estoy interesado en esto ¿ qué puedo hacer? yo no tengo nada que ofrecerle, no tengo donde quién mandarlo. Eso, a mí me parte el alma. Enc. - Oh, sí. Inf. - Por ejemplo, aquí, en este departamento, no tenemos un solo biólogo marino, entonces me vinieron dos o tres muchachos un día a hablar conmigo, después de mi conferencia, me dicen: profesor mire que nosotros nos encanta la... la cosa esa del mar y los animales y las plantas y todos los fines de semana vamos y recogemos y traemos material, pero quisiéramos que alguien nos ayudara y nos orientara y fuera a hablarnos, porque queremos aprender más, porque nosotros no sabemos nada de esto. Y yo, pues no tuve más remedio que decirles que en nuestro departamento no había nadie, nadie, nadie que los pudiera ayudar, y eso es una verdadera desgracia que en Puerto</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>del tiempo a actividades extracurriculares, como el coro, como el drama, etcétera, etcétera, aun la cruz roja juvenil. Todo lo que no fuera académico, eso era lo que me interesaba. Pues aquí estuve estudiando hasta que me llegó lo que se llama la crisis que le llega a todo el mundo en un momento. Ya en mi tercer año de estudios, decidí que no me gustaba, y que tenía que irme. Pensé en ir a teatro. [a mí]... Me había encontrado con personas de teatro, había hecho amistad con ellas, me habían llevado al teatro, había conocido el mundo ese [de las] de las.. estrellitas y todo eso, y de... (...) de primera intención me fascinó. Obviamente este cambio brusco produjo una crisis [en mi] en mi... familia ¿ no? después de tantos años de estudio decidí a última hora que no iba a seguir estudiando comercio, cuando de hecho [en mi...] en mi ignorancia o lo que eran las cosas,</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>entonces es que me vinculo a la pintura porque como [vi...] estoy dentro de la esfera de la arquitectura, que es la madre de las bellas artes, pues entonces debo... y se me ha olvidado seguir... buscando la manera de publicar los dos libros que tengo inéditos, uno de poesía proletaria y el otro de poesía étnicosocial. Porque yo, como que me pongo alérgico a decir poesía negroide, o poesía negra, porque es un eufemismo... que no quiero recordar porque [se convirtió ...] se cometieron demasiado de muchos atropellos con la raza negra, con la cosa esta de la poesía negra, y no me quiero acordar de Tún - tún de pasa y grifería, porque eso me... me hizo sentir incomodísimo precisamente. Enc. - (...) Inf. - Precisamente con el compañero poeta, Eugenio, estaba recordando recientemente el Tún - tún de pasa y grifería; y después con un arquitecto, amigo y mentor, el arquitecto me decía: ¿ qué usted opina de</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>eso, y todavía aun, él se sienta y puede hacer un dibujo como un Ingres, como un David, como el mejor de los clásicos, que eso es una de las cosas por la cual él vale...v.. Claro las obras que más cuestan y más valen actualmente no son precisamente las últimas, son las de la época Azul y Rosa, que son las primeras, y se han vendido, últimamente, que... todavía [no... a] es un record establecido, medio millón, casi medio millón de pesos, por una de las obras de él del... del tipo ese, de la época Azul y Rosa. Por cierto, que la transmitieron por el Star y todas esas cosas, en colores, la obra subastándose en el sitio que se subastaba. Realmente ese es el verdadero valor. O sea, a él no han podido quitarle el sitial porque él no vale por esa síntesis que él hace, por esa deshumanización, sino es por la capacidad de él poder hacer obra de arte</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>Inf. - Y evidentemente, o sea, ahí, este, la causa de... de... todo fue, este, las relaciones de la mamá de él con el muchacho este. Enc. - (...) Inf. - No, no. La señora yo me imagino que se escondería y no saldría más. Enc. - (...) Inf. - De cuestiones, este... de derecho, exclusivamente, como, por ejemplo, este... recientemente y que [las] los resolvieron, este en contra, por cierto, yo tuve el caso este, atacando la constitucionalidad de la ley sobre multas administrativas de tránsito. Yo no sé si ustedes saben que aquí, anteriormente, cuando una persona se estacionaba en contra de lo que disponían las ordenanzas municipales, o la ley, o los rótulos, este... de obras públicas, pues se le denunciaba y tenía que comparecer al tribunal ya fuera a declararse culpable, o sencillamente, a defenderse, pero tenía su día en</p>

<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>nada más, sí señor. O sea, que el entusiasmo inspira a Picasso, es digno de... de él mismo ¿ no? porque realmente es como decir que está siempre frente, uno, a un maestro. Claro, él no le dirige a uno " sigue por este camino ", sino, uno, sí, debe decir, debo seguir ese ejemplo. Enc. - El es el continuum. Inf. - El continuum o sea, no... porque sería malo ¿ verdad? imitarlo, pero sí, el ejemplo que él da, es digno de imitarse y de seguirse. La forma esa, que él [a los catorce] antes de los catorce años, lo aceptan en una escuela en España, que es un examen que se supone que se... que se prolongue por un mes ¿ verdad? y él lo hace en un día, y lo aceptan, ¿ ves? (...) Se conserva ese trabajo, ese dibujo ¿ ve?, porque... Realmente es una cosa</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>traemos material, pero quisiéramos que alguien nos ayudara y nos orientara y fuera a hablarnos, porque queremos aprender más, porque nosotros no sabemos nada de esto. Y yo, pues no tuve más remedio que decirles que en nuestro departamento no había nadie, nadie, nadie que los pudiera ayudar, y eso es una verdadera desgracia que en Puerto Rico... La Universidad de Puerto Rico que debiera ser un centro de estudios de todo lo que se relacione con el Caribe sea ya biológicamente o arqueológicamente o lo que sea, no lo sea. Y ésta es parte de... de la cuestión esa, la orientación que le ha dado la administración de pensar en Puerto Rico como parte de la cultura occidental general y se estudia Platón y Aristóteles y la cultura griega y las tragedias y nos [olvidamos] olvidamos de aquello en lo cual podríamos..v.. destacarnos porque es un material que tenemos accesible, que nadie más lo tiene, y que la Universidad de Puerto Rico se podría convertir en un Centro de Estudios del Caribe, que el americano,</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>Ultimamente hay un libro muy bonito, dicen Los ojos de Picasso, porque él fue como un faquir con esos ojos. El hipnotizaba, no solamente a las mujeres, sino a todos los amigos que lo rodeaban con aquella vista que era una chispa de vida, que era toda su alma a través de los ojos. Y, desde luego, sus obras, muchas de ellas, tienen esa manifestación de sus ojos. Cuando se dibuja, hay veces, caras de memoria, uno tiende a pintarse a sí mismo y él en eso no pecó de narcisista pero sí la mayoría de sus obras enfocan sus ojos y la vida esa que es amor para él. El minotauro es su espíritu. Aun el toro que él pone en muchas de sus obras es su ser humano, esa pintura del " artista en el estudio y la modelo ", es él, es él, con todas sus conquistas, las conquistas éstas. Es casi inverosímil cómo esos ojos que describen esa última obra, a niñas que él veía y él le llevaba cuarenta, cincuenta,</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>y claro me he referido a Méjico y la Argentina puesto que Méjico y la Argentina, en primer término, y luego ya un poco en segundo término, Chile y Perú, pero Méjico y la Argentina son los centros importantes de cultura en Hispanoamérica, ¿ no?. Son los grandes países, son los centros donde se ha dado todo, lo que no se dio en la Argentina, pues se dio en Méjico, verdad. Pues el romanticismo empieza en la Argentina y el modernismo también, no importa que... este... no importa que... este... Darío haya publicado el libro aquel, Azul, allá en Chile. Pues en Chile... aquel libro se publicó como si no se hubiera publicado nada, porque no había un clima que..v.. recogiese esa nueva influencia y allí.. allí esa semilla no podía dar fruto porque no había la tierra preparada, la cultura, ¿ no? Este... cuando llega el librito ese a la Argentina, aquello causa un impacto tremendo. Pues... si me refiero mayormente</p>
<p>Habla Culta: San Juan (PR) , séc. XX</p>	<p>y como una nueva forma, este, política... yo le pregunté - " óigame, Don Leopoldo, usted fue justicialista ¿ no? ", y me dice " no, yo no, yo era peronista. Eso de justicialismo eso a mí me parecía (...). Yo era peronista porque Perón gobernaba a la Argentina a lo argentino y nosotros necesitábamos eso y todavía lo necesitamos ". Bueno yo no quiero intervenir en cuestiones de política Argentina, en primer lugar porque no la entiendo muy bien, y segundo porque es un problema de ellos y no se trata de eso, pero todavía el problema ese parece que lo están planteando en esos mismos términos en que él me lo había planteado a mí, ahora, en estos momentos, en la Argentina ¿ no? Bueno este él... este hombre, más que... que novelista, fue un poeta. Escribió muchísimos libros de poesía mientras que novelas no escribió nada más que dos. B Inf. - Leopoldo Marechal... era eso fundamentalmente, poeta</p>

<p>Habla Culta: Santiago: M12, séc. XX</p>	<p>Enc. - No; yo creo que ya... Inf. - Ya estamos bien. llama La vuelta al día en ochenta mundos tiene... Este es un libro que no podríamos decir que es una recopilación de cuentos, de filosofía, de teoría literaria, de crítica. Podríamos decir que en general todo el vuelo es literario, pero ya sea... ahí encontramos poemas, por ejemplo; encontramos comentarios filosóficos en broma... eh... creaciones, comentarios, es decir, es... No podría realmente definirse el género ¿ ah? del... del libro este. Entonces, hay un artículo - podría decir yo que está hecho más bien a base de artículos -, un artículo que se llama exactamente así: " Del gesto que consiste en... del gesto que consiste en colocarse el dedo índice en la sien y moverlo de modo... eh... de manera como quien atornilla o destornilla ". Eh... más o menos así es el título.</p>
<p>Habla Culta: Santiago: M12, séc. XX</p>	<p>y por seguir de cerca a este... a este narrador tan simpático ¿ ah? Y parece que es esto (no tanto el tema mismo, creo yo, no sé ¿ ah?) el gusto de las personas a que se lo presto; dice: " Pero ¡ qué cosa más linda ¿ ah? " Pero no... parece que es un... una muy buena adecuación ¿ ah? entre cómo se narra y lo que se narra. Una sencillez, la familiaridad de toda es... de toda esa gente de esa callecita y la manera esta tan familiar de... y presente, así de narrarla, de cerca ¿ mm? Ahora, dices tú, ¿ qué otra cosa estoy leyendo? Hasta el momento eso. No sé, pregúntame tú otra cosa. Enc. - Bueno; háblame acerca de tu novela, de tu novela ahora. Inf. - Bueno, en parte eso de que... que volví a Protolini, tal vez no... no con ningún espíritu</p>
<p>Habla Culta: Santiago: M20, séc. XX</p>	<p>Enc. -...se acabó... mm... ¡ muchas gracias! Inf.a - De todas maneras, oiga, linda, para mí ha sido una cosa muy agradable. bsantiago Inf.a -...unas aluminitas mías, unas aluminitas mías que, de repente, yo voy por... por Saint Germain de Près, y, de repente, oigo: " ¿ Qué no es madame B.? " - " La misma " - digo yo. ¡ Era yo! [risas]. Mira, nos abrazamos, oye, y después nos fuimos a la casa esa, como digo, lloramos todos recordando a Chile y tomamos champaña y cominos no sé qué diablo y estábamos felices [risas] ¿ Ah? Inf.b - Sí; es que siempre cuando uno anda en el extranjero se produce esa sensibilidad a flor de piel... Enc. - Ya. Inf.b -...que cualquier cosa a uno le hace recor... recordar el país. Enc. Y sobre todo en una fecha</p>
<p>Habla Culta: Santiago: M21, séc. XX</p>	<p>ya de edad, era justamente de clínica, de esos de hospitales, gente de jerarquía médica. Entonces vio que iba ya con su cuestión ahí a la... a la pierna, y bueno, la consulta: en resumen, fue lo siguiente: que no debería ser una funda entera, sino que con articulación en la rodilla, o sea que todo el tratamiento de este caballero era hasta la mitad, no más, lo... lo bueno, porque debería doblar un poco la rodilla para evitar el anquilosamiento. Pero debe haber tenido razón, pero no se mandó a hacer el nuevo aparato ese; se fue no más mi hermanbo con eso. En primer lugar, encontraba que no había tenido alivio con el primero, no creía tenerlo con el segundo. Por último, después de ahí pasamos a Suiza, ahí en... Era para tratar la cuestión de la colección; en Suiza se iba a vender. Nos tocó en Lucerna ¡ maravilloso!; allí está el lago, uno... uno de los lagos</p>
<p>Habla Culta: Santiago: M40, séc. XX</p>	<p>no soporto los cadáveres, por eso no voy a poder estudiar medicina jamás. Inf.a. - Evidente. A mí no me gusta. Pero tengo amigos que en cambio han estado y han terminado y han sido excelentes médicos; amigas, o sea... Inf.b. - Sí; yo creo... Inf.a. - ...muy femeninas; o sea, es relativo, claro. Yo creo que en este aspecto... Inf.b. - Pero como dice usted, mucha gente no puede seguir medicina por este problema, aunque parezca ridículo decirlo, pero conozco casos bien concretos en la familia. Inf.a. - Yo creo que en ese aspecto, como le estaba diciendo, me parece a mí que hay una mayor... Inf.b. - Hay vocación. Inf.a. - Claro, pero hay también una mayor elasticidad. Oiga, yo, cuando visitaba, por ejemplo, la Escuela de Medicina en esa tentativa de mi hermano por hacerme conocer o interesar... eh... visité el pabellón de anatomía, y frente, oiga, al problema ese del cadáver, oiga, de tener que diseccionarlo, cortarlo, qué sé yo, en fin, todavía agregado a esto - digamos - no sólo un desagrado espiritual, sino que un desagrado de tipo físico, el mal olor...</p>

<p>Habla Culta: Santiago: M44, séc. XX</p>	<p>Como ella es visitadora social, se ha... se ha hecho amiga, oye, de gente que trabaja al otro lado, incluso chiquillos jóvenes, estancieros, y, antes de venirse, la invitaron a conocer una estancia, a esquiar, en realidad ¿ ah? en una estancia que posee, fijate, cinco lagos dentro de su estancia más todo un territorio andino donde tiene, el señor este, su propia cancha de esquí. Claro que a mi amiga yo la remataba a tallas; pero... Inf.b. - Era lo que llaman un " minifundio " [risas]. Inf.a. - Claro, pero dice que ella... que ella empezó a estudiar en Punta ARENAS porque no hay mucha actividad para una persona con inquietudes intelectuales y sociales.</p>
<p>Habla Culta: Santiago: M45, séc. XX</p>	<p>que vayas a decir, porque tú siempre vas y hablas cualquier tontera; entonces, lleva escrito para que no pase el tiempo. Inf.b. - ¡ Ah! No; desde luego que... imagínate, yo menos que nadie me voy a poner a hablar sola ahí porque hablaría veinte mil estupideces, pero, bueno, en fin... Inf.a. - Mira, mañana, cuando yo me desocupe, entonces lo que podemos hacer mañana en la tarde es... Inf.b. - Mm... pero el problema es que viene esta... la señora esta, la Bertita. ¿ Cómo... cómo lo hago? Inf.a. - Bueno, es que... ¿ sabes lo que se podría hacer? Inf.b. - Decirle a mi mamá que viniera. Inf.a. - Mm. Inf.b. - Es la única solución, ¿ tú ves?, porque incluso suponte tú que... que este hombre no nos consiguiera la llamada en... en forma</p>
<p>Habla Culta: Santiago: M46, séc. XX</p>	<p>no puedo, yo prefiero el teatro, porque por último co... como está ahí filmado más claro... Inf.b. - Claro, es más... sí. Inf.a. - ...y oyes las voces, es mejor. Inf.b. - No; y está filmado para televisión. Inf.a. - Para televisión, claro. Inf.b. - Y no hay el problema de lo que se filmó para cámara grande, pos oye, es decir, para escenario grande que no... no resulta así. Inf.a. - ¿ Ustedes ven los programas esos de...? Aquí... no sé si está el. Inf.b. - Yo no veo nada, oye. Inf.a. - Eso me gusta. Inf.b. - Mira, a mí me llegan las nueve y media, un cuarto para las diez y me meto a la cama, tomo un libro y leo dos páginas y la tercera ya no la entiendo, entonces cierro el libro;</p>
<p>Habla Culta: Santiago: M46, séc. XX</p>	<p>me gustó, la encontré buena. Bueno, es que trabajan muy bien. Inf.b. - No, yo al teatro, fue al uruguayo que fui a ver El Tobogán... Inf.a. - ¡ Ah, sí, la vi! Inf.b. - ...porque actuaba ahí la... la Quena Zorrilla, así, que nosotros la conocíamos, pero no la fuimos ni a saludar, te diré, porque nos imaginamos que estaría llena de gente. Inf.a. - Después yo leí la crítica. Tú me habías hablado de la... de la obra esa, y... y la ponían bastante bien ¿ ah? la crítica. Inf.b. - Sí, no; la obra era buena. Inf.a. - Era buena. Inf.b. - Pero yo encontré que desviaban, es decir, el verdadero problema lo... lo soslayaban un poquito y exageraban mucho el problema de la... de la generación vieja ¿ ves tú?, de] viejo, del padre que</p>

II.8.2 Séc. XX (PND)

<p>Patricio Chamizo, <i>Paredes, un campesino extremeño</i>, 1976</p>	<p>Los ricos pasaban mirando a los grupos, observando a todos. Sólo les faltaba abrimos la boca y mirarnos los dientes, como a las caballerías. Era penoso estar allí por las mañanas esperando un jornal, tragando saliva cada vez que la mirada de un potentado se fijaba en nosotros. Por aquellos tiempos, sólo la mitad, o bastante menos, encontraban trabajo, a no ser en tiempo de siega, vendimia o escarda, cosa esta que ya no se hace, o se hace poco. [12] Pasada la hora, después de irse todos los contratados, el resto nos teníamos que volver cabizbajos pensando en lo que podíamos hacer ese día para llevar a casa un cacho de pan para comer. Porque en casa de los pobres no había despensa, no había reservas. Lo que se necesitaba para comer había que comprarlo era su faceta humana.</p>
<p>Ramón Díaz Eterovic, <i>El gordo de los boleros</i>, 1999</p>	<p>Sus energías estaban concentradas en ubicarse junto a la barra y mirar a la Carlita que, de más está decirlo, no le prestaba la más mínima atención, y sólo de vez en cuando le decía algunas palabras como para avivarle la ilusión. Y eso que a él le parecía normal pudo arrastrarse por meses, sino fuera porque ahí estuvimos nosotros decididos a mover una pieza más del juego. El Gordo recibió una carta de Carlita Pulido en la que se mostraba ardiente y " dispuesta a sobrepasar los prejuicios de la época y el destino ". Frase esta última que copiamos de una revista del corazón que encontramos en la peluquería y que nos pareció apropiada para remecer el ánimo del Gordo, al que imaginamos aparecer en el bar dispuesto a recorrer el camino más recto entre la Carlita y sus deseos. Pero, no fue así. Le dio por la poesía y la responsabilidad.</p>

<p>Enciclopèdia Encarta: <i>Generación del 27, séc. XX</i></p>	<p>Los Componentes La diversidad de la generación del 27 queda suficientemente probada porque en ella se incluyen autores como Pedro Salinas, traductor de Paul Valéry y Marcel Proust, autor de Presagios (1924), Fábula y signo (1931), La voz a ti debida (1933), Razón de amor (1939), entre otras obras; Jorge Guillén, premio Cervantes 1976, ejemplo de poesía casi pura, en la que abunda el " esprit géométrique " del que hablaba Valéry y una visión afirmativa de los seres a través de una emoción que depura y condensa en libros como Cántico (1928) y Clamor (1957-1963), obra esta última donde se detiene en ciertas personalidades históricas y en algunos horrores contemporáneos, sin renunciar a un 'resumen' alentador: " Amé, gocé, sufrí, compuse. Más no pido. En suma: que me quiten lo vivido ". Otros autores, ligados directa o indirectamente a la generación del 27, son: Vicente Aleixandre, premio Nacional de Literatura en 1934, premio Nobel en 1977</p>
<p>Enciclopèdia Encarta: <i>José Ortega y Gasset, séc. XX</i></p>	<p>todos los países industrializados de Asia y América tienen industrias cerveceras, que suelen producir cervezas tipo lager de calidad media o baja. Los principales países productores de cerveza en la actualidad son Estados Unidos, Alemania, Rusia, Reino Unido, Japón y México. /// I. Introducción José Ortega y Gasset (1883-1955), filósofo y ensayista español. Famoso por su crítica humanista de la civilización contemporánea, fue uno de los pensadores más significativos e influyentes del siglo XX. II. Vida Y Obra Nació el 9 de mayo de 1883 en Madrid. Cursó estudios superiores en la universidad de su ciudad natal desde 1898 hasta 1904, año este último en el que se doctoró en Filosofía y Letras con una tesis titulada Los terrores del año mil. Crítica de una leyenda. Posteriormente, desde 1904 hasta 1908, completó su formación en las universidades alemanas de Leipzig, Berlín y Marburgo. Tras regresar a España, obtuvo la cátedra de Metafísica en la Universidad Central de Madrid, en la cual impartió su magisterio desde 1910 hasta 1936.</p>
<p>Jornal ABC, <i>Arbos Balleste Santiago, séc. XX</i></p>	<p>ajuar doméstico, pero no piezas valoradas en decenas de millones, por muy buenas que sean, y menos aún en subasta pública. Quizá puede hacerse en privado. No me sorprendería que determinadas obras rehusadas la semana última en el salón del Ritz se vendieran más tarde en voz baja. El lote estelar de la oferta de Sotheby' s Peel era un excelente y representativo cuadro tardío de Solana con valor estimado en 35 - 45 millones de pesetas. Se puso a la puja en veinte millones y nadie chistó. Se trata del lienzo titulado « Máscaras del cartel del dragón » (90x75 cm), fechable entre 1942 y 1945 (año este último en el que falleció el pintor), versión literal al óleo de un dibujo acuarelado citado en el inventario póstumo de la obra de Solana como « Máscaras bailando con un perro ». Con el mismo silencio fue acogida una técnica mixta sobre tablero de Tàpies valorada en 14 - 18 millones, propuesta en ocho, y un artilugio de Mompó en acero pintado, justipreciado en 7 - 9 millones, salido en cuatro</p>
<p>Jornal ABC, <i>Corral Pedro, séc. XX</i></p>	<p>“Se podría haber proyectado una exposición con todos los trabajos que Chillida ha realizado en referencia a actividades, instituciones o costumbres del País Vasco, pero el mejor camino era esta retrospectiva en el sentido clásico ". La exposición de Chillida en San Sebastián es una iniciativa que sigue a la retrospectiva que visitó el año pasado Berlín, Londres y Venecia, ciudad esta última donde recibió el homenaje de la Bienal como uno de los artistas de mayor dimensión internacional y uno de los escultores más importantes del siglo. El itinerario europeo de esta exposición tuvo su paralelo en las muestras " Chillida, escala humana " y " Chillida íntimo ", presentadas en Gijón y Bilbao, la primera de ellas, y en Madrid, la segunda, que ofrecían una dimensión menos conocida, en algunos casos inédita,</p>
<p>Jornal ABC, Bonet Correa Antonio, séc. XX</p>	<p>navegaciones en América y Oceanía ensancharon el mundo de los ilustrados. Los músicos del siglo XVIII fueron muy cosmopolitas. Entre ellos, Mozart fue, sin duda, uno de los que más viajó por toda Europa, primero como niño prodigio y después, en plena juventud, como compositor e intérprete de sus propias obras. Cuando sólo tenía seis años, su padre, Leopold Mozart, admirado por la capacidad musical de su hijo, lo exhibió en los salones aristocráticos y teatros de las diferentes cortes europeas como un caso milagroso de precocidad. Nacido en Salzburgo en 1756, su primera salida fue a Munich y Viena, ciudad esta en la cual la gran emperatriz Teresa lo tuvo en brazos en el palacio de Schönbrunn, y en donde jugó con María Antonieta, la que luego sería desgraciada reina de Francia. Mozart, hasta los diecisiete años, no cesó de moverse: París, Londres y las ciudades germánicas, y sobre todo dos viajes a Italia, decisivos para su formación musical. No es extraño que tanta " gira artística ", cambiando constantemente de lugar,</p>

<p>Corpus Lingüístico De Referencia De La Lengua Española En Argentina: Cronista:704_P ADE, séc. XX</p>	<p>Una gran parte de sus clientes son usuarios que han sufrido algún tipo de siniestro en sus vehículos y recurren a ellos porque saben que encontrarán exactamente lo que necesitan para poner a punto sus unidades. La mayor producción automotriz se da por orden de importancia en EE.uu., Alemania, Francia y Japón, país este último que está volcado al mercado de unidades de tecnología de punta e innegable gusto estético. Respecto del lugar que ocupa nuestro país, el ingeniero Zuckermann comenta: Las perspectivas son magníficas si no se frustra este ordenamiento económico que se está realizando, ya que en pocos años más existe la posibilidad de recuperar un lugar prominente entre las naciones. En este momento el público saber apreciar no sólo al que le brinda el mejor precio y servicio, sino también a quien lo reconoce y respeta su condición de movilizador de</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------